

IAN FLEMING
MOSCOU
CONTRA
007



TRADUÇÃO DE
MARIA EUGENIA DE SOUSA PACHECO

TÍTULO DO ORIGINAL INGLÊS: FROM RÚSSIA WITH LOVE
Copyright by PETER JANSON-SMITH LTD.
LONDON — ENGLAND

Todos os direitos reservados pela "BESTSELLER" — Importadora de Livros S. A.
1960.



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

O PLANO

1 — Vila das Rosas	5
2 — O Sanguinário	12
3 — Curso de Aperfeiçoamento	20
4 — Os Potentados da Morte	28
5 — "Konspiratsia"	36
6 — Autorização de Morte	44
7 — O Mago de Gelo	53
8 — O Belo Chamariz.....	63
9 — Uma Tarefa Amorosa	71
10 — O Rastilho pega Fogo	81

SEGUNDA PARTE A EXECUÇÃO

11 — Vida Sedentária	88
12 — Uma Dádiva dos Deuses	95
13 — Seguirá pela B. E. A.....	103
14 — Darko Kerim	111
15 — O Passado de um Espião	120
16 — O Túnel dos Ratos	129
17 — Hora de Matar.....	137
18 — Sensações Fortes	146
19 — A Boca de Marilyn Monroe	155
20 — Negro Sobre Rosa	163
21 — Expresso do Oriente	171
22 — Fora da Turquia	181
23 — Fora da Grécia	187
24 — Fora de Perigo?	196
25 - Uma gravata com nó à Windsor.	203
26 — A Garrafa da Morte	213
27 — Cinco Litros de Sangue.....	223
28 — "La Tricoteuse"	229

NOTA DO AUTOR

Embora isto não seja essencial, os dados em que se baseia esta história são, em grande parte, verídicos.

A SMERSH, contração de Smiert Spionam (Morte aos Espiões), existe e é, até hoje, o mais secreto departamento do governo soviético.

No início de 1956, quando este livro foi escrito, os componentes da SMERSH, na pátria e no exterior, eram cerca de 40.000, tendo como chefe o General Grubozaboyschikov. Minha descrição do seu aspecto é fiel.

Atualmente, o quartel-general da SMERSH está onde o localizei no capítulo 4: Sretenka Ulitsa, n.º 13, Moscou. A sala de conferências é fielmente descrita e os chefes do Serviço Secreto, reunidos em torno da mesa, são oficiais que realmente existem e que são freqüentemente convocados para fins semelhantes aos que narrei.

PRIMEIRA PARTE

O PLANO

Capítulo 1 — VILA DAS ROSAS

O homem despido que jazia de braços ao lado da piscina poderia estar morto.

Poderia ter sido afogado, pescado para fora da piscina e deixado sobre a grama para secar, enquanto a polícia ou os parentes mais próximos fossem avisados. Até mesmo a pequena coleção de objetos, sobre a grama, ao lado de sua cabeça, podia ser de seu uso pessoal, posta bem à vista, com todo o cuidado, a fim de que ninguém pensasse que algo havia sido subtraído pelos seus salvadores.

A julgar-se pela faiscante coleção, ele fora, ou era, um homem rico. Ela continha os célebres distintivos dos clubes freqüentados por homens de posse: um prendedor de notas, feito de uma moeda mexicana de cinquenta dólares e contendo substancial quantidade de cédulas; um isqueiro Dunhill já bem usado; uma cigarreira de ouro, de formato oval, com os desenhos sinuosos e o discreto botão de turquesa que identificam a marca Fabergé; e a espécie de livro que um homem rico tira da estante para acompanhá-lo num passeio ao jardim: "A Pequena Pepita", velha obra de P. G. Wodehouse. Havia também um volumoso relógio de pulso, de ouro, montado numa pulseira de crocodilo bem gasta. Era um modelo Girard-Perregaux, desenhado para pessoas que gostam de usar objetos requintados: tinha um ponteiro de segundos e duas pequenas janelas no mostrador, para indicar o dia, o mês e a fase da lua. Nesse instante marcava duas horas e trinta minutos do dia 10 de junho, lua em quarto crescente.

Uma varejeira surgiu dentre as touceiras de rosas, no fundo do jardim, e pairou no ar algumas polegadas acima da base da espinha dorsal do homem. Fora atraída pelo brilho dourado do sol de junho, sobre a fileira de finos cabelos louros no pescoço. Uma rajada de vento soprou do mar. A pequena massa de cabelos agitou-se

levemente. A varejeira desviou-se nervosamente para o lado e pairou, olhando para baixo, sobre o ombro esquerdo do homem. A grama, embaixo da boca aberta, agitou-se. Uma grande gota de suor deslizou pelo lado do volumoso nariz e caiu brilhando na grama. Foi o suficiente. A varejeira desapareceu entre as rosas e sobre os cacos de vidro no topo do alto muro do jardim. Aquilo, que podia ter servido de bom alimento, movia-se.

O jardim no qual jazia o homem consistia em coisa de um acre de gramados bem cuidados, cercados em três lados por espessas touceiras de rosas, das quais vinham um contínuo zumbido de abelhas. Além do enlanguesciente murmúrio das abelhas, o ronco do mar fazia-se ouvir mansamente na base dos rochedos, ao terminar o jardim.

Dali não se via o mar: não se via nada além do céu e das nuvens acima do muro de quatro metros. Na realidade, só se podia ver o exterior dos dois dormitórios no andar superior da vila que formava o quarto lado dessa propriedade tão recôndita. Avistava-se deles uma grande massa de água, à frente, ladeada pelas janelas superiores das vilas vizinhas e pelo topo das árvores nos gramados: cedros do Mediterrâneo, pinheiros, casuarinas e uma ou outra palmeira.

A vila era moderna: um edifício baixo em forma de caixote, sem ornamentos. No lado do jardim, a fachada lisa e cor de rosa ostentava quatro janelas com molduras de grade e uma porta central de vidro, que conduzia a um pequeno quadrilátero de ladrilhos esverdeados. Os ladrilhos confundiam-se com o gramado. O outro lado da vila, a algumas jardas de uma estrada poeirenta, era quase idêntico. Mas, desse lado, as quatro janelas eram gradeadas e a porta central era de cedro.

A vila tinha dois dormitórios, de tamanho regular, no andar de cima e, no inferior, uma sala-de-estar e uma cozinha que lhe dividia a extensão com um lavabo. Não havia banheiro.

O silêncio dormente e repousante da tarde foi quebrado pelo ruído de um carro que vinha pela estrada. Parou em frente à vila. Ouviu-se o som metálico de uma porta que se fecha e depois, ele prosseguiu. A campainha da porta tocou duas vezes. O homem despido, ao lado da piscina, não se moveu, mas, ao som da campainha, seus olhos se abriram por um instante: parecia que se punham alerta, como as

orelhas de um animal. O homem lembrou-se imediatamente onde estava, do dia da semana e das horas do dia. Os ruídos foram identificados. As pálpebras orladas por pestanas curtas e loiras caíram sonolentas sobre os olhos azuis-claros, opacos e introspectivos. Os lábios pequenos e cruéis abriram-se num vasto bocejo que encheu a boca de saliva. O homem cuspiu-a na grama e esperou.

Uma jovem, carregando uma pequena bolsa trançada, vestida com uma blusa branca e uma saia azul curta e sem atrativos, entrou pela porta de vidro e dirigiu-se num passo masculino através dos ladrilhos e da grama em direção ao homem despido. A alguns metros dele, pousou a bolsa de fibra sobre a grama, sentou-se e descalçou os sapatos baratos e poeirentos. Depois, levantou-se. Desabotoou a blusa e tirou-a, colocando-a bem dobrada ao lado da bolsa.

A jovem não usava nada debaixo da blusa. De pele agradavelmente bronzeada, seus ombros e os belos seios irradiavam saúde. Quando ergueu os braços para desabotoar o lado da saia, pôs à mostra pequenos tufo de pelos loiros nas axilas. A impressão que dava, de uma camponesa agreste e saudável, foi acentuada pelos quadris robustos ajustados por um calção de banho de um azul desbotado, e pelas coxas e pernas curtas e grossas, que se revelaram ao despir-se.

A jovem colocou a saia cuidadosamente ao lado da blusa, abriu a bolsa de fibra, tirou uma velha garrafa de soda cheia de um líquido incolor e denso, e dirigiu-se para o homem, ajoelhando-se ao lado dele na grama. Derramou-lhe nas costas um pouco daquele líquido, um óleo fino com perfume de rosa, como tudo o mais na redondeza, e, depois de flexionar os dedos como uma pianista, começou a massagear-lhe os músculos da nuca.

Trabalho pesado. O homem era tremendamente forte e os músculos salientes, na base do pescoço, mal cediam aos polegares da jovem, mesmo quando ela pressionava com o peso dos ombros. Ao terminar, estaria molhada de suor e tão exausta que mergulharia na piscina e depois iria deitar-se à sombra até que o carro a viesse buscar. Mas não era isso o que mais a incomodava enquanto as mãos trabalhavam automaticamente nas costas do homem: era o terror instintivo pelo corpo mais belo que jamais vira.

Esse terror não transparecia na face larga e impassível da massagista, e os olhos oblíquos sob a franja das grossas pestanas negras e curtas estavam tão vazios quanto uma bolha de sabão. Mas por dentro o animal gemia acuado e, se ela tivesse a idéia de controlar sua pulsação, veria que estava acelerada.

Ainda uma vez, como já o fizera tantas vezes durante os dois últimos anos, imaginou porque se enojava ante um físico tão perfeito e, novamente, tentou analisar superficialmente sua repulsa. Talvez conseguisse agora livrar-se das sensações que, com um sentimento de culpa, admitia serem muito menos profissionais do que o desejo sexual que alguns de seus pacientes lhe despertavam.

A começar pelas pequenas coisas: o cabelo. Ela contemplou a cabeça redonda e pequena presa ao pescoço vigoroso. Era coberta por ondas assentadas, de um louro avermelhado, que deveria fazê-la lembrar-se, agradavelmente, do cabelo-padrão que vira nas esculturas clássicas. Mas as ondas eram assentadas demais, miúdas e muito grudadas contra o crânio. Davam-lhe uma sensação desagradável, como se passasse as unhas contra um tapete de crina. E as ondas douradas desciam até à base do pescoço; quase (pensou ela, em termos profissionais) até à quinta vértebra cervical. E ali paravam bruscamente, mesclando-se numa linha de louros cabelos espetados.

A jovem parou, a fim de descansar as mãos, e sentou-se sobre os calcanhares. O belo torso já brilhava com a transpiração. Enxugou a testa com o antebraço e tornou a pegar a garrafa de óleo. Derramou cerca de uma colher de sopa sobre a pequena planície cabeluda, na base da espinha do homem, flexionou os dedos e tornou a curvar-se.

Num amante, a cauda embrionária de pêlos louros, sobre a cova das nádegas, seria excitante. Nesse homem, parecia-lhe bestial. Não: lembrava-lhe um réptil. Mas cobra não tem pêlo. De qualquer forma, não podia descrevê-lo de outra maneira. Réptil era o termo. Comprimiu com as mãos as duas protuberâncias formadas pelos músculos glúteos. Era nessa ocasião que muitos clientes seus, especialmente os jovens jogadores de futebol, começavam a agradecer. E então, se não tivesse cuidado, viriam as sugestões. Às vezes, ela os silenciava comprimindo subitamente o nervo ciático. Outras então, particularmente se o homem lhe agradava, surgiam discussões em tom

jocosos, uma breve luta, seguida de rápida e deliciosa rendição.

Com esse homem era diferente: quase misteriosamente diferente. Desde o início, comportara-se como uma posta de carne inanimada. Durante dois anos, jamais lhe dirigira a palavra. Quando terminava a massagem nas costas e ele se virava, nem os olhos nem o corpo jamais demonstraram o menor interesse por ela. Quando lhe dava uma palmadinha no ombro, ele voltava-se, contemplava o céu, com os olhos semicerrados e, uma vez ou outra, dava um longo bocejo, o único indício de que, afinal, possuía reações humanas.

A jovem mudou de posição e vagarosamente deslizou as mãos pela perna esquerda até o tendão de Aquiles. Sua repulsa seria *apenas* física? Seria provocada pela pele de um branco leitoso, agora avermelhada pelo sol, dando a impressão de carne mal assada? Seria a própria tessitura da pele, os poros profundos e espaçados na superfície lisa? As sardas cor de laranja espalhadas sobre os ombros? Ou seria falta de sexualidade a indiferença demonstrada por esses esplêndidos e volumosos músculos? Ou seria espiritual: um instinto animal prevenindo que dentro desse belo corpo havia um ser perverso?

A massagista levantou-se e girou a cabeça vagarosamente, de um lado para o outro, ao mesmo tempo que flexionava os ombros. Esticou os braços para os lados e depois para cima, conservando-os nessa posição, por algum tempo, a fim de descongestioná-los. Caminhou até à bolsa de fibra e de lá tirou uma toalha com a qual enxugou a transpiração do rosto e do corpo.

Quando se voltou para o homem, ele já se havia virado, e agora permanecia com a cabeça deitada sobre uma das mãos espalmadas, olhando vagamente para o céu. O outro braço descansava sobre o gramado, à espera da massagem. Ela aproximou-se e ajoelhou-se na grama, por trás da cabeça do homem. Esfregou um pouco de óleo nas mãos, pegou aquela mão inerte e entreaberta, e começou a flexionar os dedos curtos e grossos.

A jovem olhou nervosamente de soslaio para o rosto queimado, sob os cabelos ondedos e louros. A aparência era boa: de uma beleza rude e juvenil, com as faces rotundas e coradas, o nariz arrebitado e o queixo redondo. Mas, olhando-se atentamente, notava-se um traço cruel nos lábios finos e contraídos; as narinas abertas e o nariz

arrebitado tinham um quê de suíno; e a falta de expressão dos olhos azuis-claros comunicava-se ao resto da fisionomia, fazendo-a parecer inerte e cadavérica. Isso dava à jovem a impressão de que alguém pintara o rosto de uma boneca de porcelana de forma a causar horror.

A massagista continuou a trabalhar no braço até o saliente bíceps. Onde teria o homem desenvolvido tal musculatura? Seria um lutador de boxe? Que fazia ele com esse corpo avantajado? Comentava-se que a vila pertencia à polícia. Os dois empregados eram evidentemente guardas, embora cozinhassem e fizessem o serviço da casa. Todos os meses, o homem ausentava-se por alguns dias e ela recebia ordem para não ir. E, de tempos a tempos, diziam-lhe que não aparecesse durante uma semana ou duas, ou um mês. De uma vez, após uma dessas ausências, o pescoço e o tórax do homem estavam cobertos de equimoses. De outra, um curativo sobre as costelas, na altura do coração, deixava aparecer o canto de uma ferida mal cicatrizada. Nunca ousara inquirir a seu respeito lá no hospital ou na cidade. Quando fora pela primeira vez à casa, um dos empregados lhe dissera que, se fizesse algum comentário sobre o que iria ver, iria para a prisão. Lá no hospital, o diretor-superintendente que nunca notara a sua existência antes disso, mandou chamá-la e disse-lhe a mesma coisa. Seria presa. Os vagarosos dedos da jovem enfiaram-se nervosamente no grande deltóide, na extremidade do ombro. Sempre soubera que se tratava de um caso de segurança do Estado. Talvez fosse isso o que lhe repugnava nesse corpo magnífico. Talvez fosse apenas medo da organização que mantinha o corpo sob custódia. Cerrou os olhos com força, ao lembrar-se de quem poderia ser o homem, do que poderia mandar fazer-lhe. Abriu-os de novo, rapidamente. Ele podia ter notado. Mas aqueles olhos fitavam o céu de uma forma absorta.

Tornou a pegar o vidro de óleo, para estender a massagem ao rosto.

Mal os polegares da jovem haviam comprimido as órbitas dos olhos cerrados, o telefone da casa começou a tocar. O som fez-se ouvir insistentemente na quietude do jardim. Imediatamente o homem ficou sobre um joelho, como um corredor que aguarda o tiro de partida. Mas não se adiantou. A campainha deixou de tocar. Ouviu-se

o murmúrio de uma voz. A jovem não podia entender o que era dito, mas o tom era servil, como quem recebe instruções. A voz parou, e um dos empregados surgiu rapidamente na porta, fez um aceno de chamada e voltou para a casa. Mal o gesto fora feito e o homem despido já corria. Ela observou as costas morenas reaparecerem pela porta de vidro. Era melhor que, ao voltar, ele não a encontrasse ali, sem fazer nada, talvez escutando. Ela se ergueu, deu dois passos em direção à borda da piscina e nela mergulhou graciosamente.

Era bem melhor, para sua paz de espírito, que ela desconhecesse a identidade do homem, embora isso explicasse seus instintos em relação àquele de cujo corpo tratava.

Seu verdadeiro nome era Donovan Grant, ou "Red" Grant. Mas durante os dez últimos anos, fora Krassno Granitski ou, em código, "Granit".

Era o carrasco-chefe da SMERSH, o "apparat" exterminador da M.G.B. e, neste instante, recebia ordens na linha direta que ligava a M.G.B. a Moscou.

Capítulo 2 — O SANGUINÁRIO

GRANT colocou o fone, suavemente, no gancho e ficou olhando para ele.

O guarda, cuja cabeça tinha um formato cônico, em pé ao seu lado, disse:

— É melhor que se vá.

— Eles disseram-lhe algo sobre o trabalho? — Grant falava muito bem o russo, mas com forte sotaque. Poderia passar por oriundo de qualquer das províncias bálticas da URSS. O timbre da voz era alto e inexpressivo como se recitasse uma passagem monótona de um livro.

— Não. Apenas que sua presença é desejada em Moscou. O avião está a caminho. Deve chegar dentro de uma hora. Meia hora para reabastecer e depois três ou quatro horas, dependendo de fazerem ou não escala em Kharkov. Chegará em Moscou à meia-noite. É melhor preparar a mala. Vou chamar o carro.

Grant levantou-se, nervosamente.

— Sim. Tem razão. Mas nem ao menos disseram se é algum plano? A gente gosta de saber. A linha é particular; podiam ter dado uma pista. Geralmente o fazem.

— Desta vez, não.

Grant saiu vagarosamente pela porta de vidro, em direção ao gramado. Se notou a jovem sentada na borda oposta da piscina, não deu o menor indício. Abaixou-se e pegou o livro, apanhou os dourados troféus ganhos na profissão e retornou à casa subindo a curta escada até o quarto.

Este era frio e mobiliado apenas com uma cama de ferro, na qual os lençóis pendiam, de um lado, até o chão; uma cadeira de vime; uma cômoda sem pintura, e um lavatório barato com uma bacia de alumínio. O chão estava cheio de revistas americanas e inglesas. Livros de mistérios em brochuras vistosas ou encadernados estavam empilhados contra a parede, sob a janela.

Grant abaixou-se e pegou de sob a cama uma surrada maleta de fibra italiana. Colocou dentro dela a roupa bem passada, de aparência

discreta e barata, que selecionou dentre as que estavam na cômoda. Depois lavou o corpo, apressadamente, com água fria e sabonete com o inevitável aroma de rosas e enxugou-se com um dos lençóis da cama.

Ouviu-se lá fora o ruído do carro. Grant vestiu-se depressa com roupas tão escuras e discretas quanto as que emalara, colocou o relógio de pulso, pôs nos bolsos o resto dos pertences, apanhou a maleta e desceu as escadas.

A porta da frente estava aberta. Podia ver os dois guardas conversando com o motorista de um velho modelo ZIS.

— Idiotas — pensou. (Ainda coordenava a maioria dos pensamentos em inglês.) — Provavelmente estarão lhe dizendo que devo ser posto a bordo do avião. Certamente não podem imaginar que um estrangeiro queira viver neste maldito país. Os olhos frios tornaram-se irônicos quando Grant pousou a maleta na soleira da porta e procurou um dentre os vários sobretudos que se achavam pendurados em cabides, na porta da cozinha. Encontrou seu "uniforme", uma capa de chuva, parda, e o boné de pano preto do oficialato soviético, vestiu-os, apanhou a maleta e saiu, colocando-se ao lado do motorista que trajava à paisana, ao mesmo tempo que empurrava um dos guardas.

Os dois homens recuaram, sem nada dizer, mas dirigindo-lhe um olhar frio. O motorista retirou o pé do desembreio, e o carro, já com a marcha engatada, acelerou rapidamente pela estrada poeirenta.

A vila achava-se na extremidade sudeste da costa da Criméia, entre Feodosiya e Ialta. Era uma das muitas "datchas" oficiais para veraneio, ao longo da montanhosa costa que parte da Riviera Russa. Red Grant sabia que era um imenso privilégio estar hospedado ali, em vez de estar em alguma sombria vila nos arrabaldes de Moscou. Enquanto o carro galgava as montanhas, pensou que eles, na realidade, lhe proporcionavam o melhor dos tratamentos, embora esse interesse pelo seu bem-estar obedecesse a um objetivo calculista.

A viagem de quarenta milhas até o aeroporto de Simferopol levou uma hora. Não havia outros carros na estrada e as raras carroças que encontraram, vindas dos vinhedos, afastaram-se rapidamente ao ouvirem o som da buzina. Como em todas as partes da Rússia, um

carro significava um membro do governo, e isso era sempre sinal de perigo.

Havia rosas por todos os lados. Campos cobertos por elas, alterando-se com os vinhedos; sebes ao longo da estrada e, à entrada do aeroporto, um enorme canteiro circular plantado com variedades vermelhas e brancas, formando uma estrela vermelha sobre fundo branco. Grant estava farto de rosas e ansiava por chegar a Moscou, a fim de livrar-se do seu odor adocicado.

Atravessaram a entrada do aeroporto civil e seguiram cerca de uma milha, ao longo de um alto muro, até o lado militar do campo. À entrada de um elevado portão de arame, o motorista apresentou o seu passe a dois sentinelas armados de metralhadoras e prosseguiu até à pista de asfalto. Lá havia diversos aviões: grandes aeronaves camufladas para transportes militares, pequenos bimotores para treinamento e dois helicópteros da Marinha. O motorista parou para perguntar a um homem vestido de macacão onde se encontrava o avião de Grant. Imediatamente, um som metálico fez-se ouvir, vindo da torre de controle, e um alto-falante gritou-lhes: — À esquerda. Na extrema esquerda. Prefixo V-BO.

O motorista aprestava-se para cumprir a ordem, seguindo através a pista de asfalto, quando a voz metálica latiu novamente: — Pare!

Enquanto o motorista pisava no freio, ouviu-se um ruído ensurdecido acima de sua cabeça. Ambos curvaram-se instintivamente quando uma esquadrilha de quatro MIGs 17 surgiu do poente e deslizou sobre eles, com os freios aerodinâmicos prontos para aterrissar. Os aviões atingiram a pista, um após o outro, largando baforadas de fumaça azul pela fricção do pneu dianteiro contra o solo e, com os tubos de jato em ação, fizeram o táxi até à longínqua linha de demarcação e dali de volta à torre de controle e aos hangares.

— Continuem!

Cem metros além, depararam com um avião marcado pelas letras V-BO. Era um bimotor Ilyushin 12. Uma pequena escada de alumínio pendia da porta da cabine e o carro parou ao seu lado. Um membro da tripulação apareceu à porta. Desceu a escada e examinou o passe do motorista e os documentos de identidade de Grant; depois despediu o primeiro e fez sinal a Grant para que o seguisse. Não se ofereceu para

ajudá-lo com a maleta, mas Grant levou-a escada acima, como se ela não pesasse mais do que um livro. O tripulante içou a escada, fechou a larga porta e dirigiu-se à cabine de comando.

Havia vinte lugares vazios à disposição. Grant acomodou-se no mais próximo à porta e apertou o cinto de segurança. Através da porta aberta que levava à cabine de comando, ouviu-se uma breve conversa com a torre de controle; os dois motores gemeram, tossiram e puseram-se em movimento. O avião virou-se tão rapidamente quanto um carro, dirigiu-se à cabeceira da pista norte-sul e, sem maiores delongas, correu por ela até levantar vôo.

Grant desamarrou o cinto de segurança, acendeu um cigarro "Troika" de ponteira dourada e recostou-se confortavelmente para refletir sobre sua carreira passada e considerar o futuro imediato.

Donovan Grant era o fruto de uma união, à meia-noite, entre um levantador profissional de pesos, alemão, e uma servente sul-irlandesa. A união durou cerca de quinze minutos na grama úmida atrás de uma tenda de circo, na periferia de Belfast. Depois disso, o pai deu à mãe meia coroa e ela voltou muito satisfeita para a sua cama, na cozinha de um café perto da estação da estrada de ferro. Quando ficou esperando bebê, foi morar com uma tia, na pequena aldeia de Aughmacloy encravada na fronteira, e ali, seis meses depois, morreu de febre puerperal, após dar à luz um menino que pesava doze libras. Antes de morrer, disse que o menino deveria chamar-se Donovan (o levantador de peso intitulara-se "O Grande O'Donovan") e Grant, que era o seu nome próprio.

O garoto foi criado, sem grande boa vontade, pela tia e cresceu saudável e extremamente forte, mas muito retraído. Não tinha amigos. Recusava-se a entrar em contacto com outras crianças e, quando queria algo que lhes pertencia, tomava-o à força. Na escola local, continuou a ser malquisto e temido, mas conseguiu projetar-se nas feiras de amostras, através do boxe e da luta-livre, quando logrou vencer rapazes muito mais velhos e maiores, pela fúria sanguinária do seu ataque aliada à malícia.

Foi com as lutas que atraiu a atenção dos Sinn-Feiners, que usavam Aughmacloy como principal conexão das suas idas e vindas do norte ao sul, e também dos contrabandistas locais que utilizavam a

aldeia para o mesmo fim. Quando deixou a escola, tornou-se capanga de ambos os grupos. Pagavam bem pelo trabalho, mas o viam o menos possível.

Foi nessa época que o seu corpo começou a sentir ímpetos estranhos e violentos, na época da lua *cheia*. Quando em outubro (tinha então dezesseis anos) sentiu pela primeira vez "o Impulso", como o denominava, saiu e estrangulou um gato. Isso o fez "sentir-se melhor" durante todo um mês. Em novembro, foi um enorme cão pastor, e no Natal, esfaqueou o pescoço de uma vaca, à meia-noite, no estábulo de um vizinho. Esses atos fizeram-no "sentir-se bem". Tinha raciocínio suficiente para saber que, em breve, toda a aldeia começaria a estranhar essas mortes misteriosas, e por isso comprou uma bicicleta e, uma noite por mês, pedalava em direção ao campo. Às vezes, tinha de andar muito até conseguir o que desejava, e depois de dois meses, em que teve de se contentar apenas com gansos e frangos, arriscou-se e degolou um vagabundo que dormia.

Encontrava tão poucas pessoas à noite, que logo começou a percorrer as estradas mais cedo, aumentando o percurso de maneira a chegar a aldeias longínquas ao entardecer, quando algumas pessoas voltavam isoladamente para casa e moças saíam para os seus namoros.

Quando matou uma dessas jovens, não "interferiu" com ela de maneira alguma. Essas coisas, de que ouvira falar, eram-lhe completamente incompreensíveis. Era apenas o maravilhoso ato de matar que o fazia "sentir-se melhor". Nada mais.

Já ao completar dezessete anos, notícias alarmantes corriam por toda a região de Fermanagh, Tyrone e Armagh. Quando uma mulher foi morta em plena luz do dia, estrangulada e jogada sobre uma pilha de feno, o alarme transformou-se em pânico. As aldeias formaram grupos de vigilantes, reforços policiais foram trazidos com cães amestrados, e as histórias sobre o "Assassino Lunático" atraíram jornalistas para a região. Por diversas vezes, Grant, na sua bicicleta, foi parado e inquirido; mas tinha forte proteção em Aghmacloy, e a desculpa de que precisava pedalar para manter-se em forma sempre se confirmava, pois era agora o orgulho da aldeia e candidato ao título de campeão dos meios-pesados, do Norte da Irlanda.

Novamente, antes que fosse tarde demais, o instinto o salvou e,

trocando Aghmacloy por Belfast, entregou-se aos cuidados de um decadente promotor de lutas que detestava transformá-lo em profissional. A disciplina no periclitante ginásio era severa. Era quase uma prisão, quando o sangue tornou a ferver nas veias de Grant, nada mais havia a fazer senão quase matar o seu "sparring". Depois de, por duas vezes, ter sido tirado à força de cima dos adversários, foi o fato de ter ganho o campeonato, tão somente, que o impediu de ser expulso pelo promotor de lutas.

Grant levantou o campeonato em 1945, aos dezoito anos, e nessa ocasião foi convocado para o serviço militar, sendo engajado como motorista do Real Corpo de Sinaleiros. O período de treinamento na Inglaterra tornou-o mais sóbrio ou, pelo menos, mais cauteloso quando sentia "O Impulso". Passou então a beber, na época da lua cheia. Levava uma garrafa de *whisky* para os bosques nos arredores de Aldershot, tomava-a toda, e observava suas sensações, friamente, até ser tomado pela inconsciência. Depois, nas primeiras horas da manhã, cambaleava de volta ao campo, insatisfeito, mas não mais perigoso. Se alguma sentinela o surpreendia, apanhava apenas um dia de detenção, pois o comandante queria mantê-lo satisfeito e em forma para disputar os campeonatos do Exército.

Mas a secção de transporte em que se encontrava Grant foi mandada às pressas para Berlim, na época do litígio com os russos, sobre o "corredor polonês", e ele não chegou a disputar os campeonatos. Em Berlim, o constante ambiente de perigo o fascinou e deixou ainda mais cauteloso e maquiavélico. Ainda se embriagava até cair, na época da lua cheia, mas, durante o resto do tempo, observava e tecia planos. Gostava do que ouvira falar sobre os russos; brutalidade, desprezo pela vida humana, falta de escrúpulos. É decidiu passar para o lado deles. Mas de que forma? Que poderia levar-lhes como oferta? Que desejariam eles?

Foi o campeonato do B.A.O.R. que o decidiu finalmente a desertar. Por acaso, foi realizado numa noite de lua cheia. Grant, defendendo o Real Corpo de Sinaleiros, foi advertido por agarrar o adversário e desferir-lhe golpes baixos e, finalmente, desclassificado no terceiro assalto por persistir na luta desleal. Todo o estádio o vaiou quando desceu do tablado; a maior manifestação partiu do seu próprio

regimento; e, na manhã seguinte, o comandante mandou chamá-lo e disse-lhe que seria repatriado na primeira leva. Seus colegas motoristas o boicotaram e, como ninguém desejava acompanhá-lo na viatura, teve de ser transferido para o tão cobiçado posto de estafeta no esquadrão de motocicletas.

A transferência não poderia ter sido mais benéfica para os desígnios de Grant. Esperou alguns dias e, uma tarde, após ter recolhido a correspondência do quartel-general do Serviço Secreto, no Reichskanzlerplatz, dirigiu-se diretamente ao Setor Russo; aguardou com o motor em movimento até que o portão de controle do Setor Inglês fosse aberto, a fim de permitir a passagem de um táxi, atravessou a quarenta milhas quando o portão já se fechava, e parou ao lado da guarita de concreto no posto da fronteira russa.

Foi rudemente introduzido na Sala de Guarda. Um oficial de cara impassível, sentado a uma escrivaninha, perguntou-lhe o que desejava.

— Quero comunicar-me com o Serviço Secreto Soviético — respondeu Grant, inexpressivamente. — Com os dirigentes.

O oficial observou-o friamente. Disse algo em russo. Os soldados que o haviam trazido começaram a puxá-lo para fora. Grant desvencilhou-se deles com facilidade. Um deles ergueu a metralhadora.

Grant disse, pausada e distintamente: — Tenho muitos documentos secretos. Lá fora. Nas bolsas de couro da motocicleta. — Captou o pensamento do seu interlocutor. — Ficarão em maus lençóis se eles forem entregues ao seu Serviço Secreto.

O oficial disse algo aos soldados e eles recuaram. — Não temos Serviço Secreto — respondeu em inglês hesitante. — Sente-se e preencha este formulário.

Grant sentou-se à mesa e preencheu um longo formulário destinado àqueles que desejavam visitar a Zona Oriental: nome, endereço, assunto a tratar, e assim por diante. Enquanto isso, o oficial falava, em tom baixo, rapidamente ao telefone.

Quando Grant terminou, dois outros soldados, suboficiais usando quépis de um verde pardacento e com insígnias também verdes nos uniformes caquis, já haviam entrado. O oficial da fronteira deu o formulário, sem sequer olhá-lo, a um deles; Grant seguiu-os e foi

trancado, juntamente com a motocicleta, na parte traseira de uma camionete. Depois de uma veloz corrida de cerca de um quarto de hora, o veículo parou e, quando Grant desceu, achou-se no pátio interno de um grande edifício novo. Foi levado para dentro, subiu por um elevador, e encerrado numa cela sem janelas. Esta possuía apenas um banco de ferro. Depois de uma hora, durante a qual, deduziu ele, os documentos foram examinados, foi conduzido a um confortável escritório no qual se encontrava instalado, por trás de uma escrivaninha, um oficial com três carreiras de condecorações e as insígnias douradas de coronel.

A escrivaninha tinha sobre ela apenas uma jarra com rosas.

Dez anos depois, ao olhar pela janela do avião para uma vasta área iluminada, vinte mil pés abaixo, e que julgava ser Kharkov, Grant sorriu sem prazer ante sua própria imagem refletida no vidro da janela.

Rosas. Desse momento em diante, sua vida nada mais fora do que rosas. Rosas, rosas, em todos os sentidos.

Capítulo 3 — CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

— ENTÃO, sr. Grant, gostaria de trabalhar na União Soviética?

Já se passara meia hora, e o coronel da M.G.B. estava aborrecido com a entrevista. Julgava que já conseguira arrancar deste desagradável soldado britânico todas as informações militares que pudessem ter interesse. Algumas palavras delicadas para recompensar o homem pelo manancial de segredos que as pastas continham e, então, poderia ser mandado de volta à cela e, no devido tempo, deportado para Vorkuta ou qualquer outro campo de concentração.

— Sim, gostaria de trabalhar para os senhores.

— E que espécie de trabalho poderia fazer, sr. Grant? Temos muitos operários não-especializados. Não precisamos de motoristas de caminhão e — o coronel sorriu ligeiramente — se houver oportunidade para boxear, temos muitos homens que podem fazê-lo. A propósito, dois futuros campeões olímpicos estão entre eles.

— Sou especialista em matar pessoas. Faço-o muito bem. Gosto de matar.

O coronel observou o lampejo que brilhou, por um instante, nos olhos de um azul muito pálido, sob as pestanas louras. "Ele está sendo franco", pensou. "Além de desagradável, é também louco". Olhou friamente para Grant, pensando se valeria a pena desperdiçar alimento com ele, lá em Vorkuta. Talvez fosse melhor fuzilá-lo. Ou mandá-lo de volta ao Setor Britânico e deixar que seus compatriotas tomassem conta dele.

— O senhor não me acredita — disse Grant com impaciência. Aquele não era o homem indicado, nem o departamento certo. — Quem se encarrega das execuções, aqui? — Ele tinha certeza de que os russos possuíam uma espécie de esquadrão de execuções. Todo mundo dizia isso. — Deixe-me falar com eles. Matarei quem eles mandarem. Qualquer pessoa. Agora mesmo.

O coronel examinou-o com azedume. Talvez fosse melhor transmitir o assunto ao comando. — Espere aqui.

— Levantou-se e saiu da sala, deixando a porta aberta. Um guarda colocou-se no umbral da mesma e mirou as costas de Grant, com uma das mãos sobre a pistola.

O coronel entrou na sala contígua. Estava vazia. Havia três telefones sobre a mesa. Pegou o aparelho que ligava a M.G.B. diretamente a Moscou. Quando o telefonista militar respondeu, ele disse: — SMERSH. — Pôs-se em contacto com a SMERSH e disse que desejava falar com o chefe de Operações.

Dez minutos depois, recolocou o fone no gancho. Que sorte! Uma solução simples e prática. O que quer que acontecesse seria ótimo. Se o inglês fosse bem sucedido, seria esplêndido. Se falhasse, ainda causaria muitos dissabores no Setor Ocidental: para os ingleses, visto que Grant era um deles; para os alemães, pois ocasionaria pânico entre os seus espiões; para os americanos, porque estavam financiando grande parte da guarda a Baumgarten, e iriam pensar que seus planos de segurança eram falhos. Satisfeito consigo mesmo, o coronel voltou ao escritório e sentou-se em frente a Grant.

— Pretende cumprir o que disse?

— É lógico que sim.

— Tem boa memória?

— Sim.

— No Setor Britânico, há um alemão chamado dr. Baumgarten. Mora no apartamento 5 da Kufürstendamm, n.º 22. Sabe onde fica?

— Sim.

— Hoje à noite, será mandado de volta ao Setor Britânico, na sua motocicleta. Os números da licença serão modificados. Seus compatriotas devem estar à sua procura. Levará ao dr. Baumgarten um envelope com uma anotação para ser entregue em mãos. No seu uniforme, e com esse envelope, não terá dificuldades. Dirá que a mensagem é tão confidencial que precisa falar com o dr. Baumgarten a sós. Então, deverá matá-lo. — O coronel fez uma pausa. Suas sobrancelhas ergueram-se.

— De acordo?

— Sim — respondeu Grant, inexpressivamente. — E, se

conseguir, receberei mais destes trabalhos?

— É possível — disse o coronel com indiferença.

— Primeiro, precisa mostrar do que é capaz. Quando tiver terminado a sua tarefa e voltado ao Setor Soviético, pode pedir licença para falar com o coronel Boris.

— Tocou uma campainha e um homem à paisana entrou. O coronel fez um gesto em sua direção. — Este homem lhe dará o que comer. Mais tarde, entregar-lhe-á o envelope e uma faca de fabricação americana. É uma ótima arma. Boa sorte.

O coronel apanhou da jarra uma rosa e aspirou-a com embriaguez.

Grant levantou-se. — Obrigado, senhor — disse cordialmente.

O coronel não respondeu nem deixou de olhar para a rosa. Grant seguiu o homem à paisana para fora da sala.

O avião prosseguiu viagem pela Rússia Central. Haviam deixado para trás as fornalhas ardentes no extremo leste em redor de Stalino e, a oeste, o filete prateado do Dnieper subdividindo-se à altura de Dnepropetrovsk. O jato de luz em volta de Kharkov havia marcado a fronteira da Ucrânia, e a luminosidade fosforescente de Kursk aparecera e tornara a sumir. Agora, Grant sabia que as trevas compactas escondiam a Grande Estepe Central, onde os bilhões de toneladas de cereais da Rússia sussurravam e amadureciam na escuridão. Não haveria mais nenhum oásis de luz até que, dentro de uma hora, tivessem percorrido as trezentas milhas restantes até Moscou.

Pois, já então, Grant conhecia muito sobre a Rússia. Após o rápido, discreto e sensacional assassinio de um espião vital para a Alemanha Ocidental, mal Grant atravessara a fronteira e conseguira chegar ao "Coronel Boris", deram-lhe roupas civis, um capacete de aviador para esconder o cabelo, puseram-no a bordo de um avião da M.G.B. e o enviaram para Moscou.

Começou então um ano de meia-prisão durante o qual Grant manteve-se em forma e aprendeu russo, enquanto era rodeado por diversas pessoas: inquisidores, delatores, médicos. Enquanto isso, sua vida pregressa era minuciosamente investigada por espiões soviéticos, na Inglaterra e na Irlanda do Norte.

Ao fim de um ano, Grant conseguiu uma folha-corrida tão favorável, do ponto de vista político, quanto um estrangeiro pode almejar na Rússia. Os espiões haviam confirmado a sua história. Os delatores ingleses e norte-americanos informaram que o seu desinteresse pela política e pelos costumes sociais de qualquer país do mundo era total, e os médicos e os psicólogos foram acordes em dizer que ele era um maníaco depressivo cujos períodos coincidiam com a lua-cheia. Acrescentaram também que Grant era um narcisista, assexual, e que sua tolerância para a dor era enorme. Além dessas peculiaridades, sua saúde física era soberba e, embora seu nível educacional fosse tremendamente baixo, possuía a esperteza inata de uma raposa. Todos concordaram em que Grant era um membro demasiadamente perigoso para a sociedade e deveria ser eliminado.

Quando o relatório chegou às mãos do chefe do Departamento Pessoal da M. G. B., este ficou a ponto de escrever "Matem-no" na margem. Mas mudou de idéia.

Muitas execuções devem ser feitas na U. R. S. S., não porque o russo comum tenha maus instintos, embora algumas raças dentre as que o formam estejam entre as mais cruéis do mundo, mas por questões de política. Os que agem contra o Estado são inimigos do Estado, e este não dá guarida a inimigos. Há mais o que fazer do que desperdiçar com eles um tempo precioso. Se continuam a aborrecer, são assassinados. Num país cuja população é de 200 milhões de habitantes, pode-se matar alguns milhares por ano, sem que façam falta. Se é necessário matar um milhão em um ano, como sucedeu nos dois maiores expurgos, isso também não representa grande perda. O problema sério é a falta de carrascos. Estes têm "vida" curta. Cansam-se do trabalho. O espírito acaba por enojar-se. Depois de dez, vinte, cem execuções, o ser humano, por mais sub-humano que seja, adquire, talvez por um processo de osmose com a própria morte, o germe letal que lhe penetra o corpo e o corrói como um câncer. Deixa-se dominar pela melancolia e pela bebida e ainda por uma lassidão horrível que o faz olhar com fixidez, torna seus movimentos mais vagarosos e destrói-lhe a equidade. Quando o empregador percebe esses sinais, não tem outro remédio senão executar o carrasco e procurar outro.

O chefe do Departamento Pessoal da M. G. B. estava ciente do

problema e da constante busca não só pelo assassino refinado, como também pelo magarefe comum. E finalmente ali estava um homem exímio em ambas as formas de matar, dedicado ao seu mister e, a julgar pela opinião dos médicos, destinado a ele.

O chefe do Pessoal escreveu uma breve e objetiva nota nos documentos de Grant, marcou-os "SMERSH Otdyel II" e jogou-os na cesta de despachos.

O Departamento n.º 2 da SMERSH, a cargo de Planos e Execuções, tomou conta de Donovan Grant, mudou-lhe o nome para Granitski e registrou-o nos livros.

Os dois anos seguintes foram difíceis para Grant. Teve de voltar à escola, e para uma escola que o fez ter saudades das carcomidas carteiras de tábua no galpão enferrujado, impregnado do odor dos meninos e do zumbido de sonolentas varejeiras, que fora até então sua concepção de escola. Agora, na Escola do Serviço Secreto para Estrangeiros, nos arrabaldes de Leningrado, espremido entre alemães, tchecos, poloneses, dálticos, chineses e negros, todos compenetrados e munidos de canetas que corriam sobre os seus cadernos de apontamentos, ele teve dificuldades com matérias que lhe eram incompreensíveis.

Havia cursos sobre "Noções de Política Geral", que incluíam a história dos movimentos trabalhistas, do Partido Comunista, das forças industriais do mundo, e dos ensinamentos de Marx, Lenine e Stalin, todos eles entremeados de nomes estranhos que mal sabia soletrar. Havia aulas sobre o "inimigo de classe, que combatemos", com palestras sobre o capitalismo e o fascismo; semanas dedicadas a "táticas, agitação e propaganda" e outras aos problemas das minorias, tais como: os povos coloniais, os negros e os judeus. Todos os meses, havia exames durante os quais Grant escrevia iliteratices, entremeadas de trechos mal lembrados da história inglesa e de *slogans* comunistas, e infalivelmente suas provas eram rasgadas, na devida ocasião, em frente de toda a classe.

Mas conseguiu manter-se e, quando vieram os "assuntos técnicos", saiu-se melhor. Aprendeu rapidamente os rudimentos dos códigos e cifras, pois desejava compreendê-los. Foi bom aluno em Comunicações e assimilou imediatamente o labirinto de contactos,

chaves, mensagens e caixas-postais, recebendo também ótimas notas no Serviço de Campo, no qual cada estudante devia planejar e por em prática uma missão hipotética nos subúrbios e nos campos ao redor de Leningrado. Finalmente, quando chegou aos testes de vigilância, discrição, autodefesa, presença de espírito, coragem e sangue-frio, recebeu as maiores notas de toda a escola.

Ao fim do ano, o relatório que foi enviado à SMERSH concluía: "Valor político, nulo. Valor operacional, excelente". Exatamente o que Otdyel II desejava saber.

O ano seguinte foi passado juntamente com apenas dois estudantes estrangeiros entre centenas de russos, na Escola de Terror e Estratégia, em Kuchino, perto de Moscou. Ali, Grant saiu-se admiravelmente nos cursos de judô, boxe, atletismo, fotografia e rádio, sob a supervisão do famoso coronel Arkady Fotoyev, pai do moderno espião soviético, e completou seu curso de armas leves, sob os cuidados do tenente-coronel Nikolai Godlovsky, campeão soviético de tiro com rifle.

Por duas vezes, durante esse ano, sem prévio aviso, um carro da M.G.B. veio buscá-lo numa noite de lua-cheia e levou-o a uma das prisões de Moscou. Ali, com a cabeça coberta por um capuz negro, foi-lhe permitido proceder a execuções com diversas armas: corda, machado, metralhadora. Antes, durante e depois dessas ocasiões, foram feitos eletrocardiogramas, controle de pressão e diversos outros testes médicos, mas o porque dos mesmos e os resultados não lhe foram revelados.

Foi um bom ano e ele julgou, acertadamente, que estava agradando.

Em 1949 e 50, foi permitido a Grant tomar parte em operações secundárias com grupos móveis ou "avan-posts", nos países satélites. Consistiram em espancamentos ou simples eliminações de espiões russos e operadores do Serviço Secreto, suspeitos de traição ou outras irregularidades. Grant desempenhou essas funções com eficiência, exatidão e discrição e, embora fosse cuidadosa e constantemente vigiado, nunca se afastou um milímetro do padrão desejado, nem demonstrou o menor temor ou falta de técnica. Poderia ter sido diferente se tivesse que, sozinho, executar tarefas em período de lua-cheia; mas os superiores, sabendo que nesse período ele estaria fora do

seu controle, ou perderia mesmo o autodomínio, escolhiam datas seguras para as missões. A fase da lua era reservada exclusivamente para as matanças nas prisões e, de tempos a tempos, isso era-lhe permitido como recompensa por alguma operação cumprida a sangue-frio.

Em 1951 e 52, a utilidade de Grant tornou-se mais evidente e oficialmente reconhecida. Como resultado de seu excelente trabalho, especialmente no setor oriental de Berlim, foi-lhe concedida a cidadania soviética e aumentaram-lhe o soldo, que em 1953 chegou à respeitável quantia de 5 mil rublos por mês. Em 1953, deram-lhe o posto de major, com direitos retroativos de pensão a partir do dia do seu primeiro contacto com o "coronel Boris", e foi-lhe destinada a vila na Criméia. Destacaram dois guarda-costas em parte para protegê-lo e em parte, também, para impedir que ele se "aposentasse", como é conhecida a deserção na gíria da M.G.B.. E, uma vez por mês, era conduzido à prisão mais próxima, para proceder a tantas execuções quantos fossem os candidatos disponíveis.

É evidente que Grant não tinha amigos. Era odiado, temido ou invejado por todos aqueles que entravam em contacto com ele. Não tinha sequer relações profissionais, que passam por amizade no mundo discreto e cauteloso do oficialato soviético. Mas, se notava esse fato, não se importava. Os únicos indivíduos pelos quais se interessava eram suas vítimas. O resto de sua vida era interior. E era rica e excitantemente povoada pelos seus pensamentos.

E, naturalmente, tinha a SMERSH. Ninguém, na União Soviética, que tenha a SMERSH ao lado precisa preocupar-se com amigos ou com qualquer outra coisa a não ser conservar-se sob suas asas negras.

Grant ainda divagava sobre suas relações com os empregadores, quando o avião começou a perder altitude, entrando em contacto com o radar do aeroporto de Tuchino, ao sul da luminosa mancha vermelha que assinalava Moscou.

Havia atingido o máximo. Era o carrasco chefe da SMERSH e, portanto, de toda a União Soviética. Que mais poderia desejar? Maiores promoções? Mais dinheiro? Mais bugigangas douradas? Alvos mais importantes? Técnicas mais apuradas?

Não parecia haver nada mais a alcançar. Ou haveria talvez algum

homem de quem nunca ouvira falar, em algum país do exterior, e que deveria ser eliminado para que a supremacia absoluta pudesse ser sua?

Capítulo 4 — OS POTENTADOS DA MORTE

SMERSH é a organização oficial do crime do governo soviético. Age tanto no país como no exterior e, em 1955, tinha em suas fileiras um total de 40 mil homens e mulheres. SMERSH é a contração de "Smierť Spionam", o que quer dizer: Morte aos Espiões. É um nome empregado apenas entre os seus participantes e entre os graduados soviéticos. Ninguém do povo, com juízo perfeito, sonharia sequer em deixar passar pelos lábios essa palavra.

O quartel-general da SMERSH está situado num grande e feio edifício moderno na Sretenka Ulitsa. É o n.º 13 dessa rua larga e monótona, e os pedestres fitam o solo ao passarem pelas duas sentinelas armadas de metralhadoras portáteis, postadas em cada lado da escadaria larga que leva até à enorme porta dupla de ferro. Se se lembram a tempo, ou podem fazê-lo sem chamar atenção, atravessam a rua e passam pela outra calçada.

A direção da SMERSH está localizada no 2.º andar. A sala mais importante desse andar é muito espaçosa e clara, pintada naquele tom pálido de verde-oliva, que é o denominador comum dos escritórios governamentais em qualquer parte do mundo. À frente da porta a prova de som, duas janelas largas dão para o pátio interno do edifício. O soalho é coberto por um colorido tapete caucasiano, da melhor qualidade. Na extrema esquerda da sala, ao canto, uma pesada escrivaninha de carvalho tem a superfície coberta de veludo vermelho sob uma grossa placa de vidro.

No lado esquerdo da mesa, cestas marcadas: a despachar, despachado. No lado direito, quatro telefones.

Do centro da escrivaninha, formando com ela um T, estende-se, em diagonal pela sala, a mesa de conferências, também coberta de veludo vermelho, mas sem o vidro de proteção. Há cinzeiros em cima, além de duas pesadas jarras com água e copos.

Nas paredes, vêem-se quatro enormes quadros com molduras douradas. Em 1955, eram os retratos de Stalin, sobre a porta; o de Lenine, entre as duas janelas; e, um em frente ao outro, nas duas paredes restantes, o retrato de Bulganin e o do general de exército Ivan Aleksandrovitch Serov, chefe do Comitê de Segurança do Estado, no mesmo lugar onde o retrato de Beria estivera até 13 de janeiro de 1954.

Na parede esquerda, sob o retrato de Bulganin, um grande televisor, um aparelho de TV, dentro de uma bela caixa de carvalho polido, esconde um gravador de fita que pode ser controlado da escrivaninha. O microfone do gravador abrange toda a área embaixo da mesa de conferências, e seus fios estão escondidos dentro das pernas do móvel. Ao lado do televisor, uma porta estreita conduz a um lavabo particular e a uma pequena sala de projeções para filmes secretos.

Sob o retrato do general Serov, uma estante encerra, nas prateleiras superiores, as obras de Marx, Engels, Lenin e Stalin, e, em local mais acessível, livros em todos os idiomas sobre espionagem, contra-espionagem, métodos policiais e criminologia. Ao lado da estante, e ao longo da parede, há uma comprida e estreita mesa sobre a qual se acham diversos álbuns encadernados de couro, com datas gravadas em dourado. Contêm fotografias de cidadãos soviéticos e estrangeiros que foram assassinados pela SMERSH.

Na hora em que Grant se preparava para descer no aeroporto de Tuchino, pouco antes das 11h30 da noite, um homem robusto e de aparência severa, beirando os cinquenta anos, estava ao lado dessa mesa, folheando o volume correspondente a 1954.

O chefe da SMERSH, coronel-general Grubozaboyschikov, conhecido entre os seus auxiliares como "G", trajava uma impecável túnica de cor caqui, com colarinho alto, e calças da cavalaria, azul-marinho, com dois estreitos debruns vermelhos do lado. As calças enfiavam-se nas botas de couro preto, macias e bem polidas. Sobre o peito trazia três carreiras de fitas correspondentes a condecorações: duas ordens de Lenine, Ordem de Suvorov, Ordem de Alexander Levsky, Ordem da Bandeira Vermelha, duas Ordens da Estrela Vermelha, a medalha de Vinte anos de Serviço e medalhas da Defesa

de Moscou e da Captura de Berlim. Logo abaixo vinha a fita rosa-pálido e cinzento do C.B.E. Britânico, e a grená e branco da Medalha Americana do Mérito. Sobre as fitas, via-se a estrela dourada que indica o Herói da União Soviética.

Sobre o colarinho alto da túnica, a face era estreita e penetrante. Havia bolsas flácidas sob os olhos redondos, que eram castanhos e salientes como bolas de gude brilhantes, sob as espessas sobrancelhas negras. O crânio estava completamente raspado, e a pele branca e repuxada brilhava sob a luz do candelabro central. A boca larga e cruel encimava o queixo fortemente marcado por uma cova. Era um rosto severo e sem complacência, denotando tremenda autoridade.

Um dos telefones da mesa tilintou baixinho. O homem dirigiu-se com passos firmes e precisos para a cadeira de espaldar, atrás da escrivaninha. Sentou-se e agarrou o receptor do telefone marcado, em branco, com as letras V.Ch. Essas letras correspondiam a "Vysokochastoty", ou Alta Frequência. Apenas uns cinquenta altos funcionários têm ligação direta com a V.Ch., e todos são ministros de Estado ou chefes de departamentos selecionados. É operado por um pequeno controle, no Kremlin, a cargo de oficiais de carreira, da segurança. Mesmo a eles é vedado ouvir as conversas, mas todas as palavras são automaticamente gravadas.

— Sim?

— Fala Serov. Que providências foram tomadas desde a assembléia do Presidium, esta manhã?

— Convoquei uma reunião, aqui, para dentro de poucos minutos, camarada general. Estarão representados o R.U.M.I.D., o G. R. U, e, naturalmente, a M.G.B. Depois disso, se chegarmos a acordo, terei uma entrevista com o meu chefe de operações e o chefe de planificação. Para o caso de ser preciso algum extermínio, tive o cuidado de trazer o elemento necessário a Moscou. Desta vez, eu mesmo farei a supervisão dos preparativos. Não queremos outro caso igual ao Khoklov.

— O diabo sabe que não. Telefone-me depois da primeira reunião. Quero apresentar o relatório ao Presidium, amanhã cedo.

— Certamente, camarada general.

O general G. pousou o fone e comprimiu uma campainha sob a

mesa. Ao mesmo tempo, ligou o gravador de fita. Seu ajudante de ordens, um oficial da M.G.B., entrou.

— Já chegaram?

— Sim, camarada general.

— Faça-os entrar.

Em poucos minutos, seis homens, cinco dos quais em uniforme, entraram um a um pela porta e, mal dirigindo um olhar para o ocupante da escrivaninha, tomaram seus lugares à mesa de conferências. O grupo era formado por três oficiais graduados, chefes de departamentos, que se faziam acompanhar por ajudantes de ordens. Na União Soviética, ninguém vai desacompanhado a uma conferência. Para sua própria proteção, e para o bem do departamento, invariavelmente leva-se uma testemunha para que o departamento tenha versões idôneas do que se passou na conferência e do que foi dito em seu benefício. Isso é importante no caso de haver uma investigação posterior. Não se fazem anotações durante a conferência e as decisões são transmitidas oralmente aos departamentos.

No lado oposto da mesa, sentou-se o tenente-general Slavin, chefe do G.R.U., o departamento secreto do Estado-Maior do Exército, com um coronel ao lado. À cabeceira, ficou o tenente-general Vozdvishenskyi, do R.U.M.I.D., o Departamento Secreto do Ministério das Relações Exteriores, tendo ao lado um civil de meia idade. Dando as costas para a porta, acomodou-se o coronel da Segurança do Estado, Nikitin, chefe do "Intelligence" da M.G.B., o Serviço Secreto Soviético, com um major ao lado.

— Boa noite, camaradas.

A resposta dos três oficiais graduados foi um murmúrio polido e cauteloso. Cada um deles sabia, e julgava ser o único a saber, que a sala tinha microfones ocultos, e havia decidido, sem nada dizer ao ajudante de ordens, pronunciar o mínimo de palavras exigíveis pela boa disciplina e as necessidades do Estado.

— Fumemos. — O general G. tirou um cigarro Moskwa-Volga e acendeu-o com um isqueiro Zippo, americano. Ouviu-se o ruído dos isqueiros, em torno da mesa. O general G. amassou a longa piteira de papelão do seu cigarro, até torná-la quase chata, e colocou-a entre os dentes, no lado direito da boca. Esticou os lábios por sobre os dentes e

começou a falar em frases curtas e contundentes, sibiladas entre os dentes e o cigarro semi-erguido.

— Camaradas, reunimo-nos segundo instruções do camarada general Serov. Como porta-voz do Presidium, ordenou-me que lhes transmitisse certas questões de política do Estado. Devemos depois deliberar e recomendar uma atitude que esteja de acordo com essa política, e dar-lhe toda a assistência. Devemos chegar rapidamente a uma decisão. Mas esta será de suprema importância para o Estado. A decisão, portanto, deverá ser exata.

O general G. fez uma pausa para que todos apreendessem o sentido de suas palavras. Examinou um por um o rosto dos três oficiais graduados, sentados ao redor da mesa. Eles o fitaram sem pestanejar. No íntimo, esses três homens tão importantes estavam perturbados. Estavam a ponto de espiar pela porta da fornalha. Iriam conhecer um segredo de Estado, conhecimento esse que um dia poderia trazer-lhes conseqüências perigosas. Sentados naquela sala silenciosa, sentiram-se envolvidos pela temível incandescência que emana do centro de todos os poderes na União Soviética: o Alto Presidium.

A cinza final do cigarro do General G. caiu sobre sua túnica. Ele a sacudiu e jogou o toco de papelão na cesta do lixo, ao lado da escrivaninha. Acendeu outro cigarro e falou, com ele entre os dentes.

— As instruções que recebemos dizem respeito a um conspícuo ato de terrorismo que deverá ser levado a efeito, em território inimigo, dentro de três meses.

Seis pares de olhos inexpressivos fitaram o chefe da SMERSH, em expectativa.

— Camaradas — o general G. reclinou-se na cadeira e sua voz tomou um tom declamatório — a política externa da U.R.S.S. entrou em nova fase. Antes, era uma política "inflexível"; uma política de aço — (permitiu-se esse trocadilho com o nome de Stalin). — Esta atitude, embora eficiente, fez surgir tensões no Ocidente, notadamente nos Estados Unidos, que estavam se tornando perigosas. Os norte-americanos são imprevisíveis. São histéricos. Os relatórios do nosso Serviço Secreto começaram a demonstrar que estávamos forçando os Estados Unidos a um bombardeio atômico sobre a U.R.S.S., sem

prévio aviso. Já leram esses relatórios e sabem que falo a verdade. Não queremos essa guerra. Se houver necessidade de uma, seremos nós quem escolherá a oportunidade. Certos norte-americanos de influência, especialmente o Grupo do Pentágono chefiado pelo Almirante Radford, foram auxiliados em seus planos belicosos pela nossa própria política "inflexível". Decidiu-se, pois, que era chegada a hora de mudar de tática, embora conservando os mesmos objetivos. Foi criada uma nova política: o método "Inflexível-Brando". Em Genebra demos início à mesma. Fomos "brandos". A China ameaçou Quemoy e Matsu. Tornamo-nos "inflexíveis". Abrimos nossas fronteiras a inúmeros jornalistas, atores e artistas, embora saibamos que muitos deles são espiões. Nossos líderes riem e gracejam nas recepções em Moscou. Em meio a esses gracejos, soltamos a maior bomba experimental de todos os tempos. Os camaradas Bulganin, Kruchev e o camarada General Serov — (o general G. incluiu, cautelosamente, os nomes de todos aqueles que iriam ouvir a gravação) — visitam a Índia e o Oriente, e insultam os ingleses. Quando voltam, têm amáveis conferências com o embaixador britânico sobre sua próxima visita a Londres. E assim prosseguimos: primeiro a chibata, depois o afago; o sorriso e, a seguir, a carranca. O Ocidente está confuso. As tensões se dissipam antes mesmo de se enrijecerem. As reações dos nossos inimigos são descontroladas, sua estratégia desorganiza-se. Enquanto isso, o povo em geral ri dos nossos gracejos, aclama os nossos times de futebol e baba de prazer quando soltamos alguns prisioneiros de guerra, que não desejamos mais alimentar.

Houve sorrisos de prazer e orgulho entre os participantes da mesa. Que brilhante política! Como fazíamos de idiotas aos Ocidentais!

— Ao mesmo tempo — continuou o general G. esboçando um sorriso ante a sensação que causara — continuamos a conspirar: revolução em Marrocos; armas para o Egito; tratados de amizade com a Iugoslávia; desordens em Chipre; motins na Turquia; greves na Inglaterra; vantagens eleitorais na França. Não há setor do mundo onde não estejamos avançando, silenciosamente.

O general G. notou o brilho de cobiça nos olhos dos seus auxiliares. Eles haviam sido abrandados. Era chegada a hora de se

tornar inflexível. Era tempo de fazê-los sentir em si mesmos a nova política. O Serviço Secreto teria de utilizá-los nessa grande partida que se jogava em benefício deles próprios. O general G. curvou-se mansamente para a frente. Fincou o cotovelo direito sobre a escrivaninha e ergueu o punho no ar.

— Mas, camaradas — a voz era suave — onde tem havido falhas na política de Estado da U. R. S. S.? Quem tem sido brando mesmo quando desejávamos ser inflexíveis? Quem tem sofrido derrotas, quando todos os outros departamentos do Estado conquistavam vitórias? Quem, com seus erros idiotas, fez com que a União Soviética parecesse tola e fraca aos olhos do mundo? QUEM?

A voz erguera-se quase em um grito. O general G. pensou como estava transmitindo bem as ordens do Presidium. Quão formidável isso não soaria a Serov quando este ouvisse a gravação!

Olhou fixamente para os rostos pálidos e ansiosos, reunidos à volta da mesa. O punho do general G. chocou-se contra a escrivaninha.

— Todo o "apparat" do Serviço Secreto Soviético, camaradas. — A voz era agora um furioso rugido. — Somos nós os desleixados, os sabotadores, os traidores! Somos nós que estamos faltando à União Soviética, no seu grande e glorioso esforço! Nós! — Abrangeu a sala com um movimento do braço. — Todos nós! — A voz voltou ao normal, tornou-se mais razoável. — Camaradas, olhem para os relatórios, "sookin sin" — deu-se ao luxo de proferir essa obscenidade (filho da ...) — olhem para os resultados! Primeiro, perdemos Guzenko, todo o "apparat" canadense e o cientista Fuchs; depois, o "apparat" norte-americano é desmantelado; a seguir, perdemos homens como Tokaev; logo, temos o escandaloso caso Khoklov que prejudicou tremendamente o nosso país; e, ainda, Petrov e sua mulher, na Austrália, uma falta de habilidade como jamais se viu igual! A lista é infundável; derrota após derrota, e o diabo sabe que não citei nem metade delas.

O general G. fez uma pausa. Prosseguiu no mais suave tom de voz. — Camaradas, devo adverti-los de que teremos complicações, a menos que, nesta noite, tracemos um plano para uma grande vitória do Serviço Secreto; a menos que esse plano seja bem feito e aprovado.

O general G. procurou uma frase final que desse idéia da ameaça,

sem defini-la. — Haverá — fez uma pausa e olhou com fingida humildade para os componentes do grupo — descontentamento.

Capítulo 5 — "KONSPIRATSIA"

OS mujiques haviam sentido o "knut". O general G. concedeu-lhes alguns minutos para cuidarem das feridas e se recobrem do choque causado pela flagelação oficial a que haviam sido submetidos.

Ninguém proferiu uma palavra de defesa. Ninguém justificou o seu departamento ou mencionou as inúmeras vitórias do "Intelligence" soviético, para confrontá-las com esses poucos erros. E nenhum deles criticou o direito do chefe da SMERSH, que se incluía entre os culpados, de fazer essa terrível denúncia. A "fala do trono" fora ouvida, e o general G. havia sido escolhido para seu arauto. Isso era um grande privilégio para ele, sinal de boas-graças, de promoção à vista, e todos os presentes, por prudência, guardaram em mente que o general G., e toda a SMERSH com ele, haviam atingido o pináculo na hierarquia do Serviço Secreto.

No fim da mesa, o tenente-general Vozdvichensky, do R.U.M.I.D., representante do Ministério do Exterior, contemplou a fumaça que saía em espirais da ponta do seu longo cigarro Kazbek e lembrou-se de que Molotov lhe dissera, em particular, por ocasião da morte de Beria que o general G. iria longe. "Não houve grande poder profético nesse vaticínio", refletiu Vozdvichensky. Beria detestara G. e constantemente lhe tolhera a carreira, desviando-o do caminho do sucesso para algum departamento de menor importância do que era então o Ministério da Segurança do Estado, o qual, com a morte de Stalin, deixara de existir por ordem de Beria. Até 1952, G. fora assessor de um dos dirigentes do Ministério. Quando este foi abolido, dirigiu seus esforços para a queda de Beria, trabalhando secretamente sob as ordens do extraordinário general Serov, cuja folha de serviços o punha a salvo até mesmo de Beria.

Serov, herói da União Soviética e veterano dos famosos predecessores da M.G.B. (a Tcheka, a G.P.U., o N.K.V.D. e a M.V.D.), era, sob todos os aspectos, mais poderoso do que Beria. Estivera diretamente à testa das execuções em massa de 1930, quando

foram eliminadas um milhão de pessoas; fora o "metteur en scène" da maioria dos grandes pseudo-julgamentos de Moscou; organizara o sangrento genocídio no Cáucaso Central, em fevereiro de 1944; fora o inspirador das deportações em massa, nos Estados Bálticos, e ainda do rapto dos cientistas que trabalhavam na bomba atômica alemã, e de outros que deram à Rússia o grande progresso técnico do após-guerra.

E Beria e todo o seu séquito foram para as galés, enquanto o general recebia a SMERSH como recompensa. Quanto ao general de exército Ivan Serov, agora governava ele a Rússia, juntamente com Bulganin e Kruchev. Algum dia, poderia chegar a governante máximo. Mas, pensou o general Vozdvichensky, desviando os olhos da mesa para aquele crânio liso como uma bola de bilhar, o general G. estaria provavelmente logo à sua retaguarda.

O crânio ergueu-se e os frios olhos castanhos e salientes fitaram os do general Vozdvichensky, no outro extremo da mesa. Este conseguiu encará-lo com calma e até mesmo um tanto de aprovação.

"Esse aí é sagaz", pensou o general G. "Vamos dar-lhe atenção e ver como soará na gravação."

— Camaradas — um sorriso formal pôs à mostra obturações de ouro em ambos os cantos da boca — não desanimemos. Até mesmo a árvore mais alta pode ser derrubada com um machado. Nunca chegamos a pensar que nossos departamentos eram bem sucedidos a ponto de estarem a salvo de críticas. O que tive de lhes transmitir não deve ter sido surpresa para nenhum de nós. Portanto, aceitemos de bom grado o desafio e ponhamo-nos em campo.

Ao redor da mesa, ninguém sorriu ante essa condescendência. O general G. tampouco o esperava. Acendeu um cigarro e continuou.

— Já lhes disse que teremos de planejar um ato de terrorismo, imediatamente, no setor do Serviço Secreto e um dos nossos departamentos (sem dúvida o meu) será encarregado de executá-lo.

Um suspiro de alívio foi partilhado por todos os componentes da mesa. Então seria a SMERSH a responsável ! Já era alguma coisa.

— Mas a escolha do alvo não será fácil, e a nossa responsabilidade coletiva, quanto ao objetivo correto, é muito grande.

Brando-inflexível, inflexível-brando. A bola era devolvida à conferência.

— Não é uma simples questão de se fazer explodir um edifício, ou de alvejar um primeiro-ministro. Essas exposições burguesas não entram em cogitações. Nossa missão deve ser artística, requintada e dirigida contra o centro do "apparat" de espionagem Ocidental. Deve danificar grandemente o "apparat" inimigo; danos que passarão despercebidos ao público em geral, mas que serão o assunto dos comentários restritos dos círculos governamentais. Mas deve também causar um escândalo de tamanha repercussão que o mundo irá se deliciar e divertir com a estupidez e a vergonha dos nossos inimigos. É lógico que os governos saberão que se trata de uma "konspiratsia" soviética. Isso será ótimo. Uma demonstração da política "inflexível". E os agentes e os espiões ocidentais também o saberão e irão maravilhar-se e tremer ante nossa argúcia. Traidores e possíveis desertores mudarão de idéia. Nossos próprios agentes receberão estímulo. Serão encorajados as maiores empresas pela nossa demonstração de força e de gênio. Mas, naturalmente, iremos negar qualquer conhecimento do fato, seja ele qual for, e seria desejável que o povo da União Soviética ignorasse totalmente a nossa conspiração.

O general G. fez uma pausa e olhou para o representante do R.U.M.I.D., no outro lado da mesa, o qual novamente o encarou impassível.

— E agora vamos escolher a organização que devemos atacar e, dentro dela, o nosso alvo específico. O camarada Tenente-General Vozdvichensky, como observador neutro do panorama de espionagem estrangeira, talvez queira fazer-nos um reconhecimento do campo. (Isso era uma ironia por causa da notória rivalidade existente entre a espionagem militar do G. R. U. e o Serviço Secreto da SMERSH). Desejamos sua opinião sobre a relativa importância dos diversos serviços de espionagem ocidentais. Escolheremos então o que for mais perigoso e que mais gostaríamos de prejudicar.

O general G. recostou-se na poltrona. Descansou os cotovelos nos braços da mesma e apoiou o queixo sobre os dedos entrelaçados de ambas as mãos, como um professor que se prepara para ouvir uma longa dissertação.

O general Vozdvichensky não se deixou abater pela tarefa. Era membro do Serviço de Espionagem havia trinta anos, a maior parte

dos quais passara no exterior. Fora "porteiro" da Embaixada Soviética em' Londres, sob as ordens de Litvinov. Trabalhara na agência Tass em Nova York e voltara depois a Londres, para Amtorg, a Organização de Comércio Soviética. Durante cinco anos fora adido militar na Embaixada de Estocolmo, sob o comando da brilhante Madame Kollontai. Ajudara a treinar Sorge, o maior espião soviético, antes que ele fosse para Tóquio. Durante a guerra, fora por algum tempo diretor — residente na Suíça, ou "Schmidtland", como era conhecida na gíria da espionagem, e lá ajudara a lançar as sementes do plano de conjunto "Lucy", brilhantemente bem sucedido, embora tragicamente mal utilizado. Fora até por diversas vezes à Alemanha, como ligação com o "Rote Kapelle", escapando por um triz de ser eliminado com o mesmo. E após a guerra, ao ser transferido para o Ministério do Exterior, cooperara na operação Burgess e Mclean e inúmeras outras destinadas a espionar os Ministérios do Exterior ocidentais. Era um espião profissional até à raiz dos cabelos e estava perfeitamente preparado para opinar sobre os rivais com quem terçara armas toda a sua vida.

O ajudante de ordens, ao lado, não estava tão à vontade. Sentia-se nervoso por ver o R.U.M.I.D. ser alvo de uma interpelação direta, sem estar devidamente documentado. Procurou desfazer a névoa que lhe envolvia o cérebro e apurar os ouvidos, a fim de não perder nenhuma palavra.

— Nesse caso — disse o General Vozdvichensky, cautelosamente — não se deve confundir o indivíduo com o departamento. Todos os países têm bons espiões e nem sempre são as maiores nações que possuem o maior número de agentes nem os mais combativos. Mas os serviços secretos são muito dispendiosos e os pequenos países não podem manter o trabalho de equipe que forma a boa espionagem: os departamentos de falsificações, as redes radiofônicas, as secções de gravação, os arquivos para seleção e confronto dos relatórios dos diversos agentes. Indivíduos que trabalham isoladamente para a Noruega, a Holanda, a Bélgica e até mesmo Portugal, poderiam tornar-se um grande empecilho para nós, se os respectivos países conhecessem o valor dos seus relatórios e soubessem dar-lhes o uso conveniente. Mas não sabem. Em vez de transmitirem informações

para as potências maiores, preferem retê-las, sentindo-se importantes. De forma que não precisamos preocupar-nos com esses pequenos países — fez uma pausa — com exceção da Suécia. Nesta os espões nos vigiam há séculos. Sempre tiveram informações sobre o Báltico mais precisas até mesmo do que a Finlândia ou a Alemanha. São perigosíssimos. Gostaria de por termo às atividades deles.

O general G. interrompeu. — Camarada, sempre existiram escândalos com respeito à espionagem na Suécia. Um a mais não chamará a atenção do mundo. Queira prosseguir.

— A Itália pode ser posta de lado — continuou o general Vozdvichensky, sem parecer notar a interrupção. São espertos e diligentes, mas não nos afetam. Estão interessados apenas no seu próprio quintal: o Mediterrâneo. Pode-se dizer o mesmo da Espanha, exceto pelo fato de que sua contra-espionagem é um grande empecilho para o partido. Perdemos muitos auxiliares excelentes por causa desses fascistas. Mas tentar uma ofensiva contra eles seria, provavelmente, ocasionar novas perdas. E pouco adiantaria. Ainda não estão prontos para a revolução. Na França, embora tenhamos conseguido nos infiltrar em muitos departamentos, o "Deuxième Bureau" continua sagaz e perigoso. O homem que está à sua frente chama-se Mathis. Foi nomeado por Mendès-France. Eis um alvo tentador e não nos seria difícil agir na França.

— A França sabe como cuidar de si mesma — comentou o general G.

— A Inglaterra é um caso à parte. Creio que todos nós respeitamos o seu Serviço Secreto. O general Vozdvichensky olhou ao redor da mesa. Os presentes, inclusive o general G., concordaram com ressentimento. — O seu Serviço de Segurança é excelente. A Inglaterra, por ser uma ilha, tem grandes vantagens estratégicas e o seu M.I.5, como é conhecido, emprega homens cultos e inteligentes. O seu Serviço Secreto é ainda melhor. Tem conseguido sucessos notáveis. Em certos tipos de operação, notamos com frequência que eles chegaram antes de nós. Seus agentes são bons. Pagam-lhes muito pouco (apenas mil ou dois mil rublos por mês), mas eles são dedicados. Mas, esses agentes não têm privilégios na Inglaterra: não são isentos de impostos, nem têm, como nós, lojas especiais para

comprar mais barato. A posição social deles não é elevada e suas esposas têm de passar por esposas de secretários. Raramente lhes é concedida uma condecoração, a não ser quando se aposentam. E assim mesmo esses homens e mulheres continuam a desempenhar tão perigoso trabalho. É interessante. Talvez seja a tradição escolar e universitária. O amor pela aventura. Mas ainda assim é esquisito que se desempenhem tão bem nessas funções, pois não são conspiradores natos. — O general Vozdvichensky sentiu que suas observações poderiam ser qualificadas de muito elogiosas. Tratou rapidamente de retificá-las. — É bem verdade que a sua força reside principalmente em mitos: o mito da Scotland Yard, o de Sherlock Holmes, o do Serviço Secreto. Certamente, não temos nada que temer desses cavalheiros. Mas esse mito é um empecilho do qual seria bom nos livrarmos.

— E os norte-americanos? — O general G. queria por fim à tentativa de Vozdvichensky de exprimir sua admiração pelo Serviço Secreto Britânico. Algum dia, aquela frase sobre a tradição escolar e universitária soaria bem num julgamento. "Só falta", desejou o general G., "ele dizer que o Pentágono é mais forte do que o Kremlin".

— Os norte-americanos possuem o departamento mais rico e maior dentre os nossos inimigos. Tecnicamente, em questões como rádio, armas e equipamento, são os melhores. Mas não têm perfeita compreensão do trabalho. Entusiasmam-se com algum espião balcânico que diz possuir um exército secreto na Ucrânia. Dão-lhe dinheiro suficiente para comprar botas para todo esse exército. Naturalmente, ele vai direto a Paris e gasta o dinheiro com mulheres. Os norte-americanos procuram fazer tudo com dinheiro. Os bons espões não trabalham apenas por dinheiro; apenas os maus o fazem, e desses os norte-americanos possuem legiões.

— Eles têm obtido sucessos, camarada — disse o general G., de maneira melíflua. — Talvez os subestime.

O general Vozdvichensky encolheu os ombros. — Certamente têm obtido sucessos, camarada general. Não se pode lançar um milhão de sementes sem ao menos colher uma batata. Pessoalmente, não creio que os norte-americanos devam ser alvo da atenção desta conferência. — O chefe do R.U.M.I.D. recostou-se na cadeira e pegou

maquinalmente a cigarreira.

— Uma dissertação muito interessante — disse o general G. friamente. — Camarada general Slavin?

O chefe do G. R. U. não tinha a menor intenção de se comprometer para beneficiar o Estado Maior do Exército. — Ouvi com atenção as palavras do camarada general Vozdvichensky. Nada mais tenho a acrescentar. O coronel da Segurança do Estado, Nikitin, da M.G.B., julgou que não seria mau demonstrar que o G.R.U. era demasiadamente tolo para ter alguma idéia e, ao mesmo tempo, fazer uma sugestão modesta que, provavelmente, iria coincidir com a opinião de todos os presentes e que, certamente, estaria na ponta da língua do general G. O coronel Nikitin sabia também que, feita a sugestão a pedido do Presidium, teria o apoio de Serviço Secreto Soviético.

— Proponho que o Serviço Secreto Britânico seja o alvo de nossa missão terrorista — disse com firmeza. O diabo sabe que o meu departamento não os considera um inimigo digno de atenção, mas é o melhor dentre um grupo de medíocres.

O general G. aborreceu-se com o tom de autoridade impresso na voz do outro, e também por lhe haver tirado a vez, visto que também tencionara propor uma ação contra os britânicos. Bateu de leve com o isqueiro sobre a escrivaninha, a fim de manter a liderança. — Então, estamos de acordo, camaradas? Um ato de terrorismo contra o Serviço Secreto Britânico?

Os presentes acenaram, cautelosamente.

— Concordo. E agora escolhamos o alvo específico dentro dessa organização. Recordo-me de que o camarada general Vozdvichensky disse algo a respeito de um mito sobre o qual reside muito dessa apregoada força do Serviço Secreto. Como poderemos ajudar a destruir esse mito e, dessa forma, atingir o próprio âmago dessa organização? Onde reside esse mito? Não podemos destruir todo o seu pessoal de uma só vez. Estará ele no chefe? Quem é o chefe do Serviço Secreto Britânico?

O ajudante de ordens do coronel Nikitin sussurrou-lhe ao ouvido. O coronel decidiu que era uma pergunta que ele poderia e, talvez mesmo, deveria responder.

— É um Almirante. É conhecido pela letra M. Temos um "zapiska" sobre ele, mas não é muito detalhado. Sabemos que bebe pouco. É velho demais para mulheres. O grande público desconhece a existência dele. Será difícil criar um escândalo em torno de sua morte. E não seria fácil matá-lo. Raramente viaja; e matá-lo numa rua de Londres não seria muito elegante.

— Há muita razão no que diz, camarada — falou o general G. Mas estamos aqui para descobrir um alvo que *preencha* os nossos requisitos. Não têm eles ninguém que seja um herói dentro da organização? Alguém que seja admirado e cuja vergonhosa destruição causaria pânico? Os mitos surgem de atos ou indivíduos heróicos. Não possuem eles homens dessa tempera?

Houve silêncio ao redor da mesa, enquanto todos rebuscavam na memória. Tantos nomes a lembrar, tantos fichários, tantas operações bem sucedidas todos os dias, e em todas as partes do mundo. Quem haveria no Serviço Secreto Britânico? Quem seria o homem que...?

Foi o coronel Nikitin quem desfez o embaraçoso silêncio.

Disse, com hesitação: — Há um homem chamado Bond.

Capítulo 6 — AUTORIZAÇÃO DE MORTE

— “Y*b** *nna mat!*” — Essa tremenda obscenidade era uma das favoritas do general G. Sua mão espalmada bateu contra a escrivaninha. — Camarada, certamente há “um homem chamado Bond”, como disse. — Sua voz era sarcástica. — James Bond. — (Pronunciou “Chems”.) E ninguém, nem mesmo eu, conseguia lembrar-se do nome desse espião! Estamos realmente ficando esquecidos. Não é sem motivo que o “Intelligence apparat” é alvo de críticas.

O general Vozdvichensky achou que devia defender-se e ao seu departamento. — Há inúmeros inimigos da União Soviética, camarada general — protestou. — Se desejo os nomes deles, mando procurar no Arquivo Central. É evidente que não desconheço o nome desse tal Bond. Tem sido motivo de nossas preocupações, por diversas vezes. Mas, hoje, a minha memória está povoada por outros nomes; os de pessoas que nos aborrecem atualmente, neste mesmo instante. Interesse-me pelo futebol, mas não posso me recordar do nome de todo jogador estrangeiro que conseguiu fazer um gol contra o Dínamo.

— Prefere gracejar, camarada, disse o General G., com o fito de sublinhar este comentário sem propósito. — O assunto é sério. Reconheço minha falta em não haver me lembrado do nome desse notório agente. Sem dúvida, o camarada Coronel Nikitin continuará a refrescar nossas memórias, mas lembro-me de que, pelo menos, por duas vezes, esse tal Bond conseguiu frustrar as operações da SMERSH. Isso foi — acrescentou — antes de eu assumir o controle do departamento. Houve aquele caso na França, na cidade de um certo Casino. O homem era Le Chiffre. Excelente líder do partido, na França. Tolamente se envolveu em dificuldades monetárias. Mas teria saído delas se Bond não houvesse interferido. Lembro-me de que o Departamento teve de agir depressa e liquidar o francês. O executor

deveria ter feito o mesmo com o britânico, mas não o fez. Depois, houve aquele caso de um negro, nosso partidário, no Harlem. Grande tipo; um dos maiores agentes estrangeiros que jamais tivemos e com uma rede muito bem montada, para apoiá-lo. Houve qualquer coisa sobre um tesouro nas Caraíbas. Esqueço-me dos detalhes. O inglês foi enviado pelo Serviço Secreto, desmantelou a organização e matou o nosso agente. Foi uma grande derrota. Meu predecessor deveria, novamente, ter agido com o máximo rigor, em relação a esse espião inglês.

Foi interrompido pelo coronel Nikitin. — Tivemos experiência similar no caso do alemão, Drax, e do teleguiado. Deve lembrar-se do caso, camarada general. Uma "konspiratsia" muito importante. O Estado Maior estava profundamente interessado. Era uma questão de alta política que poderia dar bons frutos. Mas foi, novamente, esse tal Bond quem frustrou nossa atividade. Tivemos um período de sérias dificuldades que somente foram solucionadas a custo.

O general Slavin, do G.R.U., achou que deveria dizer alguma coisa. O teleguiado fizera parte de um plano do Exército, e seu insucesso foi atribuído ao G.R.U. O coronel Nikitin sabia perfeitamente disso. Como sempre, a M.G.B. tentava prejudicar o G.R.U., desenterrando fatos passados, como agora. — Fizemos um requerimento pedindo que a sua secção tomasse conta do homem, camarada coronel — disse ele, friamente. — Não me recordo de que esse nosso pedido tenha motivado qualquer providência. Se tivesse, não estaríamos agora tendo de preocupar-nos com ele.

As têmperas do coronel Nikitin pulsaram de raiva. Controlou-se. Falou em tom alto e sarcástico. — Com o respeito devido, camarada general: o requerimento do G.R.U. não foi confirmado pelas autoridades supremas. Não se desejava maiores questões com a Inglaterra. Talvez esse detalhe lhe tenha escapado à memória. Em todo caso, se tal requerimento houvesse chegado à M.G.B., teria sido encaminhado à SMERSH para as providências necessárias.

— Meu departamento não recebeu tal proposta — disse o general G., com energia. Se houvesse recebido, a execução do homem teria sido imediata. Mas não é este o momento para discutirmos questões passadas. O caso do teleguiado foi há três anos atrás. Talvez a M.G.B.

possa nos dizer algo sobre as mais recentes atividades desse homem.

O coronel Nikitin conferenciou rapidamente, em tom baixo, com o ajudante de ordens. Voltou-se para a mesa. — Temos pouco a acrescentar, camarada general — disse, pondo-se na defensiva. — Creio que tomou parte num caso de contrabando de diamantes. Foi no ano passado. O caso não era de nosso interesse; foi entre a África e a América. Desde então, não temos outras notícias dele. Talvez haja maiores informações registradas na ficha.

O general G. concordou. Apanhou o receptor do telefone que estava mais próximo. Este era o chamado "Kommandant Telefon" da M.G.B. Todas as linhas eram diretas, sem passar pelo controle central. Discou um número. — Arquivo Central? Fala o general Grubozaboyschikov. Quero o "zapiska" de Bond, espião inglês. Com urgência. — Esperou a pronta resposta. — Imediatamente, camarada general — e desligou o telefone. Olhou para os componentes da mesa, com autoridade. — Camaradas, sob muitos pontos de vista, esse espião parece ser o alvo indicado. Demonstra ser um perigoso inimigo de Estado. Seu extermínio será um benefício para todos os departamentos do nosso "apparat" secreto. De acordo?

Seus ouvintes grunhiram, em sinal de assentimento.

— Além disso, sua perda será sentida pelo Serviço Secreto. Mas terá outro proveito? Irá prejudicá-los seriamente? Ajudará a destruir esse mito do qual falávamos? Esse homem é realmente um herói para a sua organização e para o seu país?

O general Vodzvichensky achou que a pergunta era dirigida a ele. Respondeu-a. — Os ingleses não se interessam por heróis, a menos que estes sejam jogadores de futebol, ou de "cricket", ou sejam jôqueis. Se um homem escala uma montanha ou é um bom corredor, será um herói para um grupo reduzido, mas não para a grande massa. A rainha da Inglaterra é também um herói nacional, assim como Churchill. Mas os ingleses não estão muito interessados em heróis militares. Esse tal Bond é desconhecido para o público. Ainda que fosse conhecido, não seria um herói. Na Inglaterra, a guerra declarada ou fria não é objeto de culto. Seu povo não gosta de pensar nela e, quando termina, o nome de seus heróis militares é esquecido o mais depressa possível. Dentro do Serviço Secreto, esse homem pode ou

não ser um ídolo. Isso depende da sua aparência e das suas características pessoais. Sobre elas, nada sei. Pode ser gordo, sebento e desagradável. Ninguém transforma em herói um tipo desses, por maior que seja o sucesso.

Nikitin interrompeu. — Os espões ingleses que capturamos tinham-no em alto conceito. Sem dúvida, é muito admirado no departamento dele. Dizem que é um lobo solitário, e de muito boa aparência.

A cigarra do telefone interno, do escritório, soou baixinho. O general G. ergueu o receptor, ouviu por alguns instantes, depois disse: — Traga-os. Ouviu-se uma batida à porta. O ajudante de ordens entrou sobraçando uma grande pasta-arquivo, com capa de papelão. Atravessou a sala e colocou a pasta sobre a escrivaninha, em frente ao general, e tornou a sair, fechando a porta suavemente, atrás de si.

A capa do arquivo era negra e brilhante. Era atravessada, em diagonal, por uma larga faixa branca, que corria do lado superior, direito, até o canto esquerdo, inferior. Na parte superior, do lado esquerdo, via-se pintado em branco "S.S.", e sob esse dístico, "SOVERSHENNOE SEKRETN", ou Segredo de Estado. Ao centro, em destacadas letras brancas, "JAMES BOND", e mais abaixo "Angliski Spion".

O general G. abriu a pasta e dela tirou um grande envelope contendo fotografias, o qual esvaziou sobre a superfície do vidro de sua escrivaninha. Pegou-as uma a uma. Examinou-as detidamente, por vezes através de uma lente que retirou de uma gaveta, e passou-as a Nikitin, o qual por sua vez as entregou aos demais, depois de olhá-las.

A primeira era datada de 1946. Mostrava um jovem moreno sentado a uma das mesas externas de um café ensolarado. À sua frente, via-se um copo alto e uma garrafa de soda. O antebraço direito estava apoiado sobre a mesa, e um cigarro achava-se preso entre os dedos da mão direita, que pendia negligentemente. As pernas estavam cruzadas, numa atitude que somente os ingleses adotam: o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, e a mão esquerda segurando o primeiro. Era uma pose descuidada. O homem não sabia que estava sendo fotografado de algum ponto a vinte pés de distância.

A seguinte estava datada de 1950. Não era nítida, mas mostrava o

rosto e os ombros do mesmo homem. Era um instantâneo e Bond aparecia olhando cautelosamente, os olhos semicerrados, para alguma coisa, talvez para a face do fotógrafo logo acima das lentes. A câmera deveria ter sido uma dessas miniaturas de lapela, pensou o general G.

A terceira era de 1951. Tomada do lado esquerdo, e bem próxima, mostrava o mesmo homem, num terno escuro, sem chapéu, caminhando por uma larga rua deserta. Passava ele por uma loja fechada, cujo dístico indicava "Charcuterie". Parecia dirigir-se com urgência a algum lugar. O perfil bem cinzelado apontava para a frente e a curva do cotovelo direito indicava que sua mão devia estar no bolso do casaco. O general G. pensou que essa fotografia provavelmente fora tirada de dentro de um carro. Achou que a aparência decidida do homem e seu andar elástico pareciam perigosos, como se ele se dirigisse em direção a algum tumulto que estivesse acontecendo no fim da rua.

A quarta e última fotografia estava marcada "Passe, 1953". No canto inferior direito, apareciam a borda do selo real e as letras "...REIGN OFFICE" dentro do segmento de um círculo. A fotominiatura talvez tivesse sido tirada na fronteira, ou por algum hotelheiro a quem Bond apresentara o passaporte. O general G. examinou-a detidamente com a lente.

Mostrava um rosto moreno, de traços bem marcados, com uma longa cicatriz esbranquiçada sobre a pele queimada, na face direita. Os olhos eram grandes e horizontais, sob negras sobrancelhas retas, e um tanto longas. O cabelo era negro, repartido do lado esquerdo e descuidadamente penteado de molde a permitir que uma espessa mecha caísse sobre a fronte direita. O nariz longo e reto encimava a boca rasgada e finamente modelada, um tanto cruel, e com um lábio superior curto. A linha do queixo era reta e firme. A fotografia era completada por uma nesga do terno escuro, da camisa branca e da gravata de crochê preta.

O general G. esticou o braço e olhou a fotografia à distância. Podia ver as seguintes qualidades: decisão, autoridade e crueldade. Não se importava com o que mais pudesse sentir esse homem. Passou a fotografia aos outros e voltou sua atenção para o arquivo, olhando brevemente cada página e virando bruscamente a seguinte.

As fotografias foram-lhe devolvidas. Apontou com o dedo o lugar onde parará a leitura e ergueu os olhos. — Parece ser um indivíduo perigoso — disse em tom severo. — Sua história o confirma. Lerei alguns trechos. Depois decidiremos. Já está ficando tarde. — Voltou para a primeira página e selecionou os trechos que lhe chamaram a atenção.

— Primeiro nome: JAMES. Altura: 1 metro e 83; peso: 76 quilos; compleição esguia; olhos: azuis; cabelos: pretos; cicatriz na face direita e no ombro esquerdo; sinais de cirurgia plástica no dorso da mão direita (ver adendo "A") ; atleta versátil; perito em tiro de pistola, boxe e arremesso de faca; não usa disfarces. Idiomas: francês e alemão. Fuma em excesso (N.B.: cigarros especiais com três faixas douradas) ; vícios: bebida, mas não em excesso, e mulheres. Não parece ser passível de suborno.

O general G. pulou uma página e continuou:

— Esse homem está sempre armado com uma Beretta automática .25, que carrega numa cartucheira debaixo do braço esquerdo. O pente da arma dá para oito balas. Dizem que usa uma faca atada ao antebraço esquerdo; já usou sapatos com ponteiros de aço; conhece os golpes básicos de judô. Em geral, luta com tenacidade e tem grande tolerância pela dor (ver adendo "B").

O general G. folheou outras páginas que continham excertos dos relatórios dos agentes, dos quais haviam sido tiradas essas informações. Chegou à última página antes dos adendos, a qual continha trechos dos casos nos quais se envolvera Bond. Volveu os seus olhos para as últimas linhas, e leu: — Conclusão. Este homem é um perigoso espião e terrorista profissional. Trabalha para o Serviço Secreto Britânico desde 1938 e atualmente (ver a ficha Highsmith de dezembro de 1950) tem o número secreto "007", desse Serviço. Os dois zeros significam que já cometeu um assassinio, e teve o privilégio de fazê-lo em ação. Julga-se que apenas dois outros agentes britânicos gozam desse mesmo privilégio. O fato de que esse espião tenha sido condecorado com o C.M.G., em 1953, comenda geralmente só concedida em casos de aposentadoria, dá a medida do seu valor. Se for encontrado em campo, o fato e todos os detalhes devem ser informados ao quartel-general (consultar as Ordens Expressas da

SMERSH, M.G.B. e G.R.U., de 1951 em diante).

O general G. fechou a pasta e lançou a mão espalmada, com decisão, sobre a capa. — Bem, Camaradas. Estamos de acordo?

— Sim — disse o coronel Nikitin, em alta voz.

— Sim — respondeu o general Slavin em tom aborrecido.

O general Vozdvichensky olhava para as unhas. Estava farto de mortes. Havia gostado do tempo que passara na Inglaterra. — Sim — disse. — Creio que sim.

A mão do general G. dirigiu-se para o telefone da linha interna. Falou com o ajudante de ordens. — Autorização de morte — falou bruscamente. — Dada contra James Bond. — Soletrou o nome. — Descrição: "Angliski Spion". Crime: "Inimigo do Estado." Desligou o telefone e inclinou-se para frente. — E agora temos apenas de elaborar uma "konspiratsia" apropriada. E uma que não falhe! — Sorriu cruelmente. — Não podemos ter outro caso como o Khoklov.

A porta abriu-se e o ajudante de ordens entrou trazendo uma folha de papel de cor amarelo-clara. Colocou-a em frente ao general G., e saiu. Este correu os olhos sobre o papel e escreveu: "Deve ser morto. Grubozaboyschikov", no cabeçalho do largo espaço em branco, ao fim da página. Passou o papel para o representante da M.G.B., que escreveu, depois de o ler: "Matem-no. Nikitin", e passou-o por cima da mesa ao chefe do G.R.U. que também escreveu "Matem-no. Slavin". Um dos ajudantes de ordens passou o papel ao civil que se achava ao lado do representante do R. U. M. I. D. Ele o colocou em frente ao general Vozdvichensky e deu-lhe uma caneta.

Este leu o documento, cuidadosamente. Ergueu os olhos, vagarosamente, para o general G. que o observava e, sem baixá-los, garatujou um "Matem-no", mais ou menos sob as demais assinaturas, e firmou a seguir o seu próprio nome. Depois disso, retirou as mãos de sobre o papel e levantou-se.

— É só, camarada general? — perguntou, enquanto empurrava a cadeira.

O general G. estava satisfeito. Sua intuição sobre o outro fora correta. Teria de mantê-lo sob vigilância e transmitir suas suspeitas ao general Serov. — Um momento, camarada general — disse. — Tenho algo mais a acrescentar à autorização.

O documento foi-lhe devolvido. Tomou da caneta e rabiscou o que escrevera. Tornou a escrever, ditando os termos.

— Deve ser morto COM IGNOMÍNIA. Grubozaboyschikov.

Ergueu os olhos e sorriu satisfeito para os demais. — Obrigado, camaradas. E' só. Transmitir-lhes-ei a decisão que o Presidium tomar a respeito de nossa deliberação. Boa noite.

Depois que a conferência se dissolveu, o general G. ergueu-se, espreguiçou-se e bocejou sonoramente. Tornou a sentar-se à escrivaninha, desligou o gravador de fita e tocou a campainha para chamar o ajudante de ordens. Este entrou e parou ao lado da mesa.

O general G. deu-lhe o papel amarelo. — Envie isto ao general Serov, imediatamente. Descubra onde está Kronsteen e mande buscá-lo de carro. Não me interessa que já esteja deitado. Terá de vir. O Otdyel II saberá onde encontrá-lo. E quero ver a coronel Klebb dentro de dez minutos.

— Sim, camarada general. — O homem saiu da sala. O general G. apanhou o receptor marcado V.Ch. e chamou o general Serov. Falou calmamente durante cinco minutos. Por fim, disse: — Estou agora em vias de transmitir as tarefas à coronel Klebb e a Kronsteen, o planificador. Discutiremos o esboço de uma "konspiratsia" adequada e eles deverão trazer-me, amanhã, suas propostas detalhadas. Tudo certo, camarada general?

— Sim — respondeu a voz calma do general Serov, membro do alto Presidium. — Mate-o. Mas veja que isso seja bem feito. O Presidium ratificará a decisão, pela manhã.

A linha foi desligada. O telefone interno tocou. O general G. disse — Sim — no receptor e tornou a colocá-lo no lugar.

Um instante depois, o ajudante de ordens abriu a grande porta e colocou-se à entrada. — Camarada coronel Klebb — anunciou.

Uma figura semelhante a um sapo, envolta em uniforme verde-oliva, sobre o qual aparecia isoladamente a fita vermelha da Ordem de Lenine, entrou na sala e dirigiu-se com passos rápidos e curtos para a escrivaninha.

O general G. ergueu o olhar e apontou para a cadeira mais próxima, na mesa de conferências. — Boa noite, camarada.

O rosto achatado abriu-se num sorriso meloso. — Boa noite,

camarada general.

A chefe do Otdyel II, o departamento da SMERSH a cargo de Operações e Execuções, ergueu um pouco a saia e sentou-se.

Capítulo 7 — O MAGO DE GELO

Os dois mostradores do relógio duplo, guarnecido por uma caixa em forma de cúpula, olhavam para o tabuleiro de xadrez como os olhos de imenso monstro de mar que espreitasse à borda da mesa, para assistir ao jogo.

Os dois mostradores indicavam horas diferentes. O de Kronsteen marcava uma hora menos vinte minutos. O longo pêndulo vermelho que marcava os segundos movia-se no seu balançar "staccato", na parte inferior do mostrador, enquanto o relógio do adversário mantinha-se silencioso, o seu pêndulo imóvel ao longo do mostrador. Este era o relógio de Makharov e indicava cinco minutos para uma hora. O jogador estava "fora de tempo" e, a menos que Kronsteen cometesse algum erro idiota, o que era pouco provável, estaria derrotado.

Kronsteen permanecia imóvel e ereto, tão malevolamente imperscrutável quanto um papagaio. Seus cotovelos estavam sobre a mesa e sua enorme cabeça descansava sobre os punhos cerrados, que lhe comprimiam as faces, retorcendo os lábios num ricto de altivez e desdém. Sob a testa larga e saliente, os olhos negros e oblíquos miravam com absoluta calma o tabuleiro. Mas, atrás dessa máscara, o sangue pulsava no dínamo que era o seu cérebro, e na fronte direita uma veia saliente qual um verme latejava a mais de noventa. Nas últimas duas horas e dez minutos, perdera uma libra de peso, pela transpiração, e o espectro de um lance errado ainda o sufocava. Mas para Makharov, e para os espectadores, ele ainda era o "Mago de Gelo", que jogava como se comesse um peixe. Primeiro arrancava a pele, depois separava as espinhas e, finalmente, comia o peixe. Kronsteen fora campeão de Moscou dois anos seguidos. Disputava agora a final para a terceira vez e, se ganhasse, seria candidato ao campeonato máximo.

Em meio ao silêncio dos circunstantes que se mantinham por trás dos cordões de isolamento que rodeavam a mesa, não se ouvia outro som que não fosse o proveniente do relógio de Kronsteen. Os dois

árbitros mantinham-se imóveis em suas poltronas. Sabiam, tão bem quanto Makharov, que o xeque era inevitável. Kronsteen introduzira uma brilhante inovação na variação Meran do gambito declarado da Rainha. Makharov pudera segui-lo até o 28.º lance. Aí, então, perdera tempo. Cometera, talvez, um erro nesse lance, ou talvez ainda tivesse sido no 31.º ou no 33.º. Quem poderia dizer? Esse jogo seria comentado em toda a Rússia, semanas a fio.

Ouviu-se um suspiro partido das arquibancadas superlotadas para a assistência do campeonato. Kronsteen retirara vagarosamente a mão direita de sobre o rosto e a estendera em direção ao tabuleiro. Seu polegar e o indicador abriram-se como as pinças de um caranguejo, e moveram-se para baixo. A mão, segurando uma das peças, ergueu-se, dirigiu-se para um lado e tornou a baixar. Depois, vagarosamente, foi levada novamente para o rosto.

Os expectadores agitaram-se e sussurraram ao verem o resultado do 41.º lance afixado nos grandes mapas indicadores, sobre a parede. R-Kt8. Devia ser o lance final!

Kronsteen curvou-se, de maneira estudada, e desligou a alavanca sob o seu relógio. O pêndulo vermelho parou. Seu mostrador indicava uma hora menos um quarto. Ao mesmo tempo, o pêndulo do relógio de Makharov pôs-se em movimento e começou sua batida forte e inexorável.

Kronsteen recostou-se. Espalmou as mãos sobre a mesa e olhou friamente para o rosto brilhante e abaixado do adversário, cujas emoções podia calcular, visto que também conhecera a derrota no início, e que devia estar-se retorcendo intimamente, como uma enguia transpassada por um dardo. Makharov, campeão da Geórgia. Bem, no dia seguinte o camarada Makharov iria de volta para a Geórgia e ficaria lá. Tudo indicava que, nesse ano, ele não se mudaria com a família para Moscou.

Um homem em trajes civis passou por sob as cordas e cochichou alguma coisa a um dos árbitros. Entregou-lhe um envelope branco. O árbitro abanou a cabeça, ao mesmo tempo que apontava para o relógio de Makharov, que marcava nesse instante três minutos para a uma. O homem à paisana cochichou uma frase curta que fez o árbitro abaixar a cabeça, amuado. Tocou uma campainha.

— Há uma mensagem urgente e pessoal para o camarada Kronsteen — anunciou ao microfone. — Haverá um receso de três minutos.

Um murmúrio percorreu a sala. Embora Makharov, cortesmente, erguesse os olhos do tabuleiro e permanecesse imóvel, olhando fixamente para o teto alto e abobadado, os espectadores sabiam que todas as posições do jogo lhe estavam gravadas na memória. Essa pausa significava apenas três minutos de vantagem para Makharov.

Kronsteen sentiu o mesmo desapontamento, mas seu rosto permaneceu impassível enquanto o árbitro deixou a poltrona e entregou-lhe um envelope comum, sem nenhum endereço. Kronsteen abriu-o com o polegar e dele tirou a folha de papel, de procedência ignorada. Nela estavam impressas, nos caracteres que ele tão bem conhecia, as seguintes palavras: "SUA PRESENÇA É SOLICITADA COM URGÊNCIA". Nenhuma assinatura, nem tampouco endereço.

Kronsteen dobrou o papel e colocou-o cuidadosamente no bolso interno do paletó. Mais tarde, precisaria devolvê-lo, para que fosse destruído. Olhou para o rosto do homem em trajes civis, que estava ao lado do árbitro. Os olhos dele fitavam-no com impaciência e autoritarismo. "Vão para o inferno", pensou Kronsteen. *Não* iria desistir, quando faltavam apenas três minutos. Era inconcebível. Seria um insulto para o esporte do povo. Mas, ao fazer para o árbitro o gesto de que o jogo iria continuar, tremia intimamente, e evitava os olhos do emissário que permanecia imóvel, do lado de dentro das cordas.

A campainha soou. Prossegue o jogo. Makharov baixou vagarosamente a cabeça. O ponteiro do seu relógio passara da uma e ele permanecia incólume.

Kronsteen continuava a tremer intimamente. O que fizera não era admissível a um funcionário da SMERSH ou de qualquer outro departamento do Estado. Certamente seria delatado. Desobediência flagrante. Negligência no dever. Quais seriam as conseqüências? Na melhor das hipóteses, uma repreensão do general G. e uma observação no "zapiska". E na pior hipótese? Kronsteen não podia calcular. Não gostava de pensar nisso. Fosse lá o que acontecesse, o sabor da vitória tornara-lhe amargo na boca.

Mas o fim chegara. Com apenas cinco segundos a seu favor,

Makharov ergueu os olhos desanimados à altura dos lábios contraídos do oponente e baixou a cabeça na breve e formal admissão da derrota. Ao duplo soar da campainha do árbitro, todos os espectadores ergueram-se em tremenda ovação.

Kronsteen ergueu-se e curvou-se para o contendor, para os árbitros e, finalmente, para os espectadores. Depois, seguido de perto pelo homem à paisana, passou por baixo das cordas e abriu caminho fria e rudemente, por entre a multidão dos seus entusiastas admiradores, em direção à porta de saída.

Do lado de fora do salão de Competições, no meio da vasta Pushkin Ulitza, estava o habitual "sedan" ZIK, preto, com o motor em movimento. Kronsteen dirigiu-se para o assento traseiro e fechou a porta. Enquanto o emissário pulava para o estribo e se acomodava na parte dianteira, o motorista engatou a marcha e o carro disparou pela rua.

Kronsteen sabia que não valia a pena apresentar desculpas ao guarda à paisana. Seria também contrário à disciplina. Afinal, era o chefe do Departamento de Planificação da SMERSH, com a patente honorária de coronel. O cérebro dele valia um tesouro para a organização. Talvez conseguisse justificar sua atitude. Olhou pela janela para as ruas escuras, molhadas pelo esquadrão noturno de limpeza, e dedicou-se a engendrar uma defesa. Passaram, então, por uma rua estreita, no fim da qual se via a lua emoldurada pelos minaretes do Kremlin, e chegaram ao destino.

Quando o guarda apresentou Kronsteen ao ajudante de ordens, entregou-lhe ao mesmo tempo um pedaço de papel. O militar leu-o por alto, semi-ergueu as sobrancelhas e dirigiu a Kronsteen um olhar frio. Este devolveu o olhar, sem nada dizer. O ajudante de ordens encolheu os ombros, agarrou o telefone interno e anunciou sua presença.

Quando entraram no salão, depois que havia sido indicada uma cadeira a Kronsteen e este acenara ligeiramente em resposta ao sorriso contraído da coronel Klebb, o ajudante de ordens dirigiu-se ao general G. e entregou-lhe o pedaço de papel. O general leu-o e olhou severamente para Kronsteen. Depois que a porta se fechara, o general disse suavemente: — E então, camarada?

Kronsteen estava calmo. Sabia qual a versão que seria aceita. Falou calmamente e com autoridade. — Para o público, camarada general, eu sou um jogador profissional de xadrez. Esta noite, tornei-me campeão de Moscou pelo terceiro ano consecutivo. Se, ao faltarem apenas três minutos, houvesse eu recebido um recado de que minha esposa estava sendo assassinada no lado de fora da porta do salão de competições, não teria erguido um só dedo para ajudá-la. Meu público sabe disso. São tão dedicados ao jogo quanto eu mesmo. Esta noite, se tivesse desistido do jogo e vindo imediatamente, ao receber a mensagem, cinco mil pessoas saberiam que ela só podia ser proveniente de um departamento como este. Haveria uma avalanche de boatos. Daí por diante, todos os meus passos seriam vigiados, para obterem uma pista. Seria o fim do meu anonimato. No interesse da Segurança do Estado, esperei três minutos antes de cumprir a ordem. Assim mesmo, minha saída apressada será alvo de muitos comentários. Precisaré dizer que um dos meus filhos está gravemente enfermo. Enviá-lo-ei a um hospital, durante uma semana, para corroborar essa versão. Mas a decisão foi difícil. Fiz o que julguei ser melhor para os interesses do Departamento.

O general G. mirou pensativamente os olhos negros e oblíquos do outro. O homem era culpado, mas a defesa fora boa. Leu novamente o papel, como se medisse a gravidade da ofensa, depois pegou o isqueiro e queimou a folha. Deixou cair sobre o vidro da escrivaninha o canto incendiado da folha, e soprou as cinzas para o chão. Não deixou transparecer nada do que estava pensando, mas o fato de que a prova fora queimada era tudo quanto importava a Kronsteen. Agora, nenhuma anotação seria feita no "zapiska". Sentia-se profundamente aliviado e grato. Daria o maior da sua capacidade para o caso em questão. O general havia demonstrado grande clemência. Kronsteen retribuía com o brilho da sua inteligência.

— Pegue as fotografias, camarada coronel — disse o general G., como se não houvesse existido aquela breve corte-marcial. O caso é o seguinte...

"Trata-se de outra morte", pensou Kronsteen enquanto o general falava e ele examinava a face morena e destemida, reproduzida naquele fragmento de fotografia de um passaporte. Enquanto

Kronsteen ouvia apenas pela metade o que o general falava, foi assimilando os fatos principais. "Espião inglês. Deseja-se um grande escândalo. Os soviéticos não devem aparecer. Hábil atirador. Queda por mulheres (portanto, não é homossexual). Bebe (mas não há referência a drogas). Não é passível de suborno (quem sabe? todo homem tem seu preço). Não haveria limite para as despesas. Todo o equipamento e pessoal disponível de todos os departamentos. A vitória deve ser alcançada dentro de três meses. Para já um esboço da ação. Os detalhes virão depois."

O general G. fixou seu olhar penetrante na coronel Klebb. — Quais as suas deduções, camarada coronel?

Os vidros quadrados dos óculos sem aro rebrilharam à luz do candelabro, quando a mulher soergueu o corpo e olhou para o general, no lado oposto da escrivaninha. Os lábios pálidos e úmidos, sob o buço claro e manchado de nicotina, abriram-se e começaram a mover-se rapidamente, enquanto a mulher externava opiniões. Para Kronsteen, que a observava do outro lado da mesa, aqueles lábios que se abriam inexpressivamente, formando uma figura quadrada, fizeram-no lembrar-se do balbuciar inarticulado de um boneco de mola.

A voz era rouca, insípida e inexpressiva — ... lembra, sob certos aspectos, o caso Stolzenberg. Se bem se lembra, camarada general, também se tratava de destruir uma reputação e uma vida. Nessa ocasião, o assunto foi simples. O espião era também um pervertido. Como deve lembrar-se...

Kronsteen deixou de ouvir. Conhecia todos os casos. Planejara a maioria deles e os arquivava na memória como tantos outros gambitos do jogo de xadrez. Em vez de ouvir, entreteve-se a examinar o rosto daquela horrível mulher, imaginando quanto tempo mais ela duraria no seu posto e por quanto tempo ainda ele teria de trabalhar com ela.

Horrível? Kronsteen não se interessava por seres humanos, nem mesmo os seus filhos. Em seu vocabulário não havia lugar para as categorias de "bom" ou "mau". Para ele, todas as pessoas eram peças de xadrez. Interessava-se apenas pelas suas reações ante o movimento de outras peças. Grande parte do seu trabalho consistia em prever essas reações, e para isso era necessário compreender as

características individuais. Os instintos básicos eram imutáveis. Pela ordem: instinto de conservação, sexo e necessidade de associação. Os temperamentos podiam ser sanguíneos, fleugmáticos, coléricos ou melancólicos. O temperamento de um indivíduo influiria grandemente sobre a relativa força das suas emoções e dos seus sentimentos. O caráter dependeria muito da educação e, a despeito do que Pavlov e seus seguidores podiam dizer, até certo ponto do caráter dos pais. E, naturalmente, a vida e o comportamento das pessoas estaria parcialmente condicionado à maior ou menor resistência física.

Era considerando essas classificações básicas, que a mente calculista de Kronsteen procurava enquadrar aquela mulher do outro lado da mesa. Pela centésima vez, ele a analisava, mas, como teriam pela frente semanas de trabalho em conjunto, não seria mau refrescar a memória, a fim de que a súbita intrusão do elemento humano nas suas relações não o apanhasse de surpresa.

Era evidente que Rosa Klebb tinha um grande desejo de sobreviver, ou não se teria tornado a mulher mais poderosa do Estado e, certamente, a mais temida. Kronsteen lembrava-se de que a sua ascensão começara na época da guerra civil espanhola. Nessa época, como dupla agente no P.O.U.M. (isto é, trabalhando tanto para a G.P.U. de Moscou como para a espionagem comunista da Espanha), fora o braço direito e, pelo que diziam, também a amante do seu chefe, o famoso Andrés Nin. Trabalhara com ele de 1935 a 37. Depois, conforme ordens de Moscou, ele fora assassinado, segundo rumores, por ela própria. Fosse isso verdade ou não, o fato é que, a partir desse momento, ela iniciou, vagarosa mas seguramente, a escalada do poder, ultrapassando obstáculos, sobrevivendo a guerras e a todos os expurgos, visto não ter compromissos e não se filiar a facções, até que, em 1953, com a morte de Beria, aquelas mãos ensanguentadas alcançaram um dos poucos degraus superiores, o de chefe do Departamento de Operações da SMERSH.

E ainda, refletiu Kronsteen, grande parte do seu sucesso era devido ao seu segundo instinto mais importante: o sexo. Pois, Rosa Klebb indubitavelmente pertencia ao mais raro dos tipos sexuais: era neutra, Kronsteen estava certo disso. As histórias que corriam acerca de homens, e até mesmo de mulheres, eram por demais evidentes para

serem postas em dúvida. Ela podia satisfazer-se pelo ato físico em si, mas o instrumento era o menos. Para ela, o sexo nada mais era do que um prurido. E essa neutralidade psicológica e fisiológica aliviava-a das emoções, sentimentos e desejos humanos. A neutralidade sexual é a essência da frieza num indivíduo. É uma grande e excepcional vantagem possuí-la.

A sua necessidade de associação era também inexistente. Sua volúpia do poder exigia que ela fosse um lobo e não um cordeiro. Vivia só, mas não se sentia isolada, visto que o calor de uma companhia lhe era desnecessário. E, naturalmente, quanto ao temperamento, era fleumática: imperturbável, tolerante à dor, lerda. A preguiça devia ser o seu vício marcante, pensou Kronsteen. Devia ser difícil tirá-la, pela manhã, da cama quente e pouco higiênica. Seus hábitos pessoais seriam descuidados, até mesmo sem asseio. Não parecia agradável, continuou Kronsteen, ver-se o lado íntimo da sua vida, quando em repouso, longe do serviço. Os lábios de

Kronsteen contraíram-se a esse pensamento. E mentalmente procurou outro objetivo, passando rapidamente pelo caráter dela, que, a julgar pela aparência, denotava esperteza e força.

Rosa Klebb devia estar beirando os cinquenta anos, presumiu baseando-se na data da guerra espanhola. Estatura baixa, cerca de um metro e sessenta, atarracada, os braços e o pescoço curtos, assim como os tornozelos das grossas pernas envoltas em meias pardas, eram muito fortes para uma mulher. "Só o diabo, sabe", pensou Kronsteen, "o formato dos seus seios", mas o volume formado pelo uniforme, sobre a superfície da mesa, dava a idéia de um saco de areia mal empacotado. E, de maneira geral, o seu físico, com os volumosos quadris em forma de pêra, só podia ser comparado a um violoncelo.

Os semblantes das tricoteiras da Revolução Francesa deviam ser semelhantes aos dela, decidiu Kronsteen, recostando-se na cadeira e inclinando a cabeça, ligeiramente, para um lado. O ralo cabelo alaranjado, repuxado para trás, terminava num coque apertado e antiestético. Os brilhantes olhos castanho-amarelados encaravam friamente o general G., através das lentes quadradas, assentadas sobre o nariz de poros abertos, coberto por uma grossa camada de pó. A boca úmida parecia uma armadilha que se abria e fechava, como se

fosse acionada por fios ocultos sob o queixo.

Aquelas mulheres francesas, que aguardavam a queda da guilhotina, enquanto tricotavam e conversavam, deviam ter aquele mesmo tipo de pele esbranquiçada e grosseira como a de uma galinha, formando bolsas sob os olhos, nos cantos da boca, e sob os maxilares; bem como as mesmas orelhas de camponês, e o mesmo tipo de punhos fortes e de covas bem pronunciadas, como maçanetas, os quais, no caso da russa, achavam-se fortemente cerrados sobre a superfície de veludo vermelho da mesa, ladeando o busto exuberante. E seus rostos, concluiu Kronsteen, deviam ter demonstrado a mesma frieza, crueldade e tenacidade como o dessa *horrível* (permitiu-se a expressão) mulher da SMERSH.

— Obrigado, camarada coronel. Sua tomada de posição foi valiosa. E agora, camarada Kronsteen, tem alguma coisa a acrescentar? Por favor, seja breve. São duas horas e todos nós temos um dia de grande trabalho à nossa frente. — Os olhos do general G., injetados pelo cansaço e pela falta de sono, fixaram do outro lado da mesa o olhar vago do interlocutor, rebrilhando sob a fronte saliente. Não havia necessidade de dizer-lhe que fosse breve. Kronsteen nunca fora muito prolixo, mas cada uma de suas palavras equivalia a discursos de todo o resto da corporação.

Kronsteen já sabia o que dizer, do contrário não teria permitido que seus pensamentos divagassem, por tanto tempo, sobre aquela mulher.

Inclinou vagarosamente a cabeça para trás e fixou o teto sem realmente vê-lo. Sua voz era muito suave, mas tinha aquele tom de autoridade que prende a atenção.

— Camarada general, foi um francês chamado Fouché, sob certos aspectos um seu predecessor, que fez a seguinte observação: de nada vale matar um homem, se não se destrói, ao mesmo tempo, a sua reputação. Naturalmente, será muito fácil matar esse tal Bond. Qualquer assalariado húngaro o faria, desde que previamente instruído. A segunda parte do plano, a destruição da reputação desse homem, é a parte mais importante e também a mais difícil. A esta altura, sei apenas que o ato deve ser executado fora da Inglaterra, e num país no qual tenhamos penetração, quer na imprensa, quer no

rádio. Se me perguntar como faremos para levar o homem a um tal lugar, posso apenas dizer-lhe que, se a isca for bastante importante e sua captura depender desse homem apenas, ele será enviado para lá de onde quer que esteja. Para evitar que isso pareça uma armadilha, sugiro que se dê a tal chamariz um toque de excentricidade, algo fora do comum. Os ingleses orgulham-se da sua excentricidade. Tudo o que lhes apareça sob essa forma é tomado como um desafio. Valho-me, em parte, destes conhecimentos sobre a sua psicologia para crer que eles mandem esse importante agente para capturar a isca.

Kronsteen baixou a cabeça dirigindo o olhar para um ponto acima do ombro do general G.

— Passo agora a descrever a armadilha — disse, com indiferença. — No momento, posso apenas dizer que, se a isca obtiver sucesso em atrair sua vítima, precisaremos de um assassino com perfeito domínio da língua inglesa.

Os olhos de Kronsteen dirigiram-se para a superfície de veludo vermelho, da mesa. Pensativamente, como se isso fosse a essência do problema, acrescentou: — Precisaremos também de uma jovem de confiança e que seja extremamente bela.

Capítulo 8 — O BELO CHAMARIZ

SENTADA à janela do seu quarto e olhando para a serena tarde de junho, aos primeiros tons rosa do poente refletidos nas vidraças do outro lado da rua, e para o distante minarete de uma igreja que flamejava como uma tocha sobre o horizonte irregular dos telhados de Moscou, a funcionária da Segurança do Estado, cabo Tatiana Romanova, concluiu que estava mais feliz do que nunca.

Não era uma felicidade romântica. Nada tinham que ver com o voluptuoso início de um romance aqueles dias e semanas que precedem a chegada, ao horizonte, de pequeninas nuvens lacrimosas. Era o tranqüilo contentamento de sentir-se segura, de poder encarar o futuro com confiança, acrescido dos acontecimentos imediatos: o louvor que recebera, ainda essa tarde, do professor Denikin; o aroma de um bom jantar sendo preparado no fogão elétrico; sua ária favorita do "Boris Goudonov", executada pela Orquestra Municipal de Moscou e transmitida pelo rádio; e, sobretudo, a beleza do fato de que o longo inverno e a curta primavera haviam findado e já era junho.

O quarto era um reduzido cubículo no moderno prédio de apartamentos na Cadovaya-Chernogriazskay Ulitza, que constitui o alojamento feminino dos Departamentos de Segurança do Estado. Construído por presidiários e terminado em 1939, o belo edifício de oito andares contém dois mil quartos, alguns, como o dela, no terceiro andar, simples cubículos quadrados com telefone, água quente e fria, uma única lâmpada elétrica, e o uso em comum dos banheiros e lavatórios centrais; outros, nos dois andares superiores, consistindo em apartamentos com dois ou três quartos, com banheiro. Estes eram destinados às graduadas. A escalada no edifício era norteadada rigidamente pela importância da patente, e a cabo Romanova deveria passar por sargento, tenente, capitão, major e tenente-coronel, antes de atingir o paraíso do oitavo andar, destinado a coronel.

Mas os céus eram testemunhas de que ela estava satisfeita com a

sua atual situação: um salário de 1.200 rublos por mês (trinta por cento a mais do que poderia ganhar em qualquer outro Ministério) ; um quarto particular; alimentos e roupas de baixo custo, oriundos das lojas "particulares" situadas no andar térreo do edifício; um mínimo de duas entradas grátis, mensalmente, tanto para o Bale como para a Ópera; quinze dias de férias remuneradas por ano. E, acima de tudo, um emprego permanente e com boas perspectivas para o futuro, em Moscou, e não numa daquelas horríveis cidadezinhas provincianas onde nada acontece, mês após mês, e onde a chegada de um novo filme ou de um circo ambulante são os únicos entretenimentos noturnos.

Mas, naturalmente, a M.G.B. lhe trazia algumas desvantagens. O uniforme a isolava do mundo. As pessoas em geral demonstravam temor, o que não era condizente com o temperamento de muitas moças, e o círculo de relações era restrito aos funcionários da M.G.B. No devido tempo, devia casar dentro daquele meio, a fim" de poder permanecer no Ministério. Além disso, trabalhavam em excesso: das oito às seis, cinco dias e meio por semana, com apenas quarenta minutos para o almoço, na cantina. Mas essa refeição era realmente substancial, de forma que se podia reduzir o jantar e assim economizar o suficiente para adquirir uma casaco de marta, em substituição ao surrado abrigo de raposa siberiana.

Ao pensar no jantar, a cabo Romanova deixou a cadeira ao lado da janela e foi examinar a panela que continha uma sopa grossa, com pedaços de carne e cogumelos em pó, que constituiria a sua refeição. Estava quase pronta e o aroma era delicioso. Desligou o fogão e deixou a panela em cima, enquanto ia se lavar e arrumar, como lhe fora dito que deveria fazer, há muitos anos passados.

Enquanto enxugava as mãos, olhou-se ao grande espelho oval sobre a pia.

Um dos seus primeiros namorados lhe dissera que parecia uma jovem Greta Garbo. Que tolice! Mas, esta noite, parecia realmente atraente. O acetinado cabelo castanho era penteado para trás, deixando à mostra a fronte alta, e caía espessamente quase até aos ombros, ondeando para cima, nas pontas (Garbo usara o cabelo dessa maneira e a cabo Romanova admitia de si para si que a havia copiado) ; a pele

macia tinha um brilho de marfim à altura dos zigomas; olhos horizontais e bem separados, de um profundo azul, sob sobranceiras naturalmente retas (fechou um dos olhos e depois o outro: sim, as pestanas eram realmente longas!) ; o nariz reto e um tanto altivo e, finalmente, a boca. Mas, que teria a boca? Seria grande demais? Talvez, quando sorria. Sorriu para si mesma, ao espelho. Sim, era grande; mas a de Garbo também o era. Pelo menos, os lábios eram cheios e finamente delineados. Os cantos davam sempre a impressão de um sorriso. Ninguém poderia classificá-la como uma boca inexpressiva! E o oval do rosto? Seria longo demais? O queixo demasiadamente pronunciado? Virou a cabeça para um lado, para examinar o perfil. A pesada cortina de cabelo balançou para a frente e cobriu-lhe uma das vistas, e ela jogou-o para trás. Bem, o queixo era afilado, mas, pelo menos, não era pontudo. Tornou a olhar de frente para o espelho, apanhou a escova e começou a passá-la, pelo cabelo longo e espesso. Greta Garbo! Era realmente bonita, do contrário não o teria ouvido de tantos homens; sem falar nas mulheres, que constantemente a procuravam para pedir conselhos de beleza. Mas ser comparada a uma famosa estrela de cinema! Fez para si mesma uma careta e foi jantar.

De fato, a cabo Tatiana Romanova era realmente uma linda moça. Além do rosto, o corpo esbelto era infinitamente gracioso. Cursara, durante um ano, a escola de bale em Leningrado, e abandonara a idéia de fazer do bailado a sua carreira, somente quando ultrapassou, por alguns centímetros, o limite pré-estabelecido de um metro e setenta e cinco de altura. Aprendera na escola a ter um bom porte e a andar com graça. Além disso, sua aparência era extremamente saudável, graças à sua paixão pela patinação, que praticava durante todo o ano na pista de gelo do estádio do Dínamo e que já lhe valera uma das primeiras classificações no time feminino do clube. Seus braços e seios eram impecáveis. Um purista poderia desaprovar-lhe as ancas: os músculos ficaram tão enrijecidos com o exercício que perderam o suave contorno feminino e estavam um tanto masculinizados, redondos atrás e passando retos nos quadris.

A cabo Romanova não era admirada apenas na secção onde trabalhava; a de traduções de inglês, no Arquivo Central da M. G. B.

Todos concordavam que não estaria longe o dia em que um dos oficiais graduados iria tirá-la de forma peremptória da sua modesta secção, para transformá-la em amante ou, se absolutamente necessário, em esposa.

Derramou a sopa dentro de uma pequena tigela de porcelana, decorada com um friso que mostrava um bando de lobos perseguindo um trenó em fuga; colocou dentro alguns pedaços de pão preto e, depois de se acomodar na cadeira ao lado da janela, começou a tomar a sopa com uma bela colher que trouxera na bolsa, havia apenas algumas semanas, depois de uma noite alegre passada no Hotel Moskwa.

Depois de terminar, lavou os utensílios, voltou para a cadeira e acendeu o primeiro cigarro do dia (na Rússia, nenhuma jovem respeitável fuma em público, a não ser nos restaurantes, e seria imediatamente demitida se o fizesse durante o trabalho), enquanto escutava as lamentosas dissonâncias de uma orquestra do Turcomenistão. Que mania de tocar essas horríveis músicas orientais somente para agradar aos "kulaks" desses barbáricos Estados exteriores! Por que não podiam tocar algo "kulturny"? Trechos da moderna música de "jazz", ou então clássica? Aquela sinfonia era hedionda. Pior ainda: era caduca.

O telefone tocou, bruscamente. Levantou-se, diminuiu o som do rádio e agarrou o fone.

— Cabo Romanova?

A voz era a do seu querido professor Denikin. Mas, quando não estavam em serviço, sempre a chamava de Tatiana ou até mesmo Tânia. Que significaria isso?

A jovem estava assustada e em expectativa. — Sim, camarada professor.

A voz, do outro lado da linha, parecia-lhe estranha e fria. — Dentro de quinze minutos, às 8h30, terá uma entrevista com a camarada coronel Klebb, do Otdyel II. Deverá ir ao apartamento dela, n.º 1875, no oitavo andar desse mesmo edifício. Está claro?

— Mas, camarada, por quê? O quê... O quê foi?...

A estranha voz do querido professor interrompeu-a.

— É só, camarada cabo.

A jovem afastou o fone do rosto, dirigindo-lhe um olhar ansioso, como se pudesse arrancar mais palavras dos pequeninos orifícios no negro receptor. — Alô, alô! — o bocal do fone parecia responder-lhe com um bocejo. Percebeu que a mão e o antebraço doíam com a força que fazia. Curvou-se vagarosamente para a frente e recolocou o fone no gancho.

Durante alguns instantes, permaneceu imóvel, olhando, sem ver, para aquele negro aparelho. Deveria chamá-lo de novo? Não, isso não teria propósito. Ele falara daquela maneira porque sabia, tão bem quanto ela, que todos os chamados, quer de dentro do edifício, quer externos, eram censurados ou gravados. Fora por isso que não desperdiçara palavras. Era um assunto de Estado. Quando se deve transmitir um recado dessa natureza, o melhor é ser rápido, conciso e livrar-se dele o quanto antes. Dessa forma, ter-se-ia descartado de uma jogada má. Passaria a dama de espadas para outro parceiro. Teria novamente, em mãos, boas cartas.

A jovem levou os punhos à boca e mordeu-os, enquanto continuava a olhar para o telefone. Que desejariam dela? Que teria feito? Desesperadamente, repassou pela memória os dias, os meses e os anos. Teria cometido no trabalho um grave erro, que fora agora descoberto? Teria feito algum comentário sobre o Estado, algum gracejo que fora delatado? Isso sempre era possível. Mas qual teria sido o comentário? Quando? Se fosse depreciativo, ela teria sentido, na ocasião, a ferroadada da culpa ou do medo. A consciência estava tranqüila. Estaria mesmo? De repente, lembrou-se. E o

caso da colher que roubara? Seria isso? Propriedade do governo! Ela a jogaria, imediatamente, pela janela, o mais longe possível. Mas, não; não podia ser isso. Isso era um caso sem importância. Sacudiu os ombros, resignadamente, e deixou pender a mão ao longo do corpo. Levantou-se e dirigiu-se para o guarda-roupa, para pegar o melhor uniforme. Os olhos estavam umedecidos pelas lágrimas de temor e susto, como os de uma criança. Não podia ser nada disso. A SMERSH não mandava chamar ninguém para tratar de tais assuntos. Devia ser algo muito, muito pior.

Relanceou os olhos úmidos para o ordinário relógio de pulso. Faltavam apenas sete minutos! Sentiu-se tomada de pânico. Esfregou

os olhos com o antebraço e apanhou o uniforme de gala. Se, além de tudo, fosse lá o que fosse, ainda chegasse atrasada! Desabotoou nervosamente a blusa branca, de algodão.

Enquanto se vestia, lavava o rosto e escovava o cabelo, continuava a perscrutar mentalmente o perigoso mistério, como uma criança curiosa que enfiasse uma varinha num covil de serpentes. De qualquer ângulo que explorasse a fumaça, a resposta seria um ameaçador sibilar.

Independente da natureza da sua culpa, qualquer contacto com um dos tentáculos da SMERSH era de se temer. O próprio nome da organização era odiado e evitado. SMERSH, "Smiert Spionam", Morte aos Espiões. Era uma palavra hedionda, emanada de um túmulo, o próprio sussurro da morte, uma palavra evitada até mesmo nas palestras de escritório, entre amigos. O pior de tudo dentro dessa organização, seu horrendo núcleo, era o Otdyel II, o Departamento de Tortura e Morte.

E a cabeça do Otdyel II era uma mulher, Rosa Klebb! Corriam rumores inacreditáveis sobre essa mulher, coisas que perseguiam Tatiana em seus pesadelos e que ela procurava esquecer durante o dia, mas que, agora, repassava na memória.

Diziam que Rosa Klebb não permitia que se desse início a uma tortura, sem ela estar presente. Guardava na sua sala uma bata manchada de sangue e uma cadeira de dobrar. Diziam também que, quando era vista correndo pelos corredores do porão, envergando a bata e com a cadeira na mão, a notícia era passada adiante, e até mesmo os funcionários da SMERSH diminuía o tom de voz e vergavam a cabeça sobre seu trabalho (talvez até cruzassem os dedos, dentro do bolso) até que ela voltasse para o escritório.

Corriam rumores de que ela colocava a cadeira bem próximo ao rosto pendente do homem ou da mulher que estivesse atado à mesa de interrogatórios. Depois, acomodava-se pesadamente sobre a cadeira, olhava a face da vítima e dizia: — N.º 1 (ou n.º 10, ou n.º 25) — e os inquisidores, sabendo o que pretendia, dariam início à tarefa. Ela observava os olhos da vítima, a poucos centímetros dos seus, e aspirava os gritos como se fossem perfume. E, dependendo do que lesse nos olhos, mudaria calmamente a tortura, dizendo: — Agora, o n.º 36. — Ou: — Mude para o n.º 64 — e os inquisidores fariam outra

coisa. Quando a coragem e a resistência se dissipassem dos olhos, e estes começassem a enfraquecer e a implorar, ela começaria então a arrulhar, suavemente. — Vamos, vamos, minha pombinha. Fale comigo, meu bem, e eu mando parar. Isso dói. Ah, como dói, minha querida. E a dor cansa tanto! A gente quer que ela pare e nunca mais recomece, tem vontade de se deitar em paz. Sua mamãe está aqui ao seu lado, esperando que a dor passe. Tem uma caminha quente à sua espera, onde você poderá dormir e esquecer, esquecer, esquecer. Fale — diria carinhosamente. — É só falar e novamente terá paz e não sentirá mais dor. — Se os olhos ainda demonstrassem alguma resistência, o arrulhar começaria de novo. — Mas como você é tolinha, minha querida. Tão tolinha. Essa dor não é nada. Nada! Pois bem, então sua mamãe terá de tentar um pouquinho, só um pouquinho, do n.º 87. — E os carrascos ouviriam e mudariam de instrumentos e de alvo, enquanto ela permanecia refestelada, observando a vida esvair-se lentamente daqueles olhos, até que ela teria de gritar ao ouvido da pessoa para que suas palavras chegassem até o cérebro.

Mas era muito raro, segundo diziam, que uma pessoa pudesse ir longe na estrada de dor da SMERSH. E muito menos até ao fim. Quando a voz suave prometia paz, geralmente conseguia o seu objetivo. Rosa Klebb reconhecia pelo olhar o momento exato em que um adulto voltava a ser criança e implorava a ajuda da mãe. Ela fornecia então a imagem dessa mãe, amolecendo a vontade, quando esta se teria endurecido ante a voz brutal de um homem.

Depois, quando mais um suspeito cedia, Rosa Klebb voltava pelo corredor levando a sua cadeira, tirava a bata coberta por novas manchas e retornava ao seu trabalho. Correria então a notícia de que tudo estava terminado e a atividade normal voltava ao porão.

Tatiana, intimidada por seus pensamentos, tornou a olhar para o relógio. Faltavam quatro minutos. Passou as mãos pelo uniforme e voltou a olhar o rosto pálido no espelho. Voltou-se e deu adeus ao quatinho querido que lhe era tão familiar. Tornaria a vê-lo?

Caminhou até o fim do longo corredor e tocou a campainha do elevador. Quando este chegou, endireitou os ombros, ergueu o queixo e entrou, como se estivesse subindo a plataforma da guilhotina.

— Oitavo — disse para a ascensorista. Ficou de frente para as

portas. No íntimo, lembrou-se de uma palavra que não usava desde a infância, e repetiu sem cessar: — Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Capítulo 9 — UMA TAREFA AMOROSA

DO lado de fora da porta comum, pintada de cor creme, Tatiana já podia sentir o odor que emanava do lado de dentro. Quando a voz lhe disse bruscamente que entrasse e ela abriu a porta, foi esse odor o que mais a impressionou, enquanto mirava os olhos da mulher que estava sentada no lado oposto de uma mesa redonda, bem em baixo do lustre central.

Era o odor do metrô numa tarde quente: perfume barato tentando encobrir o cheiro de corpo. O povo da Rússia abusa do perfume, quer tenha tomado banho, quer não, mas principalmente quando não toma, e jovens asseadas e saudáveis como Tatiana sempre voltam para casa a pé, depois do trabalho, a menos que a chuva ou a neve estejam muito fortes, para evitar o mau cheiro dos trens ou do metrô.

Agora, Tatiana achava-se envolta pelo tal odor. Suas narinas fremiram de repugnância.

Foram o nojo e o desprezo por uma pessoa que consegue viver em meio a tal cheiro que a ajudaram a encarar os olhos amarelados que a fitavam por trás das lentes quadradas. Eram imperscrutáveis. Estavam na expectativa, nada deixavam transparecer. Eles a examinaram vagarosamente, como lentes de uma câmara, procurando analisá-la.

A coronel Klebb falou:

— É muito bonita, camarada cabo. Dê uma volta pela sala.

Que significavam essas palavras melífluas? Tensa por um novo temor, proveniente dos notórios hábitos pessoais daquela mulher, Tatiana obedeceu.

— Tire a túnica. Coloque-a sobre a cadeira. Erga as mãos acima da cabeça. Mais alto. Curve-se agora e toque a ponta dos pés. Endireite-se. Ótimo. Sente-se. A mulher falava como um médico. Acenou em direção à cadeira em frente, perto da mesa. Seus olhos fixos e inquiridores velaram-se quando dirigiu a atenção para o fichário, sobre

a mesa.

"Deve ser o meu "zapiska", pensou Tatiana. Como era interessante alguém ver o instrumento do qual dependia toda a sua vida. E como era volumoso. Tinha quase cinco centímetros de espessura. Que conteriam aquelas páginas? Olhou fascinada para a pasta aberta.

A coronel Klebb repassou as últimas páginas e fechou a capa alaranjada com uma lista preta, em diagonal. Que significariam aquelas cores?

A mulher ergueu o olhar. Tatiana conseguiu encará-la corajosamente.

— Camarada cabo Romanova. — Era a voz da autoridade, da alta patente. — Recebi relatórios favoráveis sobre o seu trabalho. Seu prontuário é excelente, no que se refere tanto ao dever como ao esporte. O Estado está satisfeito com você.

Tatiana não podia acreditar no que ouvia. Sua reação foi de fraqueza. Corou até à raiz dos cabelos e depois ficou pálida. Colocou uma das mãos na borda da mesa. Gaguejou em voz débil: — Estou g...grata, camarada coronel.

— Devido aos seus excelentes serviços, foi destacada para uma missão de grande importância. É uma grande honra para você. Compreende?

Fosse lá o que fosse, era melhor do que poderia esperar. — Sim, perfeitamente, camarada coronel.

— Missão de grande responsabilidade. Implica numa promoção. Felicito-a por sua promoção a capitão da segurança do Estado, assim que tiver terminado sua tarefa.

Isso era inaudível para uma jovem de vinte e quatro anos! Tatiana pressentiu o perigo. Crispou-se como um animal que vê os dentes de aço da armadilha, por baixo do pedaço de carne. — Sinto-me grandemente honrada, camarada coronel. — Não pôde evitar que a desconfiança lhe transparecesse na voz.

Rosa Klebb resmungou de forma impessoal. Sabia exatamente o que a jovem pensara ao receber a intimação. O efeito da sua recepção amável, seu alívio ante as boas notícias, seus renascentes temores, haviam sido evidentes. Era uma bela e inocente jovem, sem malícia. Exatamente o que a "konspiratsia" exigia. Devia agora ser posta à

vontade. — Minha querida — disse, suavemente. — Que falta de atenção a minha! Esta promoção deve ser comemorada com um copo de vinho. Não deve pensar que nós, os oficiais graduados, não somos humanos. Beberemos juntas. Será um belo pretexto para se abrir uma garrafa de champanhe francesa.

Rosa Klebb levantou-se e dirigiu-se para o aparador onde seu escudeiro já havia colocado o que lhe ordenara.

— Prove um desses chocolates, enquanto me ocupo em tirar a rolha. Nunca é muito fácil destapar-se uma garrafa de champanhe. Nós, as mulheres, necessitamos sempre de um homem que nos ajude nessas tarefas, não acha?

O horrível monólogo prosseguiu enquanto colocava uma linda caixa de chocolates em frente a Tatiana. Voltou-se para o aparador. — São da Suíça. Os mais finos. Os redondos têm recheio macio. Os quadrados são mais duros.

Tatiana murmurou um agradecimento. Escolheu um redondo. Seria mais fácil de engolir. A boca estava seca de medo do momento em que veria, finalmente, a armadilha e a sentiria fechar-se em torno de seu pescoço. Devia ser algo pavoroso, se exigia tanta encenação para encobri-lo. O pedaço de chocolate lhe grudou na boca, como goma de mascar. Felizmente, uma taça de champanhe lhe foi posta entre os dedos.

Rosa Klebb parou diante dela. Ergueu a taça, alegremente. — "Za vashe zdarovie", camarada Tatiana. E as minhas calorosas congratulações.

Tatiana afivelou no rosto um sorriso cadavérico. Ergueu a taça e fez uma ligeira curvatura. — "Za vashe zdarovie", camarada coronel. — Esvaziou a taça, como é costume na Rússia, e colocou-a em frente.

Rosa Klebb imediatamente tornou a enchê-la, derramando algumas gotas sobre a mesa. — E agora, à saúde do seu novo departamento, camarada. — Ergueu a taça. O sorriso meloso contraiu-se ao observar a reação da jovem.

— À SMERSH!

Tatiana levantou-se estonteada. Ergueu a taça cheia. — À SMERSH. — Mal pôde articular a palavra. Engasgou-se com a champanhe e teve de tomá-la em dois goles. Tornou a sentar-se,

pesadamente.

Rosa Klebb não lhe deu tempo para refletir. Sentou-se à sua frente e espalmou as mãos sobre a mesa.

— E agora, vamos ao trabalho, camarada. — O tom de autoridade voltara-lhe à voz. — Há muito o que fazer.

— Curvou-se para a frente. — Algum dia desejou viver no exterior, camarada? Num país estrangeiro?

Tatiana começava a sentir os efeitos da champanhe. Provavelmente, coisas piores ainda estavam por vir, mas que viessem logo.

— Não, camarada. Sinto-me feliz em Moscou.

— Nunca pensou como poderia ser a vida no Ocidente, com aquelas roupas bonitas, o "jazz", as novidades?

— Não, camarada. — Era sincera. Nunca pensara nisso.

— E se o Estado a mandasse viver no Ocidente?

— Eu obedeceria.

— De boa vontade?

Tatiana encolheu os ombros, denotando impaciência.

— A gente faz o que mandam.

A mulher fez uma pausa. Sua pergunta seguinte tinha um tom de conspiração feminina.

— Você é virgem, camarada?

"Oh! meu Deus!" — pensou Tatiana. — Não, camarada coronel.

Os lábios úmidos brilharam à luz.

— Quantos homens?

Tatiana corou até à raiz dos cabelos. As moças russas são reservadas e pudicas em questões de sexo. Na Rússia, as questões sexuais são tratadas com puritanismo. As perguntas de Klebb tornavam-se ainda mais revoltantes por serem feitas em tom inquisitorial e partirem de uma oficial do Estado, que jamais vira antes. Tatiana encheu-se de coragem. Encarou, na defensiva, aqueles olhos amarelos. — Queira dizer-me a que propósito vêm essas perguntas íntimas, camarada coronel.

Rosa Klebb endireitou o corpo. Ao responder, sua voz era cortante como um chicote. — Ponha-se no seu lugar, camarada. Não está aqui para fazer perguntas, você se esqueceu com quem está falando.

Responda-me!

Tatiana encolheu-se. — Três homens, camarada coronel.

— Quando? Que idade tinha? — Os inflexíveis olhos amarelos fitaram os assustados olhos azuis da jovem e conservaram-nos presos, com ar de comando.

Tatiana estava a ponto de chorar. — Na escola. Quando eu tinha dezessete anos. Depois, no Instituto de Idiomas Estrangeiros. Estava com vinte e dois. E, finalmente, no ano passado. Tinha vinte e três anos. Foi um amigo que conheci quando patinava.

— Os nomes deles, camarada. — Rosa Klebb apanhou um lápis e pôs um bloco de notas à sua frente.

Tatiana cobriu o rosto com as mãos e caiu em pranto.

— Não — gritou por entre soluços. — Não, nunca, ainda que me faça o pior. Não tem o direito.

— Pare com essa tolice. — A voz era sibilante. — Eu poderia obrigá-la a dizer esses nomes, dentro de cinco minutos, ou qualquer outra coisa que desejasse saber. Está brincando com fogo, camarada. Minha paciência tem limites. — Rosa Klebb fez uma pausa. Estava sendo demasiadamente severa. — Por ora, vamos deixar passar. Amanhã me dará os nomes. Esses homens não correrão nenhum perigo. Queremos apenas fazer-lhe uma ou duas perguntas a respeito deles. Simples questões técnicas. Agora, sente-se direito e enxugue as lágrimas. Vamos parar com essa tolice.

Rosa Klebb levantou-se e deu a volta à mesa. Parou em frente a Tatiana. A voz tornou-se untuosa e macia.

— Vamos, vamos, querida. Deve confiar em mim. Seus segredinhos estarão a salvo comigo. Tome, beba mais champanhe e esqueça este pequeno incidente. Devemos ser amigas. Vamos trabalhar juntas. Deve aprender, minha querida Tânia, a tratar-me como se fosse minha filha. Tome, beba isto.

Tatiana tirou um lenço da cintura, e enxugou os olhos. Estendeu a mão trêmula para a taça de champanhe e bebeu-a, com a cabeça baixa.

— Beba tudo, querida.

Rosa Klebb permanecia em frente à jovem, como horrenda galinha a cacarejar encorajamento.

Obedecendo, Tatiana esgotou a taça. Sentia-se sem resistência,

cansada, desejosa de fazer qualquer coisa para por um ponto final à entrevista e retirar-se para poder dormir. "Então é assim que se procede na mesa de interrogatórios", pensou, "e esse é o tom de voz que a Klebb usa". Bem, estava surtindo efeito. Agora estava dócil. Disposta a cooperar.

Rosa Klebb sentou-se. Avaliou a jovem, escondendo-se atrás da máscara de simpatia maternal.

— E agora, querida, apenas mais uma perguntinha íntima. Aqui entre mulheres. Gosta de ter relações sexuais? Sente prazer? Muito prazer?

As mãos de Tatiana voltaram a cobrir-lhe o rosto. Por detrás delas, em voz abafada, respondeu: — Bem, sim, camarada coronel. Naturalmente, quando a gente ama... — Sua voz extinguiu-se. Que mais podia dizer? Que resposta a mulher desejava?

— Mas, suponhamos, querida, que você não estivesse apaixonada. Ainda assim as relações sexuais lhe dariam prazer?

Tatiana sacudiu a cabeça, indecisa. Retirou as mãos de sobre o rosto e abaixou a cabeça. O cabelo pendeu-lhe de ambos os lados, como uma pesada cortina. Procurava pensar, ser útil, mas não podia imaginar a situação. Julgou... — Creio que dependeria do homem, camarada coronel.

— Eis uma resposta sensata, minha querida. — Rosa Klebb abriu uma das gavetas da escrivaninha. Dela tirou uma fotografia, que passou à jovem. — E se, por exemplo, o homem fosse este?

Tatiana pegou a fotografia, cautelosamente, como se pudesse pegar fogo. Olhou com circunspeção para o belo rosto destemido. Tentou pensar, imaginar... — Não sei dizer, camarada coronel. É simpático. Talvez, se fosse amável... — Afastou a fotografia, com ansiedade.

— Não, guarde-a, querida. Coloque-a ao lado da sua cama e pense nesse homem. Mais tarde, saberá mais coisas a respeito dele, no decorrer do trabalho. E agora — os olhos brilharam por trás das lentes quadradas —

você gostaria de saber em que consiste o seu novo trabalho? A tarefa para a qual foi escolhida dentre todas as moças da Rússia?

— Sim, naturalmente, camarada coronel. — Tatiana encarou, com

ar de obediência, o rosto intenso que a mirava como o cão de uma arma.

Os lábios úmidos e pegajosos entreabriram-se sedutoramente. — O trabalho para o qual foi escolhida é muito simples e agradável, camarada cabo. Podemos chamá-lo de uma verdadeira tarefa amorosa. É uma questão de se apaixonar. Somente isso. Nada mais. É só apaixonar-se por esse homem.

— Mas, quem é ele? Nem sequer o conheço.

A boca de Rosa Klebb revelou prazer. Iria dar a essa garotinha estúpida algo em que pensar.

— É um espião inglês.

— "Bozhi moi!" — A mão de Tatiana fechou-se sobre sua boca, tanto para sufocar o uso do nome de Deus, como num impulso de terror. Permaneceu tensa pelo choque e olhou para Rosa Klebb com os olhos esgazeados e ligeiramente embriagada.

— Sim — disse Rosa Klebb satisfeita com o efeito das suas palavras. — É um espião inglês. Talvez o mais famoso de todos. E de agora em diante você está apaixonada por ele. Portanto, é melhor habituar-se à idéia. E nada de tolices, camarada. Devemos encarar o fato com seriedade. Trata-se de uma importante questão de Estado, para a qual foi escolhida como instrumento. Por isso, nada de bobagens, por favor. Passemos aos detalhes práticos. — Rosa Klebb parou. Disse com violência: — Tire a mão desse rosto estúpido. E pare de me olhar como uma vaca assustada. Sente-se direito na cadeira e preste atenção, ou será pior para você. Compreendeu?

— Sim, camarada coronel. — Tatiana endireitou-se rapidamente e colocou as mãos no colo, como se ainda estivesse na Escola Superior de Segurança. A mente fervilhava, mas não havia tempo a perder com assuntos pessoais. O treinamento que recebera dizia-lhe que essa era uma operação para o bem do Estado. Estava trabalhando para o seu país. Fora escolhida, por qualquer motivo, para tomar parte numa importante "konspiratsia ". Como membro da M. G. B., deveria cumprir seu dever da melhor forma possível. Ouviu atentamente e de maneira profissional.

— Por enquanto — disse Rosa Klebb em tom categórico — serei breve. Mais tarde terá maiores detalhes. Durante as próximas semanas,

será cuidadosamente treinada para esta missão, a fim de que saiba como agir em qualquer contingência. Terá de aprender certos costumes estrangeiros. Receberá lindas roupas. Será instruída na arte de seduzir. Aí então, será enviada a um país do exterior, em alguma parte da Europa. Lá, ficará conhecendo esse homem. Deverá seduzi-lo. Nada de pudores idiotas nessa questão. Seu corpo pertence ao Estado. Desde que nasceu, o Estado o alimenta. Agora, ele deve trabalhar para o Estado. Compreendeu?

— Sim, camarada coronel. — A lógica era evidente.

— Acompanhará esse homem à Inglaterra. Quando chegar lá, certamente será interrogada. Isso não será penoso. Os ingleses não usam meios violentos. Responderá como puder, sem comprometer o Estado. Ensinar-lhe-emos certas respostas que gostaríamos que fossem dadas. Provavelmente, será enviada para o Canadá. É para lá que os ingleses mandam certa categoria de prisioneiros estrangeiros. Será salva e mandada de volta a Moscou. — Rosa Klebb lançou um olhar à jovem. Tatiana parecia aceitar tudo, sem objeções. — Como vê, é relativamente simples. Tem alguma pergunta a fazer agora?

— Que acontecerá ao homem, camarada coronel?

— Isso nos é indiferente. Será empregado como simples meio para fazê-la entrar na Inglaterra. O objetivo do nosso plano é fornecer informações erradas aos britânicos. Naturalmente, gostaremos muito de conhecer suas impressões pessoais sobre a vida na Inglaterra. Os relatórios de uma jovem tão bem treinada e tão inteligente quanto você serão de grande valor para o Estado.

— Realmente, camarada coronel? — Tatiana sentiu-se importante. De repente, tudo se tornara excitante. Se ela ao menos se saísse bem! Sem dúvida, daria o melhor dos seus esforços. Mas, se não conseguisse fazer o espião inglês apaixonar-se por ela? Olhou novamente para a fotografia. Inclinou a cabeça para um lado. Era um rosto atraente. Em que consistiria essa tal "arte de seduzir" à qual se referira a mulher? Que seria? Talvez isso ajudasse.

Satisfeita, Rosa Klebb ergueu-se da mesa. — E agora podemos descansar, querida. O trabalho está findo, por hoje. Vou me arrumar e depois conversaremos amistosamente. Não demoro nada. Coma os chocolates ou eles acabam por se estragar. — Rosa Klebb fez um

gesto vago com a mão e desapareceu com uma expressão preocupada.

Tatiana acomodou-se melhor na cadeira. Então, era isso! Afinal, não era assim tão ruim. Que alívio! E que honra em ter sido a eleita! Como fora tola, assustando-se tanto! Naturalmente, os grandes líderes do Estado não permitiriam que mal algum sucedesse a uma inocente cidadã que trabalhava muito e não tinha demérito algum em seu "zapiska". Subitamente, sentiu-se imensamente grata à figura patriarcal que era o Estado, e também orgulhosa por ter agora a oportunidade de poder pagar parte da sua dívida para com ele. Até mesmo a Klebb não era assim tão má.

Tatiana ainda meditava alegremente sobre a situação, quando a porta do quarto se abriu e "a Klebb" apareceu no umbral. — Que tal, querida? — A Coronel Klebb abriu os gordos braços e rodopiou na ponta dos pés, como um manequim. Parou, com um dos braços esticados e o outro dobrado, apoiando a mão na cintura.

A boca de Tatiana abriu-se de espanto. Fechou-a imediatamente. Procurou alguma coisa para dizer.

A coronel Klebb, da SMERSH, vestia uma camisola meio transparente, de crepe da China alaranjado. Tinha babados da mesma fazenda em torno do pronunciado decote quadrado e nos punhos das mangas bufantes. Sob esse traje podia-se ver um "soutien" que consistia em duas grandes rosas de cetim. Usava também calças de cetim rosa, em estilo antigo, presas por elásticos logo acima dos joelhos. Por entre as pregas da camisola, surgia um gordo joelho, que mais parecia um coco amarelado, semiflexionado, na pose característica dos manequins. Os pés estavam cobertos por chinelas de cetim rosa, guarnecidas de pompons de penas de avestruz. Rosa Klebb tirara os óculos e seu rosto nu estava coberto por uma grossa camada de máscara, ruge e batom.

Parecia a mais velha e a mais feia das prostitutas de todo o mundo.

Tatiana gaguejou: — É muito bonito.

— Não é mesmo? — pairou a mulher. Dirigiu-se para um largo canapé, a um canto da sala, recoberto por vistosa capa de tapeçaria rústica. Contra a parede, viam-se algumas almofadas em tom pastel, feitas de cetim já um tanto seberto.

Com um gratinho de prazer, Rosa Klebb deitou-se numa caricatura

da famosa pose de Récamier. Estendeu um dos braços e ligou um quebra-luz de cúpula rosada, cujo pedestal era uma mulher nua, feito de cristal de Lalique, falsificado. Deu um tapinha no canapé, ao lado.

— Apague a luz central, meu amor. O comutador está junto à porta. Depois, venha e sente-se ao meu lado. Precisamos conhecer-nos melhor.

Tatiana caminhou em direção à porta. Desligou o comutador. Sua mão dirigiu-se com decisão para a maçaneta da porta. Abriu-a e saiu para o corredor. De repente, sentiu-se amedrontada. Bateu com a porta, atrás de si, e saiu correndo pelo corredor, cobrindo com as mãos os ouvidos para se livrar de um grito que não chegou a ser dado.

Capítulo 10 — O RASTILHO PEGA FOGO

ERA a manhã do dia seguinte. A coronel Klebb achava-se sentada à escrivaninha do espaçoso escritório que lhe servia de quartel-general, no subsolo da SMERSH. Era mais uma sala de planificações do que propriamente um escritório. Uma das paredes achava-se completamente coberta por um mapa do hemisfério ocidental. Na da frente, via-se o do hemisfério oriental. Atrás da mesa da coronel Klebb e ao alcance da sua mão esquerda, um "telekrypton" lançava, por vezes, um sinal "en clair", em réplica a outro aparelho que se encontrava no Departamento de Cifras, sob as altas antenas instaladas no telhado do edifício. Uma vez ou outra, quando se lembrava, ela rasgava uma das longas tiras de papel e decifrava os sinais. Simples formalidade. Se algo realmente importante acontecesse, a notícia lhe seria transmitida por telefone. Todos os agentes da SMERSH, em qualquer parte do mundo, eram controlados, vigilante e implacavelmente, desta sala.

O rosto gordo aparentava aborrecimento e dissipação. A pele de galinha formava bolsas sob os olhos, os quais estavam injetados.

Um dos três telefones ao lado tocou baixinho. Pegou o fone. — Mande-o entrar.

Virou-se para Kronsteen. Acomodado numa poltrona ao lado da parede esquerda, bem na direção da extremidade sul da África, ele pautava pensativamente os dentes com um "clip" aberto.

— Granitsky.

Kronsteen virou vagarosamente a cabeça e olhou para a porta.

Red Grant entrou e fechou-a, delicadamente. Dirigiu-se para a escrivaninha e fitou a comandante, com olhos obedientes e quase famintos. Kronsteen achou que ele parecia um grande mastim esperando comida.

Rosa Klebb examinou-o friamente. — Está em forma e pronto para trabalhar?

— Sim, camarada coronel.

— Deixe-me examiná-lo. Tire a roupa.

Red Grant não demonstrou surpresa. Despiu o paletó e, depois de procurar um lugar onde colocá-lo, deixou-o cair ao chão. Depois, sem nenhum constrangimento, tirou o resto da roupa e arrancou os sapatos. O grande corpo moreno-avermelhado, coberto de pêlos dourados, iluminou a sala fria. Grant estava em posição de descanso, as mãos pendendo ao longo do corpo, e um joelho meio flexionado, como se posasse para uma aula de arte.

Rosa Klebb levantou-se e deu a volta à escrivaninha. Estudou o corpo minuciosamente, ora apontando, ora apalpando, como se comprasse um cavalo. Deu a volta ao homem e continuou a minuciosa inspeção. Antes de voltar-se para a frente, Kronsteen viu-a tirar algo do bolso e encaixá-lo na mão. Percebeu o brilho de metal.

A mulher deu a volta e pôs-se perto do estômago do agente, conservando a mão atrás das costas. Fê-lo encará-la.

Subitamente, com tremenda velocidade e o impulso de todo o peso do seu ombro, lançou o punho direito, envolto num soco inglês, contra o plexo solar do homem.

Pá!

Grant deixou escapar um grunhido de surpresa e dor. Os joelhos curvaram-se um pouco e tornaram a endireitar-se. Por um segundo, os olhos cerraram-se em agonia. Logo, porém, abriram-se e fitaram ferozmente os olhos amarelos que o miravam, com curiosidade, por trás das lentes quadradas. Além de um vergão vermelho sobre a pele, logo abaixo do externo, Grant não demonstrou sentir o golpe que teria mandado ao chão, contorcendo-se, qualquer homem normal.

Rosa Klebb sorriu ironicamente. Tornou a por o soco inglês no bolso, dirigiu-se para a escrivaninha e sentou-se. Olhou para Kronsteen com um ar de orgulho. — Ao menos, ele está em forma — disse.

Kronsteen resmungou.

O homem despido sorriu com malícia. Esfregou o estômago com uma das mãos.

Rosa Klebb recostou-se na cadeira e olhou-o pensativamente. Finalmente, disse: — Camarada Granitsky, há trabalho para você. Uma tarefa importante. Mais importante do que qualquer outra coisa

que já fez. É um trabalho que lhe trará uma condecoração — os olhos de Grant brilharam — pois o objetivo é difícil e perigoso. Será mandado para o exterior, sozinho. Está claro?

— Sim, camarada coronel. — Grant estava excitado. Surgia a tão ambicionada oportunidade para progredir. Qual seria a condecoração? A Ordem de Lenine? Ouviu, atentamente.

— O alvo é um espião inglês. Gostaria de matar um espião inglês?

— Muitíssimo, camarada coronel. — O entusiasmo de Grant era genuíno. Não podia desejar coisa melhor do que matar um inglês. Tinha contas a ajustar com esses canalhas.

— Vai precisar de muitas semanas de treino e preparação. Nesse plano, deverá agir sob o disfarce de agente inglês. Suas maneiras e aparência são muito rudes. Terá de aprender, ao menos, alguns maneirismos — a voz tornou-se irônica — de um "chentleman". Ficará aos cuidados de um inglês que temos aqui. Um antigo "chentleman" do Ministério do Exterior, em Londres. A tarefa dele será fazê-lo passar por um espião inglês. Os britânicos empregam diversos tipos de agentes. Não deverá ser difícil. Mas você vai precisar aprender muitas outras coisas. A operação será no fim de agosto, mas você começará seu treino imediatamente. Há muito que fazer. Vista-se e apresente-se ao ajudante de ordens. Compreendeu?

— Sim, camarada coronel. — Grant sabia que não devia fazer muitas perguntas. Vestiu-se apressadamente, indiferente aos olhos da mulher, que o fitavam, e dirigiu-se para a porta, enquanto abotoava o paletó. Voltou-se. — Obrigado, camarada coronel.

Rosa Klebb fazia apontamentos sobre a entrevista. Não respondeu, nem ergueu os olhos, e Grant, ao sair, fechou a porta suavemente, atrás de si.

A mulher pousou a caneta e recostou-se na cadeira.

— E agora, camarada Kronsteen? Há algum ponto a ser esclarecido, antes de pormos toda a máquina em movimento? Devo mencionar que o Presidium aprovou o objetivo e confirmou a sentença de morte. Relatei o esquema do seu plano para o camarada general Grubozaboyschikov. Ele está de acordo. Os detalhes da execução ficaram inteiramente a meu cargo. O pessoal do planejamento e operações já foi selecionado e aguarda o início dos trabalhos. Tem

alguma coisa a acrescentar, camarada?

Kronsteen olhava fixamente para o teto, conservando as pontas dos dedos unidas, à sua frente. Era impermeável à condescendência que transparecia na voz da mulher. Suas têmporas latejavam, pelo esforço da concentração.

— Esse tal Granitsky. É de confiança? Podemos confiar nele, num país estranho? Não irá se aposentar?

— Tem sido observado há quase dez anos. Já teve inúmeras oportunidades de escapar. Nunca demonstrou desejo de fuga. Nunca nos deu motivos para a menor suspeita. Parece viciado em drogas. Deixar a União Soviética seria para ele tão difícil como a um viciado abandonar a fonte de onde lhe provém a cocaína. É o meu carrasco-chefe. Não há ninguém melhor.

— E a jovem Romanova? Preenche os requisitos? A mulher respondeu, com certo rancor: — É muito bonita. Servirá para o objetivo em mira. Não é virgem, mas é recatada e não foi despertada sexualmente. Receberá treinamento adequado. O inglês dela é excelente. Dei-lhe uma versão inexata da tarefa e do objetivo. Está disposta a cooperar. Estou de posse dos endereços de alguns dos parentes dela, inclusive crianças, para o caso de vir a demonstrar qualquer sinal de fraqueza. Tenho também os nomes dos seus antigos amantes. Se necessário, será avisada de que essas pessoas

ficarão como reféns até que sua missão esteja terminada. É afetuosa por temperamento. Só essa ameaça bastará. Mas, não creio que tenhamos de preocupar-nos com ela.

— Romanova. Esse nome é o de um "buivshi", dos antigos. Parece estranho empregar um Romanov em tarefa tão delicada.

— As avós dela eram parentes longínquos da família imperial. Mas não frequenta os meios "buivshi". De qualquer forma, todos os nossos avós pertenceram aos antigos. Não há nada que fazer a esse respeito.

— Nossos avós não se chamavam Romanov — disse Kronsteen, secamente. — Mas, vejo que está satisfeita. — Refletiu um instante. — E esse tal Bond? Já descobriram onde se encontra?

— Sim. A rede da M.G.B. inglesa informa-nos que está em Londres. Durante o dia, vai para o seu quartel-general. À noite, dorme

no seu apartamento, em um bairro londrino chamado Chelsea.

— Ótimo. Esperemos que fique por lá nestas próximas semanas. Isso significará que não está ocupado em nenhuma operação. Estará livre para perseguir a isca. Enquanto isso — os olhos escuros e pensativos de Kronsteen continuaram a examinar determinado ponto do teto — estive estudando qual o centro estrangeiro mais adequado. Escolhi Istambul para o primeiro contacto. Ali, temos um bom "apparat". O Serviço Secreto possui apenas uma pequena agência. Dizem que o seu chefe é eficiente. Será liquidado. O centro é de conveniência estratégica para nós, próximo à Bulgária e ao mar Negro. É relativamente distante de Londres. Estou trabalhando nos detalhes sobre o ponto exato em que será cometido o assassinio e sobre a forma de levar Bond até lá, depois de haver encontrado a jovem. Será na França, ou em algum lugar próximo a ela. Temos excelente cobertura na imprensa francesa. Irão explorar ao máximo esse tipo de notícia, com o seu chamariz de sexo e espionagem. Falta ainda decidir quando é que Granitsky deverá entrar em ação. São detalhes de somenos. Precisamos escolher os cinegrafistas e outros funcionários, e enviá-los, em surdina, a Istambul. O nosso "apparat" local não deverá demonstrar nenhum excesso de pessoal, nem nenhuma atividade inusitada. Avisaremos a todos os departamentos, a fim de que o serviço de telégrafo com a Turquia seja mantido em absoluta normalidade, antes e durante a operação. Não queremos levantar suspeitas no seio dos interceptadores britânicos. O Departamento de Cifras informa não haver objeção, por parte da Segurança, para o fornecimento da carcaça de um aparelho Spektor. Será uma atração. O aparelho irá para a secção de Engenheiros Especiais, onde está devidamente preparado.

Kronsteen parou de falar, desviando o olhar do teto. Levantou-se, pensativamente. Fitou os olhos observadores da mulher.

— Não me lembro de mais nada, no momento, camarada — disse. — Muitos detalhes serão esclarecidos à medida que forem surgindo. Sou de opinião de que o plano pode começar, com segurança.

— Concordo, camarada. A questão deve prosseguir. Tomarei as devidas providências. — A voz autoritária suavizou-se. — Sou-lhe grata pela cooperação.

O agradecimento de Kronsteen traduziu-se num quase imperceptível aceno de cabeça. Voltou-se e saiu silenciosamente da sala.

A quietude foi quebrada pelo sinal de alarma do "telekrypton", seguido do seu tagarelar mecânico. Rosa Klebb mexeu-se na cadeira e pegou um dos telefones. Discou um número.

— Sala de Operações — respondeu uma voz masculina.

O olhar inexpressivo de Rosa Klebb atravessou a sala e iluminou-se ao fitar a mancha cor de rosa que representava a Inglaterra, sobre o mapa da parede. Seus lábios úmidos entreabriram-se.

— Fala a coronel Klebb. É sobre a "konspiratsia" contra o espião inglês chamado Bond. A operação tem início a partir deste instante.

SEGUNDA PARTE

A EXECUÇÃO

Capítulo 11 — VIDA SEDENTÁRIA

DOIS tentáculos da vida sedentária tinham envolvido o pescoço de Bond e, pouco a pouco, o estrangulavam. Era um lutador e quando, por longo período, não havia lutas, seu moral ficava abatido. Em seu setor de atividade, a paz reinava havia já um ano. E essa mesma paz o estava matando.

Às 7,30 da manhã de uma quinta-feira, 12 de agosto, Bond acordou em seu confortável apartamento situado na praça arborizada perto de King's Road e sentiu-se aborrecido ante a monotonia da rotina diária. Assim como a preguiça é o primeiro dos pecados capitais, pelo menos em uma religião, assim também o enfado, e principalmente a incrível circunstância de acordar enfadado, era o único vício que Bond condenava integralmente.

Bond estendeu o braço e tocou duas vezes a campainha, a fim de avisar a May, sua preciosa governante escocesa, que estava pronto para a primeira refeição. Depois, com um gesto brusco, arrancou o lençol de sobre o corpo despido e pôs os pés no chão.

Havia um único remédio para o enfado; afastá-lo pelo exercício. Bond apoiou-se nas mãos e executou vinte flexões lentas, para obrigar os músculos a trabalhar. Quando os braços não suportaram mais a dor, virou-se de costas, com os braços esticados ao longo do corpo, e levantou as pernas, sem dobrá-las, até que os músculos do estômago protestaram. Levantou-se e, depois de tocar por vinte vezes as pontas dos pés com os dedos, dedicou-se aos exercícios para os braços e para o tórax, combinados com respirações profundas, até sentir-se tonto. Sem fôlego pelo esforço dispendido, dirigiu-se para o banheiro e tomou primeiro uma ducha muito quente, seguida de outra gelada, durante cinco minutos.

Finalmente, depois de fazer a barba, vestiu um blusão, sem mangas, de cor azul-marinho, e calças de *côtelé* da mesma cor, calçou sandálias de couro preto, atravessou o quarto e dirigiu-se para a grande sala-de-estar, ventilada por uma ampla janela, e sentiu a satisfação de haver espantado o tédio, ao menos no momento.

May, uma escocesa de meia-idade, de cabelos grisalhos e belo rosto de expressão severa, entrou carregando uma bandeja que colocou sobre a mesa, situada ao lado da ampla janela, juntamente com o "Times", o único jornal que Bond lia.

Bond disse-lhe bom-dia e sentou-se à mesa.

— Bom-dia, nhô. (Para Bond, uma das coisas que o faziam gostar de May era o fato de não chamar ninguém de "senhor", a não ser os reis da Inglaterra e também Winston Churchill, o que lhe valera, havia anos, os gracejos de Bond. Como excepcional concessão, agradava Bond com um ocasional "nhô", ao fim da frase.)

Ela parou ao lado da mesa, enquanto o patrão dobrava o jornal para ler as páginas do meio.

— Aquele homem esteve aqui ontem à noite, por causa da televisão.

— Que homem é esse? — disse Bond continuando a ler o cabeçalhos.

— Aquele homem esteve aqui ontem à noite, por nhô, já esteve aqui seis vezes para me amolar. Depois do que eu disse a ele da primeira vez, sobre televisores, era para ele desistir de nos vender um. E ainda por cima, a prestações!

— Esses vendedores são muito persistentes. — Bond pousou o jornal e pegou o bule de café.

— Eu disse a ele umas verdades, ontem à noite. Amolando a gente na hora do jantar! Perguntei se ele tinha documentos, qualquer coisa para provar quem era.

— Espero que isso o tenha desencorajado. — Bond encheu até à beira, com café puro, a grande xícara.

— Que nada! Mostrou-me a caderneta do sindicato. Disse que tinha o direito de ganhar a vida. E ainda por cima é do Sindicato dos Eletricistas. Eles são comunistas. Não são, nhô?

— Sim, é verdade — respondeu Bond distraidamente. Pôs-se

alerta. Seria possível que *eles* o estivessem vigiando? Tomou um gole de café e pousou a xícara. — Que foi, exatamente, que esse homem falou, May? — perguntou em tom de voz indiferente, mas observando-a.

— Disse que vende televisores, nos momentos de folga, para ganhar comissão. Mas nós não queremos comprar, não é? Ele disse que somos dos únicos, no quarteirão, que não têm TV. É lógico que não temos nada dessas coisas aéreas, aqui em casa. Está sempre perguntando se o patrão está em casa, para falar pessoalmente, sobre o assunto. Que topete! Admiro que ele não o tenha esperado quando sai ou quando volta. Quer sempre saber quando vai chegar. Naturalmente, não lhe digo nada sobre os seus passos. Se não fosse tão insistente, seria um tipo sério e respeitável.

"Pode ser", pensou Bond. Há muitos modos de se verificar se o dono está em casa, ou não. O aspecto de uma empregada e suas reações; um olhar furtivo pela porta entreaberta. Se o apartamento estivesse vazio, a resposta óbvia seria: "Não perca o seu tempo, porque ele não está." Deveria comunicar à Secção de Segurança? Bond encolheu os ombros, irritado. Que tolice. Provavelmente, não haveria motivo para isso. Porque haveriam *eles* de estar interessados em sua pessoa? E, se houvesse motivo, a Segurança era perfeitamente capaz de fazê-lo mudar de apartamento.

— Espero que o tenha espantado, desta vez. — Bond sorriu para May. — Creio que não o verá mais.

— Sim, nhô — respondeu May, em dúvida. De qualquer forma, havia cumprido suas ordens de avisá-lo se visse alguém "rondando". Retirou-se, com um "frou-frou" do antiquado uniforme preto que insistia em usar, mesmo com o calor de agosto.

Bond voltou a atenção para o café. Geralmente, eram pequeninos detalhes como esse, que lhe despertariam persistentes suspeitas. Em outros tempos, não descansaria enquanto não solucionasse o problema do representante do Sindicato Comunista, que insistia em ir à sua casa. Agora, devido aos meses de inércia e falta de uso, a espada enferrujara-se na bainha, e a intuição de Bond estava embotada.

A primeira refeição do dia era a favorita, invariavelmente a mesma, quando se encontrava em Londres. Bebia duas grandes

xícaras de café preto bem forte e sem açúcar, vindo do De Bry, em New Oxford Street, e preparado num "Chemex" norte-americano. Um ovo cozido durante três minutos e meio, e servido numa pequena taça azul-marinho, debruada, na borda, por um filete dourado.

O ovo era sempre muito fresco, com a casca pintalgada de marrom, produto de galinhas "Marans" francesas, que eram criadas por um amigo de May, o qual morava no interior. (Bond detestava ovos de casca branca, e, apesar de sua inconstância em pequeninas coisas, divertia-se em exigir um ovo bem cozido). Servia-se também de duas grossas torradas de pão de trigo integral, acompanhadas de uma boa porção da espessa e amarela manteiga Jersey; três potes de vidro com geléia de morango da marca Tiptree "Little Scarlet"; marmelada Vintage Oxford, fabricada por Cooper; e mel Norwegian Heather, produto de Fortnum. O bule e a baixela eram Queen Anne, e a porcelana era Minton, do mesmo tom de azul, dourado e branco, como a taça do ovo.

Naquela manhã, enquanto Bond comia mel, como ponto final da refeição, meditava sobre a causa imediata da sua letargia e do seu enfado. Para começar, Tiffany Case, o seu amor de tantos meses felizes, o abandonara e, depois de penosas semanas em que se refugiara num hotel, embarcara para os Estados Unidos, nos últimos dias de julho. Ele sentia muita falta dela e ainda evitava trazê-la à memória. Era agosto e Londres estava calorenta e monótona. Devia tirar férias, mas não se sentia disposto a fazê-lo sem companhia, nem tampouco a arranjar uma substituta temporária para Tiffany. Preferira ficar no quase deserto quartel-general, entregue à rotina e grosseiro com a secretária e os colegas.

Até mesmo M., finalmente, se impacientara com o seu ar de tigre enjaulado e, segunda-feira dessa mesma semana, enviara a Bond um ríspido memorando, nomeando-o membro da Comissão de Inquérito, sob as ordens do capitão Troop. A nota dizia que já era tempo de Bond, na qualidade de oficial graduado do Serviço, tomar parte nos problemas administrativos de maior importância. De qualquer maneira, não havia mais ninguém para assumir o lugar. O quartel-general estava com

poucos auxiliares e a Secção 00 atravessava um período de calma.

Bond deveria apresentar-se nessa tarde, às 2h30, na sala 412.

Era Troop, refletiu Bond acendendo o primeiro cigarro do dia, a causa mais insistente e imediata do seu aborrecimento.

Em todos os grandes ramos de atividade, há sempre um homem, tirano e minucioso demais, cordialmente detestado por todos os auxiliares. Tal indivíduo exerce, sem saber, um papel muito importante, agindo como uma espécie de pára-raios, para os habituais ódios ou temores da equipe. Na realidade, diminui a desagregação desta, proporcionando-lhe um alvo comum. Esse homem é geralmente o gerente-geral, ou o diretor administrativo. É o tipo indesejável que age como cão de guarda sobre as pequeninas coisas: fundo de reserva, aquecimento e luz, toalhas e sabão nos lavatórios, controle do abastecimento, a cantina, marcação de férias, controle de ponto. É o único homem que tem real influência sobre o conforto e o bem-estar do pessoal do escritório e cuja autoridade invade até mesmo a área dos hábitos pessoais dos homens e mulheres que trabalham na organização. Para se candidatar a tal posto e ter as qualidades necessárias para exercê-lo, o indivíduo precisa ter a capacidade de irritar e desagregar. Deve ser parcimonioso, observador, curioso e meticuloso. Deve ser um rígido disciplinador e indiferente às opiniões alheias. Em suma, precisa ser um pequeno ditador. Em todas as empresas bem organizadas, existe um homem como esse. No Serviço Secreto, é o capitão-tesoureiro oficial reformado da Marinha Real, chefe da administração, cujo serviço, é, como ele mesmo diz, "conservar tudo em ordem e à maneira de Bristol".

Era inevitável que os deveres de Troop o tornassem antipático à maioria da organização, mas era, particularmente, de se deplorar que M. não tivesse outro, senão Troop, a quem entregar a presidência do citado Comitê.

Pois esta era mais uma daquelas Comissões de Inquérito nomeadas para tratar dos intrincados aspectos do caso Burgess e Maclean, e dos ensinamentos que dele podiam advir. M. havia idealizado essa comissão, cinco anos depois de haver encerrado o seu arquivo particular sobre o caso, como uma espécie de subsídio ao inquérito do Conselho Privado junto ao Serviço Secreto, organizado em 1955, por ordem do primeiro-ministro.

Logo de início, Bond teve uma estéril discussão com Troop, sobre a utilização de "intelectuais" no Serviço Secreto.

Com certa maldade, e sabendo os aborrecimentos que disso iriam advir, Bond propôs' que se utilizasse certo número de intelectuais para fazerem frente ao chamado "espião intelectual" da era atômica, se é que o M.I.5 e o Serviço Secreto realmente desejavam tratar com seriedade do assunto. Disse Bond: — Oficiais reformados do Exército Indiano não têm capacidade para acompanhar o raciocínio de um Burgess ou de um Maclean. Não têm sequer conhecimento das suas existências e muito menos poderão freqüentar-lhes as rodas e conhecer-lhes os amigos e segredos. Desde que Burgess e Maclean foram para a Rússia, a única forma de se manter contacto com eles e, talvez, quando se sentissem cansados, transformá-los em agentes contra a própria Rússia, seria mandar seus mais íntimos amigos a Moscou, Praga e Budapeste, com ordens para esperar que eles deixassem sua torre de marfim e estabelecessem contacto. E um deles, provavelmente Burgess, acabaria por se deixar vencer pela solidão e pela necessidade de contar sua história a alguém (1). Mas é evidente que não se arriscariam a apresentar-se a algum sujeito envolto em capote de campanha, com bigodões cavalarianos e mentalidade bitolada.

(1) Escrito em março de 1956. — I. F.

— Realmente — respondeu Troop com gélida calma. — Então, sugere que deveríamos organizar nossa equipe com o concurso de intelectuais pervertidos. É uma idéia original. Pensei que estivéssemos todos de acordo em que os homossexuais não oferecem segurança alguma. Não posso imaginar os norte-americanos confiando segredos atômicos a um bando de maricas perfumados.

— Nem todos os intelectuais são homossexuais. E muitos até são carecas. Quero dizer apenas que... — e a discussão continuara ininterruptamente durante as sessões dos três dias seguintes. Os demais membros, até certo ponto, acompanharam Troop. Hoje, teriam de apresentar seus projetos, e Bond pensava se deveria tomar a antipática atitude de dar entrada a uma sugestão da minoria.

Às nove horas da manhã, enquanto descia do apartamento e se dirigia para o carro, Bond pensava se realmente estaria levando o

assunto muito a sério. Não estaria apenas sendo caprichoso e obstinado? Teria tomado, sozinho, essa atitude, apenas para ter algo com que se distrair? Estaria tão entediado que não pudesse encontrar coisa melhor para fazer do que se tornar antipático dentro da sua própria organização? Bond não sabia o que decidir. Sentia-se inquieto e indeciso e, por trás de tudo, isso, havia aquela sensação de desconforto que não sabia definir.

Enquanto acionava a partida e o duplo cano de escapamento do Bentley dava início ao seu ronco surdo, lembrou-se de uma citação anônima que ouvira em alguma parte:

"Os deuses dão o tédio àqueles que pretendem destruir. "

Capítulo 12 — UMA DÁDIVA DOS DEUSES

AFINAL, Bond não precisou tomar decisão alguma a respeito do relatório final da Comissão. Apenas cumprimentara sua secretária, que usava um novo vestido de verão e iniciara o exame dos sinais em código que haviam chegado durante a noite, quando ouviu o chamado do telefone vermelho, que só entrava em contacto direto com M. ou seu chefe do Pessoal.

Bond levantou o fone. — 007.

— Pode subir? — Era o chefe do Pessoal.

— É com M.?

— Sim. E pelo jeito a entrevista será longa. Já avisei a Troop que você não poderá comparecer à Comissão.

— Sabe do que se trata?

O outro riu ligeiramente. — Bem, na realidade, sei. Mas é melhor que se inteire do assunto, pessoalmente. Vai ter uma surpresa. Este caso afasta-se da rotina.

Enquanto Bond vestia o paletó e saía para o corredor, batendo a porta atrás de si, tinha a convicção íntima de que os dias de ócio haviam acabado e de que fora dado o tiro para o início da corrida. Até mesmo a escalada até ao andar superior e a caminhada, pelo longo e silencioso corredor, até à porta da sala de M., pareciam impregnadas daquele mesmo significado das vezes anteriores, quando o chamado do telefone vermelho fora o sinal para lançá-lo, como um projétil, através do mundo, até alcançar um alvo da escolha do seu chefe. Os olhos da srta. Moneypenny, a secretária particular de M., tinham aquele mesmo brilho de excitação e conhecimento de segredos, enquanto lhe dirigia um sorriso e apertava o botão do aparelho de intercomunicações.

— 007 chegou, senhor.

— Mande-o entrar — disse a voz metálica, ao mesmo tempo que, em cima da porta, era acesa a luz vermelha, para evitar interrupções.

Bond entrou e fechou a porta, delicadamente. A sala estava fresca, ou talvez fossem as persianas abaixadas que lhe davam essa sensação de frescura. Formavam linhas de luz e sombra sobre o tapete verde escuro e até à beira da escrivaninha central. Ali parava subitamente a iluminação, de forma que a pessoa por trás da escrivaninha era uma silhueta envolta em penumbra esverdeada. No teto, bem acima da mesa de trabalho, havia um ventilador de duas pás, recente aquisição de M., que girava lentamente revolvendo o ar denso de agosto que, mesmo lá em cima em Regents Park, após uma semana de onda de calor, era sufocante e parado.

M. indicou a cadeira coberta de couro vermelho que estava à frente da escrivaninha. Bond sentou-se e encarou aquele rosto sereno e marcado, de marujo, a quem estimava, honrava e obedecia.

— Incomoda-se se eu lhe fizer uma pergunta íntima, James? — M. nunca fazia perguntas desse teor aos auxiliares e Bond não podia imaginar o que fosse.

— Não, senhor.

M. pegou o cachimbo que descansava no grande cinzeiro de cobre e começou a enchê-lo, observando pensativamente o movimento dos dedos. Disse, bruscamente: — Não é obrigado a responder, mas o assunto diz respeito à sua... amiga, srta. Case. Como sabe, não costumo intrometer-me nessas questões, mas ouvi dizer que vocês estavam-se... encontrando muito, desde aquele caso dos diamantes. Ouvi até rumores sobre um possível casamento. — M. relanceou o olhar em direção a Bond e tornou a desviá-lo. Colocou o cachimbo na boca e acendeu-o. Enquanto aspirava, para avivar a chama incipiente, perguntou pelo canto da boca: — Quer me dizer algo sobre o assunto?

"E agora?" pensou Bond. "Malditos mexericos de escritório". Resmungou: — Bem, senhor, nós realmente nos entendíamos. E tínhamos intenção de casar. Mas ela conheceu um sujeito na Embaixada Norte-americana. Pertencia ao corpo de auxiliares do Adido Militar. Major dos Fuzileiros Navais. Creio que vão casar. Para falar a verdade, ambos partiram para os Estados Unidos. Talvez seja

melhor assim. O casamento com estrangeiros nem sempre dá certo. Pelo que sei, ele é bom rapaz. Provavelmente, será melhor para ela do que viver em Londres. Não conseguia se adaptar. Boa moça, mas um tanto neurótica. Brigávamos muito, talvez por minha culpa. De qualquer forma, já está terminado.

M. deu um dos seus breves sorrisos, que se traduziam mais pelos olhos do que propriamente pelos lábios.

— Lamento que não tenha dado certo, James — disse ele. Seu tom de voz não indicava piedade. Não aprovava o fato de Bond "mulherizar-se", como o denominava, embora reconhecendo que seu preconceito era relíquia de uma educação vitoriana. Mas, como superior de Bond, a última coisa que desejava era vê-lo amarrado a alguma saia de mulher. — Talvez tenha sido melhor. Nesse setor, não podemos nos envolver com mulheres neuróticas. Prendem-nos o braço que precisamos ter livre para atirar, se é que entende o que quero dizer. Desculpe-me ter-lhe perguntado. Mas precisava saber antes de lhe contar o que aconteceu. É um caso muito estranho. Seria difícil entregá-lo a você, se estivesse noivo ou coisa parecida.

Bond sacudiu a cabeça e esperou pela história.

— Então, muito bem — disse M. Havia um tom de alívio em sua voz. Recostou-se na cadeira e deu algumas baforadas no cachimbo, para que não se apagasse.

— Eis o que aconteceu. Recebemos, ontem, uma longa mensagem de Istambul. Segundo soubemos, na terça-feira, o chefe da Estação T recebeu uma mensagem anônima, datilografada, que lhe dizia que comprasse uma passagem de ida e volta para a barcaça das 20 horas, que faz o percurso da ponte de Gaiata até a entrada do Bósforo e dali volta. Nada mais. O chefe da T é um tipo aventureiro e, naturalmente, pôs-se a bordo da barcaça. Foi para a proa e esperou. Depois de mais ou menos um quarto de hora, aproximou-se dele uma moça, uma jovem russa, muito bonita, pelo que diz, e, depois de haverem conversado a respeito da vista e outras banalidades, ela mudou de assunto e, no mesmo tom de palestra, contou-lhe uma história extraordinária.

M. parou para acender novamente o cachimbo. Bond aproveitou para perguntar: — Quem é o chefe da T, senhor? Nunca trabalhei na

Turquia.

— E um homem chamado Kerim, Darko Kerim. Filho de pai turco e mãe inglesa. Um sujeito extraordinário. É chefe da T desde antes da guerra. Um dos melhores auxiliares que temos, em qualquer parte do mundo. Seu trabalho é excelente. É dedicado, muito inteligente, e conhece aquela parte do mundo como a palma da própria mão. M. fez um gesto com o cachimbo e mudou de assunto. — Bem, a jovem disse que era cabo da M.G.B. Entrara em atividade desde que deixara a escola e fora, agora, transferida para Istambul, para servir no Departamento de Códigos. Ela engendrara essa transferência porque desejava sair da Rússia e vir até aqui.

— Ótimo — disse Bond. — Poderá ser muito útil termos aqui uma das suas decifradoras de código. Mas por que ela quer vir?

M. olhou para Bond. — Porque está apaixonada. — Fez uma pausa e continuou suavemente. — Diz estar apaixonada por você.

— Apaixonada por *mim*?

— Sim, por você mesmo. É o que ela diz. Seu nome é Tatiana Romanova. Conhece-a?

— Céus, não! Quero dizer, não, senhor. — M. sorriu ante a série de expressões que passaram pelo rosto de Bond. — Mas o que quer ela dizer com isso? Já me viu? Como sabe da minha existência?

— Bem — disse M. — O caso parece até ridículo. Mas é tão sem propósito que poderia ser verdade. A moça tem vinte e quatro anos. Desde que entrou para a M.G.B., foi designada para trabalhar no Índice Central, que corresponde ao nosso Arquivo. Sua secção é a inglesa. Está lá há seis anos. Uma das fichas que teve de arquivar era a sua.

— Gostaria de ver essa ficha — comentou Bond.

— Diz ela que, primeiramente, interessou-se pelas suas fotografias. Achou-o simpático e assim por diante. — Os cantos da boca de M. viraram para baixo, como se tivesse acabado de chupar um limão. — Leu todos os seus casos. Achou que você é um homem e tanto.

Bond olhou-o desconfiado, mas o rosto de M. permaneceu impassível.

— Ela disse também que se sentiu atraída por você, principalmente

porque a faz lembrar-se do herói de um livro escrito por um russo chamado Lermontov. Esse tal herói gostava de jogar e vivia se metendo em enrascadas. De qualquer forma, ela disse que o acha parecido com ele. Disse ainda que não podia pensar em outra coisa, até que teve a idéia de obter transferência para um país estrangeiro, com o objetivo de se por em contacto com você, para que fosse salvá-la.

— Nunca ouvi uma história tão absurda, senhor. É lógico que o chefe da T não caiu nessa.

— Espere um pouco — a voz de M. era severa. — Não se precipite só porque encontrou algo com que nunca deparara antes. Suponhamos que, em vez de estar neste mister, fosse um astro de cinema. Receberia uma série de cartas tolas enviadas por moças de todas as partes do mundo e repletas de bobagens, como dizer que não podem viver sem você e assim por diante. Nosso caso é o de uma jovem bobinha que trabalha como secretária, em Moscou. Provavelmente, toda a equipe do departamento é constituída por mulheres, tal como aqui. Sem um único homem, na sala, para quem olhar, ela vê-se de repente diante das suas... atraentes feições, numa ficha que é consultada, constantemente. E ela fica o que julgo chamarem de "embeçada" pelas suas fotografias, tal como as secretárias, de todo o mundo, se embeçam pelas fotos horrorosas publicadas nas revistas. — M. acenou com o cachimbo, como a declarar sua completa ignorância dos estranhos hábitos femininos. — Deus sabe que não estou muito a par dessas coisas, mas deve admitir que elas acontecem.

Bond sorriu ante o implícito pedido de socorro. — Bem, para falar a verdade, senhor, começo a ver que há uma certa base. Afinal, não há motivo para que uma jovem russa não seja tão tola quanto uma inglesa. Mas deve ter coragem, para fazer o que fez. O chefe da T deixou transparecer se ela sabe quais as conseqüências, se porventura for descoberta?

— Ele disse que ela estava apavorada — respondeu M. — Enquanto estive no navio, passou o tempo todo olhando ao redor para ver se alguém a vigiava. Mas os únicos passageiros eram os habituais camponeses e operários, e assim mesmo poucos, devido ao adiantado

da hora. Mas espere um pouco. Ainda não ouviu nem metade da história. — M. tirou uma longa baforada e soprou a fumaça em direção ao vagaroso ventilador, bem acima da cabeça. Bond viu a nuvem de fumo ser colhida pelas pás do aparelho e ser girada até desaparecer. — Ela contou a Kerim que seu amor logo se transformou em obsessão. Passou a detestar os homens russos. Com o tempo, isso foi-se transformando num desagrado pelo regime e particularmente pelo trabalho que fazia para eles e, por assim dizer, contra você. De forma que se candidatou a uma transferência para o exterior. Como fala muito bem inglês e francês, deram-lhe a oportunidade de trabalhar no Departamento de Códigos, em Istambul, o que implica num soldo menor. Para encurtar a história, depois de seis meses de treinamento, chegou a Istambul há três semanas. Ali, investigou até conseguir o nome do nosso agente, Kerim, que está lá há tanto tempo que, a esta altura, todos na Turquia já sabem ao que se dedica. Isso não o preocupa e ajuda a desviar a atenção dos agentes especiais que mandamos para lá, uma vez por outra. Não há mal em se manter um auxiliar conhecido, em lugares como esse. Muitas pessoas se dirigiriam a nós, se soubessem com quem se comunicar.

Bond comentou: — O agente conhecido muitas vezes obtém melhores resultados do que o que dispende muito tempo e energia procurando manter-se incógnito.

— De maneira que ela enviou a Kerim aquela mensagem. Agora quer saber se ele pode ajudá-la. — M. fez uma pausa e aspirou o cachimbo, pensativamente. — Naturalmente, a primeira reação de Kerim foi idêntica à sua, admitindo uma possível cilada. Mas não conseguiu descobrir o que os russos teriam a ganhar, enviando-nos aquela jovem. Enquanto isso, a barça adiantava-se em direção ao Bósforo e logo mais estaria voltando para Istambul. A jovem tornava-se cada vez mais ansiosa, enquanto Kerim procurava fazê-la cair em contradição. Nessa altura — os olhos de M. brilharam suavemente ao encarar Bond — surgiu a atração máxima.

Bond observou o brilho dos olhos de M. Como conhecia bem os momentos em que aqueles olhos, geralmente impassíveis, deixavam transparecer excitação e cobiça!

— Havia ainda uma última carta no jogo, e ela sabia que era o

maior trunfo. Se conseguisse chegar até aqui, traria consigo seu aparelho para decifrar o código. É o novo modelo "Spektor", para cuja obtenção daríamos os nossos próprios olhos.

— Meu Deus — sussurrou Bond, enquanto a mente se atordoava ante a magnitude da oferta. O "Spektor"! O aparelho que lhes permitiria decifrar os segredos de Estado. Obtê-lo seria uma vitória extraordinária, ainda que sua perda fosse descoberta imediatamente e as cifras sofressem alteração, ou mesmo que o aparelho fosse alijado do serviço, nas embaixadas russas e nos centros de espionagem em todo o mundo. Bond não era profundo em criptografia e, mesmo para sua segurança, no caso de ser capturado, desejava saber o menos possível sobre esses segredos, mas ao menos estava a par de que a perda do "Spektor" seria considerada uma calamidade pelo serviço secreto russo.

Bond fora convencido. Imediatamente, aceitou a crença de M. na história da jovem, embora parecesse absurda. O fato de uma russa trazer-lhes esse presente e correr tremendo risco para fazê-lo só podia ser um ato de desespero ou, se preferem, de desesperado afeto. Fosse a história da jovem verdadeira ou não, o caso é que o prêmio era grande demais para ser desprezado.

— Compreende, 007? — perguntou M., suavemente. Não era difícil saber o que Bond estava pensando, vendo-se o brilho de excitação em seus olhos. — Compreende o que quero dizer?

Bond contemporizou. — Ela disse como pretendia agir?

— Não foi explícita. Mas Kerim disse que está decidida. Seu plano tem algo a ver com um plantão noturno. Parece que ela faz plantão, sozinha, algumas noites por semana, quando então dorme numa cama de campanha, no próprio escritório. Não aparenta a menor hesitação, embora saiba que será peremptoriamente fuzilada se alguém suspeitar do seu plano. Estava, até mesmo, com medo de que Kerim relatasse tudo isso a mim. Fê-lo prometer que ele mesmo transmitiria a mensagem em código e que não conservaria sequer uma cópia da mesma. É lógico que ele cumpriu as instruções. Assim que ela fez menção do Spektor, Kerim teve a convicção de que este poderia ser o nosso maior golpe, desde o término da guerra.

— Que aconteceu depois, senhor?

— A barça aproximava-se de uma localidade denominada Ortakoy. Ela disse que iria descer ali. Kerim prometeu enviar a mensagem, nessa mesma noite. Ela recusou-se a propiciar novos encontros. Disse apenas que estava disposta a ir até o fim, se nós, de nossa parte, fizéssemos o mesmo. Depois de desejar boa-noite, misturou-se com a multidão que descia o passadiço, e esta foi a última vez que Kerim a viu.

M. inclinou-se para diante, na cadeira, e olhou energicamente para Bond. — Naturalmente, ele não pôde *garantir* que iríamos estar de acordo com o plano.

Bond permaneceu calado. Tinha a impressão de que sabia o que iria ouvir, em seguida.

— Essa jovem só manterá a palavra sob uma condição. — Os olhos de M. estreitaram-se, até parecerem penetrantes e expressivas frestas. — E é que você vá até Istambul para trazê-la, juntamente com o aparelho, à Inglaterra.

Bond encolheu os ombros. Isso não lhe parecia difícil. Mas... Olhou, com ar de ingenuidade, para M. — Parece uma dádiva dos deuses, senhor. A meu ver, apresenta apenas um óbice. Ela conhece-me somente através de fotografias e de histórias fascinantes que leu a meu respeito. Suponhamos que, quando me conhecer pessoalmente, fique desapontada.

— É onde começa o seu trabalho — disse M. secamente. — Eis porque lhe fiz aquelas perguntas sobre a srta. Case. Ficará a seu cargo fazer que ela *não* se desaponte.

Capítulo 13 — SEGUIRÁ PELA B. E. A....

As quatro pequenas hélices de ponta quadrada giraram vagarosamente, uma a uma, até desferirem um penetrante assobio. O ronco surdo das turbinas de jato transformou-se em estridente gemido. A intensidade do ruído e a completa ausência de vibração eram diferentes do hesitante e contido ronco de outras aeronaves em que Bond viajara. Enquanto o "Viscount" deslizava mansamente em direção à pista leste-oeste do aeroporto de Londres, Bond teve a impressão de que estava a bordo de um custoso brinquedo.

Houve uma pausa, a fim de que o comandante acionasse as turbinas de jato até produzir um grito ensurdecido e, depois de soltos os freios, o B.E.A. das 10h30, voo 130 para Roma, Atenas e Istambul, ganhou velocidade, percorreu a pista e elevou-se rápida e facilmente.

Dez minutos depois, haviam atingido 20 mil pés de altitude e dirigiam-se rumo ao sul, pela vasta rota aérea que liga a Inglaterra ao Mediterrâneo. O ruído penetrante dos jatos transformou-se em suave e monótono assobio. Bond desafivelou o cinto de segurança e acendeu um cigarro. Apanhou do chão a estreita e luxuosa valise que estava ao lado e que, embora pequena, era muito pesada. Tirou dela "A Máscara de Dimítrios", de Eric Ambler, e depois colocou-a na cadeira vizinha. Pensou como ficaria admirada a recepcionista do aeroporto de Londres se pesasse a valise em vez de deixá-la passar, sem exame, como um simples estojo de viagem. E, se, por sua vez, a Alfândega tivesse a atenção chamada para o peso inusitado, como ficaria interessada em passar a valise pelo Inspectoscópio!

O Departamento Q, ao preparar a atraente maleta, despregara o remate cuidadosamente feito por Swaine e Adeney, para colocar

cinquenta cápsulas de munição .25, dispostas em duas carreiras achatadas, entre o couro e o forro da parte central. Em cada um dos lados, aparentemente inocentes, havia uma faca feita por Wilkinsons, o fabricante de espadas, com o cabo ardilosamente encoberto pelas costuras laterais. Embora Bond houvesse tentado dissuadi-los da idéia, os peritos do Q haviam insistido em fazer um pequeno compartimento na alça da valise, o qual, mediante compressão de um determinado ponto, deixava escapar, na palma da mão, uma letal pílula de cianureto. (Assim que recebera a valise, Bond jogara a tal pílula no cano de descarga do banheiro). O mais importante, era o grosso tubo de creme para barbear, "Palmolive", em meio a outros inofensivos apetrechos. A parte superior, que podia ser desatarraxadas, continha o silenciador de uma pistola Beretta, envolto em uma camada de algodão. A tampa da valise continha cinquenta soberanos de ouro, no caso de ser necessário dispor-se de uma reserva monetária. As moedas podiam ser retiradas, desde que se afastasse para o lado uma das tiras de couro.

Aquela complicada valise cheia de truques era motivo de diversão para Bond, mas tinha de admitir que, a despeito do seu peso de oito libras, era uma forma conveniente de transportar as ferramentas que seu ofício requeriam e que, se não por esse meio, teriam de ser escondidas em seu vestuário.

Apenas uma dúzia de passageiros dos mais diversos tipos estavam a bordo. Bond sorriu ao imaginar o horror de Loelia Ponsonby quando soubesse que ele era o décimo terceiro. No dia anterior, ao deixar a sala de M. e dirigir-se para o escritório, a fim de providenciar a viagem, sua secretária protestara violentamente porque ele ia viajar numa sexta-feira, dia 13.

— Mas é sempre melhor viajar no dia 13 — explicou Bond, pacientemente. — Não há quase passageiros, há mais conforto e o serviço de bordo é melhor. Sempre que posso, escolho essa data.

— Bem — disse ela, com resignação, — o enterro é seu. Mas vou passar o dia todo preocupada com você. E, por amor de Deus, não passe por baixo de escada e nem faça coisas semelhantes, esta tarde. Não devia abusar assim da sorte. Não sei o que vai fazer na Turquia, nem isso me interessa. Mas tenho uma estranha sensação na medula

dos ossos.

— Ah, esses lindos ossos! — disse Bond, para provocá-la. — Vou convidá-los para jantar, assim que estiver de volta.

— Você não vai fazer nada disso — respondeu ela, friamente. Mas tarde, ela deu-lhe um inesperado e caloroso beijo de despedida, e Bond, pela centésima vez, perguntou a si mesmo porque se preocupava com outras mulheres, quando a mais adorável de todas era sua secretária.

O avião prosseguia viagem, sobrevoando nuvens que pareciam feitas de creme batido e tão sólidas que se podia parar nelas, caso os motores falhassem. As nuvens afastaram-se e a distante mancha azulada que surgiu, à esquerda, era Paris. Durante uma hora, voaram a grande altura por cima dos campos queimados da França até que, depois de Dijon, o verde da paisagem passou de um tom claro para um mais escuro, à medida que se aproximavam do Jura.

O almoço foi servido. Bond pôs de lado o livro e os pensamentos que persistiram em infiltrar-se entre ele e a página impressa e, enquanto comia, admirou a superfície espelhada do lago de Genebra. As florestas de pinheiros subiam até às lindas encostas nevadas dos Alpes, o que lhe trouxe à memória as férias que passara esquiando. O avião deu a volta ao grande pico do Mont Blanc, algumas centenas de jardas à esquerda, e Bond -contemplando as geleiras cinzentas como pelo de elefante, viu-se novamente em sua juventude, com uma corda amarrada à cintura, galgando a chaminé formada pelas "Aiguilles Rouges", enquanto os colegas da Universidade de Genebra trepavam pela rocha escorregadia em sua direção.

E agora? Bond sorriu amargamente para o seu reflexo no vidro Perspex, enquanto o avião deixava as montanhas e sobrevoava a acidentada planície da Lombardia. Se aquele jovem James Bond o interpelasse na rua e lhe dirigisse a palavra, reconhecia nele o rapaz idealista e impetuoso que fora aos dezessete anos? E esse rapaz que pensaria dele, do agente secreto, do James Bond mais velho? Poderia reconhecer-se sob a aparência deste homem endurecido por anos de traições, falta de escrúpulos e medo? deste homem de olhos frios e arrogantes, com uma cicatriz no rosto e um volume achatado embaixo do braço esquerdo? E se o jovem conseguisse reconhecer-se, qual

seria a sua opinião? Que pensaria da atual missão de Bond? Qual o seu julgamento sobre o atraente espião que atravessava o mundo para desempenhar um novo e romântico papel, o de gigolô para o bem da Inglaterra?

Bond desviou do pensamento a idéia da juventude passada. Nunca se volta atrás. Pensar no que poderia ter sido era perda de tempo. "Siga o seu destino e dê-se por satisfeito, feliz por não ser um vendedor de motores de segunda mão, ou um repórter de jornais sensacionalistas, intoxicado por gim e nicotina, ou um aleijado ou... um cadáver."

Enquanto olhava para a paisagem ensolarada de Gênova e as mansas águas azuis do Mediterrâneo, Bond fechou a mente para o passado e concentrou-se no futuro imediato, neste caso que ele descrevia amargamente para si próprio como "o de um gigolô para o bem da Inglaterra".

Embora alguém quisesse descrevê-lo de maneira diferente, o que ia fazer era exatamente isto: seduzir, e muito rapidamente, uma jovem a quem nunca vira antes e cujo nome ouvira, pela primeira vez, no dia anterior. E todo esse tempo, não obstante o fato de ser ela atraente (e o chefe da T havia dito que era muito bonita), Bond deveria se concentrar não na sua pessoa, mas sim. nas suas posses: o dote que ela traria consigo. Era o mesmo que tentar casar-se com uma milionária, por causa do dinheiro. Conseguiria desempenhar bem o papel? Talvez conseguisse dar ao rosto a expressão exata e também dizer as palavras apropriadas, mas poderia o corpo divorciar-se dos pensamentos secretos e agir de acordo com o amor que iria declarar? Como podiam os homens ser convincentes na cama, quando só pensavam na conta bancária da mulher? Talvez houvesse um estímulo erótico na idéia de que se estava violentando um saco de ouro. Mas, e um aparelho de decifrar?

Passaram por cima da ilha de Elba e o avião dirigiu-se para Roma, cinquenta milhas à frente. Depois de meia hora entre os incessantes alto-falantes do aeroporto de Ciampino, o tempo suficiente para se tomar dois excelentes "americanos", prosseguiram a viagem, rumando em direção à ponta da bota italiana, e Bond concentrou-se em preparar, minuciosamente, os detalhes da entrevista que se

aproximava a trezentas milhas por hora.

Seria tudo isso um intrincado plano da M.G.B., para o qual não encontrava solução? Estaria ele a caminho de uma armadilha oculta até mesmo para a atilada mente de M.? Era certo que este se preocupava ante tal possibilidade. O caso havia sido estudado sob todos os ângulos, e todos os prós e contras tinham sido examinados, não apenas por M., mas por toda uma comissão constituída de chefes de secções e que trabalhara durante a tarde e a noite anteriores. Mas, embora encarada a questão por todos os lados, ninguém conseguia compreender o que os russos teriam a ganhar. Poderiam querer raptar Bond e submetê-lo a um interrogatório. Mas porque Bond? Era um agente de operações que não estava a par da rotina do Serviço e que nada mais poderia oferecer aos russos do que os detalhes da sua missão atual e informações sobre casos passados, sem importância capital. Ou poderiam querer matar Bond, como represália. Mas há dois anos que nada tinham a ver com ele. E, se quisessem eliminá-lo, bastaria atirar contra ele em alguma rua de Londres, ou no seu apartamento, ou ainda, colocar uma bomba em seu carro.

Os pensamentos de Bond foram interrompidos pela comissária. — Apertem os cintos por favor. — Mal acabara de falar, o avião perdeu altura e tornou a subir, dando ao gemido dos jatos um tom diferente. Lá fora, o céu ficara negro, subitamente. A chuva martelava os vidros. Um ofuscante clarão branco e azul, seguido de um estrondo, deu-lhes a impressão de que haviam sido atingidos por algum projétil de bateria antiaérea. E a aeronave, balançando, prosseguiu em meio à tempestade magnética que a obrigava a afastar-se da entrada do Adriático.

Bond sentiu o cheiro de perigo. É realmente um odor, misto de suor e eletricidade, como o que se pode sentir num parque de diversões. O relâmpago tornou a agitar suas mãos contra as vidraças. Craque! Tiveram a impressão de que eram alvo dos aplausos dos trovões. De repente, o avião lhes pareceu incrivelmente pequeno e frágil. Treze passageiros! Sexta-feira, dia 13! Bond lembrou-se das palavras de Loelia Ponsonby e suas mãos tornaram-se úmidas contra os braços da cadeira. "Há quanto tempo terá sido construído este avião?" — pensou. — "Quantas horas de vôo já terá feito? Será que o mortífero micróbio da fadiga do metal começou a infiltrar-se nas asas?

Quanto da sua resistência já terá conseguido corroer? Afinal, talvez não chegue a Istambul". Possivelmente, o destino de Bond, sobre o qual meditara filosoficamente havia uma hora apenas, seria um mergulho a prumo no golfo de Corinto.

No âmagão de Bond existia um compartimento à prova de furacões, a espécie de cidadela que ainda se encontra em casas antiquadas, nos trópicos. São pequenas celas construídas no centro da casa, no andar térreo ou, às vezes, subterrâneas. Lá se refugiam o dono da casa e a família, quando a tempestade ameaça destruir tudo, e permanecem ali até que o perigo passe. Bond ia para a sala à prova de furacões apenas quando a situação não podia ser controlada e nada mais havia que fazer. Retirou-se para a tal cidadela, abstraiu-se do infernal barulho e do sacolejar violento, e focalizou um ponto nas costas da cadeira em frente, esperando, com os nervos relaxados, que se decidisse a sorte do vôo n.º 130 da B.E.A.

Quase que imediatamente, a luz clareou. A chuva parou de bater nas vidraças de Perspex e o ruído dos jatos voltou ao imperturbável assobio. Bond abriu a porta da sua sala antifuracões e saiu. Girou vagarosamente a cabeça e olhou, com curiosidade, através do vidro, para a pequena sombra do avião projetada, ao longe, sobre a superfície calma das águas do golfo de Corinto. Deixou escapar um profundo suspiro e procurou a cigarreira de metal, no bolso traseiro das calças. Ficou satisfeito por ver que as mãos não tremiam enquanto acendia, com o isqueiro, um dos seus cigarros "Morland", ornados com três círculos dourados. Deveria dizer a Lil que ela por pouco não acertara? Decidiu que o faria se pudesse encontrar, em Istambul, um cartão suficientemente malcriado.

O dia lá fora foi esmaecendo por uma gama de cores e o monte Himeto apareceu-lhes azul, por entre a penumbra. Perderam altitude sobre a área faiscante de Atenas, e logo o "Viscount" deslizava pela pista de concreto do aeroporto, e puderam ver a biruta caída e os avisos escritos naquelas letras bizarras que Bond nunca mais vira desde que deixara a escola.

Bond desceu do avião juntamente com o punhado de passageiros pálidos e silenciosos, atravessou o saguão e dirigiu-se para o bar. Pediu uma dose de anis e tomou a seguir um gole de água gelada.

Havia um travo rascante por sob o gosto enjoativo do anis e Bond sentiu a bebida queimar-lhe rapidamente a garganta e o estômago. Pousou o copo e pediu outro.

Quando os alto-falantes tornaram a chamá-lo, já estava escuro e a meia-lua surgia claramente por cima das luzes da cidade. O ar da noite estava impregnado do perfume das flores. Ouvia-se o zumbido persistente de uma libélula: zigue-zigue-zigue. Ao longe, um homem cantava: a voz era clara e triste, e a canção parecia um lamento. Perto do aeroporto, um cachorro latiu ferozmente ao sentir um cheiro humano desconhecido. Bond teve, subitamente, a noção de que se achava no Oriente, onde os cães de guarda uivam durante toda a noite. Por algum motivo, essa percepção deu-lhe uma sensação de prazer e excitação.

Tinham pela frente um voo de apenas noventa minutos até Istambul, atravessando o escuro Egeu e o mar de Mármara. Um excelente jantar, acompanhado de dois "Martini" secos e meia garrafa de clarete "Calvet", transformou as restrições de Bond a respeito de viagens em sexta-feira, 13, e suas preocupações sobre a missão que devia desempenhar, em agradável expectativa.

Finalmente, chegaram. As quatro hélices do aparelho deixaram de girar, diante do belo e moderno aeroporto de Yesilkoy, a uma hora apenas de Istambul. Bond despediu-se da comissária e agradeceu-lhe seus bons ser-

viços. Transportou a pequena e pesada valise até ao balcão de apresentação de passaportes, na alfândega, e esperou que sua mala fosse desembarcada do avião.

E então? os turcos atuais eram esses oficiais morenos, feios e baixinhos? Prestou atenção à sua maneira de falar, cheia de vogais abertas, sons sibilantes e "us" guturais, e notou que seus olhos escuros desmentiam as vozes macias e polidas: eram olhos brilhantes, ferozes e cruéis de homens recém-vindos das montanhas. Bond conhecia-lhes a história. Olhos de quem havia sido treinado, durante séculos, para vigiar ovelhas e identificar sinais no horizonte longínquo. De quem estava sempre alerta para usar a faca, sem o dar a perceber. De quem contava os grãos servidos à refeição, e também o troco mais miúdo enquanto observava o movimento dos dedos do comerciante. Olhos

frios, desconfiados e ciumentos. Bond não os apreciava.

Ao deixar a alfândega, um homem alto e esguio, usando negros bigodes pendentes, surgiu dentre as sombras. Usava um elegante guarda-pó e boné de motorista. Cumprimentou Bond e, sem perguntar-lhe o nome, apanhou a maleta e dirigiu-se para um luzente carro de classe: um velho "Rolls Royce" preto, modelo "coupé-de-ville", que, na opinião de Bond, deveria ter sido construído especialmente para algum milionário da década dos 20.

Enquanto o carro deslizava para fora do aeroporto, o homem voltou-se e disse delicadamente por cima do ombro, em excelente inglês: — Kerim Bey acha que o sr. prefere descansar, esta noite. Devo ir buscá-lo amanhã cedo, às nove horas. Em que hotel vai-se hospedar, senhor?

— No "Kristal Palas".

— Muito bem, senhor. — O carro disparou pela larga e moderna estrada.

Bond percebeu indistintamente o som do arranque de uma motocicleta, vindo das sombras do pátio de estacionamento do aeroporto, que haviam deixado para trás. O ruído não tinha especial significação para ele, que se acomodou mais confortavelmente, a fim de melhor aproveitar o passeio.

Capítulo 14 — DARKO KERIM

JAMES BOND acordou cedo em seu quarto infecto, no "Kristal Palas", situado na parte alta de Pera e distraidamente dirigiu a mão para um prurido que sentia no lado externo da coxa direita. Alguma coisa o mordera durante a noite. Coçou-se, irritado.

Devia ter esperado por isso. Quando chegara, na noite anterior, e fora cumprimentado por um taciturno porteiro de calças e camisa sem colarinho, sabia o que o esperava, ao examinar por alto os vasos de cobre com plantas cobertas de moscas, no saguão de entrada, e os desbotados azulejos mouriscos do chão e das paredes. Pensara em dirigir-se para outro hotel. Mas decidira ficar: tinha preguiça e era movido por uma obstinada preferência pela aura de romance que envolve os antiquados hotéis continentais. Feito o registro, seguiu o homem até o terceiro andar, no elevador de modelo obsoleto.

O quarto continha um mínimo de móveis velhos e uma cama com grade de ferro. Era exatamente o que esperava. Antes de despedir o porteiro, examinou o papel da parede, por trás da cama, para ver se encontrava manchas de sangue de percevejos esmagados.

Fora precipitado. Quando entrou no banheiro e abriu a torneira de água quente, esta respondeu-lhe com um profundo suspiro seguido de violenta tosse e, finalmente, expeliu uma pequena centopéia. Bond, contrariado, empurrou-a para o ralo, com o filete de água barrenta que saía da torneira de água fria. Isso era no que dava, pensou com impaciência, escolher um hotel porque o nome lhe parecera divertido e também por desejar livrar-se do conforto excessivo dos hotéis de luxo.

Mas dormira bem, e agora, excetuando o fato de ter de comprar inseticida, decidiu esquecer o desconforto e enfrentar o dia.

Bond levantou-se, afastou as pesadas cortinas de veludo vermelho, debruçou-se no balaustre de ferro e admirou uma das mais famosas paisagens de todo o mundo: à direita, as águas tranquilas do Golden Horn; à esquerda, as ondas irrequietas do desprotegido Bósforo; e, ao centro, os telhados oblíquos, os elevados minaretes e atarracadas mesquitas de Pera. Afinal, sua escolha havia sido boa. A vista compensava os percheiros e a falta de conforto.

Durante dez minutos, Bond admirou a faiscante barreira de água que separa a Europa da Ásia, depois voltou para o quarto, já agora ensolarado, e pediu, pelo telefone, a primeira refeição. Em inglês não conseguiu fazer-se entender, mas em francês não teve dificuldade. Preparou um banho frio e barbeou-se pacientemente com água fria, enquanto fazia votos para que o exótico café matinal que havia pedido, não redundasse em fiasco.

Não desapontou. O iogurte, servido numa tigela de porcelana azul, era bem amarelo e tinha consistência de creme batido. Os figos frescos, já descascados, estavam no ponto exato de maturação, e o café turco, bem forte e de gostinho amargo, indicava que fora moído havia pouco. Bond sentou-se à mesa em frente à janela aberta, para saborear a deliciosa refeição. Observou os vapores e os caíques que se entrecruzavam nos dois mares em frente, e pensou em Kerim e nas novidades que iria ouvir.

Pontualmente, às nove horas, o elegante "Rolls" veio buscá-lo e levou-o, através da praça Taksim e da populosa Istiklal, para fora da Ásia. A fumaça negra e densa dos vapores, que esperavam passagem, associada às elegantes corvetas da Marinha Mercante, cortava a primeira secção da ponte de Gaiata e ocultava à vista a outra praia, para a qual se dirigia o "Rolls", em meio a bicicletas e bondes, abrindo caminho por entre os pedestres, com um discreto toque da antiquada buzina de mão. A seguir, o caminho ficou desimpedido e a velha parte europeia de Istambul faiscou, ao fim da larga ponte de meia milha de extensão, mostrando os esguios minaretes projetados para o céu e os zimbórios das mesquitas que, agachados a seus pés, pareciam grandes e firmes seios. A paisagem deveria lembrar as Mil e Uma Noites. Mas, para Bond, que a via acima do teto dos bondes e dos modernos letreiros ao longo da margem do rio, lembrava um antigo e belo

cenário teatral que a Turquia desprezara em favor da lisa estrutura de concreto armado do "Istambul-Hilton Hotel", que havia deixado para trás, rebrilhando, na parte alta de Pera.

Atravessada a ponte, o carro dirigiu-se para a direita, por uma estreita rua macadamizada, paralela ao cais, e parou diante de um elevado portão de madeira. O vigia, de aparência truculenta, mas de rosto pequeno e sorridente, envergando um esfarrapado uniforme, saiu de uma guarita e cumprimentou-os. Abriu a porta do carro e fez sinal a Bond para que o acompanhasse. Tornou a entrar na guarita e atravessou uma porta que conduzia a um pequeno pátio no qual havia um canteiro que fora revolvido havia pouco. Ao centro, via-se um carcomido pé de eucalipto, à sombra do qual duas pombinhas ciscavam. O ruído da cidade era um longínquo ribombo, e o ambiente era de calma e sossego.

Passaram pelo caminho de cascalho e por outra pequena porta e Bond encontrou-se numa das extremidades de um grande porão, com altas janelas circulares, através das quais filtravam-se empoeirados raios de sol que incidiam sobre uma pilha de pacotes e fardos de mercadorias. Pairava no ar um odor fresco e úmido de especiarias e café e, enquanto Bond seguia o vigia pelo corredor central, foi envolto numa súbita onda de essência de hortelã.

Ao fim do longo armazém, havia uma plataforma cercada de balaústres. Ali, meia dúzia de rapazes e moças sentados em altos tamboretas, escrituravam grossos e velhos livros de contabilidade. Parecia um escritório ao estilo de Dickens, e Bond notou que ao lado do tinteiro havia um manuseado aparelho de calcular. Nenhum dos empregados ergueu os olhos quando Bond passou por eles, mas um homem alto e moreno, de rosto longo e contrastantes olhos azuis, adiantou-se da escrivaninha mais afastada e tomou o lugar do vigia. Sorriu amavelmente para Bond, pondo à mostra uma fileira de dentes extremamente brancos, e conduziu-o para o fim da plataforma. Bateu a uma porta de acaju, com fechadura Yale, e, sem

esperar resposta, abriu-a, permitindo a passagem de Bond, e tornou a fechá-la.

— Ah, meu amigo. Entre. Entre. — Um homem de grande estatura, trajando um bem cortado terno de tussor cor de creme, saiu

detrás de uma escrivaninha de acaju e veio-lhe ao encontro, com a mão estendida.

O tom de autoridade impresso na voz forte e acolhedora lembrou a Bond que esse era o chefe da T e que ele estava em território alheio e, juridicamente, sob seu comando. Simples questão de etiqueta, mas que devia ser lembrada.

O aperto de mão de Darko Kerim era forte e seco. Era o cumprimento másculo do Oriente e não o semelhante a uma casca de banana, usado no Ocidente, que faz a gente ter vontade de limpar os dedos na beira do paletó. E aquela mão grande tinha tanta força que poderia apertar a sua, mais e mais, até finalmente estalar os ossos.

Bond media seis pés de altura, mas esse homem tinha, pelo menos, duas polegadas a mais e dava a impressão de ter o dobro da sua altura e da sua largura. Bond viu-se à frente de dois olhos azuis bem separados e sorridentes, num rosto moreno e liso, de nariz quebrado. Os olhos eram úmidos e raiados de vermelho, como os de um cão que se deita, freqüentemente, muito próximo à lareira. Bond reconheceu neles uma profunda devassidão.

Com seu rosto altivo, o basto cabelo preto e crespo, o nariz quebrado, lembrava vagamente um cigano. A aparência de um soldado errante da fortuna era aumentada pela pequena argola de ouro que Kerim usava no lóbulo da orelha direita. Era um rosto assustadoramente dramático: vital, cruel e devasso; mas o que se salientava, mais do que o drama, era a vida que irradiava. Bond refletiu que jamais vira tanta vitalidade e calor num rosto humano. Era como estar perto do sol e Bond, soltando a mão forte e seca, retribuiu o sorriso de Kerim com uma simpatia que raramente sentia por estranhos.

— Obrigado por ter enviado o carro para esperar-me, ontem à noite.

— Ah! — Kerim demonstrou satisfação. — Deve também agradecer aos nossos amigos. Foi esperado por ambas as facções. Sempre seguem o meu carro quando este se dirige ao aeroporto.

— Era uma "Vespa" ou uma "Lambretta"?

— Reparou? Era uma "Lambretta". Têm uma esquadrilha completa para aqueles homúnculos que eu chamo de "Sem Cara". São

tão parecidos que não é possível distingui-los. Pequenos "gangsters", na maioria búlgaros infectos, que fazem o trabalho sujo para eles. Mas acho que esse ficou bem para trás. Não mais se aproximam do "Rolls", desde que meu motorista parou de repente e deu marcha-à-ré a toda a velocidade. Estragou a pintura e manchou de sangue a parte inferior do chassis, mas ensinou-lhes boas maneiras.

Kerim dirigiu-se para sua cadeira e apontou para uma idêntica em frente da escrivaninha. Ofereceu uma cigarreira branca e de formato achatado a Bond e este, depois de sentar-se, pegou um cigarro e acendeu-o. Era o melhor cigarro que já fumara: o mais suave e doce tabaco turco num tubo esguio e oval, enfeitado por um elegante crescente em dourado.

Enquanto Kerim adaptava um deles a uma longa piteira de marfim, manchada de nicotina, Bond aproveitou a oportunidade para observar a sala que cheirava fortemente a tinta e a verniz, como se tivesse acabado de ser redecorada. Era grande, quadrada e com lambris de acaju em todas as paredes, com exceção daquela que estava por trás da cadeira de Kerim, onde uma tapeçaria oriental pendia do teto e movia-se suavemente, como se houvesse uma janela aberta por trás dela. Mas isso parecia pouco provável, pois a luz vinha de três janelas de formato circular, situadas bem ao alto da parede. Talvez por trás da tapeçaria houvesse um balcão que desse para o Golden Horn, cujo ruído das ondas Bond podia ouvir chocando-se contra as paredes lá embaixo. Ao centro da parede da direita, havia uma reprodução, em moldura dourada, do retrato da rainha, por Annigoni. Do lado oposto, também em bela moldura, via-se a obra de Cecil Beaton, feita no tempo da guerra, retratando Winston Churchill sentado à sua mesa no Ministério.

Como um orgulhoso buldogue. Contra uma parede, via-se uma larga estante e, na oposta, um confortável diva forrado de couro. Ao centro da sala, os puxadores de bronze da grande mesa faiscavam. Entre as muitas coisas que havia em cima do móvel, Bond divisou de relance os timbres de dois despachos da Divisão Militar da O.B.E. guarnecidos por três molduras de prata.

Kerim acendeu o cigarro. Recostou a cabeça na tapeçaria atrás da cadeira. — Nossos amigos fizeram-me uma visita, ontem — disse

casualmente. — Colocaram uma bomba grudada à parede externa. Fixaram o detonador para pegar-me à minha mesa. Por sorte, eu havia tirado uma folga para descansar no diva em companhia de uma jovem romena, que ainda pensa que um homem dirá segredos em troca de amor. A bomba explodiu num momento vital. Não me deixei perturbar, mas a experiência foi demasiada para a jovem. Quando a soltei, ela estava histérica. Creio que decidiu que minha técnica amorosa é por demais violenta. — Fez um gesto com a piteira, como que a desculpar-se. — Tivemos de correr para por a sala em ordem, para a sua visita. Vidros novos para as janelas e para os meus quadros, mas a sala ainda tresanda a tinta. — Kerim recostou-se na cadeira. Seu rosto demonstrava certa preocupação. — O que não posso compreender é esta súbita quebra do armistício. Vivemos em conjunto muito amigavelmente, em Istambul. Todos temos um trabalho a fazer. Não é cabível que os meus "caros colegas" subitamente declarem guerra dessa maneira. É de preocupar. Só pode causar aborrecimentos aos nossos amigos russos. Serei obrigado a retribuir ao homem que fez isso, assim que souber o nome dele. — Kerim sacudiu a cabeça. — É muito complexo. Espero que não tenha relação com o seu caso.

— Mas, era necessário tornar minha chegada um ato público? — perguntou Bond, suavemente. — A última coisa que desejo é envolvê-los nisso. Por que mandou o "Rolls" ao aeroporto? Só serviu para comprometê-lo comigo.

O riso de Kerim foi indulgente. — Meu amigo, devo explicar-lhe algo que precisa saber. Nós, os russos e os americanos, temos um homem sob nossas ordens, mediante pagamento, em todos os hotéis. E todos nós subornamos um funcionário da polícia secreta, no quartel-general, e recebemos uma cópia, em carbono, da lista de todos os estrangeiros que entram no país, por via férrea, aérea ou marítima. Se dispusesse de mais alguns dias, poderia tê-lo feito entrar sorrateiramente pela fronteira grega. Mas, para quê? Sua chegada aqui tem de ser do conhecimento do outro lado, para que nossa amiga possa entrar em contacto com você. Estabeleceu a condição de ser ela quem providenciará o encontro. Talvez não tenha confiança no nosso sistema de segurança. Quem sabe? Mas foi positiva sobre o assunto e disse, como se eu não soubesse, que o centro russo seria

imediatamente avisado da sua chegada. — Kerim encolheu os largos ombros. — Então, para que dificultar-lhe as coisas? Minha única preocupação é tornar sua estada agradável e confortável: ao menos para que possa desfrutá-la, mesmo que resulte em nada.

Bond riu. — Retiro o que disse. Havia-me esquecido da forma balcânica de fazer as coisas. De qualquer maneira, estou sob suas ordens, aqui. Diga-me o que fazer e eu o farei.

Kerim mudou de assunto. — E, já que falamos de conforto: que tal é o hotel? Fiquei surpreso por vê-lo escolher o "Palas". É pouco melhor do que um pardieiro, uma espelunca. E é um ninho de russos. Não que isso tenha importância.

— Não é muito ruim. Apenas não quis ficar no "Istambul-Hilton" ou outro tão aristocrático.

— Dinheiro? — Kerim abriu a gaveta e dela tirou um maço de notas verdes, novas. — Aqui tem mil libras turcas. Seu valor real, sua cotação no câmbio-negro, está na proporção de vinte para uma libra inglesa. O câmbio oficial é de sete. Avise-me quando precisar, e eu lhe darei quantas mais quiser. Podemos acertar contas quando tudo estiver terminado. Afinal, isso é micharia. Desde que Creso, o primeiro milionário, inventou as moedas de ouro, o dinheiro tem depreciado. E a cunhagem das moedas tem decaído na mesma medida da desvalorização. Primeiro, ostentavam o rosto de deuses, depois, o de reis, depois, o de presidentes. Agora, não há mais rostos. Olhe só para isto! — Kerim jogou o dinheiro em direção a Bond. — Hoje em dia, é só papel com a reprodução de um edifício público e a assinatura do tesoureiro. Lixo! O milagre é que ainda se possa comprar alguma coisa com isto! Cigarros? Fume apenas destes. Mandarei algumas centenas para o seu hotel. São os melhores. "Diplomatas". Não são fáceis de encontrar. A maioria vai para os ministérios e as embaixadas. Mais alguma coisa antes de entrarmos no assunto? Não se preocupe com as refeições e nem com os divertimentos. Cuidarei disso. Terei prazer nisso e, se me permitir, gostarei de ficar ao seu lado enquanto estiver aqui.

— Nada mais — respondeu Bond. — Exceto que precisa ir até Londres, qualquer dia.

— Nunca — disse Kerim, com decisão. — O clima e as mulheres

são frios demais. Sinto-me orgulhoso de tê-lo aqui. Faz-me lembrar da guerra. E agora — apertou uma campainha sobre a mesa. — Prefere o café simples ou com leite? Na Turquia, não se pode falar de assuntos sérios sem café ou raque, e ainda é muito cedo para este.

— Simples.

A porta por trás de Bond abriu-se. Kerim deu uma ordem. Quando a porta se fechou, ele abriu uma gaveta e tirou uma pasta e a colocou diante de si. Espalmou a mão sobre ela.

— Meu amigo — disse com ar preocupado — não sei o que pensar sobre este caso. — Recostou-se na cadeira e cruzou as mãos na nuca. — Já lhe ocorreu que o nosso trabalho é muito semelhante a uma filmagem? Quantas vezes já reuni todo o pessoal no estúdio, julgando que poderia iniciar o filme. Mas, quando não é o tempo que atrapalha, são os atores ou os acidentes que ocorrem. E há outra coisa que acontece durante uma filmagem. O amor surge de alguma forma, na pior das hipóteses como agora, entre os dois astros principais. Este é para mim o fator que causa maior confusão e também o mais misterioso. Estará essa jovem realmente apaixonada pela idéia que faz a seu respeito? Continuará " assim quando o conhecer? Poderá você amá-la com tamanha convicção que a fará mudar para o nosso lado?

Bond não fez comentários. Ouviu-se uma batida na porta e o chefe do escritório colocou uma xícara de porcelana casca de ovo, presa a um suporte de filigrama dourada, em frente a cada um deles, e tornou a sair. Bond tomou o café e pousou novamente a xícara. A bebida era boa, mas cheia de pó. Kerim tomou o café de um gole, pôs um cigarro na piteira e acendeu-o.

— Não há nada a fazer em relação ao amor — continuou Kerim, como se pensasse alto. — O melhor é esperar e ver o que acontece. Enquanto isso, há outras coisas a fazer. — Apoiou-se na escrivaninha e olhou para Bond, de maneira enérgica e astuta. — Algo está acontecendo no setor inimigo, meu caro. Não me refiro apenas a esse atentado contra mim. Há muito movimento. Tenho poucos dados, mas — apontou com um longo indicador para o próprio nariz — eu tenho isto. — Deu um tapinha no nariz, como se acariciasse um cachorro. — Este é um bom amigo meu, no qual confio. — Tornou a baixar a mão, vagarosamente e com ênfase, e acrescentou suavemente: — Se o

prêmio não fosse tão alto, eu lhe diria: volte para casa, meu amigo. Volte para casa. Paira no ar algo de afugentar.

Kerim recostou-se na cadeira. Sua voz perdeu o tom grave. Soltou uma possante gargalhada. — Mas, nós não somos velhas medrosas. E este é o nosso trabalho. Portanto, vamos esquecer o meu nariz e passemos adiante. Antes de mais nada, deseja saber algo que eu possa informar? A moça não deu mais sinal de vida, desde que enviei a mensagem. Não tenho outros informes. Mas, talvez queira fazer-me algumas perguntas sobre o encontro.

— Desejo saber apenas uma coisa — disse Bond, sem expressão. — Qual a sua opinião sobre essa jovem? Acredita na sua história, ou não? Na história a meu respeito? Nada mais interessa. Se ela não tem realmente uma espécie de cisma histérica comigo, então tudo cai por terra e transforma-se em alguma complicada conspiração da M.G.B. que não podemos compreender. E então, acreditou na moça? — A voz de Bond era ansiosa e seus olhos perscrutavam o rosto do outro.

— Ah, meu amigo — Kerim balançou a cabeça e abriu os braços num gesto amplo. — Foi o que perguntei a mim mesmo na ocasião e o que venho perguntando desde então. Mas quem pode dizer se uma mulher está mentindo em questões dessas? Os olhos dela brilhavam. São olhos lindos e sem maldade. Os lábios úmidos estavam entreabertos. A voz era ansiosa e assustada, como se temesse o que fazia e dizia. Os nós dos dedos estavam brancos pela força com que apertava a grade do navio. Mas que se passava em seu coração? — Kerim ergueu as mãos. — Só Deus sabe. — Deixou-as cair com resignação. Espalmou-as sobre a mesa e olhou diretamente para Bond. — Só há uma forma de se conhecer se uma mulher realmente o ama; e assim mesmo é preciso ser um perito para não se enganar.

— Sim — respondeu Bond, em ar de dúvida. — Sei o que quer dizer. É na cama.

Capítulo 15 — O PASSADO DE UM ESPIÃO

Foi servido mais café e depois mais ainda, e a grande sala foi ficando densa com a fumaça do cigarro, enquanto os dois homens discutiam todos os ângulos da questão. Uma hora depois, haviam voltado ao ponto inicial. Era da competência de Bond resolver o problema da jovem e, se ficasse convencido pelos seus argumentos, tirá-la do país juntamente com o aparelho.

Kerim comprometeu-se a cuidar dos problemas administrativos. Como primeira providência, falou com seu despachante, pelo telefone, e reservou dois lugares em todas as companhias com vôos escalados para a semana seguinte: B. E. A., Air France, S. A. S. e Turkair.

— Agora, precisa arranjar um passaporte — disse ele. — Um será suficiente. Ela pode passar por sua esposa. Um dos meus homens tirará a sua fotografia e arranjará uma de alguma jovem que se pareça com ela. Na realidade, uma fotografia antiga da Garbo também serve. Há certa semelhança. Ele conseguirá nos arquivos dos jornais. Falarei com o cônsul-geral, sujeito excelente que aprecia os meus casos de capa-e-espada. O passaporte estará pronto hoje à noite. Que nome gostaria de usar?

— Escolha um, ao acaso.

— Somerset. Minha mãe era de lá. David Somerset. Profissão: diretor de empresa. Isso não quer dizer nada. E a moça? Digamos: Caroline. Ela tem jeito de Caroline. Um casal de jovens esportistas ingleses que gostam de viajar. Declaração de bens? Deixe isso ao meu cargo. Um cheque de viajante de oitenta libras e um recibo de banco para provar que você trocou cinquenta enquanto esteve na Turquia. Alfândega? Eles nunca examinam nada e ficam muito satisfeitos

quando alguém faz compras no país. Declare algumas lembranças turcas : presentes para os amigos, em Londres. Se tiver de sair às pressas, deixe que eu me encarrego da conta do hotel e da bagagem. Conhecem-me bem no "Palas". Mais alguma coisa?

— Que eu me lembre, não.

Kerim olhou para o relógio. — Meio-dia. Bem na hora do carro levá-lo de volta ao hotel. Pode haver algum recado. Examine bem os seus pertences, para o caso de alguém ter sido curioso.

Tocou a campainha e deu instruções ao chefe do escritório, que conservava os olhos observadores fitos em Kerim e a cabeça pendente para a frente, como a de um galgo.

Kerim acompanhou Bond até à porta. Novamente lhe deu um forte aperto de mão. — O carro o conduzirá para o almoço — disse. — Num pequeno restaurante no Mercado de Especiarias. — Seus olhos fitaram Bond, com alegria. — Tenho prazer em trabalhar com você. Faremos uma boa dupla. — Largou a mão de Bond. — E agora devo fazer uma série de coisas urgentes. Podem ser providências erradas, mas de qualquer forma — abriu um largo sorriso — "jouons mal, mais jouons vite"!

O chefe do escritório, que parecia ser o lugar-tenente de Kerim, conduziu Bond através de outra porta, com acesso para a plataforma. Os funcionários permaneciam curvados sobre os livros. Havia um corredor ladeado de salas. O homem conduziu Bond por uma delas e ele viu-se num laboratório e quarto de revelações muito bem equipado. Em dez minutos, estava novamente na rua. O "Rolls" manobrou para fora do beco e dirigiu-se para a ponte de Gaiata.

O porteiro do "Kristal Palas" era um outro homem, obsequioso, ar servil e rosto amarelado. Saiu detrás do balcão, com as mãos estendidas em sinal de desculpa. — "Effendi", sinto muitíssimo. Meu colega deu-lhe um quarto inadequado. Não sabíamos que era amigo de Kerim Bey. Sua bagagem foi transportada para o n.º 12. É o melhor quarto do hotel. Na realidade — disse maliciosamente — é o quarto reservado para os casais em lua de mel. Muito confortável. Minhas desculpas, "Effendi". O outro quarto não é próprio para visitantes de categoria. — O homem fez uma curvatura untuosa, enquanto esfregava as mãos.

Se havia alguma coisa que Bond não podia suportar era que alguém o bajulasse. Fitou os olhos do porteiro e disse: — Oh! — Os olhos desviaram-se. — Deixe-me ver o quarto. Posso não gostar dele. Achava o outro muito confortável.

— Certamente, "Effendi". — O homem foi fazendo medidas para Bond, até o elevador. — Mas, infelizmente, os encanadores estão no seu antigo quarto. A adução de água... — a frase perdeu-se em meio. O elevador subiu cerca de dez pés e parou no primeiro andar.

Bem, a desculpa dos encanadores tinha sua razão de ser, refletiu Bond. E, afinal, não havia inconveniente em ocupar o melhor quarto do hotel.

O porteiro abriu uma porta alta e recuou.

Bond teve de aprovar. O sol entrava por amplas janelas duplas que davam para uma sacada. A decoração era em rosa e cinza, no estilo Império, um tanto gasta pelos anos, mas conservando ainda a elegância do fim do século. Havia finos tapetes de Bukhara sobre o soalho de "parquet". Um candelabro faiscante pendia do teto ornamentado. A cama, contra a parede do lado direito, era imensa. Por trás dela, um grande espelho em moldura dourada, cobria a maior parte da parede. (Bond achou graça. O quarto nupcial! Deveria haver também um espelho no teto). O quarto de banho, adjacente, era todo ladrilhado e completamente equipado, inclusive com um bidê e um chuveiro. Os apetrechos de barbear, de Bond, ali estavam muito bem arrumados.

O porteiro seguiu Bond de volta ao quarto e, quando lhe foi dito que o aposento servia, despediu-se com uma curvatura de agradecimento.

Por que não? Bond deu outra volta ao quarto. Desta vez, inspecionou cuidadosamente as paredes, a vizinhança da cama e o telefone. Por que não ficar com o quarto? Por que haveria de ter microfones ou portas secretas? Para que fim?

Sua mala estava sobre um banco, perto da cômoda. Ajoelhou-se. Não havia arranhões perto da fechadura. O pedaço de penugem que colocara no fecho ainda ali estava. Abriu a valise e dela tirou o estojo de viagem. Também não demonstrava nenhum sinal de violação. Bond tornou a fechar a mala e levantou-se.

Lavou-se, saiu do quarto e desceu as escadas. Não, não havia recado algum para o "Effendi". O porteiro curvou-se ao abrir a porta do "Rolls". Haveria um quê de conspiração mesclado à permanente culpa expressa por seus olhos? Bond decidiu não dar atenção a isso. O jogo, fosse ele qual fosse, devia ser levado até o fim. Se a troca de quarto fora o gambito inicial, tanto melhor. O jogo devia começar de alguma forma.

Enquanto o carro descia a colina, Bond dirigiu seu pensamento para Darko Kerim. Que homem ideal para chefe da Estação T! Só o seu porte, neste país de homens mirrados e curvos, dar-lhe-ia autoridade, e sua imensa vitalidade e amor à vida conquistariam amigos em qualquer lugar. De onde viera este exuberante e astuto pirata? Como fora trabalhar no Serviço? Era o raro tipo de homem que Bond apreciava, e este, que não mantinha relações sociais, já se sentia propenso a somá-lo à meia dúzia de amigos verdadeiros que gostaria de possuir.

O carro voltou à ponte de Gaiata e parou junto às arcadas do mercado de especiarias. O motorista subiu os degraus gastos e rasos, e abriu caminho por entre a nuvem de aromas exóticos, gritando pragas contra os mendigos e os carregadores que transportavam fardos. Depois de entrar, virou à esquerda, para longe daquela horda de seres agitados e gritantes, e indicou a Bond um pequeno arco numa grossa parede. Dele elevava-se uma escada de pedra, em espiral.

— "Effendi", encontrará Kerim Bey na última sala à esquerda. É só perguntar por ele. Todos o conhecem.

Bond subiu a escada fria até uma ante-sala, onde um garçom, sem lhe perguntar o nome, conduziu-o através de uma série de saletas ladrilhadas em cores e ligadas por arcos, até onde Kerim se encontrava sentado a uma mesa de canto que dava para a entrada do mercado. Kerim saudou-o com exuberância, acenando com um copo cheio de um líquido leitoso, dentro do qual tilintava um cubo de gelo.

— Ei-lo aqui, meu amigo. Agora, sem mais delonga, um pouco de raque. Deve estar exausto depois do seu passeio. — Deu ordens rápidas ao garçom.

Bond sentou-se numa confortável poltrona e pegou o pequeno cálice que o garçom lhe trouxe. Elevou-o em direção a Kerim e

provou. O gosto era idêntico ao de aniz. Bebeu tudo. Imediatamente, o garçon tornou a encher o cálice.

— E, agora, vamos pedir o almoço. Na Turquia, não se come outra coisa a não ser "offal" preparado em óleo de oliva rançoso. Ao menos, o "offal" no Misis Carsarsi é o melhor.

O sorridente garçon fez algumas sugestões.

— Ele diz que o "Doner Kebab" está muito bom, hoje. Não creio, mas pode ser. É feito com carneiro muito novo, assado na brasa, e arroz condimentado. Tem montes de cebola. Ou prefere outra coisa? Um "pilaff" ou algumas daquelas ardidas pimentas recheadas que eles comem aqui? Muito bem. Deve começar por algumas sardinhas assadas "en papillotte". São comíveis. — Kerim despejou um aranzel para o garçon. Recostou-se e sorriu para Bond. — É a única maneira de se falar com esses desgraçados. Adoram ser xingados e maltratados. É só o que entendem. Está na massa do sangue. Esta pretensa democracia os aniquila. O que querem são sultões, guerras, violações e prazer. Pobres idiotas de roupa listada e chapéus de coco! São miseráveis. Percebe-se só de olhar para eles. Contudo, que vão para o inferno. Alguma novidade?

Bond sacudiu a cabeça. Narrou a Kerim a mudança de quarto e falou sobre a maleta, que não fora tocada.

Kerim esvaziou um copo de raque e limpou a boca com as costas da mão. Expressou o pensamento que Bond tivera. — Bem, a partida deve ser iniciada a qualquer tempo. Já fiz algumas pequenas jogadas. Agora, devemos esperar e ver o resultado. Faremos uma incursão pelo território inimigo, depois do almoço. Creio que vai ser do seu interesse. Não, não seremos vistos. Iremos por entre as sombras, no subsolo. — Kerim divertiu-se com sua própria esperteza. — E agora, falemos de outras coisas. Que tal acha a Turquia? Não, não quero saber.

Foram interrompidos pela chegada do primeiro prato. As sardinhas "en papillotte", que Bond pedira, tinham gosto de sardinhas fritas comuns. Kerim tinha em frente um prato com algo parecido com fatias de peixe cru. Notou o olhar curioso de Bond. — É peixe cru. Depois disto, vou comer carne crua com alface, seguida de uma tigela de iogurte. Não sou dado a manias, mas já treinei para lutador

profissional. É uma boa profissão, na Turquia. Os lutadores são ídolos do público. Meu treinador insistiu para que eu comesse apenas alimentos crus. Habituei-me. Dou-me bem como isso, mas, mas — agitou o garfo — não quero dizer que seja bom para todos. Não ligo a mínima para o que os outros comem, contanto que gostem. Não posso tolerar os que não sabem comer ou beber.

— Por que desistiu de ser lutador profissional? Como se tornou o que é hoje?

Kerim espetou com o garfo uma fatia de peixe cru e puxou-a com os dentes. Bebeu meio copo de raque. Acendeu um cigarro e recostou-se na cadeira. — Bem — disse com um sorriso amargo — podemos falar sobre a minha pessoa tão bem quanto sobre qualquer outro assunto. Deve estar pensando: "Como é que este sujeito grandalhão e maluco foi entrar para o Serviço"? Vou contar-lhe em resumo, pois é uma longa história. Mande-me parar, quando se aborrecer. Está bem?

— Ótimo. — Bond acendeu um "Diplomata". Apoiou-se nos cotovelos.

— Nasci em Trebizond. — Kerim observou a fumaça do seu cigarro subir em espirais. — Éramos uma família grande, com muitas mães. Meu pai era do tipo ao qual as mulheres não podem resistir. Todas elas gostam de ser conquistadas. Sonham com um homem que as atire sobre o ombro e as leve para uma caverna, para violá-las. Era a técnica que meu pai empregava. Era um bom pescador e sua fama corria todo o mar Negro. Sua especialidade era o peixe-espada. Este é difícil de ser agarrado e oferece muita luta, mas meu pai sempre conseguia pescar maior quantidade desses peixes do que qualquer outro pescador. As mulheres gostam dos heróis. E ele era uma espécie de herói, numa parte da Turquia em que os homens são tradicionalmente viris. Era um sujeito forte e romântico. De forma que podia escolher a mulher que desejasse. Desejava todas e, às vezes, matava outros homens para consegui-las. Naturalmente, teve muitos filhos. Vivíamos, todos, uns por cima dos outros, num imenso e desconjuntado casarão que nossas "tias" tornavam habitável. As tias, na realidade, formavam um harém. Uma delas era uma governante inglesa, de Istambul, que meu pai conhecera ao assistir a um espetáculo de circo. Gostou dela e ela dele, e nessa mesma noite ele a

conduziu, no seu barco, através do Bósforo e até Trebizond. Não creio que ela, algum dia, tenha se arrependido. Esqueceu tudo e vivia para ele. Morreu logo após a guerra. Tinha então sessenta anos. O irmão que me precedia era filho de uma jovem italiana que lhe dera o nome de Bianco. Ele era louro. Eu era moreno. Recebi, pois, o nome de Darko. Éramos, ao todo, quinze filhos e tivemos uma infância adorável. Nossas tias brigavam com frequência e nós lhes seguíamos o exemplo. Parecia um acampamento cigano. Era comandado por meu pai que nos espancava, mulheres ou crianças, quando o importunávamos. Mas era muito bom quando ficávamos quietos e obedientes. Não pode entender uma família assim, não é?

— Da maneira pela qual a descreve, posso.

— De qualquer forma, éramos assim. Fiquei quase do tamanho do meu pai, mas recebi melhor instrução. Minha mãe encarregou-se disso. Meu pai só nos ensinava a ser limpos e a ir ao banheiro uma vez por dia, e também a não nos envergonharmos de coisa alguma do mundo. Minha mãe ensinou-me também a respeitar a Inglaterra, mas isso foi por conta dela. Quando completei vinte anos, já tinha meu próprio barco e ganhava a vida. Mas era muito boêmio. Deixei o casarão e fui viver em dois pequenos quartos, perto do cais. Queria possuir minhas mulheres, onde minha mãe não o soubesse. Tive azar. Conquistei uma gata selvagem da Bessarábia. Ganhara-a numa briga com ciganos, nas colinas atrás de Istambul. Eles me perseguiram, mas consegui colocá-la a bordo do meu barco. Para isso, precisei desacordá-la com um soco. Quando chegamos a Trebizond, ela ainda tentava matar-me, de forma que a levei para minha casa, tirei-lhe toda a roupa e acorrentei-a, despida, à perna da mesa. Quando comia, costumava jogar-lhe as sobras para baixo da mesa, como se faz a um cão. Ela devia aprender a respeitar o dono. Antes que isso acontecesse, minha mãe fez uma coisa inesperada. Visitou-me sem antes me avisar. Veio dizer-me que meu pai desejava ver-me imediatamente. Encontrou a moça. Pela primeira vez na vida, minha mãe ficou realmente zangada comigo. Zangada? Ficou possessa. Disse-me que eu era um cafajeste desumano e que se envergonhava de ter-me como filho. A jovem teria de ser devolvida aos seus, imediatamente. Minha mãe foi buscar algumas das suas próprias roupas. A moça vestiu-as,

mas, quando tentaram levá-la, recusou-se a deixar-me. — Darko Kerim deu uma estrondosa gargalhada. — Uma interessante lição sobre psicologia feminina, meu caro amigo. Contudo, o problema da jovem é outra história. Enquanto minha mãe se preocupava com ela e recebia em troca apenas uma série de pragas ciganas, eu tinha uma entrevista com meu pai, que não sabia nada sobre esse caso e nunca chegou a saber. Minha mãe era assim. Havia um outro homem com meu pai, um inglês alto e taciturno, que usava uma venda preta sobre um dos olhos. Falavam sobre os russos. O inglês desejava saber o que eles faziam ao longo da fronteira, e o que acontecia em Batum, base naval e petrolífera dos russos, a apenas quinze milhas de Trebizond. Pagaria bem pela informação. Eu sabia inglês e também russo. Tinha bons olhos e bons ouvidos. Possuía um barco. Meu pai decidira que eu devia trabalhar para o inglês. E este, meu caro amigo, era o major Dansey, meu antecessor como chefe desta Estação. E o resto — Kerim fez um amplo gesto agitando a cigarreira — você pode imaginar.

— Mas, e a respeito do treino para lutador profissional?

— Ah — disse Kerim, com malícia — isso foi apenas para despistar. Os que trabalhavam em circos ambulantes eram os únicos turcos que podiam atravessar a fronteira. Os russos não dispensam os circos. Foi muito simples. Eu era o homem que rebentava correntes e levantava pesos com cordas presas aos dentes. Lutei contra os homens mais fortes das aldeias russas. E alguns desses georgianos são gigantescos. Por sorte, são gigantes estúpidos e quase sempre era eu que vencia.

Depois, enquanto bebíamos, havia sempre muita conversa e comentários. Eu fazia um ar de tolo e fingia nada entender. Uma vez ou outra, formulava uma pergunta ingênua, e eles riam da minha ignorância e davam-me a resposta.

O segundo prato foi servido, acompanhado de uma garrafa de "Kavaklidere", um "burgundy" generoso e rascante como todos os vinhos balcânicos. O "kebab" estava bom e tinha gosto de gordura de toucinho defumado e cebolas. Kerim comeu uma espécie de bife tártaro: uma boa porção de carne moída temperada com pimenta e cebolinha e unida por gema de ovo. Fez Bond provar uma garfada. Era delicioso. Bond concordou.

— Devia comer isto, todos os dias — disse Kerim, com convicção.
— É bom para manter a virilidade. Há também certos exercícios para o mesmo fim. Essas coisas são importantes para os homens. Ou, pelo menos, o são para mim. Como meu pai, dou conta de um grande número de mulheres. Mas, e nisso não segui o exemplo dele, também bebo e fumo demais, e isso não combina com o ato amoroso. Nem tampouco o trabalho que faço. Tensão demasiada e muito raciocínio. Leva o sangue à cabeça em vez de dirigi-lo para o lugar devido. Mas, tenho sede de viver. Faço tudo em exagero, ao mesmo tempo. Algum dia, meu coração irá falhar, subitamente. O "caranguejo de ferro" vai me agarrar, como fez com meu pai. Mas, não temo o "caranguejo". Pelo menos, terei morrido de um mal respeitável. Talvez gravem no meu túmulo este epitáfio: "Este homem morreu de tanto viver."

Bond riu. — Não vá cedo demais, Darko — disse ele. — M. ficaria muito aborrecido. Ele o tem no melhor conceito.

— Verdade? — Kerim olhou para o rosto de Bond, para verificar se ele era sincero. Riu com prazer. — Nesse caso, não deixarei ainda que o "caranguejo" leve o meu corpo. — Consultou o relógio. — Vamos, James — disse. Foi bom ter-me lembrado do meu dever. Tomaremos café no escritório. Não há muito tempo a perder. Todos os dias, às 2h30, os russos reúnem-se em conselho de guerra. Hoje, você e eu lhes daremos o prazer da nossa presença às deliberações.

Capítulo 16 — O TÚNEL DOS RATOS

DE volta ao escritório bem arejado, enquanto aguardavam o inevitável café, Kerim abriu um armário embutido e dele tirou diversos macacões azuis, do tipo usado por mecânicos. Kerim tirou a roupa, ficando só de cuecas, e vestiu um deles, calçando a seguir um par de botas de borracha. Bond escolheu um traje que lhe assentou mais ou menos e vestiu-o.

Juntamente com o café, o chefe do escritório trouxe duas possantes lanternas de mão, que colocou sobre a escrivaninha.

Quando ele deixou a sala, Kerim disse: — É um dos meus filhos; o mais velho. Todos os outros que estão lá dentro são também meus filhos. O motorista e o vigia são meus tios. Os laços de família são a melhor segurança. E esse negócio de especiarias é uma boa fachada. Foi M. quem o financiou para mim. Arranjou-o com alguns amigos dele em Londres. Atualmente, sou o maior negociante de especiarias da Turquia. Há muito tempo já reembolsei M. da quantia que me emprestou. Meus filhos são todos sócios. Levam uma vida folgada. Quando há trabalho secreto a ser feito e preciso de ajuda, escolho, dentre eles, o mais adequado para o serviço. Todos foram treinados para diferentes fins. São inteligentes e corajosos. Alguns já mataram por minha causa. Morreriam por mim... e por M. Ensinei-lhes que ele está logo abaixo de Deus. — Kerim fez um gesto de pouco caso. — Mas, isso é apenas para dizer-lhe que estamos em boas mãos.

— Não imaginava outra coisa.

— Ah! — disse Kerim, com indiferença. Apanhou as lanternas e

deu uma a Bond. — Vamos ao trabalho.

Kerim dirigiu-se à grande estante envidraçada e enfiou a mão por trás dela. Ouviu-se um estalido e a estante deslizou silenciosa e facilmente para a esquerda, ao longo da parede. Atrás dela havia uma pequena porta, no mesmo nível da parede. Kerim apertou um dos lados da porta e ela abriu-se, revelando um túnel escuro, com degraus de pedra bem íngremes. Um odor de umidade, mesclado ao cheiro fétido de um zôo, invadiu a sala.

— Vá primeiro — disse Kerim. — Desça os degraus, até o fim, e espere. Preciso fechar a porta.

Bond ligou a lanterna, entrou pela abertura e desceu cuidadosamente a escada. O fecho de luz revelou-lhe um trabalho recente de alvenaria e, vinte pés abaixo, o brilho de água. Quando chegou ao fundo, viu que esse brilho era um pequeno riacho que corria pelo esgoto central, no chão de um velho túnel de pedra que subia abruptamente para a direita. À esquerda, o túnel tinha uma queda que, segundo pensou, deveria ir até abaixo da superfície do Golden Horn.

Fora do alcance da luz de Bond, ouvia-se um leve ruído, um contínuo vaivém, e, na escuridão, surgiram centenas de pontinhos luminosos vermelhos que piscavam e se moviam. O espetáculo era o mesmo, tanto para a direita como para a esquerda. A vinte jardas de distância, em ambos os lados, milhares de ratos olhavam para Bond. Farejavam-no. Bond imaginou os pequenos bigodes erguendo-se sobre os dentes. Pensou, por um instante, o que fariam eles se a lanterna se apagasse.

Kerim surgiu ao seu lado, de repente. — É uma longa subida. Um quarto de hora. Espero que goste de animais. — A gargalhada de Kerim ecoou com estrépito, ao longo do túnel. Os ratos debateram-se. — Infelizmente não há muito o que escolher. Ratos e morcegos. Esquadrilhas e divisões deles; uma força aérea e um exército completos. Temos de empurrá-los à nossa frente. No fim da subida, o trânsito fica muito congestionado. Vamos embora. O ar está bom. O chão está seco em ambos os lados da corrente. Mas, no inverno, quando há enchentes, precisamos roupas de homens-rã. Conserve sua lanterna dirigida para os meus pés. Se um morcego se enroscar no seu

cabelo, espante-o. Não será freqüente. Têm um ótimo radar.

Iniciaram a íngreme subida. O cheiro dos ratos e do excremento dos morcegos era intenso: um misto de jaula de macaco e galinheiro. Bond imaginou que levaria dias para livrar-se dele.

Pencas de morcegos estavam penduradas no teto, como cachos de uvas e, quando uma vez ou outra a cabeça de Kerim ou a de Bond roçava contra eles, espalhavam-se guinchando na escuridão. À frente deles, enquanto subiam, a massa de pontinhos vermelhos, correndo e guinchando, tornava-se mais compacta em ambos os lados do esgoto central. Ocasionalmente, a lanterna de Kerim iluminava à frente uma ratazana cinzenta de dentes à mostra e bigodes faiscantes. Quando isso acontecia, um novo frenesi percorria os ratos, e os que estavam mais próximos pulavam nas costas dos outros para escapar. Durante todo o tempo, corpos cinzentos engalfinhados caíam pela valeta central e, à medida que a pressão do alto do túnel aumentava, a retaguarda de ratos enraivecidos se aproximava.

Os dois homens conservaram as lanternas apontadas como armas, até que, após um quarto de hora de subida, chegaram ao seu destino. Era uma comprida saleta de tijolos novos, na parede lateral do túnel. Havia dois bancos em cada lado de um objeto envolto em oleado que descia do teto.

Entraram. Mais algumas jardas, pensou Bond, e a histeria coletiva dominaria os milhares de ratos que estavam no cimo do túnel. A horda recuaria. Por falta de espaço, os ratos desafiariam as luzes e se lançariam contra os dois intrusos, a despeito dos dois focos incandescentes e do odor estranho.

— Veja — disse Kerim.

Houve um momento de silêncio. Lá em cima, no túnel, os guinchos pararam, como a uma ordem de comando. Depois, subitamente, uma onda de corpos cinzentos atirou-se atabalhoadamente pelo túnel abaixo, soltando guinchos agudos.

Durante alguns minutos, o caudaloso rio cinzento correu pelo lado externo da saleta até que, por fim, diminuiu e apenas uns poucos ratos doentes ou machucados passaram mancando pelo chão do túnel.

Os gritos da horda, pouco a pouco, desapareceram em direção ao rio, até que o silêncio completo foi cortado apenas pelo ocasional

guincho de um morcego que passava.

Kerim resmungou. — Qualquer dia, esses ratos começarão a morrer. Aí, teremos novamente a peste em Istambul. Às vezes, sinto-me culpado por não avisar as autoridades sobre a existência deste túnel, para que providenciem sua limpeza. Mas não posso fazê-lo enquanto os russos estiverem aqui. — Ergueu a cabeça em direção ao teto. Consultou o relógio. — Temos ainda cinco minutos. Daqui a pouco, estarão tomando seus lugares e mexendo em papéis. Estarão presentes os três membros efetivos; são da M.G.B. ou pode ser que um deles seja do Serviço Secreto do Exército, o G.R.U. E, provavelmente, haverá três outros. Dois chegaram há quinze dias; um entrou pela Grécia, outro pela Pérsia. O outro chegou segunda-feira. Só Deus sabe quem são e o que vieram fazer. Às vezes, a moça, Tatiana, entra com uma mensagem e torna a sair. Esperemos que ela venha hoje. Vai ficar impressionado. É muito bonita.

Kerim desprende a capa de oleado e puxou-a para baixo. Bond compreendeu então do que se tratava. A capa protegia a parte inferior, bem polida, de um periscópio de submarino, totalmente erguido. Havia um brilho de umidade na espessa camada de graxa que cobria a parte inferior. Bond achou graça. — Onde arranhou isso, Darko?

— Na Marinha Turca. Sobra de guerra. — O tom de voz de Kerim não animava a novas perguntas. — Agora, o Setor Q. de Londres está tentando adaptar um microfone a esta droga. Não vai ser fácil. A lente superior não é maior do que o fundo de um isqueiro. Quando a levanto, ela chega ao nível do soalho da sala deles. No canto onde ele surge, fizemos um pequeno buraco de rato. Executamos um bom serviço. Uma vez, quando vim espiar, a primeira coisa que vi foi uma grande ratoeira com um pedaço de queijo. Pelo menos, parecia grande através da lente. — A risada de Kerim foi curta. — Mas, não há muito espaço para se adaptar um bom microfone junto à lente. E não há muita esperança de se poder entrar novamente, para mexer nas paredes. O único jeito que consegui, para instalar este aparelho, foi pedir aos meus amigos do Ministério de Obras Públicas que despejassem os russos, por alguns dias. A desculpa foi de que os bondes que sobem a ladeira estavam abalando os alicerces dos prédios. Era necessária uma vistoria. Custou-me algumas centenas de

libras para os funcionários certos. O Ministério inspecionou meia dúzia de casas de ambos os lados desta, e liberou o lugar. Por essa época, eu e minha família havíamos terminado o trabalho. Os russos ficaram desconfiados à beça. Creio que vasculharam toda a casa, ao voltar, procurando microfones, bombas e coisas desse gênero. Mas não podemos aplicar novamente o golpe. Tenho de me contentar em espia-los, a menos que o Setor Q idealize um plano muito bem feito. Qualquer dia destes, vão-nos revelar alguma coisa útil. Irão interrogar alguém em quem estejamos interessados, ou coisa parecida.

Perto do comando do periscópio, no teto da saleta, estava pendurada uma esfera de metal, do dobro do tamanho de uma bola de futebol. — Que é isso? — perguntou Bond.

— É a parte inferior de uma bomba, das grandes. Se alguma coisa me acontecer, ou se for declarada guerra à Rússia, essa bomba será detonada do meu escritório, por controle remoto. É muito triste — (o rosto de Kerim não demonstrava tristeza alguma) — mas temo que muitos inocentes serão mortos, além dos russos. Quando o sangue ferve, o homem age como a natureza: não faz seleção.

Kerim estivera entretido em polir os dois visores cobertos, situados entre as maçanetas que saíam de ambos os lados da base do periscópio. Consultou o relógio, abaixou-se, agarrou os manípulos e elevou-os à altura do queixo. Ouviu-se o chiado produzido pelo equipamento hidráulico, quando a haste do periscópio se elevou no seu abrigo, no teto da saleta. Kerim baixou a cabeça, olhou pelas lentes e, depois, suspendeu vagarosamente os manípulos até poder ficar normalmente de pé. Girou com cuidado. Focalizou as lentes e chamou Bond. — Estão apenas os seis.

— Observe-os bem — disse Kerim. — Eu os conheço, mas é bom que você grave suas fisionomias. O que está à cabeceira é o diretor-residente. À sua esquerda estão dois auxiliares. À frente destes, estão os três novos. O que chegou por último, e parece ser um personagem importante, está à direita do diretor. Avise-me, se fizerem outra coisa além de falar.

O primeiro impulso de Bond foi dizer a Kerim que não fizesse tanto barulho. Tinha a impressão de estar na sala com os russos, como se fosse um secretário sentado a um canto, tomando notas

taquigráficas da conferência.

As grandes lentes redondas, projetadas para procurar aviões e também navios, deram-lhe uma visão curiosa: a visão que um rato teria de uma floresta de pernas, abaixo da borda da mesa, e vários aspectos de cabeças correspondentes às pernas. O diretor e seus dois colegas estavam bem nítidos: rostos típicos de russos, inexpressivos, cujas características Bond fixou imediatamente na memória. Via-se a face intelectual e professoral do diretor: grossas lentes, queixo proeminente, fronte alta e cabelo ralo, penteado para trás. O rosto do que estava ao lado era quadrado e marcado por duas covas, uma em cada lado do nariz, cabelo louro "en brosse" e uma reentrância na orelha esquerda. O terceiro membro da equipe permanente possuía um arguto rosto de armênio, com olhos espertos e amendoados. Era ele quem falava no momento. A atitude era de falsa humildade. Havia um brilho de ouro em sua boca.

Bond não divisava tão bem os três visitantes. Suas costas estavam meio voltadas para o seu lado e podia ver distintamente, apenas, o perfil do que lhe ficava mais próximo e que parecia ser o mais novo' dos três. A pele desse homem era também morena. Como o outro, devia pertencer a uma das repúblicas do sul. O queixo estava mal escanhado e o olho, mostrado pelo perfil, era bovino e inexpressivo, sob espessa sobranceira preta. O nariz era carnudo e de poros abertos. O lábio superior projetava-se sobre a boca vincada e o início de um duplo mento. O espesso cabelo preto fora aparado bem curto, de forma que a maior parte da nuca parecia azulada até o lóbulo das orelhas. Era um corte militar, feito com máquina de aparar cabelo.

Os únicos sinais evidentes do homem que estava ao lado eram um furúnculo na parte posterior do pescoço gordo e desprovido de pêlos, um terno brilhante de cor azul e sapatos marrom claro. O homem manteve-se imóvel durante todo o tempo que Bond o observou e, pelo jeito, nunca falava.

O visitante mais categorizado, à direita do diretor-residente, recostou-se na cadeira e começou a falar. Tinha um perfil marcado, de traços duros, zigomas e queixo salientes e um vasto bigode castanho à maneira de Stalin. Bond distinguia apenas um olho cinzento e cruel, sob uma sobranceira espessa e uma testa curta encimada por cabelo

crespo e grisalho. Este homem era o único que fumava. Baforava amiúde, num pequeno cachimbo de madeira, no bojo do qual havia metade de um cigarro. De vez em quando, virava o cachimbo para o lado, para que a cinza caísse no chão. Seu perfil demonstrava maior autoridade do que a dos outros, e Bond imaginou que ele devia ser um graduado vindo de Moscou.

A vista de Bond começou a cansar. Virou as maçanetas com cuidado e inspecionou o escritório até o ponto que as bordas denteadas e pouco nítidas do buraco lhe permitiam. Não viu nada de interesse: dois arquivos de cor verde oliva, um cabide perto da porta no qual havia seis chapéus-coco quase idênticos, e um aparador com uma grande jarra de água e alguns copos. Bond afastou-se do visor e esfregou os olhos.

— Se ao menos pudéssemos ouvir — disse Kerim contristado, sacudindo a cabeça. — Isso valeria uma fortuna.

— Resolveria uma série de problemas — concordou Bond. — A propósito, Darko, como achou este túnel? Para que fim ele foi construído?

Kerim abaixou-se, espiou rapidamente no visor e tornou a endireitar-se.

— É um esgoto fora de uso, do Pátio das Colunas — respondeu. — Este é agora uma atração turística. Está sobre nós, no topo de Istambul, perto de Santa Sofia. Há mil anos atrás foi construído para ser um reservatório, em caso de cerco. É um imenso palácio subterrâneo, de cem jardas de comprimento e quase metade de largura. Era destinado a conter milhões de galões de água. Foi redescoberto há cerca de quatrocentos anos por um homem chamado Gyllius. Um dia, eu estava lendo a narração da sua descoberta. Dizia ele que, no inverno, o reservatório era cheio por meio de "um grande cano que fazia muito barulho". Ocorreu-me que devia haver um outro "grande cano" para esvaziá-lo rapidamente, se a cidade caísse nas mãos do inimigo. Fui até o Pátio das Colunas, subornei o vigia, meti-me num barco de borracha, em companhia de um dos meus filhos, e remei toda a noite por entre as pilastras. Batemos nas paredes com um martelo e usamos um aparelho detetor de eco. Numa das extremidades, no local mais provável, ouvimos um som cavo. Dei mais dinheiro ao

Ministério de Obras Públicas e ele mandou fechar o lugar por uma semana: "para limpeza". Minha pequena equipe pôs-se a trabalhar. — Kerim tornou a abaixar-se para espiar através das lentes e depois continuou. — Perfuramos a parede, ao nível da água, e encontramos o cimo de um arco. Era o começo de um túnel. Entramos e começamos a percorrê-lo. Foi muito emocionante, visto não sabermos onde iríamos parar. E, naturalmente, ele ia colina abaixo, por sob a rua dos Livros, onde os russos estão localizados, até ao Golden Horn, passando sob a ponte de Gaiata, a vinte jardas do meu armazém. Então tapamos novamente o buraco, no Pátio das Colunas, e começamos a cavar do meu lado. Isso foi há dois anos. Levamos um ano e muitas vigílias para conseguirmos chegar bem embaixo dos russos. — Kerim riu. — E agora, suponho que qualquer dia destes eles decidam mudar de escritório. Quando isso acontecer, espero que seja outro o chefe da T.

Kerim abaixou-se em direção ao visor de borracha. Bond viu-o enrijecer-se. Kerim disse rapidamente: — A porta está-se abrindo. Depressa. Espie. É ela.

Capítulo 17 — HORA DE MATAR

ERAM dezenove horas do mesmo dia e James Bond voltara ao hotel. Tomara um banho quente seguido de um chuveiro frio. Achou que, afinal, conseguira desentranhar da pele o cheiro de zôo.

Estava apenas de cuecas, sentado a uma das janelas do seu quarto e bebia vodca com soda, enquanto assistia ao imponente pôr-do-sol, por sobre o Golden Horn. Mas seus olhos não viam os cenários dourado e rubro que pendiam sobre o palco povoado de minaretes, abaixo do qual vira, pela primeira vez, Tatiana Romanova.

Pensava na bela e esguia jovem que andava como uma bailarina e que entrara pela porta parda, com um pedaço de papel na mão. Parará ao lado do chefe e entregara-lhe o papel. Todos os homens haviam-na olhado. Ela enrubescera e baixara os olhos. Que significaria a expressão que vira nos rostos deles? Ia além do olhar que certos homens costumam dirigir a moças bonitas. Havia demonstrado curiosidade. Isso era razoável. Desejavam saber o que dizia a mensagem, e por que razão estavam sendo interrompidos. Mas, que mais? Havia também malícia e desprezo: o tipo de olhar que se dirige a uma prostituta.

Fora uma cena estranha e enigmática. Eles eram membros de uma organização altamente disciplinada em moldes militares. Eram todos funcionários em exercício, receosos da opinião uns dos outros. E essa moça era apenas um membro da equipe, com patente de cabo, e fazia um serviço de rotina. Por que então todos a haviam fitado abertamente com esse olhar de desprezo, quase como se ela fosse uma espiã que fora capturada e estava a caminho da execução? Suspeitariam dela?

Ela se teria traído? Mas isso tornou-se menos lógico à medida que os fatos se foram desenvolvendo. O diretor-residente leu a mensagem e os olhos dos outros deixaram de fitar a moça para se fixarem nele. Disse algo, talvez repetindo o texto da mensagem, e os outros pareceram aborrecidos, como se o assunto não lhes interessasse. Depois, o diretor olhou para a jovem e os outros o imitaram. Falou alguma coisa, com expressão amistosa e inquisitiva. A moça sacudiu a cabeça e respondeu em poucas palavras. Os outros homens pareciam apenas interessados, agora. O diretor disse uma frase que terminava com um ponto de interrogação. A jovem corou fortemente, aquiesceu e continuou a olhar para ele. Os outros sorriram para encorajar talvez com malícia, mas com aprovação. Não demonstravam suspeita nem condenação. A cena terminou com algumas frases do diretor, às quais a jovem pareceu responder o equivalente a "sim, senhor" e, voltando-se, deixou a sala. Quando saiu, o diretor tinha uma expressão irônica no rosto e disse algo que fez os outros rirem com gosto, tendo novamente um ar malicioso, como se o que fora dito fosse obsceno. Depois, retomaram o trabalho.

Desde então, enquanto voltava pelo túnel e, depois no escritório de Kerim, quando discutiam o que fora visto, Bond refletia à procura de uma solução para esse quebra-cabeças e, agora, enquanto olhava sem ver o sol-poente, ainda continuava perplexo.

Terminou a bebida e acendeu outro cigarro. Pôs de lado o problema e concentrou-se na moça.

Tatiana Romanova. Uma Romanov. Bem, tinha sem dúvida o porte de uma princesa russa ou, pelo menos, correspondia à idéia que se faz de uma. O corpo alto e esguio que se movia graciosamente e mantinha posição impecável. Os espessos cabelos que chegavam até aos ombros e a serena autoridade expressa pelo perfil. O belo rosto, ao estilo de Garbo, com sua interessante expressão de timidez. O contraste entre a ingenuidade dos grandes e profundos olhos azuis e a promessa de paixão impressa na boca rasgada. E a maneira como corara e as longas pestanas haviam ocultado os olhos. Seria o pudor de uma virgem? Bond não pensava assim. Os seios erguidos demonstravam a confiança de quem fora amada, e as ancas insolentemente arredondadas davam a impressão de que esse era um

corpo consciente do que podia fazer.

Pelo que Bond pudera ver, pensaria que era o tipo de mulher que se apaixona por fotografias e informações contidas num arquivo? Como era possível saber? Uma jovem como essa devia ser de temperamento profundamente romântico. 'Na sua idade, vinte e quatro anos, a organização soviética ainda não tivera tempo de destituí-la de sentimentos. O sangue dos Romanov bem podia ter-lhe dado um desejo por outros tipos de homem além do moderno funcionário russo que estava acostumada a ver: severo, frio, automático, fundamentalmente histérico e tremendamente monótono, devido ao treinamento do Partido.

Podia ser verdade. Não havia indício aparente que desmentisse a sua história. Bond desejava que fosse verídica.

O telefone tocou. Era Kerim. — Alguma novidade?

— Não.

— Então, vou buscá-lo às oito.

— Estarei pronto.

Bond pousou o fone e começou a vestir-se, vagarosamente.

Kerim fora rigoroso quanto ao programa dessa noite. Bond desejara ficar no quarto para esperar o primeiro contacto: um recado, um telefonema, ou o que fosse. Mas Kerim se opusera. A moça fora categórica quanto a ser ela a escolher a ocasião e o lugar. Não ficaria bem que Bond parecesse um escravo de suas conveniências. — Psicologia errada, meu amigo — insistiu Kerim. — Mulher alguma aprecia um homem que atenda a um assobio. Ela o desprezaria se ficasse ao seu dispor. Pelo que conhece do seu rosto e da sua ficha, espera que você aja com indiferença, até mesmo com insolência. É o que deseja. Quer conquistá-lo, quer fazer por merecer um beijo dessa boca inflexível — ao dizer isso, Kerim deu uma piscada. — Apaixonou-se por um ideal. Corresponda a ele. Faça de conta que é assim.

Bond encolheu os ombros. — Está bem, Darko. Creio que tem razão. Que sugere?

— Leve sua vida normal. Vá para casa agora, tome um banho e um aperitivo. A vodca nacional é boa, se misturá-la com soda. Se não houver novidades, irei buscá-lo às oito. Jantaremos no restaurante

cigano de um amigo meu. Chama-se Vavra. É chefe de um clã. De qualquer forma, preciso ir vê-lo esta noite. É um dos meus melhores informantes. Está investigando quem tentou fazer explodir o meu escritório. Algumas das ciganas dançarão para você. Não vou sugerir que elas o distraiam de maneira mais íntima. Precisa manter-se em forma. Há um ditado: "Uma vez rei, sempre rei. Mas, uma vez cavalheiro, é o bastante".

Bond ainda sorria por causa do aforisma de Kerim, quando o telefone tocou novamente. Levantou o fone. Era para anunciar a chegada do carro. Enquanto descia os poucos degraus e se dirigia para o "Rolls", onde Kerim o aguardava, Bond admitiu consigo mesmo que estava desapontado.

Subiam a colina que atravessava os bairros mais pobres, às margens do Golden Horn, quando o motorista virou um pouco a cabeça e disse algo em tom inexpressivo.

Kerim respondeu com um monossílabo. — Ele diz que estamos sendo seguidos por uma lambreta. Um dos "Sem Cara". Não tem importância. Quando quero, posso mover-me às ocultas. Muitas vezes, já têm seguido este carro, quando há apenas um manequim no banco traseiro. Um carro conhecido tem suas vantagens. Eles sabem que o cigano é meu amigo, mas creio que ignoram o motivo. Não será prejudicial que verifiquem que vamos ter uma noite de folga. Num sábado e com um amigo da Inglaterra, outra atitude seria inusitada.

Bond olhou pelo vidro traseiro do carro e observou a rua movimentada. Por trás de um bonde parado, surgiu por um instante uma motoneta, que tornou a ser ocultada por um táxi. Bond voltou-se para a frente. Meditou brevemente sobre o poder econômico da organização russa, em contraste com o Serviço Secreto que a enfrentava com um punhado de homens aventureiros e mal pagos, como no presente caso, equipado com um "Rolls Royce" de segunda mão e tendo por ajudantes os próprios filhos. Contudo, Kerim controlava a Turquia. Talvez, apesar de tudo, um homem competente fosse melhor do que toda uma poderosa organização.

Às oito e meia, pararam na metade de uma encosta, nos subúrbios de Istambul, diante de um infecto café com algumas mesas vazias na calçada. Por trás delas, havia um alto muro sobre o qual surgiam os

cimos de árvores. Desceram e o carro seguiu. Esperaram pela lambreta, mas esta parará e, logo depois, ouviram-na descer a ladeira. Tudo o que conseguiram distinguir do motorista, num rápido relance, foi o vulto de um homem atarracado que usava óculos protetores.

Kerim entrou à frente, por entre as mesas, até o café. Parecia vazio, mas um homem levantou-se imediatamente por trás da caixa registradora. Conservou uma das mãos abaixo do balcão. Quando viu quem era, dirigiu a Kerim um sorriso nervoso. Ouviu-se o som de um objeto metálico caindo ao chão. Saiu detrás do balcão e conduziu os visitantes pelos fundos do estabelecimento e por um caminho forrado de pedregulhos, até uma porta no muro e, depois de bater uma vez, abriu-a e deu-lhes passagem.

Viram-se num pomar no qual havia diversas mesas de tábuas espalhadas por sob as árvores. Ao centro, via-se uma pista de danças, feita de cerâmica. À volta da mesma, diversos fios com lâmpadas apagadas pendiam de postes fincados no solo. No lado oposto, cerca de vinte pessoas sentadas a uma longa mesa pararam de comer e olharam para a porta. Algumas crianças brincavam no gramado, para além da mesa. Também pararam e ficavam observando. O luar iluminava o ambiente ao ponto de projetar a sombra das árvores.

Kerim e Bond adiantaram-se. O homem que estava à cabeceira da mesa disse alguma coisa aos outros. Levantou-se e foi ao encontro de ambos. Os demais continuaram a jantar e as crianças voltaram aos folguedos.

O homem cumprimentou Kerim com certa reserva. Demorou-se alguns instantes numa longa dissertação só interrompida por uma ou outra pergunta de Kerim.

O cigano era uma figura imponente e teatral e trajava à maneira da Macedônia: camisa branca de mangas bufantes, calças bombachas e botas de couro flexível, amarradas nas pernas. O cabelo era um ninho de negras serpentes. Um grande bigode negro, caído nas pontas, ocultava quase por completo os lábios carnudos e vermelhos. Os olhos eram enérgicos e cruéis, ladeando o nariz de sifilítico. O luar brilhava no queixo proeminente e nos zigomas salientes. A mão direita, ostentando um anel dourado no polegar, descansava sobre o cabo de um pequeno alfanje guardado numa bainha de couro enfeitada de

filigranas prateadas.

O cigano parou de falar. Kerim disse algumas palavras incisivas e aparentemente laudatórias a respeito de Bond, ao mesmo tempo que o apontava com a mão, como se fosse o mestre de cerimônias de um cabaré, anunciando a próxima atração. O cigano dirigiu-se a Bond e examinou-o. Curvou-se bruscamente. Bond imitou-o. O outro proferiu algumas palavras, com um sorriso irônico. Kerim riu e traduziu para Bond. — Ele diz que, se você algum dia ficar sem emprego, deve procurá-lo. Ele lhe dará ocupação: domar as mulheres e executar os inimigos. Grande lisonja para um "gringo", isto é, um estranho. Devia dar-lhe uma resposta.

— Diga-lhe que eu creio que ele não precisa de ajuda nesses assuntos.

Kerim traduziu. O cigano deu um sorriso de polidez. Disse algumas palavras e dirigiu-se para a mesa, ao mesmo tempo que batia palmas, fortemente. Duas mulheres levantaram-se e foram em sua direção. Ele proferiu breves palavras e elas, voltando à mesa, pegaram uma grande travessa de barro e desapareceram por entre as árvores.

Kerim pegou o braço de Bond e chamou-o de lado.

— Viemos numa noite pouco favorável — disse. — O restaurante está fechado. Há problemas de família a serem resolvidos, de maneira drástica e em particular. Mas, sou um velho amigo e fomos convidados a partilhar do jantar. Vai ser desagradável, por isso já mandei vir raque. Depois, podemos assistir, contanto que não tentemos interferir. Espero que entenda, meu amigo. — Kerim apertou o braço de Bond. O que quer que aconteça, não deve interferir nem fazer comentários. Realizaram um julgamento e é preciso fazer justiça, ainda que à maneira deles. É um caso de amor e ciúmes. Duas moças do clã apaixonaram-se por um dos filhos de Vavra. A morte paira no ar. Ambas ameaçam matar uma à outra para ficar com o rapaz. Se ele escolher uma, a que for desprezada jurou matá-lo juntamente com a predileta. Estão num impasse. Há muitas discussões entre os membros do clã. De forma que o rapaz foi mandado para o campo e as duas jovens devem lutar aqui, esta noite, até que uma delas morra. O rapaz concordou em ficar com a vencedora. As duas estão presas em caravanas diferentes. Não vai ser agradável, mas será um

grande espetáculo. É um privilégio para nós estarmos presentes. Compreende? Somos "gringos". Vai esquecer o seu cavalheirismo? Não procurará interferir? Se o fizesse, eles o matariam, e provavelmente também a mim.

— Darko — respondeu Bond. — Tenho um amigo francês: chama-se Mathis, e é chefe do "Deuxième". Uma vez, ele me disse: "J'aime les sensations fortes." Sou como ele. Não irei comprometê-lo. Homens lutando contra mulheres, é uma coisa. Mulheres brigando entre si, é outra. Mas, e a respeito da bomba? A que fez explodir o seu escritório. Que disse ele sobre o assunto?

— Foi o chefe dos "Sem Cara". Foi ele mesmo quem a colocou. Foram de bote pelo Golden Horn e ele subiu por uma escada e prendeu a bomba à parede. Foi por azar que não me pegou. O plano fora bem feito. O homem é um "gangster". Um "refugiado" búlgaro chamado Krilencu. Preciso ter um encontro com ele. Deus sabe porque, subitamente, decidiram matar-me, mas não posso permitir esses contratempos. É possível que eu decida entrar em ação ainda esta noite. Sei onde mora. Disse ao meu motorista que voltasse com o equipamento necessário, pensando na possibilidade de Vavra saber a resposta.

Uma jovem muito atraente, envergando um traje antiquado de tecido negro e espesso, tendo ao pescoço um colar de moedas douradas e cerca de dez braceletes finos de ouro em cada pulso, destacou-se da mesa e fez uma profunda e tilintante mesura em frente a Kerim. Disse-lhe algo a que ele respondeu.

— Estamos sendo convidados a participar da mesa — disse Kerim. — Espero que seja perito em comer com os dedos. Vejo que todos eles usam as melhores roupas, esta noite. Essa moça é um bom partido. Usa muitos adereços de ouro. É o seu dote.

Caminharam em direção à mesa. Depois lugares haviam sido arrumados ao lado da cabeceira. Kerim disse algo que soava como um cumprimento amável aos presentes. Estes, em resposta, fizeram-lhe um ligeiro aceno de cabeça. Sentaram-se. Em frente a cada um deles, havia um grande prato com uma espécie de ensopado que cheirava fortemente a alho, uma garrafa de raque, uma jarra de água e uma caneca ordinária. Havia ainda, sobre a mesa, outras garrafas de raque,

por abrir. Quando Kerim pegou a que lhe estava à frente e encheu metade da caneca, todos o imitaram. Ele adicionou água e fez um brinde. Bond imitou-o. Kerim fez um breve e veemente discurso e todos ergueram os copos e beberam. O ambiente tornou-se menos tenso. Uma velha que estava sentada ao lado de Bond passou-lhe um grande filão de pão e disse alguma coisa. Bond sorriu e respondeu — Obrigado! — Partiu um pedaço e passou o filão a Kerim, que pegava um pedaço de ensopado com o polegar e o indicador. Kerim segurou o pão com uma das mãos, ao mesmo tempo que, com a outra, punha um grande pedaço de carne na boca e a mastigava.

Bond apressava-se em fazer o mesmo, quando Kerim lhe disse em voz baixa e enérgica: — Com a mão direita, James. Este povo usa a mão esquerda para um único fim.

Bond parou a mão esquerda e dirigiu-a para a garrafa de raque mais próxima. Serviu-se de outra caneca e começou a comer com a mão direita. O ensopado estava delicioso, mas escaldando. Bond fazia uma careta toda vez que mergulhava os dedos. Todos o observavam enquanto comiam e, de tempos a tempos, a velha mergulhava os dedos no prato de Bond e escolhia um pedaço.

Depois de haverem esvaziado os pratos, foi colocada entre os dois uma bacia de prata, cheia de água na qual boiavam pétalas de rosas, e uma toalha limpa de linho. Bond lavou os dedos e o queixo engordurado, virou-se para o seu hospedeiro e delicadamente proferiu um agradecimento que foi traduzido por Kerim. Os participantes da mesa murmuraram uma aprovação. O chefe dos ciganos fez-lhe uma curvatura e, usando Kerim como intérprete, respondeu que detestava todos os "gringos", exceto Bond, a quem tinha o orgulho de considerar amigo. Depois, bateu palmas com força, e todos se levantaram da mesa e começaram a arrumar os bancos em torno da pista de danças.

Kerim deu a volta à mesa e foi até Bond. Afastaram-se juntos. — Como se sente? Foram buscar as duas moças.

Bond acenou com a cabeça. Estava gostando. O espetáculo era belo e emocionante: o luar iluminando as figuras que tomavam seus lugares nos bancos, o reflexo de ouro ou pedrarias quando alguém mudava de posição, o espelhado da cerâmica e, ao redor, as árvores como sentinelas montando guarda envoltas em seus mantos de

sombra.

Kerim conduziu Bond a um banco ocupado apenas pelo chefe dos ciganos. Tomaram assento à sua direita.

Um gato preto, de olhos verdes, atravessou o pátio em direção a um grupo de crianças que estavam sentadas e atentas como se alguém fosse entrar na pista de danças, a fim de lhes dar uma aula. O gato sentou-se e começou a lamber o peito.

Além do alto muro, um cavalo relinchou. Dois dos ciganos olharam por sobre os ombros em direção ao som, como se entendessem o que o cavalo dissera. Vindo da estrada, soou o tilintar metálico da campainha de uma bicicleta que descia rapidamente a encosta.

O silêncio constrangedor foi quebrado pelo ruído de um cadeado que se abria. A porta escancarou-se com violência e duas mulheres, cuspidando e lutando como gatas selvagens, arremessaram-se em cima da grama, até à pista.

Capítulo 18 — SENSACÕES FORTES

voz do chefe dos ciganos soou enérgica. As moças separaram-se com relutância e o olharam. O cigano começou a falar em tom de severa acusação.

Kerim levou a mão à boca e sussurrou por trás dela. — Vavra está dizendo que este é um grande clã de ciganos e elas semearam desarmonia dentro dele. Diz que não há lugar para ódios, salvo aos de fora. O ódio que semearam precisa ser purificado, para que todo o clã possa viver novamente em paz. Devem lutar. Se a vencida não for morta, será expulsa para sempre. Será o mesmo que morrer. Este povo definha e morre fora do seu ambiente. Não pode viver em nosso mundo. É o mesmo que forçar feras a viver em jaulas.

Enquanto Kerim falava, Bond examinava as duas belas, nervosas e mal-humoradas selvagens, no meio do ringue. Eram ambas morenas, de cabelos negros e maltratados caindo até os ombros, e trajavam roupas esfarrapadas : túnicas rasgadas e com uma profusão de remendos e cerzidos. Uma delas era de maior ossatura e evidentemente mais forte, mas de olhar mortiço e taciturno, e podia não ser muito ágil. Bela, em sentido um tanto leonino, tinha um brilho avermelhado nos olhos de pálpebras pesadas, enquanto ouvia, com impaciência, o que dizia o chefe da tribo. "Ela deve ganhar", pensou Bond. "É mais alta e mais forte".

Enquanto essa moça lembrava uma leoa, a outra parecia uma pantera: esguia e ágil, olhar penetrante e ardiloso, não encarava o interlocutor, mas se desviava para os lados, observando todos os detalhes, e tinha as mãos crispadas como garras. As pernas finas eram

musculosas como as de um homem. Os seios eram pequenos, ao contrário dos da outra moça, e mal sobressaíam sob a túnica esfarrapada. "Parece ser uma cadelinha perigosa", pensou Bond. "Certamente será a primeira a dar um golpe. É ágil demais para a outra".

Imediatamente, viu que estava errado. Quando Vavra proferiu a última palavra, a moça alta (Kerim informou que se chamava Zora) lançou o pé para o lado, violentamente e sem fazer pontaria, acertando a outra bem no estômago, e, enquanto esta cambaleava, acertou-lhe um soco no lado da cabeça que a fez cair ao chão.

— "Oi! Vida" — lamentou uma das mulheres que* assistiam à cena. Não precisava ter-se preocupado. Até mesmo Bond podia ver que Vida fingia enquanto jazia no solo, aparentemente desacordada. Podia ver seus olhos brilharem por sob a curva do braço, observando o pé de Zora que violentamente lhe vinha em direção às costelas.

As mãos de Vida juntaram-se. Agarrou o tornozelo da outra e sua cabeça bateu no peito do pé como o bote de uma serpente. Zora deu um grito de dor e tentou furiosamente livrar o pé. Era tarde demais. A outra punha-se de joelhos e depois se erguia, sempre com a presa entre as mãos. Lançou-a para cima, mas o outro pé de Zora ergueu-se e fez que ela caísse violentamente ao chão.

O impacto da queda fez tremer o solo. Por um momento, ficou imóvel. Com um grito animalesco, Vida lançou-se a ela, unhando-a.

"Meu Deus, que gata brava!" — pensou Bond. Ao seu lado, Kerim respirava ruidosamente, por entre os dentes.

Mas Zora protegeu-se com o joelhos e os cotovelos e, finalmente, conseguiu livrar-se de Vida. Pôs-se de pé, cambaleando, e recuou com os dentes à mostra e os trapos da túnica pendendo sobre o belo corpo. Lançou-se novamente ao ataque, com os braços estendidos para agarrar a outra, mas, quando esta se desviou, pegou a gola da túnica e rasgou-a até à bainha. Imediatamente, Vida aninhou-se embaixo dos braços da adversária e atacou-lhe o corpo com os punhos e os joelhos.

Essa tática foi errada. Os braços fortes fecharam-se ao seu redor, prendendo-lhe os seus para evitar que os dedos atingissem os olhos de Zora. Esta, vagarosamente, começou a apertar, enquanto os joelhos e pernas de Vida se debatiam sem resultado algum.

Bond achou que, já então, a maior ganharia. Tudo o que Zora tinha a fazer era cair sobre a outra. A cabeça de Vida bateria contra as pedras e ficaria à mercê da adversária. Mas, subitamente, Zora começou a gritar. Bond viu que a cabeça de Vida estava enterrada no peito da outra. Seus dentes estavam em ação. Os braços de Zora abriram-se enquanto puxava o cabelo da outra, tentando afastá-la de si. Mas, já os braços de Vida estavam livres e batiam contra o corpo de Zora.

As duas separaram-se e recuaram como gatas. Os dois corpos brilhavam por entre os últimos trapos das túnicas, enquanto o sangue escorria do peito nu da mais alta.

Moveram-se cautelosamente, ambas satisfeitas por haverem escapado. Ao girarem, arrancaram os últimos trapos que as cobriam e os atiraram sobre os espectadores.

Bond prendeu a respiração, vendo os dois corpos despidos e brilhantes, e sentiu que Kerim, ao seu lado, ficara tenso. O círculo de ciganos parecia ter-se fechado mais em volta das duas lutadoras. O luar brilhava nos olhos faiscantes e ouvia-se o ruído de respirações ofegantes.

As duas jovens ainda se moviam em círculo, com os dentes à mostra e o fôlego já começando a faltar. A luz refletia-se sobre os seios e o estômago, e também sobre os quadris esguios como os de um rapaz. Os pés deixavam marcas de suor no chão de pedra.

Foi novamente a mais alta, Zora, a primeira a atacar, dando um pulo para a frente, com os braços estendidos como os de um lutador. Mas Vida aparou o bote. O pé direito lançou-se num furioso "coup de savate", que fez um ruído seco como um tiro de pistola. A outra deu um gemido e abaixou-se. Imediatamente, o outro pé de Vida atingiu-a no estômago, seguindo-se um ataque selvagem.

Ouviu-se um murmúrio entre os assistentes, quando Zora caiu de joelhos. Suas mãos tentaram proteger o rosto, mas era tarde demais. A menor a cavalgava e suas mãos prendiam os pulsos de Zora, enquanto se debruçava sobre esta com todo o seu peso, prendendo-a ao solo, e seus dentes brancos dirigiam-se para o pescoço descoberto da adversária.

BUM!

A explosão quebrou o "suspense" como se fosse uma noz. Uma língua de fogo iluminou a escuridão por trás da pista de dança e um pedaço de calíça passou assobiando perto do ouvido de Bond. De repente, o pomar foi invadido por um bando de homens correndo, e o chefe dos ciganos, empunhando o alfanje, projetava-se sobre a pista de pedras. Kerim seguiu-o com um revólver na mão. Quando o cigano passou pelas duas moças, que estavam agora trêmulas e amedrontadas, deu-lhes uma ordem e elas, correndo, desapareceram por entre as árvores, onde as mulheres e crianças desapareciam em meio às sombras.

Bond, empunhando desajeitadamente uma "Beretta", seguiu vagarosamente no encalço de Kerim, em direção ao vasto rombo que havia sido aberto no muro do jardim, enquanto imaginava o que podia ter acontecido.

O gramado, entre o que restava da parede e a pista de danças, estava cheio de pessoas que lutavam e corriam. Foi somente ao aproximar-se que Bond conseguiu distinguir os búlgaros, pequenos e vestidos de maneira comum, dos ciganos trajados à sua moda. Parecia haver maior número de "Sem Cara" do que de ciganos, numa proporção de quase dois para um. Enquanto Bond observava, um jovem cigano destacou-se do grupo, segurando o estômago com as mãos. Cambaleou em direção a Bond, tossindo violentamente. Dois homúnculos morenos correram atrás dele, empunhando facas.

Bond desviou-se instintivamente para o lado, de sorte que não houvesse ninguém por trás dos dois homens. Fez-lhes pontaria nas pernas, logo acima dos joelhos, e disparou por duas vezes. Os dois caíram, sem ruído, de cara na grama.

Duas balas haviam sido gastas. Restavam apenas seis. Bond aproximou-se da briga.

Uma faca passou-lhe assobiando ao lado da cabeça e foi cair na pista de danças. Fora destinada a Kerim, que surgiu das sombras com dois homens em sua perseguição. O segundo parou e levantou a faca para atirá-la, mas Bond disparou da altura dos quadris, sem fazer pontaria, e viu-o cair. O outro homem girou nos calcanhares e escondeu-se entre as árvores, enquanto Kerim caía de joelhos, ao lado de Bond, tentando fazer seu revólver funcionar.

— Dê-me cobertura, — gritou ele. — O primeiro tiro engasgou. São esses malditos búlgaros. Deus sabe o que eles pensam que estão fazendo.

Bond sentiu-se agarrado à altura da boca e puxado para trás, violentamente. Enquanto caía, sentiu o cheiro de sabão de cinza e nicotina. Uma pesada bota bateu-lhe na nuca. Girou para o lado, na grama, e esperou a dor lancinante de uma facada. Mas os homens, em número de três, perseguiam Kerim e, enquanto Bond se apoiava sobre um joelho, viu aquelas figuras atarracadas caírem sobre o seu amigo, que tentou dar um golpe com a arma inútil e depois desapareceu por debaixo deles.

Ao mesmo tempo, Bond deu um pulo e meteu a coronha da arma numa cabeça redonda e raspada a navalha, enquanto via o lampejo do alfanje do chefe dos ciganos, que se cravava nas costas de outro. Kerim levantou-se, e o terceiro homem fugiu. Mas, de repente, surgiu na abertura do muro um homem que se pôs a gritar ordens, repetidamente, até que todos os atacantes abandonaram a luta, correram em direção a ele e desapareceram na estrada.

— Atire, James, atire! — gritou Kerim. — É Krilencu. — Começou a correr. A arma de Bond deflagrou uma vez. Mas o homem refugiou-se atrás do muro, e trinta j ar das é muita distância para se poder acertar à noite e com uma automática. Enquanto Bond baixava a arma ainda quente, ouviu o som em "stacatto" do esquadrão de lambretas, qual um enxame de vespas, descendo a encosta.

O silêncio era quebrado apenas pelo gemido dos feridos. Bond, apático, observou Kerim e Vavra voltarem pela brecha do muro e passarem por entre os corpos, virando um ou outro com a ponta do pé. Os demais ciganos regressaram da estrada e as mulheres mais velhas surgiram das sombras para cuidar dos seus feridos.

Bond saiu da letargia. Qual seria o motivo de tudo aquilo? Dez ou doze homens haviam sido mortos. Por quê? A quem procuravam atingir? Não a ele, Bond. Quando caíra e estivera à mercê deles, haviam-no ignorado e saído em perseguição a Kerim. Este era o segundo atentado contra seu amigo. Teria alguma coisa a ver com o caso Romanova? Que relação poderia haver?

Bond alertou-se. Disparou a arma por duas vezes, da altura dos

quadris. Uma faca bateu, sem causar dano, contra as costas de Kerim. O homem que se erguera dentre os mortos girou sobre si mesmo como um bailarino e caiu de bruços. Bond correu. Atirara na hora. Vira o luar refletido na lâmina e tinha o campo livre para atirar. Kerim contemplou o corpo que estrebuchava. Virou-se para Bond.

Este parou de repente. — Você é louco! — disse zangado. — Não pode ser mais cuidadoso? Devia andar com uma babá. — A zanga de Bond provinha, em grande parte, do fato de saber que fora ele quem trouxera essa ameaça de morte a Kerim.

Darko Kerim sorriu envergonhado. — Isso não fica bem, James. Já salvou muitas vezes a minha vida. Poderíamos ter sido amigos. Agora, a distância entre nós é muito grande. Perdoe-me, pois nunca poderei retribuir-lhe. — Estendeu a mão.

Bond não a aceitou. — Não seja idiota, Darko — disse bruscamente. — Minha arma funcionou. A sua, não. É melhor que arranje uma que funcione. Por amor de Deus, diga-me o que significa tudo isto. Já houve sangue derramado em demasia, esta noite. Estou farto disso. Preciso beber. Vamos acabar aquele raque. — Pegou o amigo pelo braço.

Ao chegarem à mesa, repleta dos restos do jantar, ouviram um grito lancinante que vinha do fundo do pomar. Bond pôs a mão sobre a arma. Kerim sacudiu a cabeça. — Vamos logo saber o que os "Sem Cara" desejavam — disse sombriamente. — Meus amigos estão investigando. Posso imaginar o que vão descobrir. Jamais me perdoarão por estar aqui, esta noite. Cinco dos seus homens foram mortos.

— Poderia também haver uma mulher morta — disse Bond, sem simpatia. — Pelo menos, salvou-lhe a vida. Não seja tolo, Darko. Esses ciganos sabiam o risco que corriam quando começaram a fazer espionagem para você, contra os búlgaros. Era uma guerra de quadrilhas. — Adicionou um pouco de água às duas canecas de raque.

Ambos esvaziaram-nas de um só trago. O chefe dos ciganos aproximou-se, enxugando a ponta do alfanje com um punhado de grama. Sentou-se e aceitou o copo de raque que Bond lhe ofereceu. Parecia muito satisfeito. Bond teve a impressão de que ele achara a luta muito curta. O cigano disse algo, maliciosamente.

Kerim riu. — Ele diz que o julgamento dele foi acertado. Você mata bem. Agora, quer que tome conta dessas duas mulheres.

— Diga-lhe que uma só seria demasiado para mim. Mas diga também que penso que elas são mulheres esplêndidas. Ficaria satisfeito se ele cancelasse a luta e a considerasse empatada. Muitos do seu povo já foram mortos esta noite. Vai precisar que essas duas moças dêem filhos ao clã.

Kerim traduziu. O cigano olhou mal-humorado para Bond e disse algumas palavras ásperas.

— Ele diz que você não lhe devia ter pedido uma coisa tão difícil. Diz que o seu coração é brando demais para um bom lutador. Mas fará o que pede.

O cigano ignorou o sorriso de agradecimento que Bond lhe dirigiu. Começou a falar rapidamente com Kerim, que escutava com atenção e, ocasionalmente, o interrompia com uma pergunta. O nome de Krilencu foi mencionado muitas vezes. Kerim respondeu. Sua voz demonstrava grande pesar e não permitiu que o outro o interrompesse com protestos. Houve uma última referência a Krilencu. Depois, Kerim voltou-se para Bond.

— Meu amigo — disse com frieza. — Dá-se um fato curioso. Pelo que sabemos, os búlgaros receberam ordens para matar Vavra e o maior número possível dos seus homens. Até aí, muito simples. Sabiam que os ciganos trabalhavam para mim. Um método drástico, talvez, mas em matéria de mortes, os russos não têm muita "finesse". Gostam de extermínios coletivos. Vavra era um dos alvos principais. Eu era o outro. Essa declaração de guerra contra a minha pessoa também é compreensível. Mas, parece que você devia ser poupado. Receberam a sua descrição minuciosa para que não cometessem enganos. Isso é estranho. Talvez desejassem evitar complicações diplomáticas. Quem sabe? o ataque foi bem planejado. Subiram a encosta por um atalho e deslizaram por ela com os motores desligados, a fim de que não ouvíssemos o barulho. Este lugar é isolado e não há um só policial por várias milhas ao redor. Considero-me culpado por não lhes haver dado a atenção devida. — Kerim parecia intrigado e triste. Tomou uma decisão. — Já é meia-noite. O "Rolls" deve estar aí. Há ainda um trabalhinho a fazer, antes de irmos

para a cama. E já está na hora de deixarmos estes amigos. Têm muito o que fazer antes que amanheça. Há muitos cadáveres para serem jogados ao Bósforo e o muro a ser consertado. Quando amanhecer, todos os vestígios dessa briga devem ter desaparecido. Nosso amigo deseja-lhe felicidades. Convida-o a voltar novamente e diz que Zora e Vida são suas até que os seios delas murchem. Recusa-se a responsabilizar-me pelo que aconteceu. Quer que eu continue a enviar-lhe mais búlgaros. Dez foram mortos, hoje. Gostaria de matar mais. E agora, vamos despedir-nos e partir. É o que se espera de nós. Somos bons amigos, mas também "gringos". Creio que não gostaria que víssemos as mulheres do seu povo chorarem seus mortos.

Kerim estendeu a mão enorme. Vavra tomou-a e, conservando-a entre as suas, fitou os olhos de Kerim. Por um instante, o olhar enérgico pareceu nublar-se. Depois, o cigano largou a mão e voltou-se para Bond. Sua mão era enxuta, áspera e acolchoada como a pata de um animal. Novamente os olhos se nublaram. Largou a mão de Bond. Falou rápida e incisivamente com Kerim e, voltando-lhes as costas, desapareceu entre as árvores.

Ninguém desviou a atenção do que fazia, quando Kerim e Bond passaram pela brecha aberta no muro. O "Rolls", parado do lado oposto da entrada do café, a alguns metros de distância, brilhava ao luar. Um rapaz estava sentado ao lado do motorista. Kerim apontou-o com a mão. — Este é o meu décimo filho. Chama-se Boris. Julguei que poderia precisar dele. E vou.

O rapaz voltou-se e disse: — Boa noite, senhor. — Bond reconheceu nele um dos escriturários que vira no armazém. Era tão moreno e esguio quanto o chefe do escritório, e seus olhos eram também azuis.

O carro começou a descer a ladeira. Kerim dirigiu-se em inglês ao motorista. — Vamos para uma viela perto da praça Hipódromo. Quando chegarmos lá, diminua a marcha. Dir-lhe-ei onde deve parar. Trouxe os uniformes e o equipamento?

— Sim, Kerim Bey.

— Muito bem. Pise no acelerador. Já era tempo de estarmos dormindo.

Kerim recostou-se na almofada. Pegou um cigarro. Fumaram em

silêncio. Bond, contemplando as ruas envoltas na penumbra, pensou que a iluminação precária é indício certo de uma cidade pobre.

Passaram-se alguns momentos antes que Kerim voltasse a falar. — O cigano disse que ambos temos o anjo da morte sobre nós. Avisou-me de que devo acautelar-me com um filho da neve e você deve precaver-se contra um homem que é prisioneiro da Lua. — Riu asperamente. — Falam numa linguagem ininteligível. Mas, disse que Krilencu não é nenhum desses homens. Isso é bom.

— Por quê?

— Porque não poderei dormir enquanto não tiver eliminado esse homem. Não sei se o que sucedeu hoje tem alguma conexão com você e sua missão. Não me interessa. Por algum motivo, declararam-me guerra. Se não matar Krilencu, certamente serei assassinado no terceiro atentado. É por isso que estamos a caminho de um encontro com ele, em Samarra.

Capítulo 19 — A BOCA DE MARILYN MONROE

O carro passou velozmente pelas ruas desertas, à frente de mesquitas envoltas em sombras, cujos faiscantes minaretes projetavam-se em direção à Lua em quarto crescente e por sob as ruínas do Aqueduto. Atravessou em seguida o bulevar Ataturk e dirigiu-se ao Grande Bazar, passando ao norte dos portões trancados. Ao chegar à Coluna de Constantino, o carro enveredou para a direita, por entre ruelas sinuosas que tresandavam a alho e, finalmente, desembocou numa grande praça bem cuidada, na qual três colunas de pedra estavam eretas em direção ao céu, como se fossem foguetes espaciais.

— Devagar — disse Kerim, em voz baixa. Circularam ao redor da praça, em direção às tílias. Ao fundo de uma rua na direção leste, o farol que fica além do palácio Seraglia deu-lhes uma piscada amarela.

— Pare.

O carro parou à sombra das tílias. Kerim segurou a maçaneta da porta. — Não demoraremos, James. Sente-se à frente, no lugar do motorista e, se algum policial se aproximar, diga-lhe apenas: "Ben Bey Kerim'in ortagiyim". Pode guardar isso de memória? Quer dizer: Sou companheiro de Kerim Bey. Eles o deixarão em paz.

Bond resmungou. — Muito obrigado. Mas vai ter a surpresa de saber que vou com você. Pode meter-se em alguma encrenca se eu não for. Além disso, não pretendo ficar aqui, tentando enganar policiais. As desvantagens de se aprender a falar bem uma frase é que parece que a gente conhece o idioma. O policial vai me responder com uma enxurrada de turco e, quando eu não souber o que dizer, vai ficar

desconfiado. Não discuta, Darko.

— Bem, não me culpe se não gostar do que vai acontecer. — Kerim estava constrangido. — Vai ser um assassinato a sangue-frio. No meu país, costumamos deixar que os cães durmam sossegados; mas, se acordam e mordem, nós os matamos. Não lhes concedemos um duelo. Está certo?

— Como quiser — respondeu Bond. — Ainda tenho uma bala, no caso de você errar.

— Então, venha — disse Kerim, com relutância. — Temos de andar bastante. Os outros dois seguirão caminho diferente.

O motorista deu a Kerim uma longa bengala e um estojo de couro. Ele os colocou sobre o ombro e começaram a andar, iluminados pelo facho do farol. Seus passos ecoavam pelos portões de ferro das lojas fechadas. Não havia ninguém à vista, nem um gato, e Bond sentiu-se satisfeito por não ter de caminhar sozinho por essa longa rua, em direção àquela luz maligna.

Desde o primeiro instante, tivera a impressão de que em Istambul, à noite, emanava horror das próprias pedras. Parecia-lhe uma cidade que durante séculos fora tão banhada por sangue e violência que, quando a luz do dia desaparecia, era habitada apenas pelos fantasmas dos mortos. O instinto dizia-lhe, como já dissera a outros viajantes, que teria sorte se saísse com vida de Istambul.

Chegaram a uma viela estreita e mal-cheirosa que descambava subitamente para a ladeira à direita. Kerim começou a descê-la, equilibrando-se sobre os paralelepípedos. — Veja onde pisa — disse em voz baixa. — Lixo é palavra muito delicada para designar o que os meus adoráveis compatriotas jogam nas ruas.

A lua brilhava sobre a superfície úmida das pedras. Bond conservou a boca fechada e respirou pelo nariz. Pisou com cuidado, de joelhos curvos, como se descesse uma encosta coberta de neve. Pensou na sua cama no hotel e nas confortáveis almofadas do carro, estacionado sob as perfumadas tílias, e imaginou que outras espécies de odores fétidos teria de suportar durante a missão que ora desempenhava.

Pararam ao fim da viela. Kerim voltou-se para ele com um amplo sorriso. Apontou para cima em direção a um majestoso maciço

envolto em sombra. — A mesquita do sultão Akmet. Possui famosos murais bizantinos. É pena que eu não tenha tempo de mostrar-lhe as belezas do meu país. — Sem esperar a resposta de Bond, virou para a esquerda, por um poeirento bulevar, ladeado por lojas ordinárias, que descia em direção ao reflexo distante que indicava o mar de Mármara. Durante dez minutos, caminharam em silêncio. Então, Kerim diminuiu o passo e chamou Bond para o lado sombreado.

— Esta missão vai ser simples — sussurrou. — Krilencu vive ali em baixo, ao lado do trilho dos trens. — Fez um gesto vago em direção a um aglomerado de luzes vermelhas e verdes, situadas no fim do bulevar. Ele se esconde num casebre que fica atrás de um tapume. Há uma porta fronteira no casebre. Há também um alçapão que dá para a rua, através do tapume. Ele julga que ninguém sabe disso. Meus dois companheiros irão pela porta da frente. Ele sairá pelo alçapão. Aí, então, eu o mato. Está certo?

— Como você quiser.

Caminharam pelo bulevar, mantendo-se próximos à parede. Depois de dez minutos, avistaram o tapume de vinte pés de altura que formava uma parede no cruzamento, no fim da rua. A lua iluminara-o por trás, mas sua frente estava imersa em sombras. Kerim passou a caminhar ainda com mais cautela, pisando suavemente. A quase cem j areias do tapume, as sombras se desvaneceram e a lua iluminou claramente a encruzilhada. Kerim parou no último umbral obscurecido e colocou Bond à frente, de encontro ao seu peito. — Precisamos esperar — segredou. Bond ouviu o ruído que Kerim fazia, às suas costas. Percebeu um som oco da tampa do estojo de couro que se abria. Um fino tubo de metal, com cerca de dois pés de comprimento e uma protuberância em cada extremidade, foi posto na mão de Bond.

— É um telescópio. Modelo alemão — sussurrou Kerim.

— Tem lentes infravermelhas. Pode-se ver no escuro. Veja aquele grande cartaz de cinema, ali em frente. Repare no rosto. Bem em baixo do nariz. Verá o contorno de uma alçapão. Tire uma linha reta, partindo do sinaleiro.

Bond descansou o braço contra o umbral da porta e colou a luneta à vista direita. Focalizou a mancha escura à sua frente. Pouco a pouco, o negro das sombras foi-se transformando em cinza. Surgiram o

contorno de um imenso rosto de mulher e um letreiro. Logo depois, conseguiu lê-lo. Dizia: "NIYAGARA. MARILYN MONROE VE JOSEPH COTTEN" e, mais abaixo, o anúncio do desenho animado "BONZO FUTBOLOU". Bond dirigiu o telescópio para a vasta cabeleira de Marilyn Monroe, passando pela imensa testa e pelo nariz de dois pés de comprimento, até às cavernosas narinas. Percebeu um ligeiro quadrado, no cartaz. Estava situado exatamente entre o nariz e a atraente curva dos lábios. Tinha cerca de três pés de altura. Dali, até ao chão, o salto era bem razoável.

Atrás de si, Bond percebeu uma série de sons metálicos. Kerim empunhou, sua bengala. Como Bond suspeitara, era uma arma, um rifle cuja coronha era também um castão. A ponteira de borracha fora substituída por um silenciador.

— É o cano da nova Winchester 88 — segredou Kerim com orgulho. — Foi adaptada para mim por um sujeito de Ancara. Calibre .308. Curto. Leva três balas. Dê-me a luneta. Quero focalizar bem o alçapão antes que os meus companheiros cheguem à porta da frente. Importa-se, se eu usar o seu ombro como apoio?

— Absolutamente. — Bond passou o telescópio a Kerim, que o adaptou ao cano da arma, apoiando-a sobre o ombro de Bond.

— Estou vendo — sussurrou Kerim. — Exatamente onde Vavra indicou. Ele é um bom auxiliar. — Baixou a arma no momento preciso em que dois policiais surgiram no canto direito do cruzamento. Bond ficou alerta.

— Não se preocupe — segredou Kerim. — É o meu filho junto com o motorista. — Colocou dois dedos na boca. Por uma fração de segundo, emitiu um assobio abafado. Um dos policiais levou a mão à nuca. Depois, os dois guardas afastaram-se pisando ruidosamente com as botas.

— Mais alguns minutos — sussurrou Kerim. — Precisam dar a volta àquele tapume. — Bond sentiu o pesado cano da arma ser colocado novamente sobre seu ombro direito.

O silêncio foi cortado pelo som metálico proveniente do sinaleiro, por trás do tapume. Uma das setas caiu. Uma luzinha verde surgiu no emaranhado das vermelhas. Ouviu-se ao longe o ruído de um trem, vindo dos lados da Ponta Serralho: aproximou-se e definiu-se no

resfolegar de uma locomotiva e no clangor de uma série de vagões de carga mal engatados. Ao longo da composição, à esquerda, surgiu uma tênue luzinha amarela. A máquina apareceu vagarosamente acima do tapume.

O trem passou ruidosamente, a caminho de sua viagem de cem milhas até à fronteira grega, como uma silhueta negra contra o mar prateado, impregnando o ar da noite com a fumaça do combustível de má qualidade. As luzes vermelhas dos freios brilharam por um instante e tornaram a desaparecer quando a locomotiva entrou num desvio. Soaram depois dois apitos, que mais pareciam lamentos, indicando a proximidade da pequena estação de Buyuk, à distância de uma milha apenas.

O ruído do trem apagou-se. Bond sentiu aumentar a pressão da arma sobre o ombro. Procurou fixar o alvo, em meio às sombras. Ao centro, via-se um quadrado mais escuro.

Bond levou cautelosamente a mão esquerda aos olhos, para protegê-los contra a claridade do luar. Sentiu um bafejo à altura da orelha direita. — Aí vem ele.

A silhueta de um homem surgiu e ficou dependurada da boca imensa reproduzida no cartaz, por entre os grandes lábios violáceos semi-abertos de êxtase. Parecia um verme saindo da boca de um cadáver.

O homem saltou. Um navio, que se dirigia ao Bósforo, roncou ao longe como um animal insone no Jardim Zoológico. Bond sentiu a testa úmida de suor. A pressão produzida pelo cano do rifle diminuiu quando o homem caiu na calçada e começou a caminhar em direção a eles.

"Quando chegar ao fim da sombra, começará a correr", pensou Bond. "Maldito idiota, esconda-se!"

Agora, o homem preparava-se para atravessar a rua iluminada. Chegara ao limite da sombra. A perna direita estava flexionada e o ombro projetava-se para ganhar impulso.

Bond ouviu o som de um machado cravando-se num tronco de árvore. O homem caiu de bruços, com os braços estendidos. Ouviu-se um barulho seco quando seu queixo, ou talvez a sua testa, bateu contra o solo.

Um cartucho vazio caiu aos pés de Bond. Ouviu o ruído do seguinte penetrando na agulha.

Os dedos do homem arranharam o chão. Seus sapatos bateram contra a calçada. A seguir, ficou absolutamente imóvel.

Kerim resmungou. Tirou o rifle de sobre o ombro de Bond e este percebeu que o amigo dobrava a arma e colocava a luneta no estojo de couro.

Bond desviou o olhar da figura inerte que jazia na rua, a figura de um homem que vivera, mas já não vivia. Sentiu um ímpeto de revolta contra a vida que o obrigava a testemunhar fatos como esse. A revolta não era contra Kerim. Este fora o alvo daquele homem, por duas vezes. De certa forma, parecia um longo duelo, no qual Kerim fora visado duas vezes e atirara apenas uma. Mas fora mais esperto, mais calmo e tivera mais sorte, apenas isso. Bond, porém, nunca matara alguém a sangue-frio e não gostava de ver nem de ajudar quem quer que o fizesse.

Kerim pegou-lhe o braço, em silêncio. Afastaram-se do local e retomaram o caminho pelo qual tinham vindo.

Kerim pareceu adivinhar os pensamentos de Bond. — A vida está repleta de morte, meu amigo — disse, em tom filosófico. — E às vezes, tornamo-nos o instrumento dessa morte. Não me arrependo de matar aquele homem, Nem, tampouco, me arrependeria de matar qualquer um daqueles russos que vimos hoje no escritório. São inflexíveis. Com eles, o que não for conseguido à força não o será por bem. Os russos são todos os mesmos. Gostaria que seu governo compreendesse isso e tomasse uma atitude mais firme. Devia dar-lhes, vez por outra, uma lição de boas maneiras como a que acabei de dar.

— Em questões de política de cúpula, nem sempre se pode agir de maneira tão rápida e eficiente como a sua, Darko. E não se esqueça que atingiu apenas um dos seus satélites, um dos homens que eles contratam para executar seu trabalho sujo. Esteja certo — disse Bond — de que concordo plenamente com sua opinião sobre os russos. Eles não entendem diplomacia. Só obedecem à força. No íntimo, são masoquistas. Adoram o "knut". É por isso que se sentiam tão felizes no governo de Stalin.

Ele aplicava-lhes o chicote. Não estou bem certo de qual será a

reação desse povo ante as migalhas de complacência com as quais está sendo alimentado por Kruchev e Cia. Quanto à Inglaterra, o mal é que, hoje em dia, é moda ser-se complacente com todos. No país e no exterior. Já não arreganhamos os dentes. Só mostramos as gengivas.

Kerim riu asperamente, mas não fez comentários. Subiam a ladeira mal-cheirosa e não sobrava fôlego para conversar. Descansaram ao chegar ao cimo da mesma e, depois, dirigiram-se para as árvores da praça Hipódromo.

— Perdoa-me pelo que aconteceu hoje? — A ansiedade era uma nota estranha na voz geralmente tronitroante daquele homenzarrão.

— Perdoá-lo? Perdoá-lo por quê? Não seja ridículo. — A voz de Bond denotava afeto. — Você tem um trabalho a executar e é o que está fazendo. Estou muito bem impressionado. Sua organização é excelente. Sou eu quem devia pedir desculpas. Parece que fui o causador involuntário de uma série de aborrecimentos para você. Livrou-se deles. Fui mero expectador. E continuo em ponto morto na minha missão. M. deve estar impaciente. É possível que haja algum recado no hotel.

Mas, quando Kerim o levou de volta e o acompanhou à portaria, não havia recado nenhum para Bond. Kerim deu-lhe uma palmada nas costas. — Não se preocupe, meu amigo — disse alegremente. — A esperança é bom alimento. Tome-a em grandes doses. Mandarei o carro, pela manhã e, se não houver novidades, pensarei em outras pequenas aventuras para ajudar a passar o tempo. Limpe sua arma e deixe-a descansar. Ambos merecem esse repouso.

Bond subiu os poucos degraus, abriu a porta do quarto e tornou a trancá-la. O luar filtrava-se através das cortinas. Acendeu o abajur cor-de-rosa colocado sobre a penteadeira. Despiu-se, entrou no banheiro e ficou alguns minutos sob o chuveiro. Pensava como o sábado, 14, fora muito mais movimentado do que a sexta-feira, 13. Escovou os dentes e gargarejou com um anti-séptico para livrar-se do gosto amargo que as aventuras do dia lhe haviam impresso. Apagou a luz do banheiro e voltou ao quarto.

Afastou uma cortina, abriu de par em par as janelas e ficou contemplando a curva em "boomerang" que a água prateada pelo luar formava. A brisa da noite refrescou-lhe agradavelmente o corpo nu.

Consultou o relógio. Eram duas horas.

Bond deu um longo bocejo. Deixou a cortina cair lentamente. Curvou-se para apagar a luz da mesa de toalete. Subitamente, endireitou-se com o coração palpitando.

Ouvira um riso nervoso vindo das sombras que envolviam o quarto. Uma voz feminina disse: — Pobre Bond! Deve estar muito cansado. Venha para a cama.

Capítulo 20 — NEGRO SOBRE ROSA

BOND voltou-se. Olhou em direção à cama, mas seus olhos ainda estavam ofuscados pelo luar. Atravessou o quarto e acendeu a lâmpada de cabeceira. Havia um corpo esguio sob o lençol. Cabelos castanhos espalhavam-se sobre o travesseiro. À borda do lençol, surgiram as pontas dos dedos que o mantinham sobre o rosto. Mais abaixo, os seios projetavam-se como colinas cobertas de neve.

Bond riu. Abaixou-se e puxou levemente os cabelos. Houve um grito de protesto sufocado pelo lençol. Bond sentou-se na beira da cama. Depois de um minuto de silêncio, um canto do lençol foi cautelosamente abaixado e um grande olho azul o inspecionou.

— Você está muito indecente. — A voz era abafada pelo lençol.

— E você? Como entrou aqui?

— Desci dois andares. Eu também moro neste hotel. — A voz era morna e provocante. O sotaque era muito ligeiro.

— Bem, vou para a cama.

O lençol desceu rapidamente até o queixo e a jovem aprumou-se nos travesseiros. Estava enrubescida. — Oh, não! Não faça isso.

— Mas esta é a minha cama. E você mesma me convidou. — O rosto era incrivelmente belo. Bond examinou-o calmamente. O rubor aumentou.

— Disse apenas por dizer. Para apresentar-me.

— Pois bem, tenho muito prazer em conhecê-la. Meu nome é James Bond.

— O meu é Tatiana Romanova. — Ela acentuou o segundo A de Tatiana e o primeiro de Romanova. — Meus amigos chamam-me Tânia.

Ficaram em silêncio enquanto se observavam mutuamente, a jovem demonstrando curiosidade e, possivelmente, alívio. Bond examinou-a friamente.

Ela foi a primeira a manifestar-se. — Você é igual às suas fotografias. — Tornou a corar. — Mas, vista alguma coisa. Assim, me perturba.

— Você também me perturba, e muito. A isso dá-se o nome de sexo. Se eu ficasse na cama com você, não teria importância. A propósito, que é que *você* está vestindo?

Ela baixou um pouquinho o lençol para mostrar uma fita de veludo preto ao redor do pescoço. — Isto.

Bond fitou os provocantes olhos azuis que o miravam como a perguntar se a fita não era suficiente. Sentiu que perdia o controle do próprio corpo.

— Dane-se, Tânia. Onde está o resto da roupa? Ou desceu assim pelo elevador?

— Oh, não! Isso não seria "kulturny". A roupa está embaixo da cama.

— Bem, se você pensa que vai sair deste quarto sem...

Bond interrompeu a frase. Levantou-se da cama e vestiu o paletó de seda azul-marinho que usava à guisa de pijama.

— O que sugere não é "kulturny".

— Ah, não? — disse Bond com ironia. Colocou uma cadeira ao lado da cama e sentou-se. Dirigiu um sorriso para a moça. — Bem, vou dizer-lhe uma coisa "kulturny". Você é uma das mulheres mais bonitas do mundo.

A jovem tornou a corar. Olhou-o com expressão séria. — Fala a verdade? Acho que a minha boca é grande demais. Sou tão bonita quanto as ocidentais? Disseram-me uma vez que me pareço com Greta Garbo. É verdade?

— Mais bonita — respondeu Bond. — Seu rosto é mais irradiante. E sua boca não é grande demais. É do tamanho exato. Pelo menos, para o meu gosto.

— Que é "irradiante"? Que quer dizer com isso? Bond queria dizer que ela não parecia uma espiã russa. Não demonstrava a reticência natural de uma espiã. Nem tampouco a frieza, ou o calculismo. Dava a impressão de afetuosidade e alegria. Esses sentimentos lhe transpareciam nos olhos. Procurou uma frase que não compromettesse. — Há muita alegria e prazer em seus olhos — disse, desajeitado.

Tatiana ficou séria. — É curioso — respondeu. — Não há muito prazer nem alegria na Rússia. Ninguém fala dessas coisas. Nunca me disseram isso, antes.

"Alegria?" — pensou ela. — "Depois dos dois últimos meses? Como podia parecer alegre?" E, contudo, era verdade: havia alegria em seu coração. Seria uma leviana por natureza? Ou teria algo que ver com este homem que nunca vira antes? Uma sensação de alívio depois da agonia pela qual passara, sabendo o que devia fazer? Certamente era muito mais fácil do que esperara. Ele tornara fácil a tarefa: transformara-a em prazer com uma pitada de perigo. Era tremendamente simpático. E parecia ser muito asseado. Poderia perdoar-lhe quando chegassem a Londres e ela tivesse de contar-lhe tudo, dizer-lhe que fora enviada para seduzi-lo? Até mesmo com noite marcada e no quarto indicado? Certamente, ele não se incomodaria muito. Não lhe faria mal algum. Era apenas um meio para ela entrar na Inglaterra e enviar os tais relatórios. "Alegria e prazer em seus olhos". Bem, por quê não? Era possível. Tinha uma incrível sensação de liberdade por estar assim sozinha com esse homem e saber que não seria punida por isso. Era muito excitante.

— Você é muito simpático — disse ela. Procurou uma comparação que o enaltecesse. — Parece um artista de cinema norte-americano.

Ficou surpresa ante a reação. — Pelo amor de Deus! Esse é o pior insulto que pode fazer a um homem!

Ela apressou-se em corrigir seu erro. Achou curioso que o elogio não tivesse agradado. Não era verdade então que todos os ocidentais desejavam parecer-se com artistas de cinema? — Eu menti — disse ela. — Pensei que lhe agradaria. Na realidade, parece-se com o meu herói favorito. É o personagem de um livro escrito por um russo chamado Lermontov. Algum dia eu lhe falarei a esse respeito.

Algum dia? Bond achou que já era tempo de falarem a sério.

— Escute, Tânia. — Procurou não olhar o lindo rosto sobre o travesseiro. Fitou a ponta do seu queixo. — Precisamos deixar de brincadeiras e falar a sério. Que significa tudo isto? Vai mesmo voltar para a Inglaterra comigo? — Ergueu os olhos e fitou os dela. Foi fatal. Ela os abriu novamente, naquela expressão de ingenuidade.

— Mas é lógico!

— Sim? — Bond ficou perplexo ante a objetividade da resposta. Olhou-a com suspeita. — Tem certeza?

— Sim. — Seus olhos eram sinceros. Ela parará de flertar.

— Não tem medo?

Os olhos de Tânia se obscureceram. Mas não pela razão que ele julgava. Lembrou-se de que tinha um papel a representar. Devia sentir medo pelo que estava fazendo. Terror. Essa representação pareceralhe tão fácil, mas agora tornava-se difícil. Estranho! Decidiu concordar.

— Sim. Tenho medo. Mas, já agora, nem tanto. Você me protegerá. Foi isso o que julguei desde o início.

— Bem, é claro que a protegerei. — Bond pensou na família dela, na Rússia. Afastou rapidamente o pensamento. Que estava fazendo? Tentando impedi-la de prosseguir? Negou-se a pensar nas conseqüências que podiam advir para ela. — Não há motivo para preocupações. Eu tomarei conta de você. — Devia fazer agora a pergunta que tentava evitar. Sentiu-se ridiculamente embaraçado. A moça não era nada daquilo que esperara. Fazer essa pergunta ia estragar tudo. Mas devia ser feita.

— E a respeito do aparelho?

Sim. Fora o mesmo que esbofeteá-la. Seu rosto demonstrou mágoa e as lágrimas ameaçaram brotar.

Ela cobriu a boca com o lençol e respondeu através dele. Seus olhos tornaram-se frios.

— Então é isso o que deseja.

— Escute — Bond procurou aparentar indiferença. — Esse aparelho não tem nada a ver com você e comigo. Mas meus chefes em Londres o desejam. — Lembrou-se da descrição. Prosseguiu suavemente. — Não é assim tão importante. Conhecem o aparelho e acham que é uma excelente invenção russa. Só querem copiá-lo.

Como o seu povo copia câmeras estrangeiras e outras coisas. — Senhor Deus, que desculpa esfarrapada!

— Você está mentindo — uma grande lágrima rolou de seus olhos azuis, escorreu pelo rosto e perdeu-se no travesseiro. Ela cobriu os olhos com o lençol.

Bond curvou-se e colocou a mão sobre o braço coberto, que ela retirou amuada.

— Que um raio parta essa maldita máquina — disse ele com impaciência. — Mas por amor de Deus, Tânia, compreenda que eu tenho uma tarefa a cumprir. Dê-me alguma resposta e não pensemos mais nisso. Há muitos outros assuntos para conversarmos. Precisamos planejar a viagem e assim por diante. É evidente que os meus superiores desejam o aparelho, do contrário não me teriam enviado para buscá-la juntamente com ele.

Tatiana enxugou os olhos com o lençol. Puxou-o bruscamente até à altura dos ombros. Sabia que estava negligenciando seu dever. Mas, fora simplesmente... Enfim. Se ele, ao menos, tivesse dito que o aparelho não importava, contanto que ela fosse! Mas isso já era querer demais. Ele tinha razão. Precisava cumprir o dever. E ela também.

Olhou-o calmamente. — Eu o levarei comigo. Não tenha receio. Mas não falemos mais disso. Escute. — Aprumou-se nos travesseiros. — Precisamos partir esta noite. — Lembrou-se das instruções. — É a nossa única oportunidade. Hoje à noite, darei plantão às 18 horas. Estarei sozinha no escritório e apanharei o "Spektor".

Os olhos de Bond semicerraram-se. Abrangeu, de relance, todas as dificuldades que teriam de enfrentar. Onde escondê-la. Como levá-la até o primeiro avião, depois que o roubo fosse descoberto. Ia ser muito arriscado. Eles não teriam complacência a fim de reavê-la juntamente com o "Spektor". Bloqueariam a estrada para o aeroporto. Colocariam uma bomba no avião. Ou coisa semelhante.

— Ótimo, Tânia. — A voz de Bond era inexpressiva. — Nós a manteremos escondida até tomarmos o primeiro avião, amanhã cedo.

— Não seja tolo. — Tatiana havia sido avisada de que teria de enfrentar algumas dificuldades. — Vamos de trem. Pelo Expresso do Oriente. Parte esta noite às nove. Pensa então que já não planejei tudo? Não ficarei em Istambul um minuto a mais do que o necessário.

Ao amanhecer, teremos atravessado a fronteira. Precisa providenciar as passagens e o passaporte. Viajarei como sua esposa. — Olhou-o, radiante. — Vou gostar disso. Numa daquelas cabines de que já ouvi falar. Devem ser muito confortáveis. Parecem uma casa em miniatura, sobre rodas. Durante o dia, podemos ler e conversar e, à noite, você ficará no corredor, guardando a porta.

— Sim, que eu fico — respondeu Bond. — Escute, Tânia. Isso é loucura. Seremos logo alcançados. Esse trem leva quatro dias e cinco noites para chegar a Londres. Precisamos pensar em outra solução.

— Não quero — disse a jovem, com determinação. — Só vou de trem. Se você for esperto, como poderão eles descobrir-nos?

"Meu Deus!" — pensou ela. — "Por que haviam eles insistido na viagem de trem?" Mas tinham sido bem explícitos. Havia dito que era uma boa oportunidade para que os dois se amassem. Teria quatro dias para fazer que ele se apaixonasse. Depois, quando chegassem a Londres, a vida lhe seria fácil. Ele a protegeria. Do contrário, se partissem por avião, ela seria presa logo depois de chegar a Londres. Os quatro dias eram essenciais. E haviam-na prevenido de que mandariam agentes para impedir que ela descesse do trem. Portanto, era melhor obedecer e cumprir à risca as instruções. "Meu Deus! Meu Deus!" E, contudo, ela agora ansiava por esses quatro dias com ele, na pequenina casa sobre rodas. Interessante! Antes, fora seu dever forçá-lo. Agora, era seu mais ardente desejo.

Contemplou o rosto pensativo de Bond. Sentiu vontade de estender-lhe a mão e assegurar-lhe que tudo correria bem, que isso era apenas uma "konspiratsia" inofensiva para que ela pudesse entrar na Inglaterra; que nenhum mal adviria aos dois, pois não era esse o objetivo do plano.

— Bem, ainda acho que é loucura — disse Bond, pensando em qual seria a reação de M. — Mas creio que é possível dar certo. Tenho o passaporte. Precisamos do visto iugoslavo. — Olhou-a severamente. — Não pense que vamos tomar o trem que passa pela Bulgária, ou poderei imaginar que está tentando raptar-me.

— E estou. — Tatiana riu. — É exatamente o que desejo fazer.

— Fique quieta, Tânia. Precisamos planejar todos os detalhes. Eu me encarrego das passagens e um dos nossos agentes irá conosco. É

apenas uma precaução. É um ótimo sujeito. Você vai gostar dele. Você se chamará Caroline Somerset. Não se esqueça. Como pretende chegar até o trem?

— Karolin Siomerset — a jovem refletiu por um instante. — É um bonito nome. E você é o sr. Siomerset. — Riu, alegremente. — Vai ser divertido. Não se preocupe comigo. Chegarei bem na hora do trem partir. Sai da estação Sirkeci. Sei onde fica. E isso é tudo. Não vamos preocupar-nos mais. Sim?

— Mas suponhamos que você perca a coragem, ou que eles a descubram. — Bond preocupou-se, subitamente, com a fleugma da jovem. Como podia ela estar tão segura? Um arrepio de suspeita percorreu-lhe a espinha.

— Antes de encontrá-lo, eu tinha medo. Agora, não tenho mais. — Tatiana tentou convencer-se de que falava a verdade. Até certo ponto, isso era exato. — Agora, não perderei a coragem, como você disse. E eles não poderão descobrir-me. Deixarei minha bagagem no hotel e levarei apenas o estojo que levo comumente para o escritório. Não posso deixar o meu casaco de peles. Gosto demais dele. Mas hoje é domingo e tenho uma boa desculpa para ir trabalhar com ele. Às oito e meia, sairei e tomarei um táxi para a estação. E, agora, deixe de lado essa preocupação. — Impulsivamente, pois era o que se esperava dela, estendeu-lhe a mão. — Diga que está satisfeito.

Bond sentou-se na beira da cama. Tomou-lhe a mão e olhou-a nos olhos. Meu Deus, pensou, espero que dê certo. Tomara que este plano maluco corra bem. Será esta linda jovem uma farsante? Será sincera? Os olhos não lhe diziam nada a não ser que ela estava feliz, que desejava que ele a amasse e que estava surpresa pelo que lhe acontecia. A outra mão de Tatiana circundou-lhe a nuca e puxou-o violentamente para ela. A princípio, sua boca tremeu sob a dele, mas, à medida que a paixão a envolveu, correspondeu ao infindável beijo.

Bond colocou as pernas sobre a cama. Enquanto continuava a beijá-la, sua mão segurou-lhe o seio esquerdo, sentindo o mamilo endurecer de desejo sob os dedos. A mão deslizou pelo estômago plano. As pernas de Tatiana moveram-se languidamente. Gemeu baixinho e afastou a boca da dele. As longas pestanas palpitaram sobre os olhos cerrados como as asas de um beija-flor.

Bond pegou a beirada do lençol e puxou-o para baixo, atirando-o aos pés da cama. Ela usava apenas a fita preta ao pescoço e meias de seda, também pretas, enroladas acima dos joelhos. Seus braços o enlaçaram.

Atrás do grande espelho falso situado na parede por trás da cama, e sem que nenhum dos dois soubesse, os dois fotógrafos da SMERSH comprimiam-se no apertado "cabinet de voyeur", à semelhança do que muitos amigos do proprietário do "Kristal Palas" haviam feito, para observarem uma noite de núpcias.

Os espiões fitavam os apaixonados arabescos formados pelos dois corpos e o mecanismo das câmeras girava enquanto a respiração de ambos se tornava ofegante e o suor da excitação escorria-lhes dos rostos úmidos até os colarinhos ordinários.

Capítulo 21 — EXPRESSO DO ORIENTE

As grandes composições estão abandonando a Europa, uma a uma, mas ainda assim, três vezes por semana, o Expresso do Oriente atravessa majestosamente as 1400 milhas de trilhos de aço que ligam Istambul a Paris.

Sob as luzes fluorescentes, a locomotiva alemã, de longo "chassis", arfava como a respiração ofegante de um dragão morrendo de asma. Cada profundo suspiro parecia ser o derradeiro. Mas era seguido de outro. Nuvens de vapor erguiam-se dos engates, entre os vagões, e esvaíam-se rapidamente na atmosfera pesada de agosto. O Expresso do Oriente era a única composição em movimento no barracão deselegante que é a estação principal de Istambul. As demais, nos desvios, estavam sem locomotivas, à espera de serem requisitadas no dia seguinte. Apenas o desvio n.º 3 e sua plataforma palpitavam com a agitação melancólica da despedida.

A grande etiqueta de bronze ostentada pelo vagão azul-marinho tinha os seguintes dizeres: "COMPAGNIE INTERNATIONALE DES WAGONS-LITS ET DES GRANDS EXPRESS EUROPÉENS". Sobre essa etiqueta havia outra, presa a cantoneiras de metal, com ORIENT EXPRESS escrito em negro sobre fundo branco, e mais abaixo:

ISTAMBUL	THESSALONIKI	BEOGRAD
VENEZIA	MILAN	
LAUSANNE	PARIS	

James Bond olhou vagamente para um dos mais românticos itinerários do mundo. Consultou, pela décima vez, o relógio: 8h51. Seus olhos dirigiram-se novamente para o letreiro. Todas as cidades estavam escritas no idioma original, exceto MILAN. Por que não MILANO? Bond pegou o lenço e enxugou o rosto. Onde estaria a moça? Teria sido apanhada era flagrante? Ter-se-ia arrependido? Ou ele fora brutal demais na noite anterior, ou, melhor dizendo, nessa madrugada, quando estavam ambos na cama?

8h55. O resfolegar da máquina havia parado. Um chiado ecoou pela estação, quando a válvula de descarga automática deu vazão ao excesso de vapor. Por entre a compacta multidão, Bond viu o chefe da estação, a cem jardas de distância, fazer um sinal com a mão para o maquinista e começar a percorrer a composição, batendo as portas dos vagões de terceira classe, situados à frente. Alguns passageiros, em sua maioria camponeses que regressavam à Grécia depois de um fim de semana passado com os parentes da Turquia, debruçavam-se nas janelas tagarelando com a multidão sorridente que os acompanhara.

Mais além, no ponto exato em que as luzes desapareciam para dar lugar à noite estrelada emoldurada pelo arco da estação, Bond viu uma luzinha vermelha transformar-se em verde.

O chefe da estação aproximou-se. O condutor do vagão-leito, envergando um uniforme marrom, bateu no braço de Bond. — Queira embarcar, por favor. — Dois turcos, aparentemente milionários, beijaram suas amantes (eram bonitas demais para serem esposas) e, depois de uma série de rissonhas recomendações, subiram no pedestal de ferro e dali para os dois altos degraus do vagão. Não havia outros viajantes que seguissem pelo vagão-leito, na plataforma. O condutor dirigiu um olhar impaciente ao inglês alto, apanhou o pedestal de ferro e levou-o consigo para dentro do trem.

O chefe da estação passou com ar decidido. Mais dois vagões a percorrer, o de primeira e o de segunda classe, e depois, quando chegasse ao último da composição, que era o do guarda-freios, ergueria a imunda flâmula verde.

Não se via nenhuma figura correndo pela plataforma, vinda dos lados do "guichet". Bem acima deste, perto do teto da estação, o ponteiro dos minutos do grande relógio iluminado deu um salto de

uma polegada e indicou nove horas.

Bond ouviu uma janela abrir-se, bem acima da cabeça. Olhou rapidamente. A primeira impressão foi de que o véu preto tinha malhas muito abertas. A tentativa de disfarçar a voluptuosa boca e os excitados olhos azuis era própria de uma amadora.

— Depressa.

O trem começara a andar. Bond alcançou o balaústre e pulou para o degrau. O condutor ainda conservava a porta aberta. Bond entrou, sem se apressar.

— Madame atrasou-se — disse o condutor. — Veio pelo corredor. Deve ter entrado pelo último vagão.

Bond encaminhou-se pelo corredor atapetado até à cabine central. Um losango de metal branco ostentava um 8 encimado por um 7, ambos em negro. A porta estava entreaberta. Bond entrou e fechou-a. A jovem tirara o véu e o chapéu de palha preta. Estava sentada a um canto, perto da janela. O longo casaco de pele de marta estava aberto de modo a permitir ver-se um vestido de "shantung" de cor natural, com saia pregueada, meias cor de mel e sapatos e cinto de crocodilo preto. Aparentava calma.

— Você não confia em mim, James.

Bond sentou-se ao seu lado. — Tânia — disse ele — se houvesse um pouco mais de espaço, eu a poria sobre os meus joelhos e lhe daria uma surra. Quase tive uma síncope por sua causa. Que aconteceu?

— Nada — respondeu Tatiana com ar inocente. — Que poderia acontecer? Eu disse que viria, e aqui estou. Você não confia em mim. E, como estou certa de que está mais interessado no meu dote do que em mim mesma, ei-lo aí.

Bond olhou para cima, com displicência. Duas pequenas caixas estavam na rede, ao lado de sua valise. Pegou a mão da jovem. — Graças a Deus, está a salvo.

Algo em seus olhos, talvez uma expressão de culpa por admitir de si para si, que estivera mais interessado na jovem do que propriamente no aparelho, foi o suficiente para acalmá-la. Ela conservou a mão dele entre as suas e recostou-se satisfeita nas almofadas.

O trem deslizou vagarosamente pela Ponta Serralho. O farol iluminou os tetos dos miseráveis casebres ao longo da linha. Bond

pegou um cigarro, com a mão que estava livre, e acendeu-o. Pensou que em breve passariam por trás do grande tapume onde Krilencu vivera até há pouco menos de vinte e quatro horas. Reviveu a cena em todos os detalhes. Os cruzamentos iluminados, os dois homens avançando nas sombras, o condenado escorregando por entre os lábios arroxeados.

A jovem contemplou-lhe o rosto, com ternura. No que pensaria esse homem? Que é que se estaria passando por trás daqueles frios olhos cinza-azulados que, às vezes, se tornavam meigos e, outras, como na noite anterior, quando o enlaçava apaixonadamente, brilhavam como diamantes? Agora, estavam sombreados pelos pensamentos. Estaria preocupado com a segurança de ambos? Se ao menos pudesse dizer-lhe que não havia nada a temer e que ele era apenas o passaporte dela para a Inglaterra (dela e daquela caixa pesada que o diretor-residente lhe dera no escritório, antes de partir) ! O diretor usara essa mesma expressão. — Eis aqui o seu passaporte para a Inglaterra, cabo — dissera ele, alegremente. — Veja. — Abrira o fecho "éclair" da capa. — Um "Spektor" novo em folha. Preste bastante atenção para não abrir esta bolsa novamente nem deixá-la sair da sua cabine, até que chegue ao destino. Do contrário, o inglês o tomará e depois a deixará na mão. É o aparelho que ele quer. Não deixe que eles o tirem de você, ou terá falhado em sua missão. Compreendeu?

Um sinaleiro surgiu por entre a névoa azulada. Tatiana contemplou Bond enquanto este baixava a janela e se pendurava para o lado de fora. O corpo dele estava junto ao seu. Moveu o joelho até tocá-lo. Como era extraordinária a apaixonada ternura que a envolvera desde que o vira na noite anterior, despido junto à janela, braços erguidos para afastar as cortinas, o perfil ansioso e pálido, iluminado pelo luar, sob o cabelo preto despenteado! E, a seguir, a maravilhosa fusão dos olhos e dos corpos de ambos. A chama que surgira entre eles, entre os dois agentes secretos, oriundos de setores inimigos, cada qual encarregado de sua missão contra o país do outro, antagonistas por profissão e, contudo, transformados em amantes por ordem dos respectivos países.

Tatiana estendeu a mão e puxou a beira do paletó de Bond. Ele

fechou a janela e voltou-se. Deu-lhe um sorriso. Leu-lhe a mensagem expressa nos olhos. Curvou-se, colocou as mãos sobre os seios cobertos pelo casaco de peles e beijou-a nos lábios. Tatiana deitou-se, puxando-o para si.

Ouviram uma leve batida à porta. Bond levantou-se. Tirou o lenço e esfregou com força os lábios, para tirar o batom. — Deve ser o meu amigo Kerim — disse ele. — Preciso falar-lhe. Avisarei o guarda para vir fazer as camas. Fique aqui com ele. Não me demoro. Estarei do lado de fora da porta. — Curvou-se, tocou-lhe a mão e contemplou os grandes olhos e a boca entreaberta, que demonstravam uma expressão de amuo. — Teremos toda a noite só para nós. Preciso agora tratar da sua segurança. — Abriu a porta e saiu.

O vulto imenso de Darko Kerim bloqueava o corredor. Estava apoiado no corrimão de metal, fumando, enquanto contemplava pensativamente o mar de Mármara que se afastava à medida que o trem avançava para o interior, em direção ao norte. Bond apoiou-se no corrimão, ao seu lado. Kerim olhou para o rosto de Bond, refletido na vidraça. Disse em voz baixa: — As novidades não são boas. Há três deles no trem.

— Ah! — um arrepio percorreu a espinha de Bond.

— São os três estranhos que vimos naquele escritório. É evidente que estão atrás de você e da moça. — Kerim lançou-lhe um olhar de soslaio. — Isso a transforma em cúmplice. Ou acha que não?

O raciocínio de Bond estava calmo. Então, a jovem fora usada como isca. Contudo, não, com mil raios: ela não podia estar fingindo, não era possível. E o aparelho de código? Talvez não estivesse, afinal, naquela bolsa. — Espere um pouco — disse. Virou-se e bateu de leve na porta. Ouviu quando ela a destrancou e soltou a corrente. Entrou e fechou a porta. Ela parecia surpresa. Julgara que fosse o chefe do trem que vinha fazer as camas.

Sorriu alegremente. — Já terminou?

— Sente-se, Tatiana. Preciso falar com você.

Ela reparou na frieza do rosto dele e seu sorriso desapareceu. Sentou-se obedientemente, com as mãos sobre o colo.

Bond ficou em pé, à sua frente. A expressão do rosto dela exprimia culpa ou medo? Não, apenas surpresa e indiferença, para combinar

com a dele.

— Escute, Tatiana. — A voz de Bond era inexpressiva. — Aconteceu algo. Preciso examinar aquela bolsa, para ver se o aparelho está lá.

Ela respondeu com indiferença. — Pegue-a e veja. — Contemplou suas mãos. Então, era chegado o momento. Ia acontecer o que o diretor previra. Iam tomar-lhe o aparelho e deixá-la de lado. Talvez até a expulsassem do trem. "Meu Deus! Ele terá a coragem de fazer isso?"

Bond pegou o pesado estojo e colocou-o sobre a poltrona. Correu o fecho e olhou. Sim, ali havia um aparelho de metal, cor cinza, com três fileiras de sete teclas cada uma, parecendo uma máquina de escrever. Abriu a bolsa e mostrou-o a Tatiana. — Isto é um "Spektor"?

Ela olhou distraída para o objeto. — Sim.

Bond tornou a fechar a bolsa e colocou-a na rede. Sentou-se ao lado da jovem. — Há três homens da M. G. B. no trem. Sabemos que são os mesmos que chegaram ao seu centro na segunda-feira. Que fazem eles aqui, Tatiana? — A voz de Bond era suave. Examinou-a. Tentou penetrar-lhe no íntimo.

Ela encarou-o. Seus olhos estavam marejados de lágrimas. Seriam as lágrimas de uma criança apanhada em flagrante? Não, não havia sinal de culpa em seu rosto. Parecia apenas amedrontada por algum motivo.

Ela estendeu-lhe a mão e tornou a recolhê-la. — Não vai me expulsar do trem, agora que já tem o aparelho, não é?

— É claro que não — disse Bond com impaciência. — Não seja tola. Mas precisamos saber o que desejam aqueles homens. Que vieram fazer? Sabia que eles também viriam? — Procurou uma resposta na expressão facial dela. Só pôde notar um grande alívio. E o que mais? Um certo calculismo? Talvez reserva? Sim, ela escondia alguma coisa. Mas, o quê?

Tatiana pareceu decidir-se. Passou bruscamente o dorso da mão nos olhos. Curvou-se e segurou o joelho dele. Sua mão ficara úmida pelas lágrimas. Fitou os olhos de Bond, tentando forçá-lo a dar-lhe crédito.

— James — disse ela. — Eu não sabia que esses homens estariam

no trem. Disseram-me que eles partiriam hoje. Para a Alemanha. Pensei que fossem por via aérea. É só o que lhe posso dizer. Enquanto não chegarmos à Inglaterra, onde eu estarei longe do alcance do meu povo, não deve fazer-me mais perguntas. Cumpri o que prometera. Estou aqui com o aparelho. Confie em mim. Não tema pela nossa segurança. Estou certa de que esses homens não nos farão mal algum. Absolutamente certa. Tenha fé. — "Poderia realmente ter tanta certeza?" — pensou Tatiana. Teria a Klebb falado toda a verdade? Mas, também precisava confiar; e confiar nas ordens que recebera. Esses homens deviam ser os guardas que vinham impedi-la de descer do trem. Não vinham com o intuito de lhes fazer mal algum. Mais tarde, quando chegassem a Londres, Bond a esconderia num lugar onde estivesse a salvo da SMERSH e, então, ela lhe diria tudo o que desejasse saber. Já fizera esse propósito. Mas Deus sabia o que lhes poderia acontecer se ela *os* traísse, agora. *Eles* dariam um jeito de pegá-la e também a James. Tinha certeza. Não era possível esconder-lhes nada. E *eles* não teriam piedade. Enquanto agisse de acordo com o combinado, tudo estaria bem. Tatiana procurou no rosto de Bond a confirmação de que ele lhe dava crédito.

Bond encolheu os ombros. Levantou-se. — Não sei o que pensar, Tatiana. Você me oculta alguma coisa, mas creio que é algo cuja importância desconhece. Talvez pense que estamos seguros. ~É possível. Pode ser que esses homens estejam no trem por mera coincidência. Preciso falar com Kerim e decidir o que deve ser feito. Não se preocupe. Tomaremos conta de você. Mas, agora, precisamos ter muita cautela.

Olhou ao redor da cabine. Tentou a porta de comunicação que conduzia ao compartimento contíguo. Estava trancada. Decidiu calçá-la depois que o condutor saísse. Faria o mesmo com a que dava para o corredor. E teria de ficar acordado. Lá se ia a lua-de-mel sobre rodas! Bond sorriu amargamente consigo mesmo e chamou o guarda do trem. Tatiana olhava-o com ansiedade. — Não se preocupe, Tânia — tornou a dizer. — Não se preocupe com coisa nenhuma. Assim que o homem sair, vá para a cama. Não abra a porta, a não ser para mim. Passarei a noite acordado, vigiando. Talvez amanhã seja mais fácil. Farei um plano com Kerim. Ele é um bom sujeito.

O chefe do trem bateu à porta. Bond deixou-o entrar e saiu para o corredor. Kerim ainda estava lá, olhando para fora. O trem adquirira velocidade e corria pela noite com o seu apito melancólico ecoando por entre as paredes de um alto barranco, contra o qual dançava o reflexo das janelas iluminadas dos vagões. Kerim não se moveu, mas seus olhos, refletidos no vidro, estavam atentos.

Bond narrou-lhe a conversa. Não era fácil explicar a Kerim o motivo pelo qual confiava tanto na moça. Viu o sorriso de ironia do amigo ao tentar descrever-lhe o que lera nos olhos de Tatiana e o que sua intuição lhe inspirava.

Kerim suspirou, resignado. — James, agora o caso é por sua conta. Esta parte da missão é sua. Ainda hoje, discutimos muitos desses pontos: o perigo apresentado pelo trem, a possibilidade de enviar-se o aparelho pela mala-postal diplomática, a honestidade ou falsidade dessa jovem. Parece que ela se rendeu incondicionalmente a você. Ao mesmo tempo, você admite que se rendeu a ela. Talvez apenas parcialmente. Mas decidiu dar-lhe crédito. Quando falei ao telefone, hoje cedo, com M., disse-me que apoiaria a decisão que você tomasse. Deixou isso a seu critério. Pois seja. Mas ele não sabia que seríamos seguidos por três agentes da M. G. B. Nem nós tampouco. Se o soubéssemos, creio que teríamos mudado de atitude. Não acha?

— Sim.

— Então a única solução é eliminar esses três homens. Fazer que saiam do trem. Só Deus sabe para que fim vieram. Não acredito em coincidências, nem você. Mas uma coisa é certa: não vamos viajar em companhia desses homens. Está de acordo?

— Claro.

— Então, deixe por minha conta. Ao menos, esta noite. Ainda estamos em nosso país e tenho certos poderes. Tenho também muito dinheiro. Não posso dar-me ao luxo de matá-los. O trem seria detido. Você e a moça poderiam comprometer-se. Mas darei um jeito. Dois deles estão no carro-dormitório. O mais velho, o que usa bigode e um cachimbo, tem a cabine próxima à sua: a de número seis. — Apontou-a com a cabeça. — Está viajando com um passaporte alemão, sob a identidade de "Melchior Benz, vendedor". O moreno, que parece armênio, está no número doze. Também tem um passaporte alemão:

"Kurt Goldfarb, engenheiro arquiteto". Compraram passagens para Paris. O terceiro homem, o tal que tem um furúnculo no pescoço, também os tem pelo rosto todo. É um tipo estúpido e feio. Não vi o seu passaporte. Está viajando no vagão de primeira classe, num compartimento próximo ao meu. Ele não precisa entregar o passaporte, a não ser quando chegar à fronteira. Mas entregou a passagem.

Com um ar de conspirador, Kerim tirou do bolso um talão amarelo. Tornou a guardá-lo. Sorriu, orgulhosamente, para Bond.

— Como conseguiu?

Kerim riu. — Antes de acomodar-se para passar a noite, esse idiota foi ao banheiro. Eu estava no corredor e lembrei-me, subitamente, do processo que usávamos para poder viajar, quando eu era garoto. Esperei um minuto. Depois bati à porta. Agarrei o fecho com força. "Bilheteiro", gritei. "Sua passagem, por favor". Falei em francês e repeti em alemão. Ouvi que resmungou lá dentro. Tentou abrir a porta. Prendi-a fortemente, de maneira que pensou que ela estivesse emperrada. "Não se incomode, "Monsieur", disse, delicadamente, "passe o bilhete por baixo da porta". Tornou a forçar o fecho e escutei sua respiração ofegante. Depois houve uma pausa e algo raspou por baixo da porta. Era a passagem. Disse-lhe: "Merci, Monsieur", com toda a polidez. Peguei o bilhete e passei para o vagão seguinte. — Kerim fez um gesto vago com a mão. — Agora, o estupidarrão deve estar dormindo pacificamente. Pensa que sua passagem lhe será devolvida quando chegar à fronteira. Está enganado. A essa altura, o bilhete estava transformado em cinzas, que serão espalhadas aos quatro ventos. — Kerim apontou a escuridão do lado extremo. — Farei que o homem seja expulso do trem, por mais dinheiro que tenha. Dir-lhe-ão que as circunstâncias precisam ser investigadas e seu depoimento confrontado com o da agência que vendeu a passagem. Ser-lhe-á permitido viajar num trem posterior.

Bond sorriu ante o estratagema de Kerim. — Você é único, Darko. E os outros dois?

Darko Kerim encolheu os largos ombros. — Pensarei numa solução — disse com convicção. — O melhor meio de se apanhar um russo é fazê-lo passar por bobo. Deixá-lo sem jeito. Rir dele. Não

toleram isso. Faremos que esses homens passem apuros. Depois, deixaremos que a M.G.B. se encarregue de puni-los por haverem falhado. Sem dúvida, serão eliminados por seus próprios comparsas.

Enquanto falavam, o condutor saiu do n.º 7. Kerim voltou-se para Bond e pôs-lhe a mão sobre o ombro. — Não tenha receio, James — disse alegremente. — Nós os derrotaremos. Volte para a sua pequena. Tornaremos a encontrar-nos pela manhã. Não dormiremos muito esta noite, mas isso não pode ser evitado. Todos os dias são diferentes. Talvez possamos dormir amanhã.

Bond observou o homenzarrão afastar-se facilmente pelo corredor. Notou que, a despeito do movimento do trem, os ombros de Kerim nunca encostavam nas paredes. Bond sentiu uma onda de afeto pelo inflexível e exuberante espião.

Kerim desapareceu na cabine do chefe do trem. Bond voltou-se e bateu de leve à porta do n.º 7.

Capítulo 22 — FORA DA TURQUIA

O trem prosseguia envolto pela noite. Bond, sentado, contemplava a fugidia paisagem, iluminada pelo luar, e procurava manter-se acordado.

Tudo conspirava para fazê-lo dormir: o galope rápido das rodas, o passar hipnótico dos postes telegráficos de metal, o apito ocasional e melancólico abrindo caminho, o embalante entrecocar dos engates dos vagões, o estalar da madeira na cabine. Até mesmo a luz violácea, por sobre a porta, parecia dizer: — Eu tomo conta. Nada acontecerá enquanto eu estiver acesa. Feche os olhos e durma, durma.

A cabeça da jovem, sobre o colo, era morna e pesada. Havia o espaço necessário para ele se meter por baixo do lençol, ao seu lado, colocando-se contra as suas costas e mergulhando o rosto na cortina formada pelos seus cabelos, sobre o travesseiro.

Bond apertou os olhos e tornou a abri-los. Levantou o pulso, com todo o cuidado. Eram quatro horas. Faltava apenas uma hora para atingirem a fronteira turca. Talvez conseguisse dormir durante o dia. Daria a ela o revólver, tornaria a calçar as portas e ela ficaria vigiando.

Contemplou-lhe o lindo rosto adormecido. Como parecia inocente essa jovem do Serviço Secreto Soviético, com as pestanas orlando a leve saliência das faces, os lábios entreabertos e relaxados; a longa mecha de cabelo caindo desordenadamente sobre a testa e que ele tinha vontade de arrumar no lugar; a pulsação pausada late-jando no

pESCOÇO descoberto. Sentiu-se invadir por um ímpeto de ternura e o desejo de apertá-la fortemente nos braços. Desejava que ela despertasse, talvez de um sonho, a fim de poder beijá-la e dizer-lhe que tudo estava em paz, e vê-la feliz, adormecer novamente.

Ela insistira em dormir dessa forma. — Não durmo sem que você me abrace — dissera. — Preciso senti-lo ao meu lado todo o tempo. Seria horrível acordar e não poder tocá-lo. Por favor, James. Por favor, "duschka".

Bond tirara o paletó e a gravata e se acomodara no canto, com os pés sobre a valise e a "Beretta" sob o travesseiro, ao alcance da mão. Ela não fizera comentários a respeito da arma. Tirara toda a roupa, exceto a fita preta ao redor do pescoço, e procurou não ser provocante enquanto se metia impudicamente sob as cobertas e remexia o corpo em busca de uma posição confortável. Estendera os braços para ele. Bond agarrara-lhe os cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás, e dera-lhe um beijo longo e doído. Depois, dissera-lhe que dormisse e, recostando-se, esperara calmamente que seu corpo o deixasse em paz. Resmungando sonolenta, ela se acomodara com um braço estendido sobre as coxas dele. A princípio, ela o segurara com firmeza, mas a pressão foi diminuindo gradualmente à medida que adormeceu.

Bond desviou bruscamente o seu pensamento de Tatiana e concentrou-o na viagem. Em breve, estariam fora da Turquia, mas a Grécia apresentaria menores dificuldades? Não havia muita amizade entre este país e a Inglaterra. E a Iugoslávia? De que lado estaria Tito? Talvez de ambos. Fosse qual fosse o intuito dos três agentes da M.G.B., ou eles já sabiam que Bond e Tatiana estavam no trem, ou ficariam sabendo em breve. Ele e a jovem não podiam permanecer quatro dias dentro da cabine, com as cortinas baixadas. Os russos dariam conhecimento de sua presença a Istambul, telefonando de alguma estação e, pela manhã, descobririam a falta do "Spektor". E depois? Rápidas conferências com a embaixada russa em Atenas ou em Belgrado? Tirar a jovem do trem sob a acusação de furto? Ou tudo isso seria simples demais? Se fosse mais complicado, se tudo fizesse parte de um complexo plano, uma intrincada conspiração russa, devia evitá-la? Seria melhor que a jovem e ele descessem em alguma pequena estação, pelo lado da entrevista, tomassem um táxi e

procurassem embarcar num avião para Londres?

Lá fora, a aurora começara a orlar de azul as árvores e as pedras. Bond consultou o relógio de pulso. Cinco horas. Logo chegariam a Uzunkopru — Que estaria acontecendo? Teria Kerim conseguido alguma coisa?

Bond recostou-se e relaxou os músculos. Afinal, a solução para o problema era simples. Se conseguissem livrar-se dos três agentes da M.G.B., ficariam no trem e seguiriam o plano original. Caso contrário, Bond desceria, juntamente com a moça e com o aparelho, em alguma estação grega e traçaria outra rota para regressar. Mas, se as circunstâncias lhe fossem favoráveis, Bond preferia prosseguir. Tanto ele quanto Kerim eram homens de expediente. Seu amigo tinha um agente em Belgrado, que ficara de encontrá-los no trem. E sempre se podia recorrer à embaixada.

A mente de Bond continuava a somar os prós e a eliminar os contras. Apesar do seu raciocínio, Bond admitia que desejava ardentemente jogar a partida até o fim, para ver o resultado. Queria enfrentar seus adversários, solucionar o mistério e, caso fosse algum plano, derrotá-los. M. deixara tudo a seu cargo. Ele se apossara da moça e do aparelho. Por que temer? Qual o motivo para isso? Seria loucura fugir de uma armadilha para talvez cair noutra.

O trem deu um longo apito e começou a diminuir de velocidade.

Partiam para o primeiro "round". Se Kerim falhasse, se os três homens continuassem no trem...

Uma locomotiva arrastava alguns vagões de carga. Silhuetas de armazéns surgiam e tornavam a desaparecer. Aos pulos e guinchos, o Expresso do Oriente entrou num desvio e deixou a linha principal. Pela janela, viam-se diversos trilhos entremeados de mato e um trecho vazio da plataforma. Um galo cantou. O expresso diminuiu a marcha e, finalmente, parou com um suspiro dos freios a vácuo e um barulhento chiado do vapor que escapava. A jovem adormecida moveu-se. Bond pousou-lhe delicadamente a cabeça sobre o travesseiro, levantou-se e saiu.

A estação era típica do interior balcânico: edifícios de fachada de pedra em estilo sombrio. A plataforma poeirenta ao rés do chão, de maneira a ficar distante do degrau do vagão, algumas galinhas que

ciscavam, e uns poucos funcionários indolentes e precisando fazer a barba, que não se davam ao trabalho de parecer importantes. Ao longo dos vagões populares, uma aglomeração de camponeses, carregados de embrulhos e cestas de vime, esperava que os serviços da alfândega e do controle de passaportes lhe permitissem reunir-se à que já estava a bordo.

Bond avistou, do outro lado da plataforma, uma porta com um letreiro marcado "POLIS". Através da janela empoeirada que ficava ao lado da porta, pareceu-lhe ver a cabeça e os ombros de Kerim.

— "Passeports! Douanes!"

Um homem à paisana e dois policiais de uniforme verde-escuro e armados de pistolas entraram pelo corredor. O chefe do trem precedia-os, batendo às portas.

Ao chegarem ao n.º 12, o condutor arengou em turco, em tom indignado, ao mesmo tempo que sacudia um maço de passagens e passaportes e os manuseava como se fossem um baralho. Ao terminar, o paisano chamou os dois policiais, bateu energicamente à porta e, quando esta se abriu, entrou. Os policiais seguiram-no.

Bond adiantou-se. Conseguia ouvir uma torrente de alemão mal falado. Uma voz era inexpressiva, a outra, exaltada, e demonstrava temor. O passaporte e a passagem de Herr Kurt Goldfarb não eram encontrados. Herr Goldfarb os teria retirado da cabine do chefe do trem? É lógico que não. E Herr Goldfarb os teria realmente entregue? Naturalmente. Caso lamentável. Era necessário instaurar um inquérito. Sem dúvida alguma, a legação alemã em Istambul esclareceria o assunto. (Bond sorriu ao ouvir essa questão). Infelizmente, enquanto isso, Herr Goldfarb não poderia prosseguir viagem. Sem dúvida, poderia reiniciá-la no dia seguinte. Herr Goldfarb faria o obséquio de vestir-se. Sua bagagem seria levada para a sala de espera.

O agente da M.G.B. que surgiu no corredor era o caucasiano, o mais novo dos "visitantes". Seu rosto pálido estava cinzento de medo. Os cabelos estavam descompostos e envergava apenas a parte inferior do pijama. Mas não havia nada de cômico na maneira pela qual se atirou pelo corredor. Passou por Bond. Ao chegar à porta da cabine n.º 6, parou e tentou acalmar-se. A porta entreabriu-se, presa à corrente de segurança, e Bond viu de relance um nariz carnudo e parte de um

bigode. A corrente foi solta e Goldfarb entrou. Houve silêncio, enquanto o funcionário à paisana consultou os documentos de duas velhotas francesas que viajavam nos n.^{os} 9 e 10 e, depois, os de Bond.

Mal olhou para estes. Fechou-os e passou-os ao chefe do trem. — Viaja em companhia de Kerim Bey?

— perguntou em francês. Seu olhar era vago.

— Sim.

— "Merci, Monsieur. Bon voyage." — O homem cumprimentou-o. Virou-se e bateu com força à porta do n.º 6. Ela se abriu e ele entrou.

Cinco minutos depois, a porta foi escancarada. O funcionário, com ar autoritário, chamou os dois policiais. Falou-lhes energicamente, em turco. Tornou a voltar-se para a cabine. — Considere-se preso, "mein Herr". Tentativa de suborno de funcionários é um grave crime na Turquia. — Houve um caloroso protesto expresso pelo deficiente alemão de Goldfarb. Foi interrompido por uma frase enérgica em russo. O Goldfarb que saiu da cabine era um homem diferente, com olhar alucinado: caminhou cegamente pelo corredor e entrou na de n.º 12. Um policial postou-se à porta e esperou.

— E os seus documentos, "mein Herr"? Queira adiantar-se. Preciso confrontá-lo com esta fotografia.

— O funcionário virou o passaporte de capa verde em direção à luz. — Mais para a frente, por favor.

A contragosto, com o rosto lívido de raiva, o agente da M.G.B. que viajava sob o pseudônimo de Benz, saiu para o corredor, envergando um "chambre" de seda azul. Seus olhos castanhos olharam duramente para Bond, sem dar sinal de reconhecimento.

O funcionário fechou o passaporte e entregou-o ao condutor. — Seus documentos estão em ordem, "mein Herr". E agora, por favor, sua bagagem. — Entrou, seguido pelo outro policial. O agente da M.G.B. deu as costas a Bond e observou a busca.

Bond notou o volume sob o braço esquerdo e o contorno de uma cartucheira à cintura, sob o chambre. Pensou em avisar o funcionário. Achou melhor ficar quieto. Poderia ser citado como testemunha.

A inspeção terminara. O funcionário fez um cumprimento gélido e prosseguiu pelo corredor. O agente russo voltou à cabine e bateu a

porta.

"Que pena", pensou Bond. Um conseguira escapar.

Bond voltou-se, novamente, para a janela. Um homem robusto, usando um chapéu coco de cor e, com um furúnculo na nuca, estava sendo escoltado em direção à porta marcada "POLIS". No fim do corredor, uma porta foi fechada bruscamente. Goldfarb, seguido pelo policial, desceu do trem. Cabisbaixo, atravessou a plataforma poeirenta e entrou por aquela mesma porta.

A locomotiva apitou, de maneira diferente, pois já agora era um grego o maquinista. A porta do vagão-dormitório foi fechada. O funcionário à paisana e o policial dirigiram-se para a estação. O guarda, à retaguarda da composição, consultou o relógio e ergueu a bandeirola. Com um solavanco e uma série de bafos, a primeira secção do Expresso do Oriente começou a mover-se. A outra, que iria tomar o rumo norte, através da "Cortina de ferro", passando por Svilengrad, na fronteira búlgara, a apenas cinquenta milhas de distância, ficou à espera, junto à plataforma poeirenta.

Bond abaixou a vidraça e lançou um último olhar à fronteira turca, onde dois homens, sentados numa sala, aguardavam o equivalente de uma sentença de morte. "Dois a menos", pensou. Sua chance era maior.

Ficou observando a plataforma empoeirada, com suas galinhas e a figura atarracada do chefe da estação, até que o trem deixou o desvio e entrou bruscamente na linha principal. Contemplou a paisagem árida e o sol que se erguia sobre a planície. O dia prometia" ser bonito.

O vento da manhã era fresco. Bond meteu a cabeça para dentro e cerrou a janela.

Já decidira. Ficaria no trem até o fim.

Capítulo 23 — FORA DA GRÉCIA

DEPOIS do café servido no pequeno "buffet" de Pithion (não haveria carro-restaurant até o meio-dia), e de uma vistoria informal das secções gregas da Alfândega e do controle de passaportes, as camas foram fechadas, enquanto o trem corria para o sul em direção ao golfo de Enez, à cabeceira do Egeu. Lá fora, o dia era radioso. A atmosfera era mais seca. Os homens que se viam nas estações e nos campos eram simpáticos. Viam-se girassóis, milho, videiras e folhas de fumo, secando ao sol. Como Darko dissera, era um novo dia.

Bond lavou-se e fez a barba, enquanto Tatiana o observava, divertida. Ela aprovou que ele não usasse óleo no cabelo. — É um hábito sujo — disse ela. — Soube que muitos europeus o adotam. Na Rússia não fazemos isso. Suja os travesseiros. Mas é estranho que vocês, ocidentais, não usem perfume. Todos os homens russos usam.

— Nós tomamos banho — respondeu Bond, secamente.

Enquanto ela protestava com veemência, ouviram uma batida à porta. Era Kerim. Bond deixou-o entrar. Kerim curvou-se para a jovem. — Que cena doméstica, encantadora — disse alegremente, enquanto acomodava sua imensa estatura no canto perto da porta. — Nunca vi um casal de espiões tão belos.

Tatiana olhou-o, indignada. — Não estou acostumada aos gracejos ocidentais — disse, friamente.

A risada de Kerim foi desarmadora. — Vai aprender, minha cara. Os ingleses são ótimos humoristas. Gracejam a propósito de tudo. Também eu aprendi a gracejar. É bom para lubrificar o maquinismo.

Já ri muito esta manhã. Aqueles pobres coitados em Uzonkopru. Gostaria de estar lá quando a polícia telefonou para o consulado alemão em Istambul. Esse é o inconveniente de passaportes falsos. Não são difíceis de fazer, mas é quase impossível falsificar o atestado de nascimento: aquele que fica registrado no país de origem. Temo que a carreira dos seus dois camaradas tenha chegado a um triste fim, senhora Somerset.

— Como conseguiu? — Bond dava o nó na gravata.

— Dinheiro e influência. Quinhentos dólares para o chefe do trem. Uma conversa importante com a polícia. Por sorte, o nosso amigo tentou o suborno. Foi uma pena que escapasse esse espertalhão que é o seu vizinho Benz — acenou em direção à parede. — Não pude usar o truque do passaporte duas vezes. Precisamos tapeá-lo de outra forma. O homem dos furúnculos foi fácil. Ele não sabia falar alemão e viajar sem passagem é coisa séria. Bem, o dia começou promissor. Ganhamos o primeiro "round", mas o nosso amigo da cabine pegada vai agora ser muito cauteloso. Ele já sabe com quem lida. Talvez seja melhor assim. Seria muito aborrecido que vocês tivessem de ficar na cabine, durante todo o tempo. Agora, já podemos sair e até mesmo almoçar juntos, desde que levem com vocês as jóias da família. Precisamos estar de sobreaviso para impedir que ele telefone de alguma estação. Mas, duvido que consiga alguma coisa com o serviço interurbano grego. Provavelmente, vai esperar até chegarmos à Iugoslávia. Mas lá, eu tenho a nossa organização. Poderemos obter reforços, se acharmos necessário. A viagem promete ser muito interessante. Há sempre uma aventura no Expresso do Oriente — Kerim levantou-se, abriu a porta — ... e romance. — Deu-lhes um sorriso. — Virei buscá-los à hora do almoço! A comida grega é pior do que a turca, mas até o nosso estômago está a serviço da rainha.

Bond levantou-se e fechou a porta. Tatiana desabafou: — Seu amigo não é "kulturny"! Não é leal referir-se à rainha dessa maneira.

Bond sentou-se ao seu lado. — Tânia — disse, pacientemente — ele é um excelente homem. É também um bom amigo. No que me concerne, ele pode falar o que quiser. Ele tem ciúmes de mim. Gostaria de ter uma pequena como você. É por isso que a provoca. B uma forma de flertar. Devia tomá-lo como um cumprimento.

— Acha mesmo? — encarou-o com seus grandes olhos azuis. — Mas aquela frase sobre o estômago e a soberana de seu país foi uma falta de respeito. Se alguém falasse uma coisa dessas na Rússia, seria considerado mal educado.

Ainda discutiam, quando o trem chegou à ensolarada estação de Alexandrópolis, infestada de moscas. Bond abriu a porta que dava para o corredor, deixando entrar o sol que se refletia no mar, fundindo-se quase, sem linha de horizonte, com o céu da cor da bandeira grega.

Enquanto almoçavam, Bond conservou a pesada sacola entre os pés, sob a mesa. Kerim logo fez camaradagem com a moça. Benz, o agente da M.G.B., não compareceu ao carro-restaurante. Viram-no na plataforma, comprando sanduíches e cerveja num "buffet" ambulante. Kerim sugeriu que ele fosse convidado para parceiro de bridge. Bond logo sentiu-se cansado, e essa sensação fez que tivesse a impressão de que estavam transformando a perigosa viagem em brincadeira. Tatiana percebeu-lhe o silêncio. Levantou-se e disse que precisava descansar. Enquanto deixavam o carro-restaurante, ouviram Kerim pedir alegremente, conhaque e charutos.

Chegados à cabine, Tatiana falou com firmeza: — Agora, é você quem vai dormir. — Correu a cortina, deixando lá fora a luz da tarde e os intermináveis campos de milho, fumo e flores murchas. A cabine transformou-se numa caverna verde-escuro. Bond calçou as portas, deu a ela o seu revólver e, depois de deitar a cabeça em seu colo, adormeceu, imediatamente.

O comboio serpeou pelo norte da Grécia, ao longo da base das montanhas Rhodope. Passou por Xanthi, Drama, Serrai e, chegando às planícies da Macedônia, tomou o rumo sul em direção a Salônica.

Já entardecia quando Bond acordou no macio berço que era o colo de Tatiana. Imediatamente, como se estivesse aguardando esse momento, ela tomou-lhe o rosto entre as mãos, fitou-o nos olhos e perguntou ansiosamente: — "Duchka", por quanto tempo teremos isto?

— Por muito tempo. — Bond ainda estava estremunhado.

— Mas, por quanto tempo?

Bond mirou-lhe os belos olhos preocupados. Espantou o sono. Era

impossível ver além dos três dias que lhes restavam no trem e além da chegada a Londres. Era preciso admitir o fato de que a jovem era um agente inimigo. Os sentimentos dela não teriam interesse para os inquisidores do Serviço Secreto e dos Ministérios. Outros departamentos de espionagem iriam querer saber o que essa moça tinha a dizer sobre a organização para a qual trabalhava. Provavelmente, ao chegar a Dover ela seria conduzida à "Gaiola", que era uma casa bem guardada perto de Guildford, onde seria instalada num quarto confortável, mas repleto de microfones. E os eficientes agentes civis viriam, um a um, para conversar com ela, enquanto o gravador funcionaria no quarto contíguo e as conversas seriam transcritas e examinadas em busca de novas provas e, naturalmente, de contradições que pudessem incriminá-la. Talvez a apresentassem a um chamariz: uma simpática moça russa que se compadeceria da situação de Tatiana e se ofereceria para ajudá-la numa fuga, numa vingança, ou para levar a seus pais notícias "inofensivas". Isso poderia levar semanas ou meses. Bond seria mantido à distância com todo o tato, a menos que os inquisidores achassem que ele poderia arrancar-lhe melhores informações explorando o lado sentimental. E depois? Um nome suposto, um oferecimento para começar vida nova no Canadá, uma pensão de mil libras por ano, paga pelo Serviço Secreto? E onde estaria ele, ao fim de tudo isso? Talvez, no outro lado do mundo. Ou, se ainda estivesse em Londres, poderia o amor que Tatiana lhe devotava sobreviver aos vexames? Será que ela não detestaria os ingleses depois de passar por tantas coisas? E, a propósito, seriam os mesmos seus sentimentos para com ela?

— "Duchka" — repetiu Tatiana, com impaciência. — Por quanto tempo?

— Pelo maior tempo possível. Depende de nós. Muitas pessoas irão interferir. Seremos separados. Não será sempre como agora, que estamos fechados neste quatinho. Dentro de alguns dias, precisaremos enfrentar o mundo. Seria tolice tentar enganá-la. O rosto de Tatiana desanuviou-se. Deu-lhe um sorriso. — Você tem razão. Não farei mais perguntas tolas. Mas não devemos perder tempo nestes dias que nos restam. — Ela levantou-lhe a cabeça, ergueu-se e deitou-se ao lado dele. Uma hora depois, quando Bond já estava no corredor,

Darko Kerim surgiu ao seu lado. Examinou o rosto de Bond. Disse, com malícia: — Não devia dormir tanto. Deixou de ver a histórica paisagem do norte da Grécia. E já está na hora do "premier service".

— Você só pensa em comida — comentou Bond. Fez um sinal com a cabeça, em direção à cabine contígua. — E o nosso amigo?

— Não deu sinal de vida. O chefe do trem o tem vigiado para mim. Esse camarada acaba por tornar-se o funcionário mais rico da companhia. Quinhentos dólares pelos documentos de Goldfarb e, agora, mais cem dólares por dia, até o fim da viagem. — Kerim riu. — Disse-lhe que poderia até ser condecorado por serviços prestados à Turquia. Ele pensa que estamos caçando um bando de contrabandistas. Eles usam sempre o Expresso para levar ópio da Turquia para Paris. Não se surpreende, apenas está satisfeito pela oportunidade de ganhar tanto dinheiro. E você, descobriu mais alguma coisa sobre a sua princesa russa? Ainda não estou sossegado. Tudo está calmo demais. É possível que os dois homens que deixamos para trás estivessem fazendo uma inocente viagem para Berlim, como ela disse. Esse tal Benz pode estar recolhido à cabine por nos temer. A viagem corre normalmente. Mas, ainda assim... — Kerim sacudiu a cabeça. — Os russos são grandes jogadores de xadrez. Quando desejam por em execução um plano, fazem-no brilhantemente. O jogo é minuciosamente planejado e as jogadas do adversário são previstas e contra-atacadas. — O rosto de Kerim tornou-se sombrio.

— Suspeito que você e a moça são peões num grande tabuleiro, e que seus movimentos ainda não foram contrariados porque não perturbam o jogo dos russos.

— Mas qual é o objetivo do plano? — Bond olhava para a escuridão. Dirigiu-se ao seu reflexo na vidraça.

— Que pretendem eles? Batemos sempre nessa mesma tecla. É lógico que, desde o início, suspeitamos de uma conspiração. E é possível que a moça nem saiba do que se trata. Sei que ela me oculta algo, mas creio que é apenas algum segredinho que ela julga de menor importância. Disse-me que me contará tudo quando chegarmos a Londres. Tudo? Que quer dizer com isso? Diz apenas que devo ter confiança, que não há perigo algum. Deve admitir, Darko, que ela tem correspondido à versão que nos deu da história. — Procurou a

resposta nos olhos astutos do amigo. Eles, porém, não demonstravam entusiasmo. Kerim não respondeu.

Bond encolheu os ombros. — Admito que fiquei gostando dela. Mas não sou idiota, Darko. Tenho procurado uma pista, qualquer indício que nos ajude. Você sabe que é possível conhecer-se muita coisa quando se derrubam certas barreiras. Pois bem, elas foram derrubadas, e acredito que ela seja sincera. Pelo menos em noventa por cento do que diz. Se está-nos enganando, é porque também foi enganada. Segundo sua analogia com o xadrez, isso é possível. Mas, voltamos, sempre, ao mesmo ponto: qual é o motivo? — A voz de Bond tornou-se enérgica. — E, se lhe interessa saber, pretendo continuar até o fim.

Kerim sorriu ante a teimosia expressa pelo rosto de Bond. Deu uma súbita risada. — Se eu fosse você, meu amigo, deixaria o trem em Salônica. Levaria o aparelho e a moça também, se desejasse, embora isso seja de some-nos. Fretaria um carro até Atenas e de lá tomaria o primeiro avião para Londres. Mas, não fui habituado a ter "espírito esportivo". — A voz de Kerim era irônica.

— Isto para mim não é um jogo. É trabalho. Com você é diferente. É um jogador. M. também: se não fosse, não lhe teria dado carta branca. Ele também quer saber qual a solução para este enigma. Pois seja. Mas eu prefiro ir pelo certo, sem deixar grande margem para o duvidoso. Acha que a sorte está do seu lado, que tem boas probabilidades? — Darko Kerim voltou-se e encarou Bond. Seu tom de voz era insistente. — Escute, meu amigo — e pousou a mão enorme sobre o ombro de Bond.

— Este caso é uma mesa de bilhar: mesa plana, lisa e verde. Você bateu na bola branca e esta rola facilmente em direção à vermelha. A caçamba está por trás. É fatal, é inevitável, que a branca bata na vermelha e que esta caia dentro da caçamba. É a regra do jogo. Mas, lá fora, o piloto de um avião a jato desmaiou, e a aeronave projeta-se sobre o salão de bilhar, ou um carro de gás está a ponto de explodir, ou, ainda, um raio está na iminência de cair. O edifício desmorona sobre você e sobre a mesa de bilhar. E, então, o que sucedeu àquela bola branca que não podia deixar de bater na vermelha, e com esta que certamente cairia na caçamba? A bola branca não podia errar, de

acordo com as regras. Mas essas regras não são as únicas, assim como as que regem o movimento deste trem, que o levará ao seu destino, não são as únicas regras do jogo.

Kerim fez uma pausa. Encolheu os ombros e deixou de lado os conselhos. — Você já sabe de tudo isso, meu amigo — disse, como a desculpar-se. — Fiquei com sede, de tanto falar. Diga à pequena que se apresse e vamos jantar. Mas, peço-lhe que se acautele contra os imprevistos. — Fez uma cruz com o dedo, no centro do paletó. — Não faço uma cruz sobre o coração. Isso é levar a coisa demasiadamente a sério. Mas, faço uma cruz sobre o estômago, o que para mim é muito importante. Temos algumas surpresas pela frente. O cigano recomendou-nos cautela. Faço a mesma advertência. Podemos jogar nossa partida de sinuca, desde que nos lembremos que existe um mundo exterior. — Deu um tapinha no nariz. — Meu faro não me engana.

O estômago de Kerim fez um barulho semelhante ao receptor desligado, de um telefone, com alguém muito zangado do outro lado da linha. — Vamos — disse ele em tom apaziguador. — Não lhe disse? Precisamos comer.

Terminavam de jantar quando o trem chegou à moderna e horrível Salônica. Sempre carregando a pesada bolsa, Bond despediu-se antes de se recolher para a noite. — Logo seremos novamente incomodados — avisou Kerim. — Chegaremos à fronteira à uma hora. Os gregos não serão problema, mas os iugoslavos gostam de acordar os que dormem sossegados. Se o molestarem, mande-me chamar. Até mesmo nesse país tenho algumas relações. Estou no segundo compartimento do próximo

vagão. Viajo sozinho. Amanhã, vou mudar-me para a cabine n.º 12, que foi do nosso amigo Goldfarb. Por enquanto, a primeira classe serve.

Bond cochilava quando o trem subiu o vale enluarado do Vardar, em direção ao interior da Iugoslávia. Tatiana dormia novamente, com a cabeça sobre o colo dele. Pensou no que Darko dissera. Talvez fosse melhor mandar o amigo de volta a Istambul, assim que chegassem a Belgrado. Não era justo que ele atravessasse toda a Europa para participar de uma aventura que estava fora do seu território e pela qual

não tinha grande simpatia. Darko, sem dúvida, suspeitava que Bond estava tão interessado pela jovem que já não enxergava direito o rumo a tomar. Bem, não deixava de ter certa razão. Era evidente que seria mais seguro mudar o caminho de volta. Mas Bond precisava admitir que não suportava a idéia de fugir do plano, se é que este existia. Se não, de modo nenhum podia tolerar o fato de perder esses três dias em companhia de Tatiana. M. deixara a decisão a seu cargo. Como Darko dissera, também ele estava curioso para saber o que resultaria disso tudo. A viagem prosseguia normalmente. Ainda uma vez, por que temer?

Dez minutos depois de haverem chegado à estação de Idomeni, na fronteira grega, alguém bateu insistentemente à porta. A moça acordou. Bond retirou-lhe a cabeça de sobre o seu colo. Colou o ouvido à porta. — Quem é?

— "Le conducteur, Monsieur". Houve um acidente com seu amigo Kerim Bey.

— Espere — respondeu Bond, violentamente. Colocou a Beretta no coldre e vestiu o paletó. Escancarou a porta.

— Que foi?

O rosto do guarda estava pálido sob a luz do corredor. — Venha. — Correu em direção à primeira classe.

Alguns funcionários aglomeravam-se à porta do segundo compartimento. Estavam parados e olhavam fixamente.

O chefe do trem abriu passagem para Bond. Esse chegou à porta e olhou.

Seu cabelo arrepiou-se. No assento da direita havia dois corpos. Estavam unidos num abraço macabro que parecia ter sido posado para um filme.

O que estava em baixo era Kerim, com os joelhos dobrados num último esforço para se erguer. O cabo de um punhal saía do seu pescoço, à altura da jugular. Sua cabeça pendia para trás e os olhos arregalados fitavam o teto. A boca estava contorcida numa careta. Um file-te de sangue escorria-lhe pelo queixo.

Sobre o seu corpo estava o de Benz, o agente da M.G.B., que fora enlaçado, pelo pescoço, pelo braço de Kerim. Bond conseguiu divisar uma ponta do bigode à Stalin e um lado do rosto arroxeadado. O braço

direito de Kerim estava atravessado nas costas do outro, numa posição quase natural. A mão empunhava o cabo de uma faca, e sob ela havia uma grande mancha de sangue no paletó. Bond reviveu a cena. Parecia-lhe assistir a um filme. Darko, adormecido, sendo golpeado na jugular pelo homem que entrara sorrateiramente pela porta. Depois, o derradeiro espasmo do moribundo quando, então, lançou um braço para cima, agarrando o assassino contra si, ao mesmo tempo que lhe cravava a faca à altura da quinta costela.

Era um homem extraordinário, que irradiara vida. Agora estava morto, a vida nele se extinguiu totalmente.

Bond virou-se bruscamente, afastando-se do amigo que morrera para defendê-lo.

Começou a responder ao inquérito, cautelosa e apaticamente.

Capítulo 24 — FORA DE PERIGO?

O Expresso do Oriente chegou a Belgrado, vagarosamente, às três horas da tarde, com meia hora de atraso. Haveria uma espera de oito horas, até que a outra secção da composição, vinda da Bulgária, atravessasse a "cortina de ferro".

Bond contemplava a multidão, enquanto aguardava que o agente de Kerim viesse procurá-lo. Tatiana, encolhida em seu casaco de peles, olhava para Bond imaginando se ele voltaria a ser o mesmo para com ela.

Vira tudo pela janela. Os longos cestos que haviam sido trazidos para o trem, o "flash" das máquinas fotográficas da polícia, o "chef de train" que gesticulava e procurava abreviar as formalidades e a figura imponente de James Bond, ereto e impenetrável, que se movia de um lado para outro.

Ele voltara e a contemplara por instantes. Havia-lhe dirigido perguntas rudes. Ela se defendera desesperadamente, apegando-se à sua versão original, sabendo que, se dissesse tudo o que sabia, inclusive que a SMERSH estava envolvida, certamente o perderia para sempre.

Agora, sentia-se amedrontada pela teia em que fora enredada, temerosa do que podia haver além das mentiras que lhe haviam sido ditas em Moscou e sobretudo, receosa de perder este homem que se tornara, de repente, a sua razão de viver.

Alguém bateu à porta. Bond levantou-se e abriu-a. Um rapaz alegre, com os olhos azuis de Kerim e cabelos claros e revoltos sobre

o rosto moreno, invadiu a cabine.

— Stefan Grempe, às suas ordens — disse com um sorriso, que abrangia a ambos. — Chamam-me de "Tampo". Onde está o chefe?

— Sente-se — respondeu Bond. "Já sei", pensou consigo mesmo. "Este é mais um dos filhos de Darko".

O homem olhou atentamente para os dois. Sentou-se, com cuidado entre ambos. Seu rosto perdera a vivacidade. Seus olhos claros fitavam Bond, agora, com um misto de medo e suspeita. Meteu distraidamente a mão direita no bolso do paletó.

Quando Bond terminou, ele se levantou. Não fez perguntas. Disse, apenas: — Obrigado, senhor. Queira seguir-me. Vamos para o meu apartamento. Há muita coisa a fazer. — Saiu para o corredor e, voltando-lhes as costas, permaneceu fitando os trilhos. Quando a jovem saiu, ele caminhou pelo corredor sem olhar para trás. Bond seguiu-os, carregando a pesada bolsa e seu pequeno estojo de viagem.

Caminharam pela plataforma e saíram para a praça da estação. Começara a garoar. O cenário de táxis decrepitos e edifícios modernos em estilo monótono era deprimente. O rapaz abriu a porta traseira de um "Morris". Sentou-se à direção. Sacolejaram sobre o calçamento e deslizaram por um bulevar asfaltado, atravessando por um quarto de hora ruas amplas e desertas. Viram poucos pedestres e igual quantidade de automóveis.

Pararam a meio de uma viela calçada de paralelepípedos. Tampo conduziu-os através do largo portão de um edifício de apartamentos. Subiram dois lances de escadas que tinham o cheiro característico dos Balcãs: o cheiro de suor velho, sarro de cigarro e repolho. Abriu uma porta e fê-los entrar num apartamento de duas peças, mobiliado de maneira comum e com pesadas cortinas vermelhas que, estando abertas, permitiam ver as janelas vazias dos edifícios fronteiros. Num aparador, havia uma bandeja com diversas garrafas fechadas, copos e pratos com frutas e biscoitos: eram as boas vindas para Darko e seus amigos.

Tampo fez um gesto vago em direção às bebidas. — Por favor, fiquem à vontade. Há um banheiro. É provável que queiram, ambos, tomar um banho. Peço que me desculpem, mas preciso telefonar! — A expressão dura do rosto estava a ponto de desmoronar. O rapaz entrou

apressadamente no quarto e fechou a porta.

Durante as duas horas seguintes, Bond permaneceu sentado, olhando fixo pela j'anela, para a parede fronteira. De vez em quando, levantava-se, passeava de um lado para outro e tornava a sentar-se. A princípio, Tatiana fingiu ler algumas revistas. Depois, levantou-se, de súbito, dirigiu-se ao banheiro e Bond escutou o barulho da banheira que enchia.

Às seis horas, Tampo saiu do quarto. Disse a Bond que precisava sair. — Encontrarão comida na cozinha. Voltarei às nove, para levá-los à estação. Por favor, sintam-se como em sua própria casa. — Sem esperar pela resposta, saiu e fechou delicadamente a porta.

Bond escutou passos dele na escada, o ruído da porta de entrada e da partida do "Morris". Dirigiu-se para o quarto, sentou-se na cama, pegou o telefone e chamou o serviço interurbano, falando em alemão. Meia hora depois, ouvia a voz calma de M.

Falou-lhe como se fosse um caixeiro-viajante que se dirigisse ao gerente da secção de exportações. Disse que o sócio ficara muito doente. Queria novas instruções.

— Muito doente?

— Sim, muito.

— E a outra firma?

— Havia três conosco. Um deles pegou a mesma doença. Os outros dois sentiram-se mal ao sair da Turquia. Deixaram-nos em Uzumkropu, na fronteira.

— Então, a outra firma foi à falência?

Bond podia imaginar o rosto de M. enquanto ouvia essas informações. Indagou a si mesmo se o ventilador estaria ligado, se M. teria o cachimbo na mão e se o chefe do Pessoal estaria ouvindo na extensão.

— Quais são os seus planos? Você e sua esposa gostariam de voltar para casa por outro caminho?

— Prefiro que o sr. decida. Minha esposa está bem. A amostra está em boas condições. Não creio que haja perigo de se deteriorar. Ainda desejo prosseguir nesta viagem. Do contrário, o território permanecerá inexplorado. Não conheceremos as suas possibilidades.

— Gostaria que outro vendedor nosso fosse ajudá-lo?

— Não é necessário. Só se o sr. preferir.

— Pensarei nisso. Quer realmente prosseguir nessa campanha de venda?

Bond podia ver os olhos de M. brilhando com intensa curiosidade, aquela mesma ânsia de saber que ele próprio sentia. — Sim, senhor. Já que estou em meio do caminho, seria pena não percorrer toda a rota.

— Muito bem. Vou pensar se devo mandar outro vendedor para ajudá-lo. — Houve uma pausa do outro lado da linha. — Mais alguma coisa?

— Não, senhor.

— Então, até à vista.

— Até à vista, senhor.

Bond pousou o fone. Ficou contemplando-o. Desejou ter concordado com a sugestão de M. de lhe enviar reforços, apenas para prevenir qualquer eventualidade. Levantou-se da cama. Pelo menos, logo sairiam desses malditos Balcãs e estariam na Itália. Depois, Suíça, França, entre amigos. Longe dos países traiçoeiros.

E quanto à jovem? Poderia culpá-la pela morte de Kerim? Bond foi para a sala pegada e ficou novamente junto à janela, olhando para fora, pensativo, rememorando todos os fatos, cada expressão e cada gesto que ela fizera desde que lhe ouvira a voz, pela primeira vez, naquela noite no "Kristal Palas". Não, sabia que não podia culpá-la. Se era espiã, agia como cúmplice inconsciente. Não havia nenhuma jovem da sua idade, em todo o mundo, que pudesse fingir o seu papel, se é que ela fingia, sem se trair. E ele gostava dela. E confiava nas suas intuições. Além disso, com a morte de Kerim, o plano, fosse ele qual fosse, já não se havia traído? Algum dia, ainda saberia qual o intuito desse plano. Por enquanto, estava certo de uma coisa. Tatiana não era cúmplice consciente.

Tendo tomado essa decisão, Bond dirigiu-se à porta do banheiro e bateu.

Ela saiu e ele, tomando-a nos braços, beijou-a. Ela abraçou-o fortemente. Sentiram novamente o velho desejo reacender-se, deixando para trás a memória da morte de Kerim.

Tatiana desvencilhou-se. Fitou o rosto de Bond. Arrumou-lhe a mecha de cabelo que cairá sobre a testa.

Seu rosto estava radiante. — Sinto-me feliz por você ter voltado, James — disse ela. — Agora, precisamos comer, beber e recomeçar nossas vidas — acrescentou em tom casual.

Mais tarde, depois de haverem se alimentado de "slivovic", presunto defumado e pêssegos, Tampo veio buscá-los e levou-os até à estação, onde o trem aguardava sob intensas luzes. Ele despediu-se, rápida e friamente, e desapareceu no fim da plataforma, voltando à sua vida obscura.

Pontualmente, às nove horas, a locomotiva começou a mover-se, puxando a longa composição na sua viagem pelo vale de Sava. Bond dirigiu-se à cabine do chefe do trem, a fim de lhe dar uma gorjeta, antes que ele iniciasse a vistoria nos passaportes de todos os novos passageiros.

Bond conhecia a maioria dos indícios de um passaporte falsificado: escrita borrada, carimbo demasiadamente nítido, vestígios de cola velha nas bordas das fotografias, leve transparência das páginas rasuradas para alterar letras e números. Mas os cinco novos passageiros (três norte-americanos e dois suíços) pareciam inofensivos. Os passaportes suíços, favoritos dos falsificadores russos, pertenciam a marido e mulher, ambos de mais de setenta anos, e Bond, deixando-os de lado, voltou à cabine e preparou-se para mais uma noite em claro, com a cabeça de Tatiana sobre o colo.

Passaram por Vincovi, Brod e, ao raiar de uma aurora flamejante, avistaram o feio contorno de Zagreb. O trem parou por entre fileiras de locomotivas enferrujadas que haviam sido capturadas aos alemães e que permaneciam abandonadas, nos acostamentos, por entre touceiras de mato. Bond leu o dístico de uma delas: "BERLINER MASCHINENBAU GMBH", enquanto percorriam aquele cemitério de aço. Seu longo "chassis" preto fora perfurado por balas de metralhadora. Bond imaginou o ruído do avião de bombardeio e viu os braços erguidos do maquinista. Por um instante, comparou, nostálgica e despropositadamente, a excitação e o torve-linho da guerra declarada com a sua atividade sub-reptícia desde que ela se tornara fria.

Subiram pelas montanhas da Eslovênia, onde as macieiras e os chalés pareciam austríacos. O trem seguiu vagarosamente até Liubliana. A jovem acordou. Como. primeira refeição, comeram ovos

fritos e pão de centeio, acompanhados de café feito quase exclusivamente de chicória. O carro-restaurante estava repleto de exuberantes turistas ingleses e norte-americanos, vindos da costa do Adriático. Bond pensou com alívio, que à tarde ultrapassariam a fronteira da Europa Ocidental. E teria fim uma terceira etapa perigosa.

Dormiu até Sezana. Um funcionário iugoslavo, feições enérgicas, subiu no trem. Deixaram a Iugoslávia e chegaram a Poggioreale, onde encontraram os primeiros indícios de uma vida calma, no vozerio dos funcionários italianos e nas faces despreocupadas do povo aglomerado na estação. A nova locomotiva, "Diesel", elétrica, deu um alegre apito e mãos morenas se agitaram num adeus. Partiram para Veneza, em direção a Trieste e ao azul Adriático.

"Conseguimos", pensou Bond. "Estou certo de que conseguimos". Afastou da mente a lembrança dos três últimos dias. Tatiana observou as linhas do seu rosto se relaxarem. Pegou-lhe a mão. Ele sentou-se ao lado dela. Contemplaram as aldeias alegres do Corniche, os barcos de pesca e algumas pessoas que praticavam esqui-aquático.

O trem foi sacudido ao entrar nos desvios e deslizou mansamente pela bela estação de Trieste. Bond levantou-se, baixou a janela e ambos ficaram lado a lado, observando. Subitamente, Bond sentiu-se feliz. Pôs o braço ao redor da cintura da jovem e puxou-a, fortemente, contra si.

Contemplaram a multidão festiva. O sol entrava pelas vidraças limpas da estação, em raios dourados. A cena exuberante tornava mais vivo o contraste com a escuridão e a sujeira dos outros países que o trem atravessara. Bond observou com prazer quase sensual a multidão vestida de cores berrantes atravessando os trechos ensolarados em direção à porta da entrada e os veranistas bronzeados pelo sol que regressavam das férias. Corriam pela plataforma, a fim de tomar seus lugares no trem.

Um raio de sol iluminou a cabeça de um homem que parecia pertencer a esse mundo alegre e folgazão. A luz brilhou-lhe por um instante no cabelo louro, semicoberto por um boné, e no pequeno bigode também louro. Havia tempo de sobra para apanhar o trem. O homem caminhava sem pressa. Bond logo imaginou que fosse um inglês. Talvez fosse o formato familiar do boné, ou a capa de chuva

bege, marca registrada do turista inglês, ou talvez, ainda, as calças de flanela cinza ou os sapatos marrons, já gastos. Mas os olhos de Bond sentiram-se atraídos por aquela figura, como se lhe fosse familiar, enquanto ela se aproximava da plataforma.

O homem carregava uma decrépita maleta e, sob o outro braço, um livro grosso e alguns jornais. Parece um atleta, pensou Bond. Possui os ombros largos e as feições saudáveis e atraentes de um jogador profissional de tênis que regressa ao lar, depois de uma série de competições no estrangeiro.

O homem aproximou-se. Encarou Bond. Demonstraria tê-lo reconhecido? Bond rebuscou na memória. Conheceria esse indivíduo? Não. Do contrário, lembrar-se-ia desses olhos tão frios, sob as pestanas descobertas. Eram opacos, quase sem vida. Eram os olhos de um homem afogado. Mas eles enviavam-lhe uma mensagem. Qual seria ela? Reconhecimento? Aviso? Ou apenas a reação de defesa contra o olhar insistente de Bond?

O homem passou pelo carro-dormitório. Seus olhos, agora, percorriam o trem. Seus sapatos de sola de borracha não faziam barulho algum. Bond viu-o segurar o balaústre e içar-se com facilidade para os degraus do vagão de primeira classe.

Subitamente, Bond percebeu o que queria dizer aquele olhar, quem era o homem. Naturalmente! Era um agente do Serviço Secreto. Afinal, M. decidira enviar-lhe reforços. Era essa a mensagem expressa por aqueles estranhos olhos. Bond apostaria como o homem logo se poria em contacto com ele.

Como era própria de M. essa preocupação com a segurança!

Capítulo 25 — UMA GRAVATA COM NÓ À WINDSOR

A fim de facilitar o contacto, Bond saiu para o corredor. Rememorou todos os detalhes do código do dia, as frases banais que eram alteradas no princípio de cada mês e que serviam como sinal de reconhecimento entre os agentes ingleses.

O trem deu um solavanco e saiu para a claridade.

No fim do corredor, a porta de comunicação foi fechada.

Não se ouviram passos, mas o rosto vermelho e dourado logo surgiu, refletido na vidraça.

— Por favor. Podia ceder-me um fósforo?

— Uso isqueiro. — Bond pegou o seu velho "Romson" e passou-o ao outro.

— Ainda melhor.

— Enquanto não falha.

Bond olhou para o rosto do seu interlocutor, esperando um sorriso após a troca de senha tão pueril.

Os lábios grossos moveram-se rapidamente. O sorriso não foi correspondido pelos olhos azuis-claros.

O homem tirou a capa. Usava um velho paletó de "tweed", calças de flanela, camisa-esporte amarelo claro e gravata tecida em azul-marinho e marrom da Artilharia Real. O nó fora dado no estilo Windsor. Bond desconfiava de todos aqueles que davam um nó de gravata nesse estilo. Demonstrava um excesso de vaidade. Era, freqüentemente, a marca de um patife. Bond decidiu por de lado esse preconceito. No dedo mínimo da mão direita, que segurava o corrimão, destacava-se um anel de sinete, com um desenho

indecifrável. No bolso da lapela, via-se a ponta caída de um lenço vermelho. No pulso esquerdo, usava um velho relógio de prata, preso com correia de couro, já gasta.

Bond conhecia o tipo: devia ter freqüentado uma escola pública e fora depois convocado para a guerra. Talvez no setor da Segurança. Sem ter noção do que podia fazer depois, permaneceu com as tropas de ocupação. A princípio devia ter ficado com a polícia militar e, depois, quando os homens mais antigos começaram a ser repatriados, foi promovido para o Serviço de Segurança. Enviado a Trieste, provaria sua eficiência. Preferia não enfrentar os rigores do clima inglês. Provavelmente, tinha namorada, ou talvez esposa, na Itália. O Serviço Secreto necessitava de um homem para ocupar o posto de Trieste, após a retirada das tropas. Esse homem estava à disposição. Foi utilizado. Devia prestar pequenos serviços de rotina: obter informações junto à polícia italiana e iugoslava e, também, nas suas redes de espionagem. Ganhava mil libras por ano. Tinha vida folgada, sem que lhe exigissem esforço demasiado. De repente, surgira essa missão. Devia ter sido um choque receber uma convocação de urgência. Provavelmente, ficaria pouco à vontade com Bond. Tinha um rosto fora do comum. Os olhos pareciam desvairados. Mas isso era comum entre os agentes do exterior. Era preciso ser um pouco louco para aceitar um lugar como esse. Sujeito grandalhão, talvez um tanto bronco, mas ideal para servir de guarda-costas. M. apenas avisara ao homem mais próximo que fosse procurá-lo no trem.

Tudo isso passou pela imaginação de Bond enquanto observava as roupas do homem e sua aparência geral. Disse, então: — Prazer em vê-lo. Como soube?

— Recebi um recado. Ontem, à noite. Foi M. pessoalmente. Você me assustou, velho.

Sotaque estranho. Que seria? Um pouco de sotaque regional, da classe baixa. E mais alguma coisa que Bond não sabia definir. Talvez fosse por viver há muito tempo no exterior e ter de falar línguas estrangeiras, durante o tempo todo. E esse cacoete do "meu velho". Devia ser por timidez.

— Acredito — concordou Bond. — Que foi que ele disse?

— Apenas que eu tomasse o Expresso, esta manhã, e entrasse em

contacto com um casal que viajava no vagão-dormitório. Deu-me uma breve descrição da sua aparência. Disse ainda que devia acompanhá-los até Paris. E foi só, meu velho.

Haveria precaução na sua maneira de falar? Bond olhou-o de soslaio. Os olhos claros encontraram os seus. Havia neles um brilho avermelhado. Parecia que a porta de segurança de uma fornalha fora aberta. A chama extinguiu-se. A porta que levava ao íntimo desse homem fora novamente fechada. Os olhos haviam-se tornado, novamente, inexpressivos: era o olhar de um introvertido, de um homem que raramente observa o mundo, mas está sempre focalizando o seu próprio íntimo.

"Realmente, há sinais de loucura", pensou Bond, surpreso ante o que via. "Talvez seja choque de guerra, ou então, esquizofrenia. Pobre rapaz! Com esse físico tão exuberante! Qualquer dia terá, certamente, uma crise. A loucura tomará conta dele." Bond achou que devia avisar a Secção de Pessoal. Era bom fazer um exame médico. A propósito: qual seria o nome dele?

— Bem, estou muito satisfeito com a sua vinda. Provavelmente, não terá muito que fazer. Quando partimos, havia três vermelhos na nossa pista. Já nos livramos deles, mas pode haver outros no trem. Ou pode ser que outros embarquem. Preciso levar a moça até Londres, sem percalços. É bom que nos acompanhe. Hoje à noite, será melhor que fiquemos juntos, a fim de nos revezarmos na vigília. Esta é a última noite, e eu não quero facilitar. A propósito: meu nome é James Bond. Viajo sob o pseudônimo de David Somerset. A moça que está na cabine é Caroline Somerset.

O homem tirou de um bolso interno uma carteira muito gasta, que parecia recheada de dinheiro, e dela tirou um cartão de visitas, passando-o a Bond. Lia-se nele: "Capitão Norman Nash". E no canto inferior, à esquerda: "Real Automóvel-Clube".

Enquanto Bond guardava o cartão, passou o dedo por sua superfície. As letras eram em relevo. — Obrigado — disse. — Vamos agora ver a senhora Somerset, Não há motivo para não viajarmos juntos parte do tempo. — Deu um sorriso para animar o outro.

Tornou a notar o clarão vermelho que logo se extinguiu. Os lábios se comprimiram por sob o bigodinho louro. — Com todo o prazer,

meu velho.

Bond virou-se para a porta, bateu e disse quem era. A porta abriu-se. Bond fez sinal a Nash para que entrasse e tornou a fechá-la.

A moça pareceu surpresa.

— Este é o capitão Nash, Norman Nash. Foi encarregado de nos proteger.

— Muito prazer. — A mão foi estendida com certa hesitação. O homem apertou-a rapidamente. Seu olhar era fixo. Não disse nada. A jovem deu um risinho embaraçado. — Não quer sentar-se?

— ... obrigado. — Nash sentou-se, muito perfilado, na beira do banco. Pareceu lembrar-se de uma coisa, de algo que se faz quando não se tem nada a dizer. Tirou um maço de "Players", do bolso interno do paletó. — Aceita um... cigarro? — Abriu o maço com a unha não muito limpa, tirou o papel prateado e puxou os cigarros para fora. A moça aceitou. A outra mão de Nash apresentou um isqueiro com a rapidez obsequiosa de um vendedor de carros.

Nash olhou para Bond, que pensava, encostado à porta, como por à vontade um sujeito tão desajeitado. Nash ofereceu-lhe os cigarros e o isqueiro, como se oferecesse colares de contas para um cacique. — E você, meu velho?

— Obrigado — respondeu Bond. Detestava fumo da Virgínia, mas estava disposto a fazer qualquer coisa para por o outro à vontade. Aceitou um cigarro e acendeu-o. O Serviço Secreto estava utilizando uns tipos muito esquisitos. Como se sairia esse tipo na sociedade semidiplomática que precisava freqüentar em Trieste?

Bond disse, um tanto desajeitado: — Você parece estar em boa forma, Nash. Pratica tênis?

— Natação.

— Está há muito tempo em Trieste?

O lampejo vermelho tornou a surgir. — Há três anos.

— Trabalho interessante?

— Às vezes. Sabe como é, meu velho.

Bond procurou um jeito de fazer com que Nash parasse de chamá-lo de "meu velho". Não conseguiu. Fez-se o silêncio.

Nash achou que era novamente a sua vez. Tirou do bolso um recorte de jornal. Era a primeira página do "Corriere della Sera".

Passou-o a Bond. — Já viu isto? — Os olhos faiscaram e tornaram a ficar inexpressivos.

Era o cabeçalho principal. As letras em negrito ainda estavam frescas. Dizia:

TERRIBILE ESPLOSIONE IN ISTANBUL
UFFICIO SOVIÉTICO DISTRUTTO
TUTTI I PRESENTI UCCISI

Bond não conseguiu compreender o resto. Dobrou o recorte e devolveu-o. Quanto saberia esse homem? O melhor era tratá-lo como simples guarda-costas, e nada mais. — Que tragédia — disse. — Devia ter sido o encanamento de gás. — Bond reviu o bojo da bomba presa ao teto da saleta no túnel, os fios que passavam pelas paredes úmidas até ao detonador fixado na gaveta da escrivaninha de Kerim. Quem o teria acionado na tarde anterior, depois de haverem recebido o aviso de Tampo? O "chefe dos escriturados"? Ou teriam feito um sorteio e depois visto o detonador ser acionado e ouvido a tremenda explosão na rua dos Livros, situada na colina próxima? Deviam estar todos reunidos na sala. Com os olhos brilhantes de ódio. As lágrimas seriam reservadas para a noite. Primeiro, era necessária a vingança. E os ratos? Quantos teriam explodido junto com o túnel? A que horas teria acontecido? Mais ou menos às quatro. Estariam os russos na sua reunião habitual? Três haviam sido mortos. Quantos mais estariam no edifício? Talvez fossem amigos de Tatiana. Era preciso ocultar-lhe essa notícia. E Darko teria visto de alguma janela no além? Bond podia ouvir a grande gargalhada de triunfo ecoar pelas paredes. De qualquer forma, Kerim estava vingado.

Nash o encarava. — É, deve ter sido um encanamento de gás — disse sem interesse.

Ao longo do corredor, ouviram o tilintar de uma sineta que se aproximava. "Deuxième Service. Deuxième Service. Prenez vos places, s'il vous plait."

Bond olhou para Tatiana. O rosto dela estava pálido. Havia em seus olhos um apelo para que a livrasse daquele sujeito desajeitado e pouco "kulturny". Bond falou: — Que tal almoçarmos? — Ela ergueu-

se, imediatamente. — E você, Nash?

O capitão Nash já se levantara. — Já almocei, obrigado. Quero fazer a inspeção do trem. O chefe é... sabe? — Fez um gesto com os dedos, como se contasse dinheiro.

— Oh, sim, ele está pronto a cooperar — respondeu Bond. Apanhou a pequena maleta pesada. Abriu a porta para Nash. — Até logo.

O capitão Nash saiu para o corredor. Respondeu: — Sim, até logo. — Virou à esquerda e caminhou pelo corredor, equilibrando-se bem com o balanço do trem, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças e a luz incidindo sobre as ondas miúdas do cabelo louro, colado à nuca.

Bond seguiu Tatiana pelo corredor. Os vagões estavam repletos de pessoas que voltavam para casa após as férias. Nos corredores da terceira classe, muitos sentavam sobre a bagagem enquanto chupavam laranjas e comiam sanduíches de salame. Os homens lançaram olhares admirados a Tatiana, quando ela passou. As mulheres analisaram Bond, enquanto imaginavam se ele seria bom amante para a companheira.

Chegados ao carro-restante, Bond pediu dois sanduíches americanos e uma garrafa de "Chianti Broglio". Foram servidos os excelentes "hors d'oeuvres" europeus. Tatiana começou a animar-se.

— Tipo engraçado, aquele — disse Bond, enquanto ela tirava a comida das travessas. — Mas estou satisfeito que tenha vindo. Terei oportunidade de dormir um pouco. Quando chegar em casa, vou dormir durante uma semana, a fio.

— Não simpatizei com ele — observou a jovem, com indiferença. — Não é "kulturny". Não confio nos olhos dele.

Bond riu. — Ninguém é suficientemente "kulturny", para você.

— Já o conhecia antes?

— Não, mas pertence à mesma organização que eu.

— Qual foi mesmo o nome que ele deu?

— Nash. Norman Nash.

Ela soletrou: — N,A,S,H? É assim?

— Certo.

A jovem parecia intrigada. — Espero que saiba o que isso quer dizer em russo. "Nash", significa "nosso". Nos nossos serviços,

quando um homem é "Nash", é dos "nossos". É "svoi" quando pertence ao inimigo. E esse homem diz chamar-se Nash. Isso não é bom.

Bond riu. — Ora, Tatiana. Você arranja motivos extraordinários para não gostar das pessoas. Nash é um nome muito comum na Inglaterra. Não há perigo. Pelo menos, ele é suficientemente forte para o fim desejado.

Tatiana fez uma careta. Continuou a almoçar.

Foi servido um prato de "tagliatelli verdi", acompanhado de vinho, e seguido por um gostoso "escalope". — Oh, que delícia! — disse ela. — Desde que saí da Rússia, só penso no estômago. — Seus olhos se arregalaram. — Não deixe que eu engorde muito, James. Vai deixar que eu engorde ao ponto de não servir mais para ser amada? Você precisa tomar cuidado. Do contrário, não farei outra coisa senão comer e dormir. Você me baterá, se eu comer demais?

— É claro que a espancarei.

Tatiana enrugou o nariz. Ele sentiu os tornozelos dela roçarem nos seus. Os grandes olhos fitaram-no, longamente. As pestanas baixaram com modéstia. — Por favor, pague a conta — disse ela. — Estou com sono.

O trem estava chegando a Maestre. Via-se o começo dos canais. Uma gôndola cheia de legumes atravessava, vagorosamente, um deles em direção à cidade.

— Mas, logo estaremos em Veneza — protestou Bond. — Não quer ver?

— Será apenas mais uma estação. Poderei ver Veneza em outra oportunidade. Agora, quero que me ame. Por favor, James. — Tatiana inclinou-se para a frente. Colocou sua mão sobre a dele. — Dê-me o que desejo. Temos pouco tempo.

Voltaram à cabine cheia da maresia que entrava pela vidraça meio aberta, de cortina agitada pelo vento. Novamente, formaram-se duas pilhas de roupas, no chão, e os dois corpos uniram-se em cima do banco, as mãos acariciando vagorosamente. E permaneceram unidos até o angustiado grito final, no momento em que o trem, ingressando nos desvios, chegava à estação de Veneza.

Fora da cabine, houve uma confusão da chamados, ruídos

metálicos e passos abafados que se confundiram no sono.

Passaram por Pádua e Vicenza, até que um fulgurante por do sol dardejou em ouro e rubro pelas frestas da cortina. A sineta tornou a soar ao longo do corredor. Bond vestiu-se, saiu para o corredor e apoiou-se no corrimão. Contemplou a luz que se esvaía sobre a planície da Lombardia e pensou sobre Tatiana e o futuro.

O rosto de Nash apareceu refletido ao lado do seu. Ele chegou tão perto que o seu cotovelo tocou no de Bond. — Parece que descobri um dos vermelhos, meu velho — disse, baixinho.

Bond não se surpreendeu. Tinha a impressão de que, se algo devia acontecer, seria nessa noite. Quase com indiferença, perguntou: — Quem é?

— Não sei o nome certo, mas já passou uma ou duas vezes por Trieste. Creio que é da Albânia. Deve ser o diretor-residente de lá. Viaja com passaporte norte-americano: "Wilbur Frank". Faz-se passar por banqueiro. Está no n.º 9, bem ao seu lado. Não creio estar enganado a respeito dele.

Bond fitou os olhos que se destacavam no rosto moreno. A porta da fornalha estava aberta, novamente. O clarão vermelho surgiu e tornou a extinguir-se.

— Foi bom que o descobrisse. Esta noite pode ser perigosa. É melhor que fique conosco, daqui por diante. Não podemos deixar a moça sozinha.

— Foi o que pensei.

Jantaram. A refeição foi feita em silêncio. Nash sentou-se ao lado da jovem e conservou os olhos fixos no prato. Segurava a faca como se esta fosse uma caneta e limpava-a, freqüentemente, ao guardanapo. Seus movimentos eram desajeitados. Em meio ao jantar, foi pegar o saleiro e derrubou o copo de "Chianti" de Tatiana. Desculpou-se profusamente. Fez questão de pedir outro copo e de enchê-lo.

O café foi servido. Dessa vez, a desastrada foi Tatiana. Derramou a xícara. Ficou muito pálida e respirava com dificuldade.

— Tatiana! — Bond começou a levantar-se, mas foi o capitão Nash quem se ergueu de um salto e a socorreu.

— A senhora não se sente bem — disse. — Com licença. — Passou um braço em volta da jovem e ajudou-a a erguer-se. — Eu a

acompanho à cabine. Traga a maleta. E não se esqueça da conta. Ficarei com ela até que você chegue.

— Estou bem, protestou Tatiana, articulando as palavras com a dificuldade produzida pela semi-inconsciência. — Não se preocupe, James. Vou-me deitar. — Sua cabeça pendeu sobre o ombro de Nash. Este passou-lhe o braço pela cintura e conduziu-a, rápida e eficientemente, pelo corredor apinhado do carro-restaurante.

Bond chamou o garçom, com impaciência. Pobre pequena! Devia estar exausta. Por que não pensara no esforço que ela estava dispendendo? Recriminou-se por seu egoísmo. Graças a Deus, havia Nash. Sujeito eficiente, embora desajeitado.

Bond pagou a conta. Pegou a pesada maleta e caminhou o mais rápido que pôde pelos vagões repletos.

Bateu de leve na porta do n.º 7. Nash abriu-a. Saiu, tendo o indicador junto aos lábios. Tornou a fechar a porta. — Ela desmaiou — disse. — Agora, já está bem. As camas já haviam sido feitas. Ela dorme no leito superior. Creio que o esforço foi demasiado para ela.

Bond concordou. Entrou na cabine. Uma das mãos de Tatiana pendia muito pálida, por sob o casaco de marta. Bond subiu no leito inferior e delicadamente cobriu a mão dela com a ponta do casaco. A mão estava gelada. A jovem nem se mexeu.

Bond desceu cuidadosamente. Era melhor que ela dormisse. Saiu para o corredor.

Nash dirigiu-lhe um olhar vago. — Bem, acho melhor nos acomodarmos para a noite. Já peguei o meu livro. — Ele ergueu-o. — "Guerra e Paz". Há anos que tento terminá-lo. Durma no primeiro turno. Parece estar exausto. Irei acordá-lo, quando não agüentar mais ficar acordado. — Fez um gesto com a cabeça, em direção ao n.º 9. — Ainda não apareceu. Não creio que o faça, se estiver planejando alguma coisa. — Fez uma pausa. — A propósito: tem alguma arma?

— Sim. Por quê? Você não tem?

Nash fez um gesto de desculpas. — Sinto, mas não trouxe. Tenho uma "Luger" em casa, mas é volumosa demais para se usar.

— Está bem — disse Bond, com certa hesitação. — É melhor que fique com a minha. Entre.

Passaram à cabine. — Bond fechou a porta. Pegou a "Beretta" e

deu-a ao outro. — Tem oito balas — disse em voz baixa. — É semi-automática. Está travada.

Nash pegou a arma e examinou-a com ar de entendido, como se a pesasse. Destravou a arma e tornou a travá-la.

Bond detestava que alguém pegasse em sua arma. Sentia-se despido sem ela. Disse asperamente: — É um pouco leve, mas dá para matar, desde que se atire nos lugares certos.

Nash concordou. Sentou-se perto da janela, no fim do leito inferior. — Ficarei neste canto — sussurrou. — O campo de mira é bom, daqui. — Pousou o livro no colo e acomodou-se.

Bond tirou o paletó e a gravata e colocou-os no leito ao seu lado. Encostou-se nos travesseiros e apoiou os pés na mala do "Spektor" que estava no chão, ao lado do seu estojo de viagem. Pegou o livro de autoria de Ambler, procurou o lugar onde havia parado e tentou ler. Após algumas páginas, percebeu que não podia concentrar-se. Estava cansado demais. Pousou o livro sobre o colo e fechou os olhos. Conseguiria dormir? Faltaria, ainda, alguma precaução a ser tomada?

Os calços! Bond procurou-os no bolso do casaco. Saltou do leito, ajoelhou-se no chão e forçou-os por baixo das duas portas. Depois, tornou a acomodar-se e apagou a lâmpada atrás da cabeça.

A luz violácea da lanterna noturna brilhava palidamente.

— Obrigado, meu velho — disse o capitão Nash, em voz baixa.

O trem, com um gemido, entrou num túnel.

Capítulo 26 — A GARRAFA DA MORTE

BOND acordou, ao sentir uma leve cutucada no tornozelo. Não se moveu. Seus sentidos puseram-se alerta, como os de um animal.

Nada havia mudado. O trem fazia os mesmos ruídos: o suave deslizar por sobre os trilhos, devorando os quilômetros, o ranger da madeira, o tinir do suporte de porcelana, sobre a pia, onde um copo estava solto em seu encaixe.

Que é que o acordara? A luz fantasmagórica da lâmpada noturna lançava sua claridade suave pela cabine. Do leito superior não vinha som algum. O capitão Nash estava em seu lugar, perto da janela, com o livro aberto sob o colo, um raio de luar, filtrado por uma das frestas da cortina, incidindo sobre as páginas.

Olhava fixamente para Bond. Este sentiu a intensidade do olhar. Os lábios do outro estavam entreabertos. Via-se o brilho dos dentes.

— Desculpe incomodá-lo, meu velho. Estou com vontade de conversar!

Que entonação nova haveria em sua voz? Bond pousou os pés levemente no chão. Endireitou o corpo. O perigo, como um terceiro homem, estava na cabine.

— Ótimo — disse Bond, com ar despreocupado. Que é que teria pressentido naquelas poucas palavras que lhe haviam produzido um arrepio na espinha? Teria sido o tom de autoridade impresso na voz de Nash? Bond teve a impressão de que o outro enlouquecera. Talvez, fosse a loucura e não o perigo, essa personagem cujo odor sentia. Seu pressentimento em relação ao outro não fora falho. Teria de se livrar dele, na próxima estação. Onde estariam, nesse momento? A que distância estaria a fronteira?

Bond ergueu o pulso para ver as horas. A luz violácea confundia o mostrador fosforescente. Bond virou-o em direção ao raio de luar que entrava pela janela.

Ouviu um ruído metálico vindo da direção de Nash. Sentiu um impacto violento contra o pulso. Cacos de vidro bateram-lhe no rosto. Seu braço foi arremessado contra a porta. Temeu que o pulso estivesse fraturado. Deixou cair o braço e flexionou os dedos. Conseguia movê-los.

O livro continuava aberto sobre o colo de Nash, mas uma pequena nuvem de fumaça subia do orifício situado na parte superior da sua lombada, ao mesmo tempo que um cheiro de pólvora invadia o ambiente.

A saliva secou na boca de Bond. como se tivesse engolido alume.

Então, caíra numa armadilha. O capitão Nash fora enviado por Moscou e não por M. O agente da M.G.B., na cabine n.º 9, o tal que viajava com passaporte norte-americano, não passava de uma fantasia. E Bond dera sua arma a Nash. Chegara mesmo a calçar as portas, a fim de que o outro se sentisse mais seguro.

Bond estremeceu. Não de medo. De repulsa.

Nash começou a falar. Sua voz não era mais um sussurro, deixara de ser untuosa. Falava em tom alto e confiante.

— Isso fará com que não percam tempo em discussões. Foi uma simples demonstração. Dizem que sou perito em lidar com esta engenhoca. Tem dez balas dundum .25, que são disparadas por uma pilha elétrica. Deve admitir que os russos são formidáveis para inventar coisas como esta. É pena que seu livro só sirva para ler, meu velho.

— Por amor de Deus, pare de me chamar de "meu velho". — Quando havia tantas coisas a saber, tanto o que pensar, essa era a primeira reação de Bond diante da catástrofe. Era o mesmo que alguém, em meio a um incêndio, escolhesse o objeto de menos importância para salvar.

— Desculpe, meu velho. Tornou-se um hábito. Foi parte do treino que fiz para me transformar num maldito "gentleman". Assim como estas roupas. Foram todas fornecidas pelo departamento de vestuários. Disseram-me que seria um bom disfarce. E foi mesmo, não, meu

velho? Mas falemos sobre o que interessa.

Creio que deseja saber o que significa tudo isto. Terei prazer em contar-lhe. Temos ainda cerca de meia hora, antes que chegue sua hora. Será um prazer contar ao famoso sr. Bond, do Serviço Secreto, o papel de idiota que tem feito. Sabe? Você não é tão bom quanto pensa. Não passa de um manequim estufado e fui mandado para lhe tirar a serragem do recheio. — A voz era monótona, e as frases terminavam sem ênfase. Nash parecia aborrecido pelo simples ato de falar.

— Sim — disse Bond. — Gostaria de saber do que se trata. Concedo-lhe a meia hora. — Pensava desesperadamente: haveria um meio de driblar esse homem? De fazê-lo distrair-se?

— Deixe de gracejos. — A voz não demonstrava o menor interesse por Bond, nem pela ameaça que fizera. Ele não existia para si, a não ser como alvo. — Vai morrer dentro de meia hora. Não se iluda. Nunca me enganei. Do contrário não teria o meu cargo.

— Qual é o seu cargo?

— Carrasco-chefe da SMERSH. — A voz criou vida, demonstrou uma ponta de orgulho. Depois, tornou a ficar inexpressiva. — Creio que conhece a sigla.

SMERSH. Então, era essa a resposta, a pior de todas. E esse era o carrasco-chefe. Bond lembrou-se do clarão vermelho que surgia naqueles olhos opacos. Um assassino. Um psicopata. Provavelmente, um maníaco depressivo. Um homem que sentia prazer no que fazia. Que tipo útil para a SMERSH! Bond lembrou-se, subitamente, do que Vavra dissera. Arriscou uma pergunta: — A lua o afeta de alguma forma, Nash?

Os lábios escuros se contorceram. — Sabido, não é, sr. Serviço Secreto? Pensa que sou biruta? Não se preocupe. Se eu fosse, não teria chegado aonde cheguei.

O tom irritado de sua voz demonstrou que Bond tocara um ponto sensível. Mas que poderia conseguir irritando-o? Seria melhor deixá-lo de bom-humor e ganhar tempo. Talvez Tatiana...

— E a moça onde entra, nisso tudo?

— Foi parte da isca — a voz denotava aborrecimento, outra vez. — Não se preocupe. Ela não dará Palpites em nossa conversa. Dei-lhe uma dose de cloral, quando a servi de vinho. Ficará desacordada

durante toda a noite. E, mais tarde, por todas as demais noites. Ela será eliminada junto com você.

— Realmente? — Bond colocou sua mão dolorida sobre o colo, flexionando os dedos para ativar a circulação sanguínea. — Bem, vamos à história.

— Cuidado. Nada de truques. Não queira bancar o Bulldog Drummond, porque não adianta. Se eu não gostar de algum movimento seu, mando-lhe uma bala no coração. Só isso. No fim, você vai ganhar isso mesmo. Se fizer um movimento, irá mais depressa. E não se esqueça de quem sou. Lembra-se do seu relógio de pulso? Eu não erro. Nunca.

— Foi uma boa demonstração — disse Bond calmamente. — Mas não se assuste. Você está com a minha arma, lembra-se? Continue a história.

— Está bem, mas não coce a orelha enquanto falo. Do contrário, arranco-a fora com um tiro. Compreendeu? Bem, a SMERSH decidiu matá-lo. Creio mesmo que a decisão veio mais de cima, da cúpula. Parece que pretendem atingir duramente o Serviço Secreto, fazendo-o descer alguns degraus. Está-me entendendo?

— Mas, por que escolher a *mim*?

— Não sei. Dizem que você é muito cotado na sua organização. A maneira pela qual vai ser morto vai desmoralizá-la por completo. Levaram três meses para organizar o plano, e saiu uma lindeza. Só podia. A SMERSH tem cometido alguns erros, ultimamente. O caso Khoklov foi um. Lembra-se da cigareira que explodiu e todo o resto? Deram o cargo ao homem errado. Deviam tê-lo dada a mim. Eu não teria passado para o lado dos norte-americanos. Mas voltemos ao caso. Temos um grande planificador na SMERSH: é um homem chamado Kronsteen. Grande jogador de xadrez. Ele disse que o melhor seria explorar a sua vaidade e ambição e dar uns toques de audácia ao plano. Disse, também, que todos vocês são loucos por um toque audacioso, em Londres. E foi verdade, não foi, meu velho?

Fora mesmo? Bond lembrou-se de como a excentricidade do caso lhe despertara a curiosidade. E a vaidade? Sim, devia admitir que a idéia de que uma jovem russa estava apaixonada por ele havia ajudado. E também o "Spektor". Fora o toque final: a ambição de

consegui-lo. Disse, em tom casual: — Estávamos interessados.

— A seguir, veio a execução do plano. Nossa chefe de Operações é um tipo estranho. Creio que já matou mais gente do que qualquer outra pessoa no mundo. Ou, pelo menos, mandou matar. Sim, é mulher. O nome dela é Klebb: Rosa Klebb. Um verdadeiro animal. Mas conhece todos os truques.

Rosa Klebb. Então, a chefe da SMERSH era mulher! Se ele, ao menos, pudesse escapar desta situação e chegar até ela! Os dedos da mão direita de Bond crispavam-se.

A voz monótona continuou: — Bem, ela descobriu a Romanova. Treinou-a para desempenhar o seu papel. A propósito, que tal é ela na cama? É boa?

Não! Bond não podia crer. A primeira noite podia ter sido planejada. Mas, e depois? Não. Depois, fora sincero. Aproveitou a oportunidade para sacudir os ombros. O movimento foi exagerado. A fim de acostumar o outro àquele gesto.

— Bem. Não me interessa, pessoalmente, por essas coisas. Mas eles tiraram lindos flagrantes de vocês dois. — Nash bateu no bolso do paletó. — Tenho um rolo completo de 16 milímetros. Depois, vou colocá-lo na bolsa da pequena. Vai ser um sucesso quando for reproduzido nos jornais. — Nash riu: sua risada era áspera e metálica. — Naturalmente, terão de cortar os melhores pedaços.

A mudança dos quartos no hotel. O apartamento nupcial. O grande espelho atrás da cama. Tudo isso era parte do plano! Bond sentiu as mãos úmidas pela transpiração. Enxugou-as nas calças.

— Calma, meu velho. Quase levou, agora. Avisei-o para não se mover, lembra-se?

Bond tornou a colocar as mãos sobre o livro que estava em seu colo. Como poderia aumentar, gradualmente, os seus movimentos? Até que ponto poderia ir? — Prossiga com a história — disse. — A jovem sabia que estávamos sendo filmados? Sabia que a SMERSH estava por trás de tudo isto?

Nash grunhiu. — É lógico que ela ignorava estar sendo filmada. Rosa não lhe depositava a menor confiança. É demasiado sentimental. Mas não sei muito a esse respeito, Todos nós trabalhamos em secções separadas. Hoje, foi a primeira vez que a vi. Sei, apenas, o que ouvi

falar. Sim, ela sabia que estava trabalhando para a SMERSH. Disseram-lhe que ela precisava ir a Londres para, de lá, fornecer informações.

"Pobre tolinha", pensou Bond. Porque não o avisara de que a SMERSH estava envolvida no caso? Devia ter medo de, até mesmo, pronunciar esse nome. Pensou que ele a prenderia, ou coisa desse gênero. Dizia sempre que lhe contaria tudo quando chegassem à Inglaterra. Que devia ter fé e não temer. Fé! Quando ela mesma não tinha a menor idéia do que a aguardava! Pobre pequena! Fora tão ludibriada quanto ele. Mas qualquer informação teria sido suficiente. Talvez houvesse poupado a vida de Kerim. E quanto à dela e à sua própria?

— Depois, foi preciso eliminar o seu amigo turco. Deve ter dado trabalho. Sujeito valente. Deve ter sido o seu grupo que fez explodir o nosso centro em Istambul, na tarde de ontem. Isso vai causar um certo pânico.

— É lamentável.

— Não me preocupo. O meu serviço vai ser fácil.

— Nash lançou um rápido olhar ao seu relógio de pulso.

— Dentro de uns vinte minutos entraremos no túnel Simplon. É o lugar marcado para a execução. Mais noticiário para os jornais. E uma bala para você, quando entrarmos no túnel. Apenas uma, no coração. O barulho do túnel ajudará, no caso de você ser dos tipos barulhentos para morrer: cirro e coisas desse estilo. Depois, meto uma bala na nuca da pequena, com a sua arma e, atiro-a pela janela. Depois, outro tiro em você, dessa vez com a sua arma. Naturalmente, o revólver estará na sua mão. Haverá bastante pólvora na sua camisa. Suicídio. É o que irá parecer a princípio. Mas haverá duas balas no seu coração. Isso será descoberto mais tarde. O mistério aumenta! Tornam a dar uma busca no túnel Simplon. Quem era o homem louro? Encontrarão o filme dentro da bolsa dela e, no seu bolso, haverá uma carta da moça para você, em estilo ameaçador. Foi muito bem feita. Foi escrita pela SMERSH. Nela está escrito que ela está disposta a entregar o filme aos jornais, a menos que se case com ela. Diz, também, que lhe prometeu casamento, se ela roubasse o "Spektor"... — Nash fez uma pausa e aduziu: — A propósito, o "Spektor" contém uma armadilha.

Quando os técnicos começarem a manejá-lo, voarão todos pelos ares. Será uma boa colheita. — Nash deu um risinho inexpressivo. — A carta diz ainda que tudo que ela tem a oferecer-lhe é o aparelho e o seu corpo; e descreve, então, as intimidades de vocês dois. Esse trecho é de pegar fogo! Compreendeu? Que tal a história que vai ser publicada nos jornais da ala esquerda, que serão avisados para esperar o trem? Essa história tem de tudo: Expresso do Oriente. Linda espiã russa assassinada no túnel Simplon. Filme pornográfico. Aparelho secreto para decifrar códigos. Simpático espião inglês, com a carreira arruinada, mata a amante e comete suicídio. Sexo, espionagem, expresso de luxo, o sr. e a sra. Somerset!... Vai dar assunto para muitos meses. Qual caso Khoklov, qual nada! Este vai abafá-lo. E que golpe para o famoso Serviço Secreto Britânico! Logo o melhor agente, o famoso James Bond! Que confusão! Depois, lá se vai pelos ares o aparelho de código! O que é que o seu chefe vai pensar de você? E o público, que pensará? E o governo? E os norte-americanos? Quem ousará falar em segurança? Os ianques deixarão de tantos segredos atômicos. — Nash fez uma pausa para causar mais efeito. Acrescentou, com uma pontinha de orgulho: — Esta será a história do século!

Sim, pensou Bond. Ele tinha absoluta razão. Os jornais franceses fariam tamanho alarido que não seria mais possível encobrir o fato. Não teriam escrúpulos quanto à publicação das fotos e dos detalhes. A imprensa mundial os seguiria. E o "Spektor!" Será que os auxiliares de M., ou a "Deuxième", terão o bom-senso de desconfiar de uma armadilha? Quantos dos melhores criptógrafos ocidentais seriam destruídos ao lidarem com ele? Meu Deus, precisava sair dessa encrenca. Mas como?

A parte superior da lombada de "Guerra e Paz", o livro de Nash, bocejava em sua direção. Era preciso planejar. O trem faria um barulho ensurdecedor, ao entrar no túnel. Depois, ouviria o "click" abafado que detonaria a bala. Os olhos de Bond procuraram, em meio à semi-obscuridade violácea, o vulto sentado a um canto do leito inferior, ao mesmo tempo que localizava seu estojo de viagem, que estava no chão. Imaginava qual seria o primeiro gesto de Nash, depois que houvesse disparado.

Perguntou: — Você se arriscou muito vindo procurar-me em Trieste. E como conhecia o código do mês?

Nash respondeu, pacientemente. — Você não parece compreender, meu velho. A SMERSH é eficiente, realmente eficiente. Não há organização melhor. Conhecemos os seus códigos do mês, para o ano inteiro. Se os componentes do seu departamento prestassem mais atenção, como nós fazemos, veriam que, todo o mês de janeiro, perdem um dos seus agentes de menor importância, em lugares como Tóquio ou Timbuctu. A SMERSH escolhe um, ao acaso, e o rapta. Depois, consegue obrigá-lo a dizer o código para o ano todo. Naturalmente, ele dirá tudo o que sabe, além disso. Mas é o código o que realmente interessa. Depois, todos os centros são notificados. Como vê, é muito simples.

Bond enterrou as unhas nas palmas da mão.

— Quanto a ir encontrá-lo em Trieste, não é bem exato. Viajei o tempo todo neste trem, num dos vagões da frente. Compreende, nós o esperávamos em Belgrado. Sabíamos que entraria em comunicação com o seu chefe, ou com a embaixada ou, ainda, com qualquer outro agente. Há diversas semanas que censuramos o telefone daquele iugoslavo. Foi pena não termos entendido o código que usou para comunicar-se com Istambul. Poderíamos ter impedido a explosão ou, pelo menos, salvo os nossos camaradas. Mas o alvo principal era você, e nós o tínhamos à nossa mercê. Você entrou na garrafa da morte. Assim que desembarcou do avião, na Turquia. Faltava apenas decidir quando deveríamos arrolhá-la. — Nash tornou a consultar o seu relógio de pulso. Olhou para o outro. Ao sorrir, seus dentes aparentaram um brilho cor de violeta. — Falta pouco, meu velho. Faltam apenas quinze minutos para a hora de colocar a rolha. Bond pensou: "Nós sabíamos que a SMERSH era eficiente, mas nunca pensamos que chegasse a esse ponto". E esse conhecimento era vital. Precisava transmiti-lo aos seus superiores. PRECISAVA. Bond tornou a repassar os detalhes do seu plano desesperado e de tão pouca consistência.

Disse: — A SMERSH parece ter calculado tudo muito bem. Devem ter tido muito trabalho. Mas, há um ponto ... — Bond deixou a frase por terminar.

— Qual é, meu velho? Nash mostrou-se interessado, pensando no seu relatório.

O trem começou a diminuir a marcha. Domodossola. Fronteira italiana. E a alfândega? Bond lembrou-se. Não havia formalidades para os vagões que iam direto até Vallorbes, na fronteira francesa. Assim mesmo, os carros-dormitórios estavam dispensados. Esses expressos cortavam a Suíça diretamente. Somente os passageiros que iriam descer em Brigue ou Lausanne precisavam submeter-se à inspeção da alfândega, nessas estações.

— Vamos, diga. — Nash parecia interessado.

— Não sem fumar um cigarro.

— Está bem. Pode fumar. Mas, se fizer um movimento que não me agrade, será um homem morto.

Bond enfiou a mão no bolso traseiro da calça. Pegou a cigarreira de metal. Abriu-a. Tirou um cigarro. Tirou o isqueiro do bolso da calça. Acendeu o cigarro e tornou a guardar o isqueiro. Deixou a cigarreira sobre o colo, ao lado do livro. Colocou a mão esquerda sobre ambos os objetos, como para impedir que escorregassem do colo. Tirou uma baforada do cigarro. Se este, ao menos, fosse de brincadeira, daqueles que produzem uma explosão de magnésio, ou qualquer outra coisa que pudesse ser jogada na cara daquele sujeito! Se o Serviço Secreto utilizasse esses brinquedos explosivos! Mas, ao menos, conseguira atingir o objetivo, sem ser baleado. Já era um bom começo.

— Veja. — Bond descreveu um círculo com o cigarro, a fim de distrair a atenção de Nash. Sua mão esquerda enfiou a cigarreira entre as páginas do livro. — Veja, tudo parece estar certo. Mas, e você? Que fará você, depois que sairmos do Simplon? O chefe do trem sabe que você está viajando conosco. Imediatamente, irão procurá-lo.

— Oh, isso! — a voz de Nash denotava aborrecimento, novamente. — Não parece ter compreendido que os russos pensam em todos os detalhes. Salto em Dijon e tomo um carro até Paris. Lá, desapareço. Um "terceiro homem", na história, não fará mal algum. De qualquer forma, isso terá de aparecer mais tarde, quando extraírem a segunda bala do seu corpo e não conseguirem encontrar a segunda arma. Não conseguirão apanhar-me. Na realidade, tenho um

compromisso amanhã, à tarde: vou ao quarto 204 do Ritz Hotel, para apresentar meu relatório a Rosa. Ela pretende ser condecorada por este serviço. Depois, transformo-me no seu motorista e voltamos de carro para Berlim. Pensando bem, — a voz tornou-se mais vivaz, demonstrando cobiça — creio que ela deve ter-me reservado a Ordem de Lenine. Vai ser uma beleza, como se costuma dizer.

O trem reiniciou a marcha. Bond tornou-se tenso. Mais alguns minutos, e seria o fim. Que maneira de morrer, se é que ia, realmente, morrer! Por culpa da sua própria estupidez, sua estúpida cegueira. E Tatiana também seria vítima. Céus! Podia ter evitado esta situação. Tivera inúmeras oportunidades. Mas a vaidade aliada à curiosidade e quatro dias de amor haviam-no feito cair na armadilha. Essa era a pior parte de todo o caso; o triunfo da SMERSH, o inimigo que jurara derrotar onde quer que o encontrasse. Faremos isto, faremos aquilo. "Camaradas, é fácil enganar um tolo vaidoso como Bond. Verão como ele pegará a isca. Digo-lhes que ele é um tolo. Todos os ingleses o são". E Tatiana fora a isca, a adorável isca. Bond pensou na primeira noite que haviam passado juntos. Nas meias pretas e na fita de veludo. E, durante todo o tempo, a SMERSH estivera observando, vendo-o agir vaidosamente, como fora antecipado, para enlamear o seu nome, o de M., que o mandara a Istambul, e o do próprio Serviço Secreto que vivia da fama que obtivera. Que horror! Se ao menos... Se ao menos o seu débil plano surtisse efeito!

Lá adiante, o resfolegar da locomotiva tornou-se mais possante.

Mais alguns segundos. Algumas jardas a mais.

A boca oval por entre as páginas do livro pareceu dilatar-se. Em breve, o túnel escuro impediria o luar de refletir-se sobre as páginas e a língua azul da detonação viria lambê-lo.

— Bons sonhos, seu inglês vagabundo!

O ruído do trem tornara-se ensurdecedor.

A lombada do livro desferiu uma labareda.

O projétil endereçado ao coração de Bond atravessou a distância que os separava.

Bond caiu ao solo e ficou estendido à luz funérea da lâmpada violácea.

Capítulo 27 — CINCO LITROS DE SANGUE

TUDO dependia da pontaria do homem. Nash havia dito que Bond levaria um tiro direto no coração. Bond partiu do princípio de que a pontaria do outro era tão boa quanto havia sido anunciada. E, realmente fora.

Bond caiu como o faria um morto. Antes de levar o tiro procurou lembrar-se dos cadáveres que havia visto, da posição em que haviam caído. Jazia no solo com o corpo completamente relaxado, como um boneco quebrado, os braços e as pernas relaxados.

Fez um levantamento do seu estado geral. As costelas ardiam no ponto correspondente àquele em que a bala se cravara no livro. O projétil devia ter atravessado a cigarreira e ainda metade do livro. Podia sentir o chumbo quente sobre o coração. Parecia queimar-lhe as costelas. Os únicos indícios que lhe diziam não estar morto eram a dor de cabeça no ponto em que a batera contra o solo e, as ponteiras dos sapatos marrons, diante do seu nariz, iluminadas pelo reflexo tom de violeta.

Como se fosse um arqueologista, Bond explorou as ruínas do seu corpo. Reviu a posição dos pés. O ângulo do joelho, meio dobrado, a fim de dar o impulso quando fosse necessário. A mão direita, que parecia enclavinhada contra o coração, estava a poucos centímetros do estojo de viagem, perto da costura falsa onde se encontravam as facas de duas lâminas afiadas como navalhas, das quais tanto caçara, ainda em Londres, quando lhe haviam demonstrado como usá-las. A mão esquerda, estendida como a de um defunto, estava em posição própria para ser utilizada quando fosse necessário.

Escutou o som de um bocejo cavernoso. As ponteiros dos sapatos mudaram de posição. Bond viu o couro ceder quanto Nash se pôs de pé. Dentro de instantes, ele subiria ao leito inferior, levando o revólver de Bond na mão, e procuraria a nuca da jovem por entre a cortina

dos cabelos. Depois, o cano da "Beretta" seria colocado no ponto exato, e Nash apertaria o gatilho. O resfolegar do trem encobriria o disparo abafado.

Seria um golpe arriscado. Bond tentou, desesperadamente, lembrar-se de seus conhecimentos de anatomia. Quais eram os lugares mortais no corpo humano? Por onde corria a artéria principal, a femoral? Pelo lado interno da coxa. E a ilíaca externa, se é que era esse o seu nome, que se convertia na femoral? Pelo centro da virilha. Se errasse esses dois pontos, estaria perdido. Bond não tinha a pretensão de derrotar esse gigante, num combate a mão livre. O primeiro golpe da faca devia ser decisivo.

As pontas dos sapatos, moveram-se. Apontavam em direção ao leito. Que estaria ele fazendo? Não se ouvia outro som que não fosse o trepidar metálico produzido pelo trem ao atravessar o túnel Simplon, bem no âmago de Wasehorn e do Monte Leone. O copo, sobre a pia, tilintou. As madeiras rangiam baixinho. De ambos os lados da cabine, havia pessoas que dormiam, ou permaneciam acordadas pensando em suas vidas e seus amores, fazendo planos para o futuro, imaginando quem iria esperá-los na gare de Lyon. E, nessa mesma ocasião, no fundo do corredor, a morte viajava com eles. Através do túnel escuro, puxada pela mesma "Diesel", percorrendo os mesmos trilhos.

Um dos sapatos marrons levantou-se do solo. Devia ter atravessado por cima de Bond. O arco vulnerável devia estar bem acima de sua cabeça.

Os músculos de Bond retesaram-se como os de uma serpente. Sua mão direita aproximou-se da costura falsa do estojo. Apertou a mola. Apalpou o cabo estreito da faca. Puxou-a devagar para fora, sem mexer o braço.

O calcanhar marrom ergueu-se do solo. O peso do corpo apoiou-se sobre a ponta do pé.

Depois, o segundo sapato desapareceu do campo de visão.

Agora, era preciso dar o impulso certo, segurando a faca com

firmeza, o fim de que ela não se desviasse ao encontrar um osso, e depois...

O corpo de Bond ergueu-se do chão, em violenta viravolta. A faca brilhou.

Bond lançou o punho armado com toda a violência, aumentada pelo impulso do braço e do ombro, para cima. Os dedos bateram contra a calça de flanela. Continuou a segurar a faca, empurrando-a mais para dentro.

Ouviram um desesperado grito de agonia. A "Beretta" caiu ao chão. A faca foi arrancada da mão de Bond, quando o outro se contorceu convulsivamente e caiu com violência.

Bond havia previsto a queda, mas, quando se desviou para perto da janela, foi alcançado por uma das mãos de Nash num golpe que o lançou ao leito inferior. Antes mesmo que pudesse recobrar-se, o rosto ameaçador do seu antagonista surgiu à sua frente, com os dentes arreganhados desferindo reflexos violáceos. As mãos imensas avançaram para agarrá-lo, no ritmo lento da agonia.

Meio deitado, Bond lançou o pé, às cegas. Seu pé encontrou o alvo, mas sentiu-se agarrado e puxado para baixo.

Os dedos de Bond procuraram segurar-se ao estofamento do leito. Sua coxa foi agarrada. Sentiu as unhas do outro cravarem-se nela.

O corpo de Bond estava sendo torcido e puxado para baixo. Temia os dentes que se aproximavam. Arremessou a outra perna. Mas não conseguiu nada. Continuou a cair.

De repente, os dedos de Bond encontraram algo sólido. O livro! Como funcionaria? Qual seria o lado certo? Quem seria o atingido: ele ou Nash? Em desespero, Bond ergueu-o em direção ao rosto suarento do outro. Calçou a base da lombada.

Clique! Bond percebeu o recuo da arma. Clique-clique-clique! Sentiu o calor sob os dedos. As mãos que lhe aprisionavam as pernas tornaram-se frouxas. O rosto suarento afastou-se. Da sua garganta ergueu-se um som gargarejante e medonho. Depois, o corpo escorregou e despencou ao chão, a cabeça batendo violentamente contra a madeira.

Bond permaneceu deitado respirando com dificuldade, por entre os dentes. Olhou para a lâmpada violeta que brilhava sobre a porta.

Reparou que o filamento da mesma piscava. Passou-lhe pela mente a idéia de que o dínamo do vagão devia estar com defeito. Apertou os olhos para poder focalizar melhor a luz. O suor que escorria fê-los arder. Continuou deitado sem fazer coisa alguma.

O ruído das rodas do trem mudou. Parecia agora menos intenso. Com um último rugido, o Expresso do Oriente tornou a sair para o luar e diminuiu de velocidade.

Bond levantou, vagarosamente, a ponta da cortina. Viu armazéns e desvios. Algumas luzes brilhavam refletidas nos trilhos. Luzes fortes. As luzes da Suíça.

O trem parou pouco a pouco.

O silêncio pesado foi cortado por um pequeno barulho oriundo do chão. Bond amaldiçoou-se por não se haver certificado. Curvou-se para a frente e escutou. Segurou o livro, fazendo pontaria, como medida de precaução. Não viu nenhum movimento. Bond pôs a mão sobre a jugular de Nash. Não sentiu pulsação. O homem estava realmente morto. O ruído fora provocado pelo enrijecimento do cadáver.

Bond tornou a sentar-se e esperou com impaciência que o trem recomeçasse a andar. Havia muito que fazer. Até mesmo antes de socorrer Tatiana, precisava providenciar a limpeza.

Depois de um solavanco, o expresso começou a deslizar. Em breve, estaria percorrendo rapidamente a região dos Alpes, ingressando no Canton Vaiais. Podia-se notar um novo som nas suas rodas, um novo ímpeto, como se estivesse satisfeito de ter deixado o túnel.

Bond pôs-se de pé, passou por cima das pernas do cadáver e acendeu a luz.

Que imundície! A cabine parecia um açougue. Quantos litros de sangue haveria no corpo humano? Lembrou-se. Cinco litros. Em breve, estariam todos derramados no chão. Contanto que não passasse para o corredor! Bond retirou os lençóis do leito inferior e pôs-se a trabalhar.

Finalmente, deu por terminado o serviço: as paredes haviam sido lavadas em volta do vulto coberto no chão e as malas estavam prontas para o desembarque em Dijon.

Bond bebeu uma jarra de água. Depois, subiu no leito inferior e sacudiu, delicadamente, o ombro coberto pelo casaco de peles.

Não obteve resposta. Teria o homem mentido? Teria ela sido morta pelo veneno?

Colocou sua mão contra o pescoço da jovem. Estava quente. Bond pegou-lhe o lóbulo da orelha e beliscou-o com força. Ela mexeu-se, preguiçosamente, e resmungou. Bond tornou a beliscar a orelha por diversas vezes. Finalmente, uma voz abafada protestou: — Não faça isso.

Bond sorriu. Sacudiu-a. Continuou a sacudi-la, até que Tatiana se voltou para ele. Seus grandes olhos azuis, sonolentos, fitaram-no e tornaram a fechar-se. — Que é que você quer? — A voz era pastosa e irritada.

Bond falou com ela, ralhou e praguejou. Sacudiu-a com mais violência. Afinal, ela sentou-se. Olhou-o de maneira vaga. Bond puxou-lhe as pernas para fora, de maneira a penderem do leito. Conseguiu arrastá-la até ao leito inferior.

A aparência de Tatiana era péssima: a boca flácida, os olhos mortiços e pesados, o cabelo revoltado e úmido. Bond procurou ajeitá-la, usando uma toalha molhada e um pente.

Passaram por Lausanne e, uma hora depois, chegaram à fronteira francesa de Vallorbes. Bond deixou Tatiana e saiu para o corredor, como medida de precaução. Mas os fiscais da Alfândega e dos passaportes passaram por ele em direção à cabine do chefe do trem e, depois de cinco minutos, dirigiram-se para outro vagão.

Bond voltou à cabine. Tatiana tornara a adormecer. Bond consultou o relógio de Nash, que usava agora em seu pulso: 4h30. Faltava, ainda uma hora para chegarem a Dijon. Bond reiniciou seu trabalho.

Por fim, os olhos de Tatiana abriram-se, despertos. As pupilas estavam mais ou menos centradas. Disse: — Pare com isso, James — Tornou a fechar os olhos.

Bond enxugou o suor que lhe escorria pelo rosto. Levou as malas, uma a uma, até ao fim do corredor, e empilhou-as perto da porta de saída. Depois, dirigiu-se ao chefe do trem e disse-lhe que "Madame" não se sentia bem e, portanto, desceriam em Dijon.

Bond deu ao chefe uma última gorjeta. — Não se incomode — disse. — Já tirei toda a bagagem, a fim de não perturbar "Madame". Meu amigo, aquele homem louro, é médico. Passou a noite toda conosco. Está dormindo no meu leito. Estava exausto. Peço o obséquio de não acordá-lo senão quando faltarem dez minutos para chegar a Paris.

— "Certainement, Monsieur". — O chefe do trem não recebia tanto dinheiro desde os bons tempos em que milionários costumavam viajar pelo Expresso. Entregou a Bond seu passaporte e as passagens. O comboio começou a diminuir a velocidade. — "Voilà que nous y sommes."

Bond voltou à cabine. Pôs Tatiana de pé, conduziu-a para o corredor e fechou a porta, encerrando lá dentro o cadáver coberto pelo lençol, ao lado do leito.

Afinal, desceram os degraus e pisaram a plataforma maciça e sem movimento. Um carregador com uniforme azul transportou a bagagem.

O sol começava a surgir. A essa hora da manhã, havia poucos passageiros acordados. Somente uns poucos viajantes da terceira classe, que haviam permanecido sentados durante toda a noite, viram um homem ajudar uma jovem a descer do poeirento vagão (cuja placa citava os nomes de lugares tão românticos) e caminhar em direção à porta cinzenta onde estava escrito: "SORTIE".

Capítulo 28 — A TRICOTEUSE

O táxi parou diante do "Ritz Hotel", na porta que dava para a rua Cambon.

Bond consultou o relógio de Nash: 11h45. Precisava ser pontualíssimo. Sabia que, se um espião russo chegasse alguns minutos adiantado ou atrasado para um encontro, este era automaticamente cancelado. Despediu o táxi e dirigiu-se para a porta da esquerda que conduz ao bar do "Ritz".

Pediu um "vodca-Martini" duplo. Tomou metade de uma só vez. Sentia-se muito bem. Subitamente, os quatro últimos dias e, particularmente, a noite anterior, haviam sido riscados do calendário. Estava, agora, agindo por conta própria, tendo sua aventura particular. Cumprira todas as obrigações. A moça dormia num quarto da embaixada. O "Spektor", ainda com a carga mortal, fora entregue aos técnicos de explosivos do "Deuxième Bureau". Falara com seu amigo René Mathis, que era agora o chefe do "Deuxième", e este ordenara ao porteiro da entrada do "Ritz", que dava para a rua Cambon, que entregasse a Bond uma chave-mestra e não fizesse perguntas.

René ficara encantado por estar novamente envolvido, juntamente com Bond, em "une affaire noire". — Pode estar descansado, "cher" James — dissera ele. — Cumprirei suas ordens misteriosas. Poderá me dizer os motivos mais tarde. Dois encarregados da lavanderia irão, às 12h15, com um grande cesto de roupa ao quarto 204. Eu os acompanharei com um disfarce de motorista do furgão. Devemos encher o cesto e levá-lo até Orly, onde aguardaremos um "Canberra" da R.A.F., que deverá chegar às 2 horas. Entregamos o cesto. A

França envia alguma roupa suja para a Inglaterra. Certo?

O chefe da Secção F comunicara-se com M. por via particular. Transmitira um recado que Bond lhe deixara por escrito. Pedira o "Canberra". Não, ele não sabia para que fim era desejado. Bond aparecera, apenas, para entregar a moça e o "Spektor". Tomara uma refeição matinal reforçada e deixara a embaixada dizendo que voltaria para almoçar.

Bond tornou a ver as horas. Terminou seu "Martini". Pagou-o, deixou o bar, e subiu os degraus que levavam à portaria.

O porteiro lançou-lhe um olhar penetrante e entregou-lhe uma chave. Bond encaminhou-se para o elevador, entrou e subiu até ao terceiro andar. Bond caminhou, cautelosamente, pelo corredor, enquanto observava a numeração.

204. Bond colocou a mão direita dentro do paletó, apalpando a coronha da "Beretta". Colocara-a nos bolsos das calças. Sentia o metal quente do silenciador contra o estômago.

Bateu uma vez à porta, com a mão esquerda.

— Entre.

A voz era trêmula. Parecia pertencer a uma senhora de idade avançada.

Bond experimentou o fecho. Estava destrancado. Guardou a chave-mestra no bolso do paletó. Abriu a porta com um movimento rápido, entrou e tornou a fechá-la sem se voltar.

A sala-de-estar era típica do "Ritz", extremamente elegante, com mobília no estilo Império. As paredes eram brancas e as cortinas e o estofamento feitos de uma fazenda com estampado miúdo de rosas vermelhas, sobre fundo branco. O tapete era vermelho escuro e cobria todo o assoalho.

Sentada em uma poltrona, ao lado de uma escrivaninha em estilo Diretório, uma velha tricotava, iluminada por um raio de sol.

O entrechocar das agulhas não cessou. Por trás das lentes bifocais de um azul claro, os olhos dela examinavam-no com discreta curiosidade.

— "Oui, monsieur"? — A voz era grossa e rouca. O rosto gordo e espessamente empoado emoldurado pelo cabelo branco, não demonstrava outra expressão que não fosse a de um interesse oriundo

da polidez.

A mão de Bond, empunhando a arma por dentro do paletó, estava tensa como uma mola de aço. Seus olhos semicerrados percorreram toda a sala e voltaram a focalizar a velha sentada na cadeira.

Estaria enganado? Teria entrado em outro quarto? Deveria pedir desculpas e retirar-se? Poderia essa mulher, realmente, pertencer à SMERSH? Ela parecia o protótipo da viúva rica e respeitável que se hospeda no "Ritz" e ocupa-se com o seu tricô, para passar o tempo. O tipo da mulher que devia ter mesa reservada, servida por seu garçom predileto, num dos cantos do restaurante do hotel; e, naturalmente, nunca iria ao "grill-room". O tipo da mulher que devia fazer a sesta após o almoço e depois, transportada por uma elegante limusine preta com pneus de faixa branca, ir a um salão de chá da rua de Berri, a fim de encontrar-se com outra amiga rica. O antiquado vestido preto de gola e punhos de renda, a fina corrente de ouro, pendurada ao peito informe e que terminava por uma "lorgnette", os pezinhos calçados de botinas de abotoar e que mal alcançavam o chão. Não podia ser Klebb! Bond entendera mal o número do quarto. Sentiu a transpiração molhar-lhe as axilas. Mas, já agora, teria de ir até o fim.

— Meu nome é Bond, James Bond.

— E eu, "monsieur", sou a condessa Metterstein. Em que lhe posso ser útil? — O seu francês tinha um sotaque carregado. Podia ser teuto-suíça. As agulhas continuavam a tricotar.

— Lamento dizer que o capitão Nash sofreu um acidente. Não poderá comparecer hoje. Vim no lugar dele.

Teria ela apertado os olhos durante um segundo, por trás das lentes azuis?

— Não tenho o prazer de conhecer o capitão, "monsieur". Nem ao sr. Queira sentar-se e dizer ao que vem. — A mulher inclinou ligeiramente a cabeça em direção à cadeira de espaldar alto, situada ao lado da escrivaninha.

Ofendê-la seria inadmissível. Sua delicadeza era cativante. Bond atravessou a sala e sentou-se. Entre os dois havia cerca de seis pés de distância. A escrivaninha ostentava, apenas, um telefone alto, de fone de gancho, tipo antigo, e um botão de campainha, de marfim, a pouca distância da mão da velha. A negra boca do telefone bocejava,

polidamente, em direção a Bond.

Ele examinou rudemente o rosto da mulher: era feio, lembrando um sapo, encoberto pela espessa camada de pó e pela cabeleira branca e fofa. Os olhos eram de um castanho tão claro que pareciam quase amarelos. Os lábios descorados eram úmidos e flácidos, por sob o buço manchado de nicotina. Nicotina? Onde estavam os cigarros? Não havia nenhum cinzeiro, nem cheiro de fumo na sala.

A mão de Bond tornou a empunhar a arma. Olhou para a cesta de trabalho e para o disforme novelo de lã bege com o qual a mulher tricotava. As agulhas de aço: haveria algo estranho em relação a elas? As pontas estavam descoloridas como se tivessem sido expostas ao fogo. Seria isso comum em agulhas de tricô?

— "Eh bien, monsieur"? — Haveria certa irritação no tom de voz? Teria ela percebido alguma coisa pela sua expressão facial?

Bond sorriu. Seus músculos estavam retesados, aguardando qualquer movimento, qualquer armadilha. — Não adianta — arriscou ele, em tom prazenteiro. — Você é Rosa Klebb. É a chefe do Otdyel II da SMERSH. Não passa de uma torturadora e de uma assassina. Quis matar-me e à jovem Romanov. Estou satisfeito por encontrá-la, finalmente.

Os olhos dela não haviam mudado de expressão. A voz áspera era paciente e delicada. Levou a mão em direção ao botão da campainha. — "Monsieur", creio que deve estar louco. Vou chamar o "valet de chambre", a fim de que o faça sair.

Bond nunca soube o que lhe salvou a vida. Talvez tivesse sido o fato de que não havia fios que ligassem a campainha à parede ou por baixo do tapete. Ou, talvez, o fato de ter-se lembrado, subitamente, de que ela respondera em inglês quando batera à porta. E, quando o dedo dela apertou o botão de marfim, atirou-se da cadeira, para um lado. Quando Bond caiu, ouviu o som de pano rasgado. Estilhaços da cadeira, voaram à sua volta. A cadeira desmantelou-se no chão.

Bond volteou o corpo, ao mesmo tempo que sacava a pistola. Viu, de soslaio, uma nuvem de fumaça azul sair do bocal do "telefone". A mulher atirou-se a ele, empunhando as agulhas de tricô.

Ela procurou atingir-lhe as pernas. Bond arremessou os pés e jogou-a para um lado. Ela fizera pontaria para as suas pernas!

Enquanto se ajoelhava, Bond teve noção do que significavam as pontas coloridas das agulhas. Era veneno. Provavelmente, um desses que agem sobre o sistema nervoso, fabricados na Alemanha. Bastava, apenas, que ela o arranhasse, mesmo através da roupa.

Bond levantou-se. Ela tornava a arremeter. Ele deu ao gatilho, furiosamente. O silenciador havia engasgado. Viu um lampejo. Desviou-se. Uma das agulhas tilintou contra a parede, às suas costas, e aquela horrenda mulher atirou-se novamente a ele, a peruca escorregando-lhe da cabeça e os dentes à mostra por entre os lábios pegajosos.

Não ousando enfrentar as agulhas, apenas com os punhos, Bond protegeu-se dando volta à escrivaninha.

Rosa Klebb perseguiu-o ofegante e balbuciando em russo, empunhando a agulha restante como se esta fosse um punhal. Bond recuou, enquanto tentava fazer funcionar a arma. Tropeçou numa pequena cadeira. Largou a pistola e agarrou a cadeira. Segurou-a pelo encosto, com as pernas estiradas como chifres, e atacou sua oponente. Mas, esta alcançara o telefone falso. Ergueu-o e fez pontaria. Sua mão dirigiu-se para o botão. Bond pulou para a frente. Bateu com a cadeira com violência. As balas foram-se cravar no teto e a calíça caiu-lhe na cabeça.

Bond tornou a atacar. As pernas da cadeira prenderam a mulher, em volta da cintura e acima dos ombros. Como era forte! Ela recuou até encontrar a parede. Ali, continuou a resistir, cuspiendo em direção a Bond, por cima da cadeira, enquanto a agulha procurava atingi-lo, como um longo ferrão de escorpião.

Bond deu um passo atrás, conservando a cadeira na mesma posição, com o braço esticado. Fez pontaria e lançou um pontapé no pulso da Klebb. A agulha volteou pela sala e caiu no chão, tilintando.

Bond aproximou-se. Examinou a posição. Sim, a mulher estava, realmente, presa à parede, pelas quatro pernas da cadeira. Não havia maneira de sair daquela jaula, a não ser pela força bruta. Seus braços, pernas e cabeça estavam livres, mas o corpo estava preso de encontro à parede.

Ela falou algo em russo, por entre os dentes. Tornou a cuspi-lo por cima da cadeira. Bond curvou a cabeça e enxugou o rosto com a

manga do paletó. Encarou o rosto manchado.

— Basta, Rosa — disse ele. — O "Deuxième" chegará a qualquer instante. Dentro de mais ou menos uma hora, estará em Londres. Ninguém a verá sair do hotel, nem chegar à Inglaterra. Para falar a verdade, poucas pessoas tornarão a vê-la. De agora em diante, é apenas um número num Arquivo Secreto. Quanto terminarmos o nosso serviço, estará pronta para ser enviada a um hospital de alienados.

O rosto dela, a pouca distância do seu, passara por uma transformação. O sangue fugira-lhe das faces e estava amarelo. Mas não por medo, pensou Bond. Os olhos claros fitaram os seus. Não havia, neles, sinais de derrota.

A boca úmida e amorfa alongou-se num sorriso.

— E onde estará o sr. quando eu estiver no hospital, sr. Bond?

— Vivendo...

— Não creio, "angliski spion".

Bond mal ouviu as palavras. Prestava atenção a um ruído na porta. Ouviu, atrás de si, uma gargalhada.

— "Eh bien", — era aquela voz prazenteira que Bond conhecia tão bem. — A 70a. posição! Agora sim, já vi tudo. E inventada logo por um inglês! James, isso é um verdadeiro insulto aos nossos compatriotas.

— Não a recomendo -^-, respondeu Bond por cima do ombro. — É muito cansativa. Ademais, agora é a sua vez. Eu farei as apresentações. O nome dela é Rosa. Você vai gostar dela. É muito importante na SMERSH; na realidade, é a encarregada das execuções.

Mathis aproximou-se. Dois empregados de lavanderia o acompanharam. Os três encararam a horrenda mulher com certo respeito.

— Rosa — disse Mathis, pensativamente. — Mas, desta vez, uma "Rose Malheur". Ora, ora! Creio que essa posição não deve ser muito confortável para ela. Vocês dois, tragam o "panier de fleurs". Deitada, ela ficará mais à vontade.

Os dois agentes encaminharam-se para a porta. Bond ouviu o ranger do cesto da lavanderia.

Os olhos da mulher ainda estavam presos aos de Bond. Moveu-se

um pouco, apoiando-se numa só perna. Sem que Bond ou Mathis notassem, a ponta de um dos seus sapatos apertou o calcanhar do outro. Da ponta deste, surgiu uma pequena lâmina de metal. Tinha a mesma coloração azulada, das agulhas de tricô.

Os dois agentes aproximaram-se e pousaram o grande cesto ao lado de Mathis.

— Levem-na — disse. Fez uma ligeira mesura para a mulher. — Foi uma honra.

— "Au revoir", Rosa — disse Bond.

Os olhos amarelos faiscaram por um instante.

— Passe bem, sr. Bond.

Lançou a botina armada com sua pequenina lâmina.

Bond sentiu uma dor aguda no tornozelo direito. Teve apenas a sensação de que levara um pontapé. Desviou o corpo e recuou. Os dois agentes agarraram Rosa Klebb pelos braços.

Mathis riu. — Meu pobre James — disse ele. — A SMERSH timbra em ter, sempre, a última palavra.

A pequena lâmina voltara ao seu esconderijo, dentro do couro da botina. A mulher que foi colocada dentro da cesta, não passava de uma velhota inofensiva.

Mathis ficou observando, enquanto a tampa da cesta era amarrada. Voltou-se para Bond.

— Fez um bom trabalho, meu amigo. Mas parece cansado. Volte para a embaixada e descanse, porque, hoje à noite, iremos jantar juntos. No melhor restaurante de Paris. Eu lhe arranjarei uma bela pequena para fazer-lhe companhia.

Bond começava a sentir o corpo entorpecido. Sentia um frio intenso. Ergueu a mão para afastar a mecha de cabelos que lhe caía na testa. Não sentia os dedos. Estes pareciam tão grandes quanto pepinos. Sua mão caiu pesadamente.

Respirava com dificuldade. Procurou encher os pulmões. Apertou os dentes e semicerrou os olhos, como fazem os que procuram ocultar uma bebedeira.

Viu, por entre as pálpebras pesadas, quando a cesta foi levada através da porta. Forçou os olhos a se abrirem. Desesperado, olhou para Mathis.

— Não preciso de uma pequena, René — disse em voz pastosa.

Estava já sem fôlego. Tornou a levar a mão ao rosto gelado. Teve a impressão de que Mathis se aproximava dele.

Bond sentiu seus joelhos fraquejarem.

Disse, ou pensou dizer: — Eu já tenho a mais linda...

Girou, vagarosamente, no calcanhar e caiu estendido sobre o tapete vermelho-escuro.